

As perspectivas do turismo nas grutas de Sergipe/Brasil



Jorgenaldo Calazans
dos Santos

Maria Augusta
Mundim Vargas

As perspectivas do turismo nas grutas de Sergipe/Brasil



Jorgenaldo Calazans
dos Santos

Maria Augusta
Mundim Vargas



INSTITUTO
FEDERAL
Sergipe

Aracaju, 2020

Copyright© 2020 - IFS

Todos os direitos reservados para a Editora IFS. Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida ou transformada em nenhuma forma e por nenhum meio mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento de informação, sem autorização expressa dos autores ou do IFS.

DIRETORA DE PUBLICAÇÕES

Vanina Cardoso Viana Andrade

PROJETO GRÁFICO DA CAPA

Laryssa Mota

**PLANEJAMENTO E
COORDENAÇÃO GRÁFICA**

Laryssa Mota

DIAGRAMAÇÃO

Laryssa Mota

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S237p	Santos, Jorgenaldo Calazans dos As perspectivas do turismo nas grutas de Sergipe/Brasil [recurso eletrônico] / Jorgenaldo Calazans dos Santos, Maria Augusta Mundim Vargas. Aracaju: IFS, 2020. 185 p.: il. Formato: e-book. ISBN 978-65-87114-16-3 1. Turismo. 2. Grutas cársticas. 3. Sergipe. 4. Geoturismo. I. Vargas, Maria Augusta Mundim. II. Título. CDU: 379.85
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Kelly Cristina Barbosa / CRB-5/1637.

[2020]

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS) Avenida Jorge Amado, 1551. Loteamento Garcia, Bairro Jardins Aracaju/SE. CEP: 49025-330

TEL.: +55 (79) 3711-3222 E-mail: edifs@ifs.edu.br

Impresso no Brasil



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação

Abraham Weintraub

Ariosto Antunes Culau

Reitora do IFS

Ruth Sales Gama de Andrade

Pró-Reitora de Pesquisa e Extensão

Chirlaine Cristine Gonçalves

Agradecer é sempre um momento muito especial, pois recebemos de alguma forma a generosidade de pessoas que se dispuseram a nos ajudar a alcançar nossas metas. Sem elas, o caminho seria muito mais árduo.

Inicialmente, agradeço a Universidade Federal de Sergipe e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, em nome da professora Maria Augusta Mundim Vargas, peça fundamental para a realização deste trabalho. Bem como ao Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura pelas pertinentes contribuições.

Agradeço ao Instituto Federal de Sergipe, na presença da Professora Rute Sales Gama de Andrade, concedendo-me oportunidade para o desenvolvimento deste trabalho. Aos professores da Coordenação de Turismo, por compreenderem minha ausência em certos momentos. Ao amigo de trabalho Ártemis Carvalho, igualmente professor, parceiro de mestrado e de doutorado. Obrigado por compartilhar momentos ímpares.

A minha família, meu porto seguro sempre, especialmente minha mãe que contribuiu ricamente para a minha formação como pessoa e que tem o aconchego sempre disponível. Durante a trajetória da vida agregamos amigos que se tornaram irmãos, dentre eles, Flaviano Fonseca, inspirando-me com seu exemplo de determinação e de luta. Aos amigos Elmo, Cledson, Valéria Monteiro e Heberty Ruan cujas existências se fazem necessárias em minha caminhada. Por fim, agradeço o companheirismo, a cumplicidade e a alegria do meu querido Darkson Kleber, minha fonte de inspiração em muitos momentos.

Dedico esse trabalho a minha mãe e a
Irailde Santos (*in memoriam*), responsáveis
por fazer acreditar que sou capaz.

APRESENTAÇÃO

As últimas décadas do século XX encerraram com a explosão do turismo em vários aspectos: observamos o crescimento significativo da mobilidade de pessoas com o propósito de conhecer lugares, paisagens, símbolos, comidas, culturas e consumir suas produções religiosas, artísticas, festas, roteiros, etc. Ao mesmo tempo, presenciemos a proliferação de agências emissoras e receptoras cada vez mais especializadas e de instituições de ensino de todos os níveis, evidentemente acompanhada por uma produção de textos diversa e significativa.

Desde então, o turismo vem impactando de pronto a academia, com o racionalismo de uma produção que funciona como “indústria sem chaminés”, provocando reações que, de forma simples, podemos traduzi-las e identificá-las como circundantes em três vertentes que posicionam o turismo (i) como fato irreversível, como um motor cada vez mais potente; (ii) como atividade social e ambientalmente perversa, fruto das relações impostas pelo capitalismo, e (iii) como fenômeno da realidade contemporânea, que deve e pode ser proposto e analisado com criticidade. Não há consenso entre elas, mas é inegável que a ciência e a filosofia permanecem caminhando de forma plural e nos fornecendo suporte para o conhecimento e anteparo para nossa existência.

Adentramos, pois, no século XXI mais cômicos de que nossa existência passa pela reflexão sobre o ser, tal como Heidegger traz o sentido de ser-no-mundo e coloca o conhecimento no centro da relação entre sentimento, significado e sentido. Nesse contexto, as múltiplas formas de ser e estar no mundo constituem objeto de estudo e, quando tomadas pelas relações mais íntimas e familiares, é-lhes atribuído o sentido de lugar, lugares.

Foram esses os pressupostos que nortearam Jorgenaldo Calazans dos Santos a escolher as grutas cársticas de Sergipe para o entendimento e a significação do turismo. Ele parte da percepção dos moradores de entorno e dos habitantes das proximidades sobre suas vivências marcadas culturalmente, pelos símbolos e signos que conferem às grutas para, em seguida, questionar o turismo de forma multidisciplinar e multiescalar. Esse caminho indagativo brota de sua formação como turismólogo, o que lhe possibilitou o encontro com as bases epistêmicas da Geografia, resultando na consecução de sua pesquisa e nesta publicação.

Pela percepção dos que têm suas histórias entremeadas com os espaços das grutas, ele percorre e apreende, com coragem, os caminhos e os olhares de agências de turismo receptoras do Estado, de instituições de ensino e pesquisa, de órgãos federais, estaduais e municipais responsáveis pela normatização da

preservação e do uso de bens naturais. Acrescenta ao seu percurso acadêmico uma imersão no estado de Minas Gerais, onde visita, com atenção, toda a Rota das Grutas de Peter Lund, agregando conhecimento para refletir e conjecturar sobre “As perspectivas do Turismo nas grutas de Sergipe/Brasil”.

Nas partes constitutivas do livro, o leitor encontrará o pesquisador cuidadoso com as fontes e os procedimentos de pesquisa, seja com os registros fotográficos, seja com entrevistados em seus distintos papéis, funções e situações perante as grutas. Na tessitura de seus propósitos, ele agrega às noções de paisagem e turismo os referentes da sustentabilidade e do patrimônio como um bem cultural para justificar o geoturismo como anteparo para o turismo nas grutas sergipanas, desde a identificação ampla da paisagem cárstica.

No contexto propositivo, o leitor absorve o sentido das grutas e do turismo, pela dedicação e amor do autor ao compor e estruturar o texto, mas também pelo seu comprometimento com o processo de pesquisa, em que o turismo é posto na perspectiva socioambiental, ancorado pelo debate sobre cidadania, envolvimento comunitário e sustentabilidade, práticas que dão corpo ao geoturismo.

Pela produção que ora abre caminhos e possibilidades turísticas, este breve relato nos permite a assertiva de que o livro de Jorgenaldo Calazans dos Santos é tão próspero para a Universidade Federal de Sergipe, que o acolheu para a sua formação, quanto para o Instituto Federal de Sergipe, que o cedeu na certeza de que colheria frutos.

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos,
São Cristóvão-SE, agosto de 2019.
Maria Augusta Mundim Vargas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAMINHOS METODOLÓGICOS

**O TURISMO E A RELAÇÃO DIALÓGICA
COM A NATUREZA**

**PERCEPÇÕES DAS PAISAGENS CÁRSTICAS
E OLHARES TURÍSTICOS SOBRE AS GRUTAS
SERGIPANAS**

CONSIDERAÇÕES FINAIS





.....12

.....18

.....66

.....104

.....167





INTRODUÇÃO



Pesquisadores na Furna de Dorinha, Simão Dias/SE
Fonte: Centro da Terra, 2013



A abordagem da paisagem cárstica nos seus aspectos relacionados ao relevo e às questões culturais interessa à pesquisa em Geografia. E o Turismo, por sua vez, começou a inserir as paisagens cársticas como possibilidades para novos atrativos, considerando a potencialidade natural característica desse cenário. De fato, as feições típicas de ambientes cársticos que, segundo Bigarella (1994), constituem o conjunto das características morfológicas derivadas de processos de drenagens verticais e subterrâneas provenientes de rochas calcárias ou dolomíticas (BIGARELLA, *et al*, 1994). Segundo a pesquisadora, o Brasil possui de 5% a 7% de morfologia cárstica distribuída em todo o território nacional. Esse indicador é expressivo diante da vasta extensão territorial do país. Nesta parcela, aproximadamente 1,5% do território sergipano é constituído por relevo cárstico, com registro de 114 cavernas, de acordo com os dados do Cadastro Nacional de Informações Espeleológicas (CANIE/ICMBio, 2018). Tais dados aguçaram nosso interesse em, também, avaliar este potencial para atividade turística nas grutas sergipanas.

Desse modo, avaliamos as potencialidades e as possibilidades para o desenvolvimento do turismo, destacando a paisagem cárstica como um conceito dialógico entre o visual e os sentidos simbólicos produzidos pelas relações dos sujeitos que habitam nas áreas adjacentes as grutas. Além disso, consideramos nesta tese, a estreita relação que o turismo mantém com o meio ambiente, pois, os elementos naturais e culturais representam a matéria-prima para o desenvolvimento da atividade turística. A forma como a sociedade conduz suas ações sobre esses ambientes determinará o futuro, afinal, toda ação gera um efeito no espaço que pode ser sinônimo de prosperidade e sustentabilidade ou, o contrário, causando prejuízos e o esgotamento da natureza.

Historicamente, verificamos a experiência do turismo predatório cujos recursos naturais e culturais são afetados negativamente, pois, ao se imporem, desqualificam e negam as características locais nos quais essas práticas são mantidas. Diante desses fatores, destacamos a necessidade do desenvolvimento da atividade turística a partir de um planejamento integrado, capaz de identificar, prever e solucionar os possíveis impactos nocivos tanto à natureza como ao meio social. Logo, para existir o desenvolvimento da atividade turística em determinados lugares é necessário que haja união acordada entre poder público, empresas privadas e as comunidades que compõem o lugar. Na ausência de uma dessas partes, o atrativo turístico tem tendência ao fracasso, à exploração predatória e insustentável, e, conseqüentemente, a inexistência de investimentos. Diante de tais fatores, interessamo-nos pelo estudo das grutas cársticas sergipanas e suas potencialidades.



O desenvolvimento do tema começou a ser traçado a partir da participação no “Curso de capacitação para guias e condutores de espeleoturismo”, promovido pelo Plano de Ação Nacional (PAN) Cavernas do São Francisco, no período de 10 de fevereiro a 11 de abril de 2014, na cidade de Laranjeiras, em Sergipe. O objetivo do curso foi capacitar condutores de espeleoturismo do alto, médio e baixo São Francisco em temas relacionados ao meio ambiente, cultura, espeleologia, normas de segurança e gestão do turismo para assegurar experiências sustentáveis e de alta qualidade nas visitas turísticas em grutas.

Além disso, durante o período de graduação no curso de Gestão em Turismo, entre os anos 2006 e 2009, os assuntos relacionados ao consumo das paisagens naturais pelo turismo trouxeram algumas inquietações sobre as relações mantidas entre os turistas e as localidades visitadas. Na sequência, durante o mestrado em Geografia, entre os anos de 2011 e 2013, as leituras trouxeram-me novas compreensões, com relação à sociedade e à natureza. Dúvidas as quais não tinham sido respondidas ao longo da graduação em Turismo, principalmente no que concerne às percepções dos sujeitos sobre o seu lugar, as fragilidades da paisagem cárstica e a possibilidade da mesma ser apropriada para atividade turística.

Neste sentido, fazer turismo é fomentar possibilidades de geração de empregos, aumento da renda, a entrada de divisas, estimular o investimento de capital e produzir oportunidades para a criação de negócios, gerando estratégias para o desenvolvimento local em comunidades que possuem potencial turístico e, conseqüentemente, proporcionar geração de renda. No entanto, é preciso repensar o planejamento turístico, considerando os impactos ambientais e visando resoluções sustentáveis para a prática do turismo (TRIGUEIROS JUNIOR, 1995).

Consideremos a paisagem a matéria-prima do turismo (Yázigi, 2002), ou seja, a relação entre a sociedade e a natureza. Nas análises de Cosgrove (1989), a paisagem consumida pelo turismo sempre esteve intimamente ligada, na Geografia Humana, com a ideia de formas visíveis sobre a superfície da terra e com a sua composição. A paisagem cultural, de fato, é uma maneira de compor o mundo externo a uma “cena”, em uma unidade visual.

Quando direcionamos a discussão para o entendimento das paisagens como experiências culturais, estamos trabalhando a paisagem vivenciada no espaço subjetivo, sentido e vivido, um espaço equivalente à sua própria casa, a habitação dos humanos, um espaço individualizado. A paisagem cultural como espaço vivido não é construída apenas como depósito de história, mas, produto da “prática” entre indivíduos e a realidade material com a qual nos confrontamos (SANTOS, 2010).



Dentre as segmentações do turismo que tem as paisagens naturais e culturais como matéria-prima para o seu desenvolvimento destacam-se o ecoturismo, o turismo de aventura, o espeleoturismo, o turismo rural e o turismo cultural, por exemplo. Entre esses tipos de segmentos, o geoturismo destaca-se pelas possibilidades de aplicação, principalmente em paisagem que se destacam pela sua morfologia. O geoturismo é a modalidade do turismo que valoriza as formações geológicas, ou seja, enfatiza as informações sobre o processo de formação das paisagens mediante princípios da geodiversidade e geoconservação.

Pode-se admitir que Sergipe possui vocação para o desenvolvimento do geoturismo, relacionando as paisagens cársticas e as comunidades de entorno como atrativos. Tal assertiva leva em consideração o sucesso das práticas do geoturismo por vários países inclusive no Brasil, destacando os Estados de Minas Gerais, Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro (LINO, 2001). No entanto, as grutas em Sergipe não possuem as mesmas dimensões das grutas que são exploradas nos Estados citados acima, mas possuem significativa diversidade biológica e importância cultural voltadas para o geoturismo, conforme relato em matéria jornalística por Silva (2015), e, posteriormente retificado pelo texto “Cavernas e patrimônio espeleológico de Sergipe” (2017). Neste sentido, o geoturismo se adéqua às características do ambiente que ele é praticado porque valoriza os elementos naturais e culturais das paisagens.

Além do turismo, importa considerar que outras atividades desenvolvidas pela sociedade, com relação ao relevo cárstico, podem causar danos das mais variadas formas às grutas como a mineração, a atividade agropecuária, os represamentos, as obras de engenharia, a urbanização (LINO, 2001), dentre outros. Daí a necessidade de conhecer as ações de preservação desenvolvidas pelos órgãos públicos e as políticas de uso dessas grutas para o turismo.

Considerando o exposto, partimos das seguintes indagações: Quais os modelos de turismo vêm sendo praticados em áreas naturais e quais segmentos mais se adéquam as grutas sergipanas? Como o turismo interfere na socioespacialidade do destino onde é praticado? Como entender o turismo sustentável e as possibilidades de alterações na paisagem cultural de uma comunidade receptora? O que diferencia as segmentações do ecoturismo, do turismo de aventura, do espeleoturismo e do geoturismo? A população do entorno percebe a importância das grutas no contexto da paisagem cárstica sergipana? Existem manifestações culturais praticadas pelas comunidades de entorno que estejam relacionadas às grutas? O geoturismo seria a melhor prática adotada para o desenvolvimento do turismo nas grutas sergipanas? As populações são inseridas de alguma forma no desenvolvimento das práticas



turísticas realizadas nas grutas de Sergipe? Qual a perspectiva da iniciativa privada e do governo com relação aos usos turísticos da paisagem cárstica?

Diante dos questionamentos, levantamos hipóteses baseadas na prerrogativa da paisagem cultural, na perspectiva de que as grutas cársticas do Estado de Sergipe possuem atributos necessários para servirem como recurso para a prática do geoturismo. Nesse sentido, o objetivo geral é analisar os elementos constituintes da paisagem cárstica e a infraestrutura disponível para fomentar a prática do geoturismo nas grutas sergipanas.

Para cumprir o plano de análise, procedemos as seguintes etapas: i) compreender as socioespacialidades estabelecidas pelas populações de entorno com a paisagem cárstica de Sergipe; ii) apreender as representações materiais e simbólicas que as populações do entorno constroem na sua relação com as grutas enquanto produto de apropriação do turismo; iii) identificar os múltiplos usos e “consumo” das grutas sergipanas; iv) refletir sobre as políticas públicas voltadas para o turismo em Sergipe; v) avaliar as potencialidades de implantação do geoturismo nas grutas.

No primeiro capítulo, apresentamos o método abordado pela pesquisa e explicitamos os caminhos que nos possibilitaram alcançar os objetivos propostos. Destacamos a importância das técnicas da pesquisa qualitativa com vistas à compreensão das diversas relações existentes no espaço.

O segundo capítulo traz a exposição de conceitos e definições que respaldam o objeto de estudo e a sua especificidade. Neste espaço, traçamos a trajetória do turismo, evidenciando seu processo de apropriação, o consumo de ambientes naturais e as possibilidades de desenvolvimento econômico. Dessa forma, os conceitos de turismo são apresentados como atividade econômica que influencia diretamente na vida das pessoas do lugar no qual é praticado.

No terceiro capítulo abordamos a complexidade da apropriação das grutas sergipanas para o desenvolvimento do turismo. Neste sentido, problematizamos a apropriação do turismo em áreas naturais em sua abrangência e significância, mostrando como tem sido a sua aplicabilidade nas grutas sergipanas. Apresentamos as possibilidades de impactos que podem existir com a apropriação do turismo em áreas naturais. Além disso, enfatizamos os elementos que tornam essa paisagem singular fundamentada, especialmente, na construção do saber da categoria analítica da paisagem cultural.

Por fim, nas considerações finais, analisamos os elementos que se apresentam como desenvolvimento para as comunidades visitadas e as alterações socioespaciais nos destinos que as praticam, baseadas no turismo sustentável. Para isso, consideramos as significações, os fatores, os



mecanismos e as estratégias que nos permitiram compreender o processo de turistificação das grutas em Sergipe. Buscamos ir além da simples observação do cotidiano da vida das comunidades, dos interesses das agências de viagens, das responsabilidades dos órgãos públicos envolvidos e das percepções de cada sujeito e ator no tocante às mudanças que ocorrem nos espaços com o desenvolvimento do turismo.



CAMINHOS METODOLÓGICOS



Estrada de acesso ao povoado Colônia Gov. Valadares, Simão Dias/SE.
Autor: SANTOS, Jorginaldo Calazans, 2018.



Chegar ao final de uma pesquisa e olhar para os caminhos que foram percorridos é entender que ela só foi concretizada graças às escolhas metodológicas que possibilitaram o aprofundamento teórico, buscando conceitos e temas relacionados à paisagem e ao turismo. Um dos fatores fundamentais da pesquisa foi a revisão bibliográfica que nos permitiu discutir as categorias e suas complexidades, além de destacar as nuances relacionadas ao turismo no processo de apropriação dos elementos que compõem a paisagem cárstica.

Outro momento relevante neste percurso refere-se à busca de informações sobre a participação dos agentes promotores da atividade turística, envolvendo as agências de viagens, os órgãos públicos, os moradores do entorno das grutas, os proprietários das terras onde as grutas estão localizadas e os professores das instituições de ensino que desenvolvem visitas nas grutas. A construção metodológica foi realizada em três momentos, sendo: o levantamento de dados secundários, o trabalho de campo para levantamento de dados primários e a análise dos dados.

A pesquisa

Os debates sobre o desenvolvimento do turismo em áreas naturais, os impactos associados a essas práticas, as políticas públicas e a importância dos moradores de comunidades nas quais é praticado vêm ganhando cada vez mais atenção no Brasil. Trata-se de relações que envolvem sujeitos e atores, sendo fundamental compreender como os moradores do entorno do atrativo turístico se inserem nas especificidades do processo de interação entre o turismo e os lugares em que habitam.

Ao abordarmos as relações do turismo em paisagens cársticas, fez-se necessário entender a trajetória histórico-cultural e socioeconômica do turismo na sociedade, as relações de pertencimento que existem entre os indivíduos e os lugares que habitam, além das mudanças socioespaciais que o turismo estabelece. Tais processos precisaram ser compreendidos em suas particularidades.

Segundo Dardel (2011), a Geografia pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, ou seja, que o homem se sinta ligado à terra como um Ser que faz parte da condição terrestre. Sendo assim, o sujeito no mundo cria vínculos e adere a suas realidades geográficas, adaptando-se às realidades que o cercam por meio de suas vivências. Esses espaços são marcados por paisagens estigmatizadas por sinais que simbolizam referenciais de vida das pessoas.

A apropriação de áreas naturais pelo turismo deve ser analisada sob outras perspectivas, privilegiando a percepção, os valores, as aspirações e o contexto socioeconômico dos moradores que vivem no entorno dos atrativos



nos quais está sendo implantado o turismo, ao invés das tradicionais análises que consideram a concepção de políticas a partir dos padrões econômicos de uma minoria privilegiada.

Nesse sentido, selecionamos seis grutas sergipanas para analisar as potencialidades diante da atividade turística. Ao prezar pela conservação da natureza, fundamentamos a possibilidade do desenvolvimento do geoturismo nessas grutas por entender que se trata de uma forma sustentável de se praticar o turismo em áreas naturais, valorizando as formações geomorfológicas da natureza.

Para este fim, captamos a percepção dos moradores que residem nas proximidades das grutas estudadas; dos proprietários das terras onde se localizam as grutas; dos gestores dos órgãos públicos relacionados às grutas; das instituições de ensino que praticam visitas de campo e desenvolvem pesquisas com seus alunos nas grutas; e das agências de turismo receptivo, responsáveis por agenciar as visitas aos atrativos locais para os turistas que visitam Sergipe. Os estudos geográficos foram de grande valia para trilharmos o caminho da percepção segundo a abordagem fenomenológica dos relatos dos entrevistados. Permitiram também a ampliação e a interlocução dos conceitos e das categorias trabalhadas na pesquisa, tais como, os impactos socioambientais, a conservação ambiental, a paisagem cultural, a paisagem cárstica e o turismo.

Definir a natureza da pesquisa é entender quais os passos devem ser dados no caminho a ser percorrido a fim de alcançar os objetivos determinados inicialmente. Nesse sentido, compreender o que seja o método e sua importância para a pesquisa científica implica na própria visão com relação ao objeto a ser pesquisado. Classicamente, a metodologia de pesquisa se divide em duas abordagens que podem dialogar entre si, quais sejam, as abordagens quantitativas e as qualitativas.

O primeiro modelo de abordagem encontra vínculos no positivismo, ou seja, no sentido de uma visão de ciência como fatos objetivos, algo que possa ser manipulado, a exemplo do que se pensou sobre a natureza durante muito tempo, a natureza reduzida à matéria-prima. É nesse sentido que se enquadra a perspectiva da manipulação objetificadora da vida, no próprio “fazer” ciência. A doutrina positivista foi influenciada, inicialmente, pela abordagem das ciências naturais que postula a existência de uma realidade externa que pode ser examinada com objetividade pelo estabelecimento de relações causa-efeito. Com isso, a partir da aplicação de métodos quantitativos de investigação é permitido chegar às verdades universais. Nesse sentido, os resultados da pesquisa seriam reproduzíveis com o auxílio fundamental da lógica e da matemática. Essas matérias, por assim dizer, ditam regras de linguagem válidas, garantindo que o



conhecimento se torne objetivo e claro (CHIZZOTTI, 2003).

Para os positivistas, cada conceito deve ter como referência algo observável. Para tanto, defendem a verificabilidade dos enunciados científicos e a construção de relações lógicas entre os mesmos, impondo um critério normativo determinante capaz de disciplinar o agir e o pensar previamente estabelecido, ou seja, o método científico (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004).

Importa registrar que, no âmbito das ciências sociais e humanas, há uma disputa entre as duas visões metodológicas, qualitativa e quantitativa, quando da realização da pesquisa científica. Pesquisadores afeitos ao método quantitativo adotam uma orientação que aceita o comportamento humano como sendo resultado de forças, fatores, estruturas internas e externas, que atuam sobre as pessoas gerando determinados resultados. Para Moreira (2002), partindo dessa visão positivista, essas forças ou fatores podem ser estudados não somente pelo método experimental, mas também por levantamentos e amostras.

O segundo posicionamento metodológico é o qualitativo. Este modelo reivindicou uma metodologia autônoma ou compreensiva para as ciências do mundo, da vida, procurando estabelecer as fases evolutivas da sociedade europeia ocidental, contraposta a outros povos colonizados ou a culturas primitivas (CHIZZOTTI, 2003). Segundo o autor, a pesquisa qualitativa abriga uma modulação semântica e atrai uma combinação de tendências que se aglutinaram, genericamente, sob este termo. Além disso, podem ser designadas pelas teorias que as fundaram: fenomenologia, construtivista, crítica, etnometodológica, interpretacionista, feminista, pós-modernista; podem, também, ser designadas pelo tipo de pesquisa, a saber: pesquisa etnográfica, participante, pesquisa-ação, história de vida, dentre outras.

Para Godoy (1995), a pesquisa qualitativa é o método que costuma ser usado para pesquisas que se preocupam com os fenômenos sociais, econômicos, políticos, psicológicos, culturais, educacionais, ou seja, aqueles que englobam relações de caráter humano e social. Por isso, nortearmos a pesquisa pelo método qualitativo por entender que ele se adequa melhor ao fenômeno da transformação de lugares comuns em atrativos turísticos, modificando toda a dinâmica social dos lugares em que ocorre.

Embora haja diversidade nos trabalhos denominados qualitativos, alguns aspectos essenciais devem ser prezados para se manter a característica de uma pesquisa deste tipo. Dentre estas, segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados, ou seja, o pesquisador é o instrumento fundamental para o levantamento desses dados, o instrumento mais confiável de contenção, seleção, análise e interpretação dos dados coletados.



Além disso, normalmente, a pesquisa qualitativa é descritiva na qual o pesquisador está preocupado com o processo e não simplesmente com os resultados ou produtos. Sendo assim, não é possível compreender o comportamento dos sujeitos sem a compreensão da estrutura dentro da qual os mesmos interpretam os seus pensamentos, sentimentos e ações. É necessário, pois, que o pesquisador considere toda a história de vida do sujeito que está sendo analisada porque suas ações hoje são reflexos de uma história vivenciada no passado, logo, influenciam na percepção atual. O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são o real objeto de análise, essencial do investigador, “tentando compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes” (GODOY, 1995, pg. 63)

Desse modo, ancoramos nossa pesquisa nos fundamentos fenomenológicos, nos moldes de Martins (1994), cuja fenomenologia se situa no contexto de metodologias não convencionais e tem como objeto o estudo dos fenômenos pela compreensão, interpretação e nova compreensão dos mesmos. Nesse sentido, insere-se no âmbito das abordagens qualitativas. A fenomenologia como método de investigação e pesquisa mostra que os estudos sobre o homem devem levar em conta a sua singularidade, destacando, sobretudo, que o homem não é um sujeito passivo, mas dinâmico e capaz de interpretar o mundo em que vive. Segundo o autor supracitado, a pesquisa fenomenológica parte da compreensão do nosso viver, não de definições ou conceitos, da compreensão que orienta a atenção para aquilo que se vai investigar. Ao percebermos novas características do fenômeno, surge para nós uma nova interpretação que levará a outra compreensão.

Por esse motivo, procuramos através da abordagem fenomenológica encontrar o sentido dos fenômenos a partir da interpretação dos significados que as pessoas dão a eles. Na contemporaneidade, esse tipo de abordagem tem sido requisitado, com frequência, pelas ciências sociais e humanas, a exemplo da geografia, sociologia, psicologia, antropologia, turismo, entre outras.

Nesse sentido, Merleau-Ponty (1999) propõe o resgate da nossa experiência vivida no espaço e no tempo. Isso implica reconsiderar tudo aquilo que foi descartado pelo racionalismo de base cartesiana. Conforme o autor, a consciência deve ser entendida como algo atravessado pela intencionalidade e, portanto, resultante da integração do sujeito a determinadas vivências, todo um processo encarnado pela subjetividade. Nesses termos, nada pode ser imposto de fora para dentro, ou seja, nenhuma ciência está em condições de impor regras ou dogmas para a compreensão e interpretação do mundo, mas deve nos levar a uma percepção apurada do mundo.



Merleau-Ponty (1999) esclarece que a fenomenologia busca evidenciar as essências, repondo-as na existência, à medida em que o palpável sempre existiu em uma forma anterior ao pensamento. Buscamos a aplicação deste conhecimento diante das experiências vividas pelos moradores, das comunidades de entorno das grutas estudadas, cujas marcas impressas nas paisagens são resultados do modo de vida dessas pessoas e/ou das atividades econômicas desenvolvidas nesses espaços.

Estamos diante de estudos que têm como objeto os seres humanos imbuídos de subjetividades, isso implica, necessariamente, a adoção de um método que atenda principalmente à natureza qualitativa da pesquisa. A abstração intelectual espaço-temporal do mundo “vivido” materializou-se no exercício descritivo da experiência da maneira como ela ocorre, pois, o real deve ser registrado e não construído (MERLEAU-PONTY, 1999). A essência do olhar fenomenológico está em nós mesmos, no mundo vivido, e, na relação espaço-tempo.

Citamos Merleau-Ponty (1999) em virtude da relação entre natureza e consciência, ou seja, a percepção entre homem e mundo. Assim, para a Geografia, a percepção propõe estudos que consideram o mundo percebido, o mundo vivido e o mundo imaginado pelos indivíduos. A experiência vivida constrói a consciência, sendo que pelo mundo vivido, a fenomenologia coloca o indivíduo em contato com objetos exteriores por via da percepção.

O espaço é construído socialmente pela percepção das experiências de cada um. Uma das questões decisivas da análise geográfica que se coloca diz respeito às representações que os indivíduos fazem do espaço, cada um com um olhar diferenciado, seja o agente de viagem, seja o gestor público ou ainda os moradores das comunidades que desenvolvem o Turismo. A Geografia, com viés cultural, procura demonstrar em seus estudos que é importante conhecer a mente dos homens para saber o modo como se comportam em relação ao fenômeno estudado.

Partindo da concepção de que a experiência também é um dos elementos principais do Turismo, a fenomenologia passou a ser aplicada em seus estudos. Nesse contexto, faz-se importante basearmos na observação e na percepção como um fenômeno dinâmico, desenvolvido no tempo e no espaço por um indivíduo ou um grupo. O Turismo, portanto, seria algo que se mostra a si mesmo, tal como é, do modo que é (PANOSSO NETTO, 2011). Atualmente, alguns pesquisadores questionam o conceito, os fundamentos e as características do Turismo, indagações que levam à compreensão desta atividade no sentido fenomenológico.

As primeiras teorias sobre o tema se preocuparam principalmente com as relações de consumo e nas relações de mercado, porém, envolve muito



mais do que isso. No Turismo estão também as necessidades, anseios e desejos das pessoas que o praticam e o operacionalizam. O turismo envolve ainda as comunidades receptoras.

Estudar o Turismo à luz da fenomenologia requer associá-lo às “razões essenciais e do significado transcendente do turismo para os seres humanos, em função do seu próprio mundo interior, e não apenas da perspectiva da sociedade de consumo” (BARRETTO, 2000, p. 137). Para Pernecky e Jamal (2010), a abordagem fenomenológica aplicada aos estudos turísticos apresenta alguns desafios, entre eles, o (des)conhecimento da teoria e a própria complexidade da fenomenologia. Para Sposito (2009), o método deve ser abordado como instrumento intelectual e racional capaz de possibilitar a compreensão da realidade objetiva pelo investigador, na perspectiva de estabelecer verdades científicas para as devidas interpretações.

Nesta tese, utilizamos a percepção para compreender a realidade que envolve a paisagem cárstica como categoria de análise, as grutas como objeto de consumo turístico e os sujeitos e atores que circundam as relações de produção do turismo e do turista. Pois, entendemos que a abordagem fenomenológica possibilita a leitura das experiências vividas, realizadas e recriadas pelo cotidiano. Importa destacar que essa abordagem, enquanto método de investigação científica, apropria-se das experiências e percepções desenvolvidas pelos sujeitos sociais estudados. O interesse não é o mundo que existe, mas sim, o modo como o conhecimento do mundo se demonstra e se realiza na vida de cada sujeito. Assim é estabelecido o conhecimento sensível sobre tudo que está a sua volta.

Tudo aquilo que sabemos do mundo, mesmo por ciência, parte de uma visão individual ou de uma experiência particular sem a qual os símbolos da ciência nada diria. Importa saber que a fenomenologia explora o mundo e a vida do ser humano da forma que ela é, ou seja, trata de apresentar uma descrição direta das nossas experiências como elas se apresentam. Nesse sentido, comungamos da afirmativa sobre a participação do pesquisador com o objeto que está sendo estudado (MERLEAU-PONTY, 1999).

Toda ciência é construída sobre o mundo vivido e “a ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3). Esse é o viés interpretativo que estamos aludindo com relação ao método fenomenológico para a pesquisa, pois, quando nos aprofundamos sobre o objeto de estudo, debruçamos-nos no intuito de compreender se as grutas são elementos singulares tanto para os sujeitos quanto para os atores estudados.

Como dissemos, a fenomenologia se interessa pelo mundo das



experiências, ou seja, é desenvolvida pelas percepções e se apresenta como um horizonte de possibilidades que perpassa a vida dos sujeitos e atores sociais estudados. Certamente, busca possibilidades de perceber efetivamente o humano que se desvela diante do olhar e da perspectiva espaço-temporal. Dito em outras palavras, pretende-se abrir caminhos possíveis para entender o sujeito e as representações que se mostram, o seu sentido, suas mudanças e suas práticas diante da experiência do turismo nas grutas sergipanas.

Para alcançar os objetivos propostos foi necessário compreender como a população do entorno das grutas percebe a paisagem na qual está inserida, conhecer a receptividade dos professores que visitam as grutas com seus alunos, verificar o interesse das agências de turismo e dos donos das propriedades com relação às grutas, além de acompanhar os projetos e o planejamento dos órgãos públicos envolvidos com o assunto.

Desse modo, buscamos as possibilidades de perceber efetivamente o humano que se desvela diante do olhar da ciência geográfica. Logo, o estudo da percepção foi fundamental para compreender melhor as interrelações entre homem e meio ambiente, seja ele natural ou construído. A percepção se apresentou como um recurso metodológico cujo suporte desvela as respostas levantadas nesta pesquisa.

Para Merleau-Ponty (1999), a percepção não significa receber e interpretar passivamente as representações dadas de fora, mas sim um contato direto com o mundo que envolve ativamente as coisas a sua volta. Parte desse contexto reflete as aspirações, as decisões e as ações individuais e coletivas produzidas pelos sujeitos, resultantes do contato direto com o meio ambiente, e que podem ser avaliadas através de uma cuidadosa análise das atitudes, das preferências, dos valores, das percepções e das imagens que a mente humana tem a capacidade de elaborar.

Tanto as experiências como a percepção demandam os sentidos do tato, olfato, visão, paladar e audição. A partir deles é que somos inseridos no meio ambiente em que vivemos, com suas formas, sons, gostos e cheiros. Para Tuan (2012), um ser humano percebe o mundo simultaneamente por meio de todos os sentidos e a informação potencialmente disponível é imensa. No entanto, no dia a dia do homem, é utilizado somente uma pequena porção do seu poder inato para experiência.

Rocha (2003, p. 37) destaca que as percepções variam no espaço, conforme a intensidade das experiências individuais vividas num dado lugar, num determinado tempo. Ressalta-se que o comportamento estabelecido entre o ser humano e o seu lugar é “um neologismo útil quando pode ser definido em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”. E, certamente, esses laços são criados a partir da experiência de vida.



Para Tuan (1983), o elo afetivo entre os indivíduos e o lugar ou ambiente físico é construído a partir das experiências vivenciadas nesse espaço, configurando-se o sentimento topofílico ou topofóbico. Destaca também que a relação topofílica é construída nos lugares em que vivemos momentos de intimidades, ou seja, são aqueles em que nos tornamos passivos e que nos deixamos vulneráveis, expostos à carícia e ao estímulo de nossa experiência, pois, considera que o espaço não é concebido como cartesiano e as distâncias não são medidas em milhas, tempo de viagem ou custo, mas conforme uma “conectividade emocional” que define a importância de um lugar como um centro de significados. Trata-se da face menos revelada de um duplo sistema de distâncias: “as do espaço físico, que as técnicas permitem controlar mais ou menos bem; a dos espaços psicológicos, que cavam fossos entre os sistemas culturais, ou os preenchem, independentemente das distâncias físicas” (CLAVAL, 1999, p.71).

Por isso, a percepção foi fundamental para o nosso estudo, pois nos possibilitou compreender os múltiplos significados que assumem para cada sujeito entrevistado, seja ele morador, gestor público, agente de viagem ou proprietário de terras nas quais as grutas estão localizadas. Logo, compreender a Geografia como área de produção de conhecimento e também como área de intervenção através da abordagem fenomenológica é reconhecer que tal pesquisa pode intervir diretamente nas esferas dos sujeitos pesquisados.

Para o alcance dos objetivos inseridos no contexto da Geografia Humanista, a fenomenologia nos possibilitou amparar nossos questionamentos com as percepções, os valores e os significados contidos na abordagem cultural da Geografia.

A problematização do Turismo em ambientes naturais esteve fundamentada nas reflexões de Yázigi (2001), Seabra (2001), Rushmann (1997), Fennel (2002), Vargas (2004, 2009) e Bartollo (2009). Suas contribuições de um modo geral apontam para a necessidade de estruturarmos novas formas de adequar o turismo à realidade atual, primando pelos princípios da responsabilidade aos elementos envolvidos.

Para a análise da paisagem cultural, dialogamos com os conceitos abordados por Sauer (1925), Dardel (2015), Cosgrove (1989) Santos (2010), Cavalcante (2014), Melo (2001), Berque (1998), Besse (2006), Correa e Rosendahl (2004), Collot (1990), Souza (2013) e Almeida (2003, 2008). Para a análise da paisagem cárstica ancoramos em Kohler (2008), Lino (2009), Carvalho-Júnior (2008), Bigarella (1994), Donato (2011), Hobo (2011), Lobo (2006a, 2006b, 2010). As discussões sobre paisagem foram subdivididas, considerando os aspectos culturais dos elementos identitários que formam o imaginário das pessoas, e, a parte física que perpassa a formação da paisagem cárstica tão singular e representativa nas localidades.



No que diz respeito aos aspectos da sustentabilidade e das questões ambientais, destacamos Dias (2008), Guattarri (1990), Capra (2000), Chambers e Conway (1991), Conti (1997), Costa (2002), Gonçalves (1995), Leff (2001a, 2011b), Sachs (1994, 2004). Esses autores privilegiaram o conceito em sua dimensão integradora e relacional, enfatizando o entrelaçamento da dimensão política, econômica e cultural da natureza, outrossim, a relevância da necessidade da preservação.

Delimitação do estudo

Partimos do levantamento com base no banco de dados do Cadastro Nacional de Informações Espeleológica (CANIE), integrante ao Sistema Nacional de Informação do Meio Ambiente (SINIMA), constituído por informações correlatas ao patrimônio espeleológico nacional. O CANIE foi instituído pela Resolução CONAMA N° 347/2004 e desenvolvido pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio. O CANIE é um cadastro apoiado no modelo conceitual-metodológico da Base de Cavernas do Serviço Geológico do Brasil (CPRM). O Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas (CECAV) é o responsável pelo suporte técnico e pela gestão do CANIE.

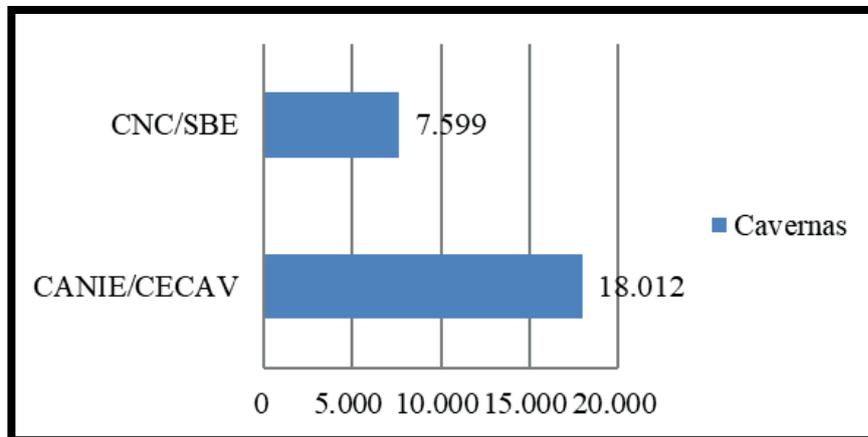
Em 2004, o CECAV criou sua base de dados de localização das cavernas brasileiras cuja alimentação conta com o aporte permanente de informações oriundas de outras bases de dados, estudos espeleológicos, material bibliográfico e, especialmente, trabalhos de campo realizados por seus técnicos e analistas ambientais.

Desde 2005, o CECAV disponibiliza em seu site informações desta base que contempla os dados validados por sua equipe técnica, ou, que revelam níveis mínimos de confiabilidade, considerados aqueles oriundos de fontes fidedignas, ou seja, os citados por mais de uma fonte ou cuja geoespacialização se enquadra às descrições que os acompanham.

Além do CANIE existe o Cadastro Nacional de Cavernas (CNC) que foi criado pela Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE), com o objetivo de compilar todas as informações disponíveis sobre as cavernas brasileiras. Nesta pesquisa, tomamos como base os dados do sistema do CANIE por se tratar da base oficial, gerenciada por um órgão Federal, sem desconsiderar a garantia das informações contidas na base de dados do CNC. Porém, é válido registrar as principais diferenças referentes aos números de cavernas registradas entre essas duas bases. Os gráficos 01, 02 e 03 mostram essas diferenças:

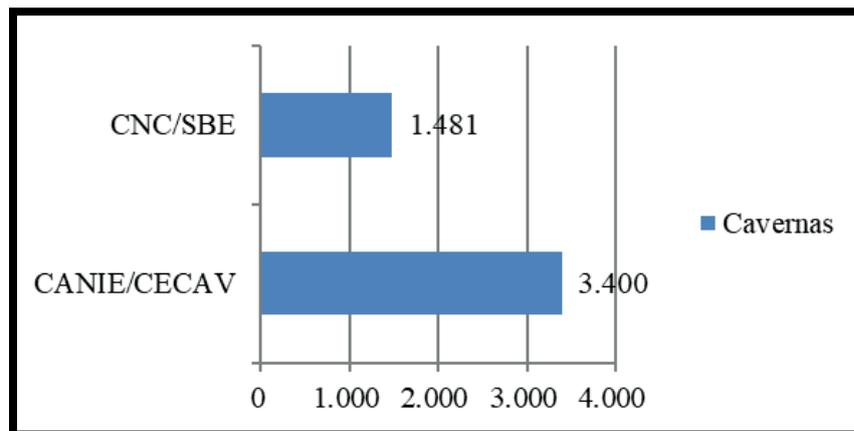


Quantidade de cavernas no Brasil: comparativo entre base de dados



Fonte: Base de dados CANIE/CECAV e CNC/SBE (Ago/2018).
Organização: RAMOS, Luan Lacerda; SANTOS, Jorginaldo Calazans.

Quantidade de cavernas no Nordeste: comparativo entre base de dados



Fonte: Base de dados CANIE/CECAV e CNC/SBE (Ago/2018).
Organização: RAMOS, Luan Lacerda; SANTOS, Jorginaldo Calazans.

Analisando o Gráfico 01, notamos que o universo de cavernas cadastradas no CANIE é mais que o dobro que o do CNC, mesmo considerando o tempo de existência das bases. O CNC foi fundado em 1969 e o CANIE deu início ao cadastramento das cavernas apenas no ano de 2004. Isso demonstra que as pessoas se sentem mais confiantes em submeter as informações ao órgão que tenha amparo oficial. Os números do CANIE também superam o do CNC, quando tratamos da representação das cavernas no Nordeste do Brasil (Gráfico 02).

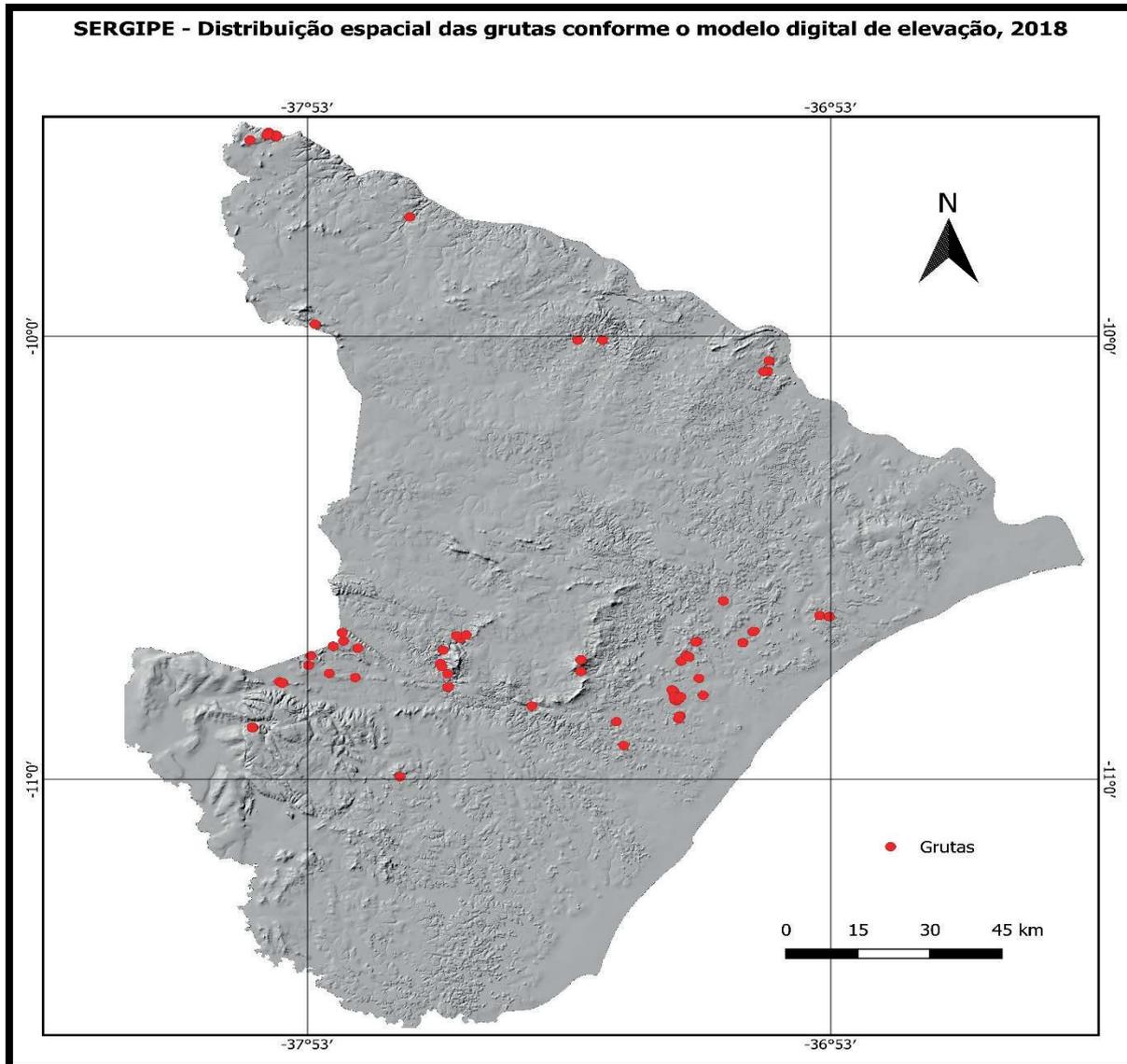
Sobre os dados referentes ao Estado de Sergipe, o CNC supera o número de cavernas cadastradas no CANIE, enquanto no primeiro. Sergipe possui 122 cavernas cadastradas, no segundo possui 114, considerando que os trabalhos de prospecção no Estado de Sergipe ficam a cargo da ONG Centro da Terra.

Dessas 114 cavernas cadastradas, 94 são formadas por rochas calcárias, sendo esse o primeiro critério de seleção das grutas para o desenvolvimento do



estudo. Destacamos que essas grutas, cuja formação em calcário, encontram-se em uma faixa que corta o Estado de Oeste para Leste, referente a folha Olhos D'Água que se inicia em Paripiranga/BA e encerra na faixa litorânea de Sergipe, conforme (Figura 01):

Figura 01: Distribuição espacial das grutas, conforme o modelo digital de elevação



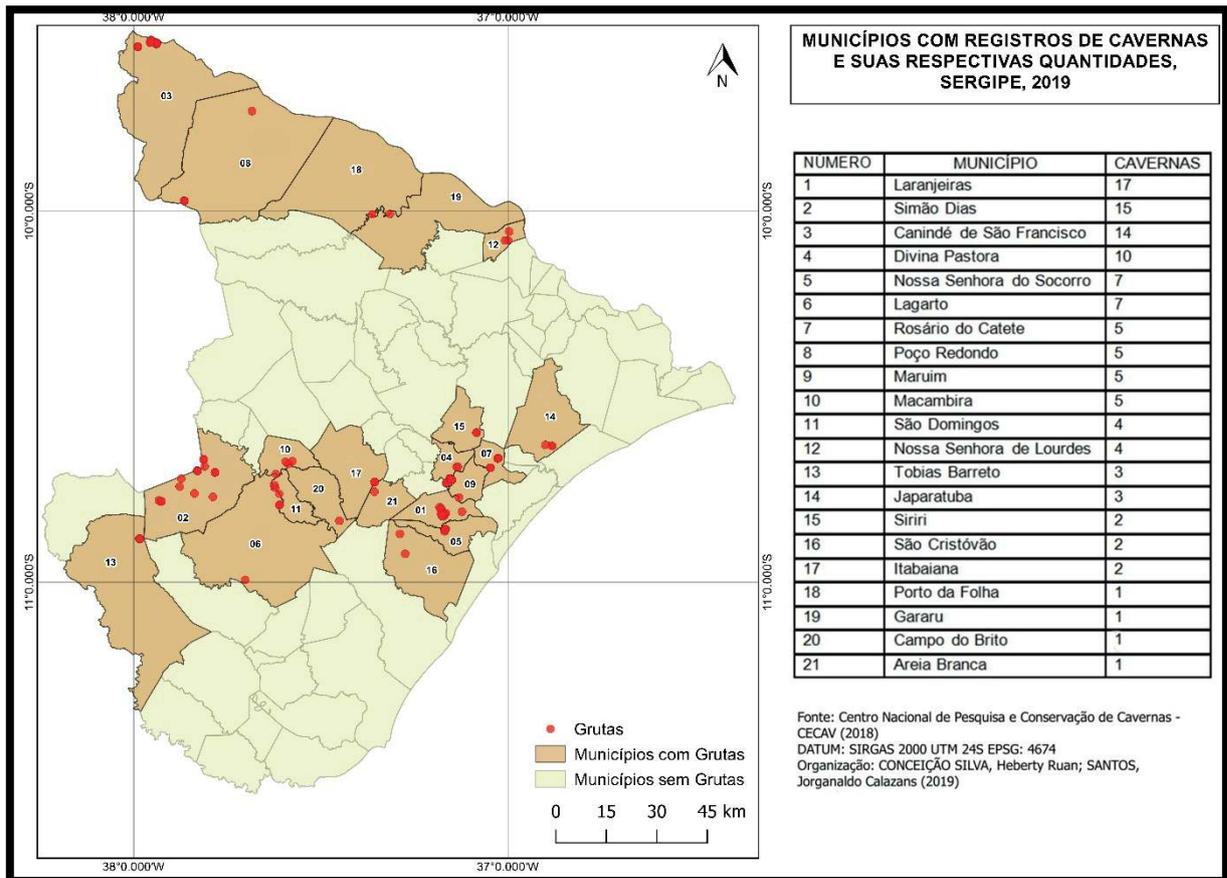
Fonte: Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas (CECAV), 2018.
Organização: RAMOS, Luan Lacerda; SANTOS, Jorginaldo Calazans dos.

O Modelo Digital de Elevação (MDE), conforme Fitz (2005), consiste em uma representação aproximada da realidade (modelo) que expõe a topografia da superfície terrestre (elevação) de forma digital, ou seja, em arquivo passível de ser manipulado em computadores. Deste modo, o MDE pretende representar a elevação de um terreno – ou parcela espacial – de forma mais próxima à realidade. Através deste material, é possível identificar falhas geológicas ou estruturas que estão relacionadas à morfologia das grutas.



Dos 75 municípios do Estado de Sergipe, 21 possuem registros de grutas, conforme (Figura 02):

Figura 02 – Distribuição espacial das cavernas no Estado de Sergipe



Fonte: Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas (CECAV), 2018.
 Organização: CONCEIÇÃO SILVA, Heberty Ruan; SANTOS, Jorginaldo Calazans dos.

De posse das informações sobre as 94 cavernas, procedemos a primeira avaliação mediante dados descritivos do CECAV/ICMBio que já apresentam no levantamento a caracterização dessas grutas. As informações nos ajudaram a selecionar as grutas que possuíam elementos que as caracterizavam como turísticas¹. Das 94 que possuem formação em calcário, selecionamos 27 que compuseram o roteiro de trabalho de campo.

Primeiro, visitamos as 27 grutas a fim de realizar registro fotográfico, observações e entrevistas com os moradores de entorno. Esse contato inicial se deu a partir de um roteiro de observação de campo preestabelecido. As 27 grutas visitadas estão apresentadas no quadro 01.

¹ De acordo com as informações do CECAV, foram considerados os seguintes aspectos: tamanho/profundidade, ocorrência de espeleotemas e meios de acesso.

Quadro 01 : Grutas visitadas para a delimitação do estudo

Nº	Gruta	Município
01	Abismo Vassouras	Divina Pastora
02	Urubu	
03	Urubuzinho	
04	Casa do Caboclo	Japarutuba
05	Abrigo do Urubu Morto	Lagarto
06	Caverna da Fumaça	
07	Saboeiro	
08	Silêncio	
09	Porta	
10	Mimosinha	Laranjeiras
11	Aventureiros	
12	Matriana	
13	Pedra Furada	
14	Tramandai	
15	Orixás	
16	Pedra Furada II (Mussuca)	
17	Raposinha	
18	Pedra Branca	Maruim
19	Formigueiro	N. Srª do Socorro
20	Pau Cruzado	
21	Tambores	
22	Cumbe	Simão Dias
23	Pórtico	
24	Ailton	
25	Bié	
26	Dorinha	
27	Toca da Raposa	

Fonte: SANTOS, Jorginaldo Calazans, 2016.

Organização: SANTOS, Jorginaldo Calazans dos.

Foram realizadas cinco visitas de campo, entre os meses de dez/2015 e jan/2016, com o objetivo de observar e conhecer, *in loco*, as grutas, as condições de acesso e a existência de comunidades no entorno, e, fundamentalmente, definir aquelas que constituiriam objeto deste estudo.

As visitas possibilitaram identificar os moradores que mantêm relações materiais e/ou simbólicas com as grutas, além de observar a infraestrutura, com vistas à possibilidade do desenvolvimento do turismo. A princípio, foram entrevistados, aleatoriamente, três moradores das comunidades mais próximas de cada gruta visitada.

Além das entrevistas, adotamos um diário de campo para registrar as informações. Assim, procedemos com anotações referentes as datas que foram feitas as visitas, o horário, o dia da semana, as dificuldades encontradas nos acessos, as anotações das coordenadas geográficas e, sobretudo, definida as estratégias de conservação desses patrimônios, considerando que são grutas cársticas, isto é, relevos frágeis. A partir dos processos de quantificação dos fatores impactantes, selecionamos as grutas, adaptando-as a estratégia de conservação (BRILHA, 2005). Nesse sentido, Brilha (2005) desenvolve critérios para identificar possíveis áreas com características frágeis, mas que possuem potenciais econômicos e culturais. Além disso, o autor categoriza estratégias de conservação, visando sistematizar as tarefas no âmbito da conservação do patrimônio natural.

No quadro 03, apresentamos as seis grutas, com suas respectivas pontuações, aproximando-se da maior média estipulada (72 pontos).



Elaboramos uma legenda com pontuação relacionada ao turismo, seguindo os parâmetros: na cor verde, computaram 3 pontos, equivalendo ao conceito “muito bom” para o turismo; o item que recebe a cor amarela, equivale a 2 pontos, ou seja, “bom” para o turismo; os itens com a cor vermelha receberam apenas um ponto o que corresponde a um conceito “ruim” para a atividade turística. Desta forma, selecionamos alguns elementos importantes a serem analisados nas grutas, a fim de elaborar um estudo baseado na proposta de conservação do patrimônio natural:

Quadro 02: Análise das grutas selecionadas

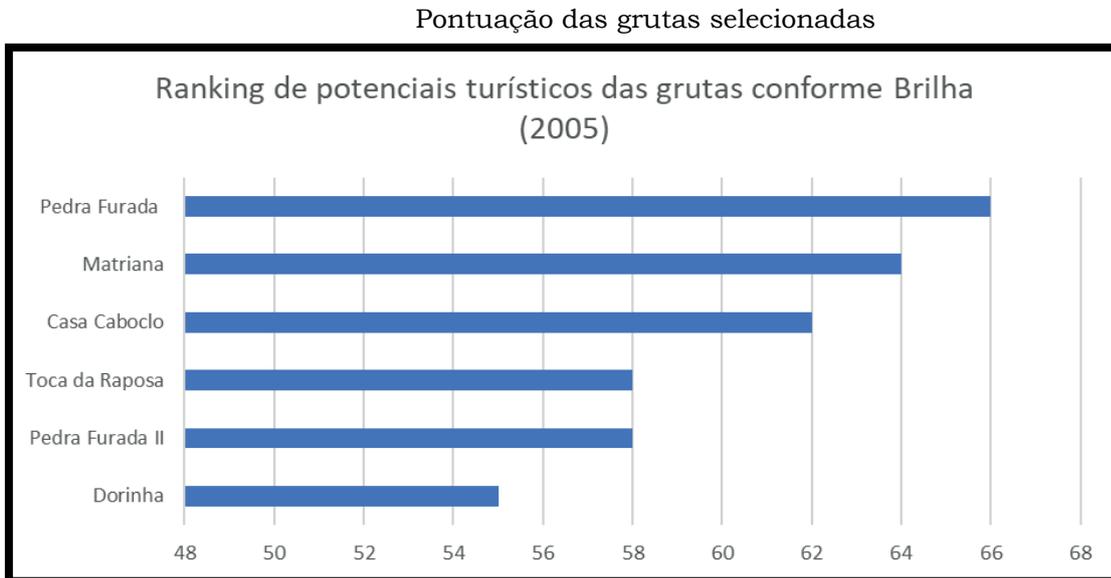
REFERENTES	CRITÉRIOS	Pedra Furada	Matriana	Casa do Caboclo	Toca da Raposa	Pedra Furada II	Dorinha
INTRÍNSECOS A GRUTA	Abundância: mais de uma gruta na área em estudo						
	Locomoção no interior da Gruta						
	Visualização da gruta na paisagem						
	Beleza: Paisagem exterior						
	Beleza: Paisagem interior						
	Grau de conhecimento da população						
	Associação com elementos culturais: arqueológicos						
	Associação com elementos culturais: histórias						
	Associação com elementos culturais: lendas						
	Associação com elementos culturais: religiosidades						
	Associação com elementos naturais: fauna e flora exterior						
	Associação com elementos naturais: fauna e flora interior						
	Estado de conservação						
SUBTOTAL		37	35	35	30	30	30
USO DA GRUTA	Possibilidade de realizar atividades científicas						
	Possibilidade de realizar atividades pedagógicas						
	Possibilidade de realizar atividades recreativas						
	Acesso a gruta						
	Proximidade de moradias: povoados ou sede						
	Oferta hoteleira entre 5 a 20 km.						
SUBTOTAL		17	16	16	16	14	14
PROTEÇÃO DA GRUTA	Ameaças: desenvolvimento urbano						
	Ameaças: desenvolvimento industrial						
	Ameaças: atividades de agropecuárias						
	Gruta incluída em área com proteção legal.						
	Gruta incluída em área protegida integrada do SNUC.						
	Fragilidades associadas aos aspectos geomorfológicos						
SUBTOTAL		12	12	10	12	12	10
TOTAL		66	63	61	58	57	54

- Ótimo para o Turismo (3 pontos)
■ Regular para o Turismo (2 pontos)
■ Ruim para o Turismo (1 ponto)

Fonte: Dados do campo, 2017
 Organização: RAMOS, L. L; SANTOS, J. C.



Durante a fase de levantamento de campo e de observação direta, que demandou a coleta de dados oriundos de fontes primárias, também foram importantes os registros fotográficos e as anotações feitas no diário de campo. As informações quantitativas do Quadro 03 são apresentadas no Gráfico 03, visualizando os dados iniciais do potencial turístico que desencadearam a análise das potencialidades do geoturismo.

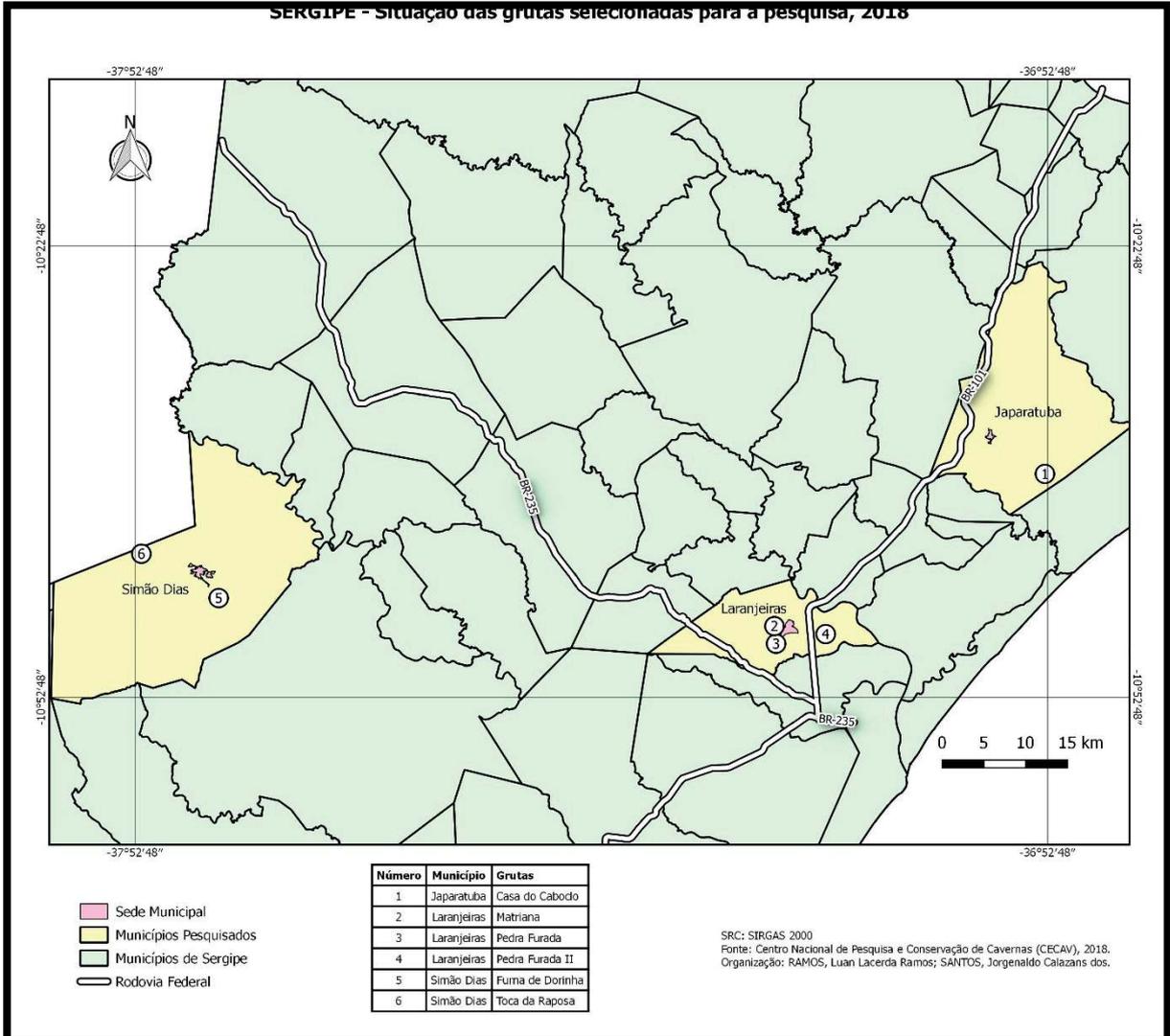


Fonte: SANTOS, Jorginaldo Calazans, 2017; adaptado de BRILHA (2005).
Organização: RAMOS, Luan Lacerda; SANTOS, Jorginaldo Calazans.

Assim, expostas e hierarquizadas pelos critérios de acesso, proximidade, beleza interior, extensão disponibilizada para a visita, dentre outras, a Figura 03 apresenta a localização das grutas selecionadas, de acordo com suas situações nos municípios de Japaratuba, Laranjeiras e Simão Dias.



Figura 03: Situação das grutas selecionadas para pesquisa
SERGIPE - Situação das grutas selecionadas para a pesquisa, 2018



Fonte: Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas (CECAV), 2018.
Organização: RAMOS, Luan Lacerda; SANTOS, Jorginaldo Calazans dos.

Pelo exposto, a definição da amostra da pesquisa se baseou em seu caráter proposital ou intencional que tem na compreensão de Turato (2003, p. 357) com referência, “(...) aquela de escolha deliberada de respondentes, sujeitos ou ambientes, oposta à amostragem estatística, preocupada com a representatividade de uma amostra em relação à população total”.

Nesse contexto, foram definidas 4 variáveis representativas para a compreensão do turismo nas grutas de Sergipe, tais como, moradores próximos do entorno das grutas, órgãos públicos responsáveis pela gestão e ordenamento do uso das grutas, agências de viagens, e, as instituições de ensino que desenvolvem visitas com os seus alunos nas grutas.

As visitas foram realizadas no período de julho a novembro de 2017,



com o intuito de entrevistar um maior número de moradores que residem no entorno das seis grutas selecionadas, além dos agentes locais.

Primeiro, contactamos os residentes situados próximos as grutas. Para entender a dinâmica das comunidades e, assim, conseguir o melhor rendimento possível no levantamento de dados, escolhemos diferentes dias da semana que se ajustou no cotidiano dessas comunidades. Em relação aos órgãos públicos realizamos agendamentos prévios com os gestores responsáveis. Além disso, as entrevistas realizadas com as agências de turismo também foram realizadas mediante agendamento prévio. Ao final da coleta de dados em campo, entrevistamos as instituições de ensino que desenvolvem visitação às grutas, no caso, as escolas municipais da região e os professores que desenvolvem atividades pedagógicas com os seus alunos nas grutas.

No Quadro 04, reunimos os quatro segmentos entrevistados, ou seja, os sujeitos que compõem nossa amostra.

Quadro 03: Distribuição das entrevistas segundo os municípios

Municípios	Campo				TOTAIS
	Moradores	Órgãos Públicos	Agências de Viagens	IE*	
Simão Dias	12	5		2	19
Laranjeiras	16	4		3	23
Japaratuba	19	4		2	25
Aracaju		3	13	2	18
TOTAIS	47	16	13	9	85

*Instituições de Ensino

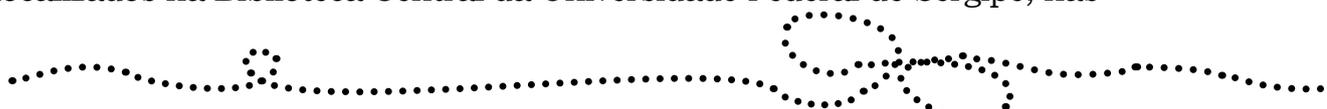
Fonte: SANTOS, Jorginaldo Calazans dos, 2017-2018.

Organização: RAMOS, Luan Lacerda; SANTOS, Jorginaldo Calazans.

Procedimentos da pesquisa

O desenvolvimento da pesquisa demandou a coleta de dados oriundos de fontes primárias e secundárias. Nesse último caso, a pesquisa documental foi útil no tocante ao acesso às informações obtidas nos documentos e textos sobre os diversos temas que perpassam as grutas. Em seguida, visitamos à ONG Centro da Terra que detém as informações sobre localização, formação e infraestrutura de acesso às grutas registradas no Estado. Desse modo, conseguimos mapear em torno de 50% delas graças a um roteiro prévio, constituído por GPS para a coleta de dados primários, demarcação do roteiro das grutas, localização dos atrativos turísticos, da infraestrutura dos municípios, sobretudo.

Em paralelo à pesquisa documental, procedemos ao levantamento dos textos, localizados na Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe, nas



bibliotecas setoriais do Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFS), e, o Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO/UFS), acrescido do banco de dados de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES).

Dentre as pesquisas encontradas no Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFS, destaca-se a tese de Carvalho (2011), intitulada “A valoração da paisagem: uma reflexão do espaço concebido, percebido e vivido”, que analisa a paisagem à luz do valor de uso dos moradores locais e turistas, associados aos sujeitos que efetivamente exercem poder, tais como, comerciantes locais, empresários do turismo e instituições. Este trabalho acadêmico nos ajudou a compreender como acontece a relação entre sujeitos e atores no desenvolvimento de um turismo praticado em áreas naturais.

Outra tese importante para a compreensão do turismo na apropriação e transformação dos espaços tem como título “Território, paisagem, sujeitos sociais e políticas públicas” (GOMES, 2014) cuja proposta analisa as relações estabelecidas nas comunidades, entre sujeitos locais e as políticas de fomento ao turismo, a partir das representações construídas por esses sujeitos.

Há também o texto “Dinâmica ambiental espeleológica: memória, conservação e educação” (DONATO, 2016), no qual a autora se propôs a construir parâmetros que validassem a existência, a pertinência e as contribuições de estudos espeleológicos, baseadas nos elementos das grutas sergipanas, como unidade complexa em funcionamento.

Além das bibliotecas setoriais da UFS, também obtivemos acesso aos Repositórios Institucionais dos acervos das Universidades de Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo. Frisamos ainda que, nestes canais não identificamos nenhum trabalho que abordasse a dinâmica do geoturismo em Sergipe, mas em contrapartida na região Sudeste foram inúmeros trabalhos selecionados com essa temática, dentre eles destacamos Lobo (2006), Hobo (2011), Travassos (2010), Bértolo (2014), Franco (2014), Lima (2015), Santos (2017). Ademais, tivemos acessos também às publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, monografias, material cartográfico, que tratavam principalmente da paisagem cárstica e da apropriação e do consumo do turismo com relação às paisagens naturais, com destaque para o espeleoturismo e o geoturismo.

Nesse processo de construção teórica, a participação no Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura, associado ao PPGEO/UFS, foi fundamental para estruturar os conceitos geográficos e o método adotado na pesquisa.

Outro aspecto essencial ao desenvolvimento desta tese está relacionado ao método de análise que, neste caso, pautamos também pela observação.



De fato, a observação foi adotada como um dos procedimentos de campo no qual, segundo Moreira (2004), o investigador observa (coleta dados), sem a manipulação de qualquer variável, percebendo as relações entre atitudes, crenças, valores, condutas dos indivíduos e dos grupos. A observação, segundo ele, ajuda a identificar e a obter dados a respeito de objetos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento.

Conforme Lakatos e Marconi (2009), a observação direta é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações utilizando os sentidos para a obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos e fenômenos. Desse modo, procedemos relações com os atores sociais envolvidos, dentre eles, os moradores próximos do entorno das grutas, os órgãos públicos responsáveis pela gestão e ordenamento do uso das grutas, as agências de viagens e as instituições de ensino que visitam as grutas com seus alunos.

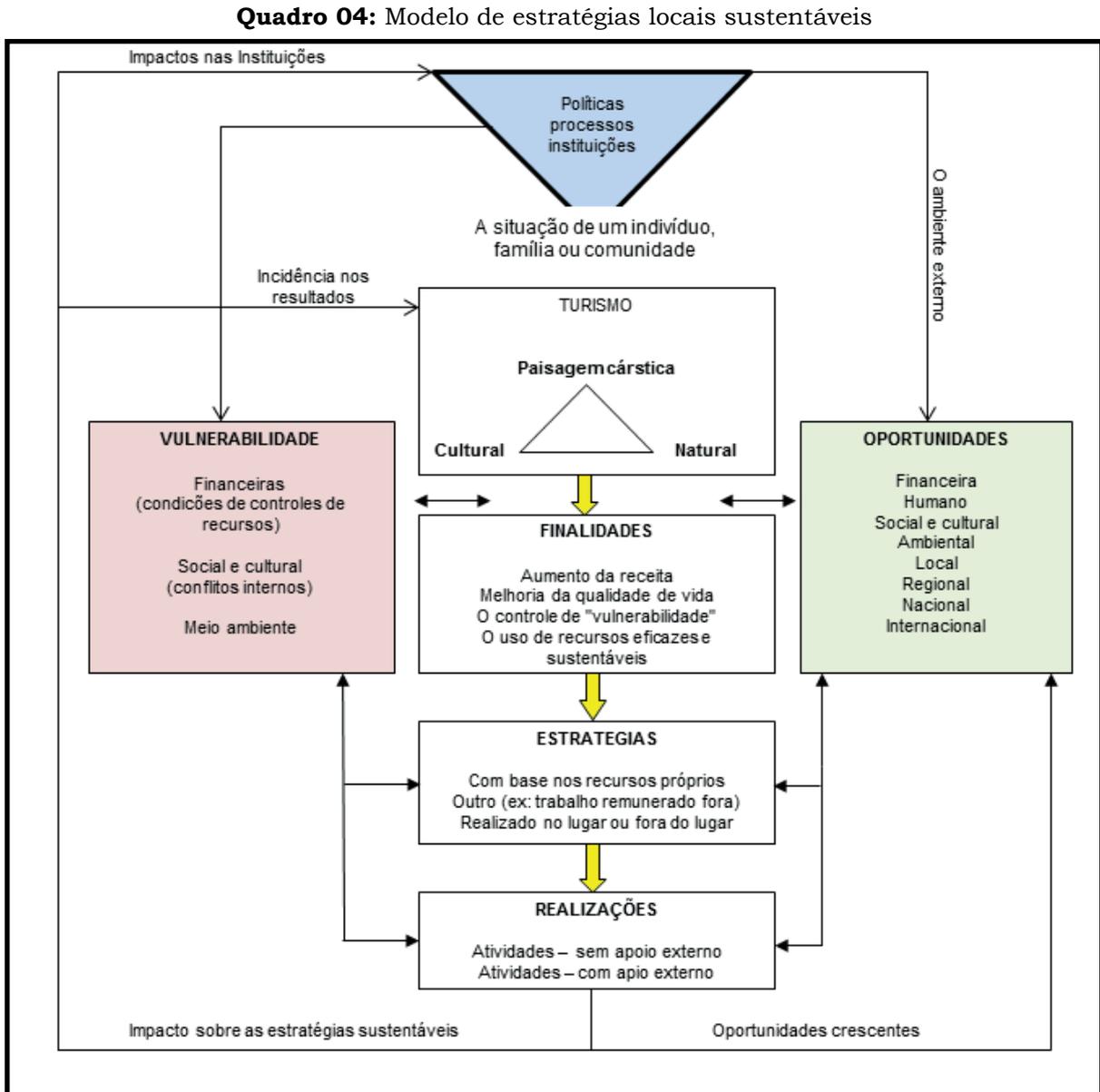
Para incrementar esta pesquisa de campo, ampliamos estudos com a participação nas aulas no Instituto de Geociências da UFMG, em Belo Horizonte, Minas Gerais, em novembro de 2017, realizando atividades externas que contemplaram três grutas mineiras turísticas, sendo: a Gruta da Lapinha, Rei do Mato e Maquiné. Esta experiência retoma a perspectiva de Godoy (1995, p. 61), cujo ponto de vista metodológico capta a realidade, possibilitando o pesquisador “colocar-se no papel do outro”. Malinowski também considera fundamental a permanência do pesquisador junto ao seu objeto de pesquisa, durante certo período, para perceber a dinâmica natural do funcionamento das coisas.

Nesse sentido, a oportunidade da vivência em Minas Gerais como pesquisador e turista, simultaneamente, ajudou a perceber o modo de se fazer turismo nas grutas visitadas. A observação foi feita desde a divulgação do roteiro pelos agentes dos guichês turísticos até o desenvolvimento da visita nas grutas.

Para os campos desenvolvidos em Sergipe, foi necessário a construção de roteiros de entrevista, baseado no “modelo de estratégias locais sustentáveis” (CHAMBERS; CONWAY, p. 1991) cuja premissa aponta para o desenvolvimento local, sendo necessário pensar nas formas de mudança de paradigma.

No Quadro 05, o esquema desenvolvido por Chambers e Conway (1991) nos ajudou a compreender a intrínseca relação dos instrumentos de campo com parâmetros norteadores de análise, sobre as possibilidades do turismo praticado em áreas naturais, no caso, as grutas sergipanas.





Fonte: CHAMBERS, R; CONWAY, G. **Modos de Vida rural sustentável:** conceitos práticos para o Instituto 21st Century of Development Studies Documento de Discussão, 1991. Adaptação: RAMOS, Luan Lacerda; SANTOS, Jorginaldo Calazans dos, 2018.

Tal combinação envolve o meio ambiente, os fatores econômicos, os sociais e os culturais, ou seja, elementos necessários para a possibilidade do surgimento do turismo. Nesse contexto, optamos pela construção de roteiros de entrevistas semiestruturadas, evitando, sempre que possível, no momento da entrevista, a presença de terceiros para não causar inibição ao entrevistado. A entrevista semiestruturada define os procedimentos aplicados pelo pesquisador para levantar os dados e as informações necessárias para responder ao problema estabelecido (TRIVIÑOS, 1987).

Como exposto no Quadro 03, foram entrevistadas pessoas de diferentes

áreas que auxiliaram no diagnóstico das questões de pesquisa. Um dos objetivos da entrevista foi buscar conhecer as opiniões sobre os fatos. Desta forma, filtrar os dados coletados e tirar as suas conclusões. Segundo Lakatos e Marconi (2009, p. 278) “o principal interesse do pesquisador é conhecer o significado que os sujeitos atribuem aos fenômenos e eventos de sua vida cotidiana, utilizando seus próprios termos”. Ao utilizar a entrevista, buscamos compreender as perspectivas e experiências dos quatro grupos de sujeitos e atores sociais.

Além disso, durante as entrevistas foram realizadas gravações e anotações imediatas das respostas. As anotações foram feitas em um diário de campo com registro das ações importantes dos entrevistados, envolvendo as expressões faciais, risadas, pausas nas falas, dentre outras reações.

Antes de iniciarmos, solicitamos autorização dos entrevistados para anotações e gravações das suas respostas. Após a explanação, a assinatura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, conforme código de ética na entrevista (Resoluções 466/2012 e 510/2016 do CEP/CONEP/CNS/MS), que afirma o anonimato dos sujeitos.

Na entrevista semiestruturada, o entrevistador pergunta alguma questão em uma ordem predeterminada. Dentro de cada questão há a liberdade do entrevistador e do entrevistado tecerem outras considerações. Além disso, podem existir questões suplementares de algo não previsto na lista original da questão. Importante lembrar que “o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de explorar amplamente determinados assuntos” (LAKATOS; MARCONI, 1996, p.85). O pesquisador deve ser sensível à tarefa de entrevistar, definida por Moreira (2004, p.50), como uma tarefa de “dupla hermenêutica”, pois interpretam o mundo em que vivem, mostram suas experiências e suas atividades cotidianas.

Para esta pesquisa, foram elaborados três roteiros de entrevista semiestruturadas com perguntas abertas, sendo: i) aos moradores das proximidades das grutas estudadas; ii) aos gestores de órgãos públicos, tanto de Aracaju quanto dos três municípios onde as grutas estudadas estão situadas; iii) as agências de viagens e turismo.

O roteiro de entrevista destinado aos moradores das proximidades das grutas também foi empregado aos proprietários das terras que foram identificados. O roteiro está dividido em cinco partes, conforme enumeramos:

- i) perguntas voltadas para o perfil do sujeito, como dados pessoais, profissão, média salarial, número de moradores na residência;
- ii) perguntas sobre a percepção que o entrevistado possui com relação à paisagem, ao lugar que ele mora, e às grutas;



iii) perguntas sobre as referências que o entrevistado tem com relação as grutas, histórias e/ou lendas, contatos com a gruta, importância da gruta;

iv) perguntas sobre os usos de grutas, envolvendo as visitas, os acessos e os usos econômicos;

v) perguntas voltadas para a percepção dos entrevistados com relação as possibilidades do turismo nas grutas.

No roteiro de entrevista destinado aos órgãos públicos, além do perfil dos entrevistados e das perguntas voltadas sobre a possibilidade do turismo, há outras intitulada “Vulnerabilidades” na expectativa de descobrir dos órgãos públicos quais são as ações que têm sido tomadas para a preservação das grutas. O roteiro elaborado para as agências de viagens tem a mesma estrutura dos anteriores no que concerne ao perfil do entrevistado. O mesmo roteiro de entrevista utilizado para as agências de viagens e turismo foi aplicado aos professores das instituições de ensino, captando os relatos sobre a importância das grutas na vida dos moradores, a percepção dos alunos sobre as grutas e como eram desenvolvidas as visitas.

As gravações possibilitaram as transcrições detalhadas das falas dos entrevistados. Totalizamos 38 horas de gravação para serem transcritas. Contamos com o uso de duas ferramentas importantes para a transcrição das informações, os programas *Express Scribe Transcription Software Pro* e a função documentos existente no *Google Drive*. O primeiro programa era utilizado para retardar o áudio das entrevistas, pausando em trechos previamente programados. Quando o programa realizava as pausas era possível repetir o que tinha sido ouvido para que a função “Digitar por voz” do Google drive redigisse o que estava sendo falado. Assim, foi possível realizar a transcrição de todas as entrevistas. Ao final desse processo, foram produzidos quatro cadernos contendo as entrevistas na íntegra, também impressos e encadernados para facilitar o manuseio do material. Os cadernos eram separados por grupos e cada um possuía uma divisão por municípios.

Os sujeitos da pesquisa, como já citamos anteriormente, foram constituídos pelos moradores nas proximidades das grutas estudadas. No Quadro 06, demonstramos as localidades pesquisadas referentes a cada gruta. Todas as grutas estudadas encontram-se em propriedades particulares. O mesmo roteiro de entrevista dos moradores foi utilizado nas entrevistas com os proprietários das terras nas quais as grutas estão localizadas. No entanto, não tivemos sucesso, posto que as propriedades têm sua função destinada à criação de rebanhos de gado ou para a agricultura. Os proprietários não residem nas terras onde as grutas estão localizadas. Somente foi possível entrevistar o proprietário da



fazenda onde está situada a gruta Toca da Raposa, em Simão Dias.

Quadro 05: Moradores entrevistados por gruta

Município	Gruta	Referência	Nº de entrevistados
Japarutuba	Casa do Caboclo	Povoado Mulatas	09
		Povoado São José	10
Laranjeiras	Pedra Furada	Povoado Machado	06
	Matriana	Sede Municipal	07
	Pedra Furada II	Povoado Mussuca	03
Simão Dias	Furna de Dorinha	Povoado Colônia	08
	Toca da Raposa*	Sede Municipal	04
TOTAL			47

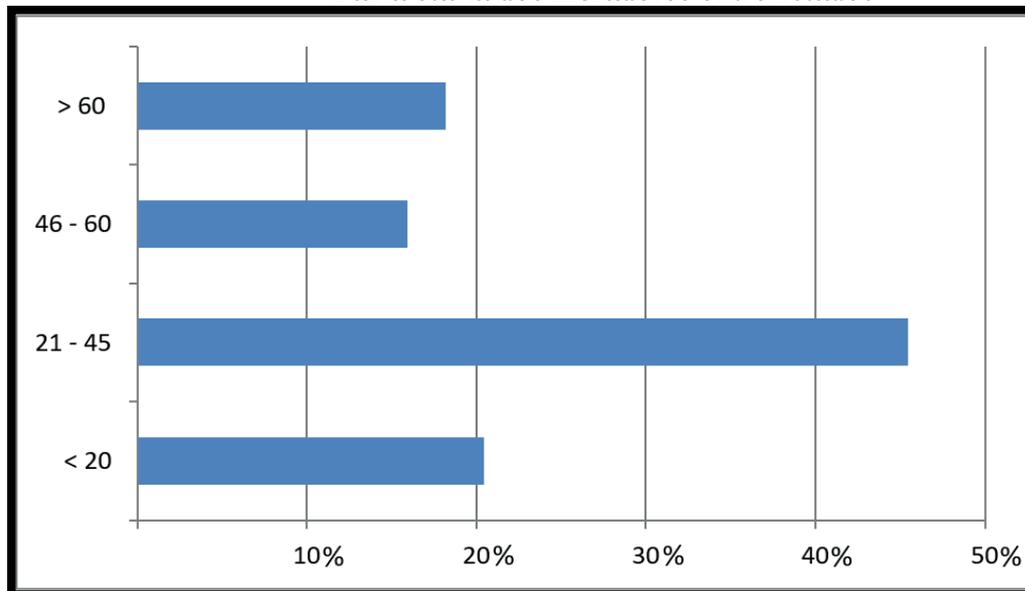
Fonte: SANTOS, Jorginaldo Calazans dos, 2017-2018.

Organização: RAMOS, Luan Lacerda; SANTOS, Jorginaldo Calazans dos.

*Aqui inserido o único proprietário de terras entrevistado.

Levantamos os dados do perfil dos moradores a fim de conhecê-los e, assim, analisar as possibilidades de suas atuações como sujeitos da cadeia produtiva do turismo. Para isso, entrevistamos 47 moradores, distribuídos nos três municípios estudados. No universo dos moradores entrevistados, observamos a predominância do sexo masculino (53%) em relação ao feminino (47%). Segundo as respostas obtidas, 45% dos entrevistados possuem idades entre 21 e 45 anos, conforme (Gráfico 04):

Faixa etária dos moradores entrevistados



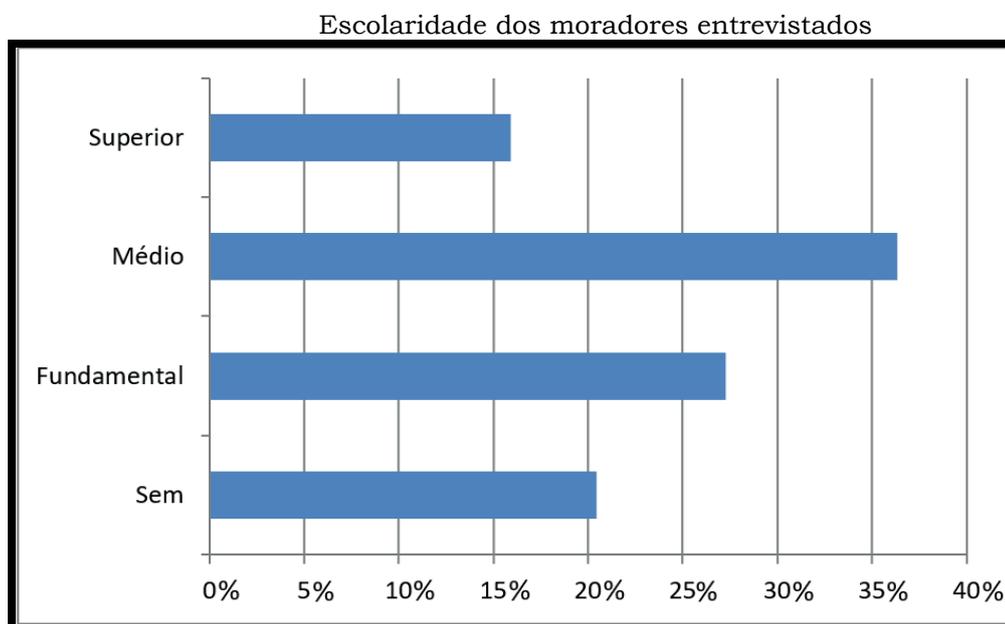
Fonte: Dados do campo, 2017-2018

Organização: RAMOS, Luan Lacerda; SANTOS, Jorginaldo Calazans.

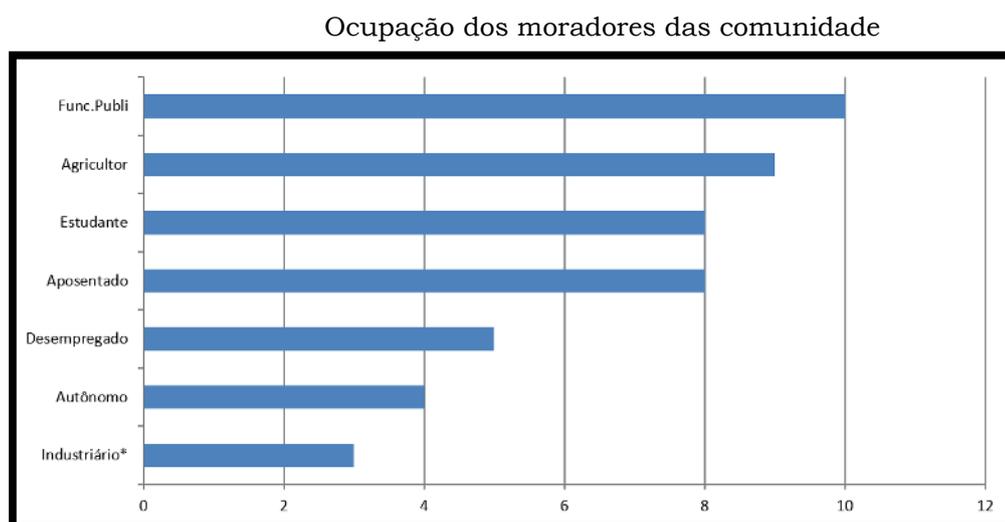
O que chama a atenção ao analisar o Gráfico 04, é que apenas 20% dos



entrevistados dizem não ter frequentado a escola, ainda que se trate de jovens e adultos. No entanto, o gráfico reflete positivamente as atividades em que a agricultura, o serviço público, a educação e aposentadoria aparecem como as principais ocupações dos entrevistados (Gráfico 05). Esses dados refletem significativamente na renda familiar na qual, apenas 7% dos entrevistados, declaram ter menos de 1 (um) salário mínimo como renda familiar (Gráfico 06):



Fonte: SANTOS, Jorginaldo Calazans dos, 2017-2018
Organização: RAMOS, Luan Lacerda; SANTOS, Jorginaldo Calazans dos.



Fonte: Dados do campo, 2017-2018
Organização: RAMOS, Luan Lacerda; SANTOS, Jorginaldo Calazans.
*Compõe o grupo dos industriários: operadores de máquinas e sonda.

O Gráfico 06 mostra que os municípios estudados então dentro do contexto do interior sergipano que se destaca a representação da agricultura, dos aposentados,



dos funcionários públicos. Neste trabalho, entendemos os órgãos públicos como atores sociais que desenvolvem papéis representativos de entidades, conforme definição em Turato (2003, p. 354), o ator social é “o sujeito enquanto desempenha seus papéis na sociedade”. Sendo assim, foram entrevistados os órgãos que estavam envolvidos com a conservação e os usos das grutas estudadas (Quadro 07).

Quadro 06: Órgãos públicos entrevistados por município

Município	Órgão Público	Nº de Entrevistados
Aracaju	IBAMA ²	01
	ADEMA ³	03
Japarutuba	Secretaria do turismo	01
	Secretaria do Meio Ambiente	01
	Secretaria da Agricultura	02
Laranjeiras	Secretaria de Turismo	02
	Secretaria do Agricultura	01
	Secretaria da Cultura	01
Simão Dias	Secretaria do Turismo	01
	Secretaria de Meio Ambiente	02
TOTAL		14

Fonte: SANTOS, Jorginaldo Calazans dos, 2017-2018

Organização: RAMOS, Luan Lacerda; SANTOS, Jorginaldo Calazans dos.

Ao todo, foram 13 agências, entre consultores de viagens e proprietários das agências, todos reunindo mais de 10 anos de experiência no mercado turístico. O último grupo de entrevistados foram os professores das instituições de ensino, dentre as quais destacamos: as escolas municipais dos três municípios estudados e duas instituições de ensino superior, UFS e FANESE. Despertamos para entrevistar os atores sociais da escola porque, estes ambientes, também promovem práticas com os alunos em torno das grutas estudadas.

No município de Japarutuba entrevistamos um professor que compõe a equipe de uma escola municipal, situada no povoado São José. Em Laranjeiras, foram entrevistados três professores, sendo um do SENAC, um do Estado e outro da Universidade Federal de Sergipe. No município de Simão Dias, foi entrevistada uma coordenadora pedagógica da rede municipal e duas professoras representantes de escolas estaduais. Em Aracaju, foi entrevistado um professor da faculdade FANESE.

Contornos da Análise

Os procedimentos metodológicos, em geral, envolvem a coleta de dados, a análise e interpretação. Adotamos a técnica de análise de conteúdo, utilizada

² Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

³ Administração Estadual do Meio Ambiente.



nas pesquisas sociais, igualmente, na Geografia Humana.

Bardin (2008) sugere a descrição analítica a partir das prováveis aplicações da análise de conteúdo como um método de categorias que permite a classificação dos componentes, do significado da mensagem, em espécie de gavetas. Segundo a autora, uma análise de conteúdo não deixa de ser uma análise de significados, ao contrário, ocupa-se de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo extraído das falas dos entrevistados e, sequencialmente, interpretadas pelo pesquisador que classificará os conteúdos a serem extraídos das falas dos entrevistados a partir dos objetivos da pesquisa. No Quadro 08, detalhamos os objetivos da pesquisa:

Quadro 07: Síntese e propósitos da pesquisa

O QUE FAZER?	COMO FAZER?	O QUE ANALISAR?
Compreender as Socioespacialidades estabelecidas pelas comunidades de entorno com a paisagem cárstica de Sergipe	Levantamento bibliográfico Observação participante. Registros fotográficos.	Análise das observações diretas e das anotações dos diários de campo. Identificação do sentimento de: topofilia ou topofobia com relação as grutas.
Apreender as Representações materiais e simbólicas que as comunidades do entorno constroem na sua relação com as grutas enquanto produto de apropriação do turismo	Levantamento bibliográfico Entrevista com os moradores do entorno das grutas.	Análise das entrevistas: Significados e sentidos das grutas na vida dos habitantes. Referências, histórias e lendas que se relacionam com as grutas.
Identificar os Múltiplos usos e “consumo” das grutas sergipanas	Levantamento bibliográfico Entrevista Observação e diário de Campo	Análise de usos e práticas desenvolvidas nas grutas de Sergipe. Usos das grutas, visitação, acesso, consumo de recursos naturais.
Refletir sobre políticas públicas voltadas para o turismo em Sergipe	Entrevista aos órgãos públicos de Aracaju e município onde as grutas estão localizadas, em busca das vulnerabilidades expostas às grutas estudadas. Pesquisa bibliográfica sobre: a legislação pública de defesa ao patrimônio espeleológico.	Análise das entrevistas aos gestores públicos. Análise dos impactos socioambientais e conservação ambiental. Além das vulnerabilidades que as grutas estão sujeitas.
Identificar as potencialidades de implantação do geoturismo nas grutas	Levantamento bibliográfico sobre a experiência e os usos turísticos de grutas no Brasil e no mundo. Entrevistas às agências de viagens e instituições de ensino, com o intuito de buscar as potencialidades existentes nas grutas estudadas.	Análise das entrevistas às agências de viagens e instituições de ensino. Novas formas de usos turísticos. Possível usos sustentáveis das grutas.

Fonte: Disciplina Pesquisa Geográfica, PPGEO/UFS. Ministrada por VARGAS, Maria Augusta Mundim, 2015.

Organização: RAMOS, Luan Lacerda; SANTOS, Jorgenaldo Calazans dos, 2018.

Partindo desse quadro, convém afirmar que, ao finalizarmos uma pesquisa que tem a percepção como conduto metodológico, os resultados aparecem invariavelmente

graças a efetiva orientação dos participantes. Isso implica no uso real das expressões verbais dos participantes, como um valioso recurso a ser utilizado na descrição dos fatos e circunstâncias do espaço vivido. Para Moreira (2004), nesse momento, o pesquisador deverá aguçar a sua sensibilidade a fim de perceber “temas” nos elementos oferecidos pelos entrevistados e, assim, proceder à análise.

Conforme Bardin (2008), a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos em constante aperfeiçoamento que se aplicam aos discursos diversificados. O conteúdo das comunicações é analisado por meio de categorias sistemáticas, previamente determinadas, levando a resultados qualitativos. É uma técnica que visa aos produtos da ação humana, estando voltada para estudos das ideias e não das palavras em si, ou seja, não limitando apenas a analisar os textos que foram gerados a partir das entrevistas, mas interpretá-los com as situações vividas e colhidas durante as entrevistas. A autora adota como critérios a análise prévia, a exploração do material e o tratamento dos resultados. O tratamento dos resultados compreende a codificação e a inferência, ou seja, após a preparação do material a ser analisado, é necessário desenvolver as técnicas de análise, categorização e interpretação do que fora coletado.

Para selecionar as categorias de análise recorreremos aos objetivos da pesquisa. Após a transcrição das entrevistas, foram criados quatro cadernos, contendo, cada um, os segmentos entrevistados. Em cada critério de análise foi destinado uma cor, sendo destacadas as falas dos entrevistados.

Além do caderno das transcrições, criamos no programa Excel (2016) uma planilha com os dados dos perfis dos entrevistados a fim de entender os conjuntos que se formaram perante as respostas.

A coleta de dados, através das entrevistas, serviu de base para analisar o conteúdo. Os conceitos abordados no referencial teórico, que serviram de categorias/conteúdos norteadores da análise, são apresentados no Quadro 09:

Quadro 08: Referentes da análise de conteúdo

	REFERENTES	OBSERVAÇÃO
PERCEPÇÃO	PAISAGEM	Usos e práticas desenvolvidas nas grutas de Sergipe.
		Referências, histórias e lendas que se relacionam com as grutas.
		Usos das grutas, visitação, acesso, consumo de recursos naturais
		Significado e sentido das grutas na vida dos habitantes.
		Topofilia ou topofobia na vida dos moradores.
	TURISMO	Usos sustentáveis das grutas.
		Impactos e conservação ambiental.
		Novas formas de usos turísticos.

Fonte: SANTOS, Jorginaldo Calazans dos, 2017.

Organização: SANTOS, Jorginaldo Calazans dos, 2018.

O processo de codificação dos dados se restringe a escolha de unidades de registro. Para Bardin (2008), uma unidade de registro refere-se a um tema, uma palavra ou uma frase. Após a transcrição das entrevistas criamos uma



legenda atendendo cada grupo de perguntas.

As categorias centrais de análise dessa pesquisa são a paisagem e o turismo, a partir das percepções dos sujeitos selecionados e entrevistados. Tais categorias se desdobravam em assuntos pertinentes ao tema que eram encontrados nas falas dos entrevistados, como: possibilidade do turismo, percepção dos sujeitos, referências, usos, vulnerabilidade e potencialidades das grutas de se tornarem atrativos turísticos no Estado. Na entrevista vem à tona o próprio sistema de pensamentos da pessoa, processos cognitivos, sistemas de valores e de representações, suas emoções, sua afetividade e a afloração de seu inconsciente. Para Bardin (2008, p.90) “cada pessoa se serve dos seus próprios meios de expressão para descrever acontecimentos, práticas, crenças, episódios passados, juízos, etc.”.

Os usos das falas dos entrevistados foram feitos no anonimato. No entanto, devido a diversidade de municípios em que ocorreram as entrevistas, criamos uma legenda para identificar a origem das falas e facilitar a compreensão. Assim, criamos abreviaturas para organizar a diversidade de sujeitos, referentes ao local da entrevista da seguinte forma: para o município de Japaratuba (JA); para o município de Laranjeiras (LA) e para o município de Simão Dias (SD). Sendo assim, os trechos das entrevistas foram citados das seguintes formas:

i) Morador: iniciamos a identificação com a abreviatura do município que o entrevistado representa, seguido do nome da gruta a que se refere, prosseguindo do sexo, finalizando com a sua idade. Ex.: JA, Casa do Caboclo, M, 40 anos.

ii) Órgão público: iniciamos com a abreviatura do município o qual pertence o entrevistado, seguido do órgão que representa e finalizado com o sexo e a idade do entrevistado. Ex.: SD, Secretária de Turismo, M, 27 anos.

iii) Agência de viagens e turismo: trataremos o entrevistado da agência pela numeração da ordem que foi realizada a entrevista, na sequência o sexo e a idade do entrevistado. Ex.: AG 01, M, 45 anos.

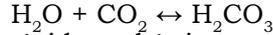
iv) As instituições de ensino: seguiremos a mesma forma que utilizamos ao citar os órgãos públicos, trazendo o município no qual a instituição está localizada. Na sequência, o nome da instituição de ensino, com o sexo do entrevistado e, por fim, sua idade. Ex.: LA, Escola Municipal Olavo Bilac, F, 27anos)

Pequeno/Grande Carste de Sergipe

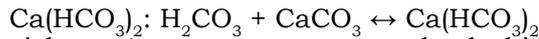
A formação da estrutura física das grutas perpassa por um processo que necessitou de longo período para a sua formação. As grutas tiveram origem a partir das várias modificações que ocorreram na formação da crosta terrestre ao longo do tempo geológico (PEREIRA, 2005). Além de minerais, a crosta terrestre é constituída por três grupos de rochas, divididos em ígneas, sedimentares e metamórficas. A maioria das grutas é formada por um complexo de rochas sedimentares, denominado carste, que se encontra em constante transformação, formando salões, galerias e condutos, segundo Ferreira e Martins (2001, p. 87):



Para o desenvolvimento de grutas, existem algumas condições, como a solubilidade da água, sua acidez e o seu grau de fissuras. O tipo de rocha que melhor se enquadra nestes quesitos é a rocha calcária. Quando a água da chuva passa pela atmosfera, dissolve e carrega dióxido de carbono (CO_2), formando o ácido carbônico (H_2CO_3). Ao passar pelas camadas superficiais do solo, a água carrega mais dióxido de carbono nele presente, tornando esta solução muito ácida. Esta etapa é chamada de acidulação da água:



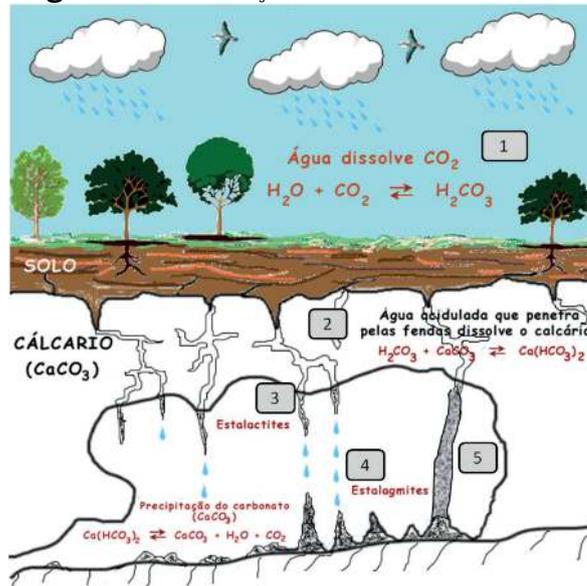
Seguindo o ciclo da água, o ácido carbônico penetra no solo em direção ao nível freático, onde atinge a rocha carbonática, infiltrando pelas fraturas e dissolvendo o carbonato de cálcio (CaCO_3) contido na rocha, obtendo como produto o bicarbonato de cálcio:



Continuando o ciclo, a água se torna saturada de bicarbonato de cálcio e perde sua capacidade de dissolução. Porém, as fissuras das rochas se juntam, quebrando o equilíbrio químico das soluções de cada fissura. Este desequilíbrio devolve à água sua propriedade de dissolução, criando na rocha espaços vazios e condutos.

Este espaço na rocha é o estágio inicial da formação das grutas, conforme Figura 04:

Figura 04: Formação das Grutas Calcárias



Fonte: <http://formacao-das-grutas-calcarias-das.html>, 2018

A dissolução lenta e contínua das rochas também cria os espeleotemas, isto é, depósitos químicos que podem apresentar diversos formatos, cores e dimensões, dependendo da morfologia da gruta, do tipo de mineral que foi depositado e qual o mecanismo de deposição (FERREIRA; MARTINS, 2001).

Nesse contexto, o Estado de Sergipe está situado numa área limítrofe de três províncias estruturais: a Província São Francisco, a Borborema, e a Província Costeira e Margem Continental (CPRM, 1998). Sergipe também está inserido na região cárstica do Supergrupo Canudos formado pelos grupos Estância e Vaza-barris.



Em Sergipe, o aparecimento de calcário representa 27,19% da produção mineral, numa bacia sedimentar que possui reservas calcárias de 105.878.047 toneladas, indicando o forte potencial espeleológico do Estado, fator que atrai várias indústrias de cimento devido ao potencial de produção e exportação para todo o país. Ressaltamos que mais de 90% das grutas se desenvolvem em calcário e dolomitos (AULER; BRANDI & RUBIOLLI, 2001).

Dois fatores contribuem para o agrupamento espacial das grutas sergipanas: as características geológicas do Estado e a proximidade geográfica entre elas. Assim, quatro áreas destacam-se pela similaridade, concentração e pela proximidade das grutas, são elas: Domínio Macururé, Domínio Vazabarris, Domos de Itabaiana e Grupo Sergipe.

Uma das atividades que mais se desenvolvem nas grutas é a espeleologia (do grego *spelayon* = cavernas + *logos* = estudo), palavra pouco conhecida do público geral, soa muito estranho quando tentamos associá-la com o estudo de grutas (LINO, 2001). O Brasil é um país que possui áreas potenciais para a ocorrência de grutas. Essas áreas, chamadas de Províncias Espeleológicas apresentam rochas calcárias de mesma origem e características geológicas semelhantes (DUARTE, 1997). Durante o processo de formação da crosta terrestre, o relevo sofreu mudanças ao longo do tempo, sendo que essas modificações proporcionaram o desenvolvimento das grutas naturais subterrâneas (PEREIRA, 2005).

As grutas são formadas por um complexo de rochas sedimentares, denominado carste. Este sistema dinâmico encontra-se em constante transformação, principalmente devido à infiltração da água, pois atua na formação, na moldagem e na deposição de várias feições, sendo este fenômeno de formação denominado de espeleogênese (FERREIRA e MARTINS, 1999; BAHIA e FERREIRA, 2005).

Nesse processo de dissolução das rochas também se desenvolvem os espeleotemas, ou seja, depósitos químicos que podem apresentar diversos formatos, cores e dimensões, dependendo da morfologia da gruta, do tipo de mineral depositado e mecanismo de deposição (FERREIRA, 2001).

Quanto à sua morfologia, vejamos a classificação das cavernas no Brasil, proposta por Clayton Lino, em 1975, e aprovada pela Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE):

Cavernas: define as cavidades subterrâneas penetráveis pelo homem, formadas por processos naturais, independentemente do tipo de rocha encaixante ou de suas dimensões, incluindo seu ambiente. Seu conteúdo mineral e hídrico, as comunidades animais e vegetais ali abrigadas e o corpo rochoso onde se inserem;

Grutas: são as cavernas com desenvolvimento predominantemente horizontal. Para fins de cadastro espeleológico devem possuir um mínimo de 20m de desenvolvimento em planta. Tal restrição segue uma tendência internacional de padronização dos cadastros espeleológicos;

Abrigos sob rocha: cavidades pouco profundas, abertas largamente em paredes rochosas, que sirvam de abrigo contra intempéries;



Tocas: cavidades intermediárias entre os abrigos sob rocha e as grutas, cujo desenvolvimento não atinja os 20m necessários para a sua classificação;

Abismo: são as cavernas predominantemente verticais, com desnível igual ou superior a 10m e diâmetro de entrada menor que seu desnível. Caso o desnível mínimo não seja atingido, denomina-se **fosso**;

Dolinas ou claraboias: depressões fechadas, circulares, em geral mais largas que profundas, formadas por dissolução das superfícies rochosas ou por abatimentos gerados por dissolução de rochas em profundidade (KARNOPP *et al.*, 2007)

Segundo Lino (1975), existem outros termos de uso local ou regional que tratam de cavidades subterrâneas no Brasil. Dentre eles, cabe destacar: “lapa”, utilizado para caverna; “gruta”, abrigo sob rocha, principalmente utilizado nas regiões Nordeste e Central do Brasil; “furna”, utilizado para abismos e dolinas, esse termo é restrito ao Sul e Sudeste brasileiro; “buraco soturno”, utilizado para grutas, o uso desse termo é comum no estado do Mato Grosso do Sul; “broia”, termo muito utilizado para as nascentes e ressurgências, comum no estado de Goiás; e “grunha”, utilizado para gruta e sumidouro, comuns nos estados de Goiás e Bahia.

Destacamos ainda o legado histórico das grutas cuja relação entre o homem se iniciou no período pré-histórico. De acordo com Figueiredo (2011), a relação entre grupos humanos e grutas em tempos mais antigos é demonstrada por indícios, registros e citações que vêm sendo transmitidos através dos tempos, nas lendas, mitos, crenças, presente documentos. Além dessas comprovações, também são encontrados em grutas, outros testemunhos das antigas populações, como: restos de fogueiras, utensílios e até sepultamentos, indicando a relação existente entre os povos antigos e as grutas. Estes vestígios engrandecem os sítios arqueológicos de interesse mundial (LINO, 2001).

Para Prous (2004), inicialmente as grutas serviram como condições para o habitat humano ou busca de refúgio, tanto para eremitas, que buscavam a solidão, como para populações que fugiam de inimigos. Figueiredo (2011) relata que os achados arqueológicos, a exemplo das fogueiras, ossadas, vestimentas, pedras lascadas, cerâmicas e outros, confirmaram sua utilização como uma das primeiras formas de abrigo, moradia ou templos religiosos, vindo a ser utilizadas, tempos depois, como refúgio durante guerras que ocorreram na Europa, Vietnã e Cuba.

Segundo Travassos (2011), a relação entre o homem e as grutas sempre esteve presente na evolução da história da humanidade. Entretanto, tal relação foi dividida em sentimentos topofílicos e topofóbicos. Por essa razão, a motivação do uso desses espaços pelo homem é diversificada, podendo assumir condições igualmente variadas como abrigos, esconderijos ou lugares sagrados. Assim, não é de se espantar que existam grutas por todo o mundo que se tornam importantes pontos para as lendas e histórias em diversas culturas.

Segundo Prous (2004), inúmeros vestígios das culturas passadas são encontrados nas regiões cársticas, evidenciando o interesse e a necessidade



do homem em ocupar as cavernas. Alguns desses vestígios, como o descarte de utensílios, foram abandonados por frequentadores, enquanto que as gravuras e pinturas rupestres foram deixadas de forma voluntária. Desse modo, os ambientes subterrâneos são locais privilegiados para a arqueologia, retratando aspectos cotidianos da vida de povos antigos.

Após o século XIX deram início às visitas científicas e a pesquisa, gerando dados contundentes e verídicos sobre as grutas do Brasil. De acordo com Lino (2001), as cavidades naturais subterrâneas existentes no país receberam expedições de inúmeros europeus, com a finalidade de reconhecer o vasto e rico patrimônio espeleológico do território brasileiro, sendo as primeiras expedições realizadas no século XIX pelos especialistas em história natural, Peter Lund, em Minas Gerais, e por Richard Krone, no Vale do Ribeira. No entanto, é provável que bem antes, moradores locais se arriscaram em visitas rápidas às grutas próximas das suas moradias.

Ainda no século XIX, as grutas começaram a ser visitadas no Brasil motivadas, principalmente, por questões religiosas, ou seja, reunindo um número significativo de visitantes atraídos mais pela fé do que pela beleza destes ambientes. Há registros de inúmeras grutas brasileiras se tornarem ambientes de santuários. Dentre as mais visitadas estão a Lapa de Bom Jesus, a Gruta Mangabeira e a Gruta dos Brejões, na Bahia; e a Terra Ronca, em Goiás, inclusive com festas e romarias anuais (KARNOPP. *et. al*, 2007).

A partir do século XX, as grutas registram as primeiras visitas direcionadas ao lazer, quando, pequenos grupos começam a procurá-las para a prática de esporte. De fato, conforme a ABETA (2009), a atividade turística em grutas ocorre em virtude dos atrativos naturais, sobretudo, a existência dos Parques Nacionais. Além disso, as grutas encantam pela forma curiosa como são formados os cristais e demais depósitos minerais, esculpidos pelo trabalho da água.

Assim, diante da expansão do interesse em explorar o interior das grutas, foram estabelecidos mecanismos de controle e fiscalização, com adoção de normas e legislação com vistas à preservação do patrimônio natural. Em 1987, por exemplo, uma Resolução do Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA) propôs a preservação do patrimônio espeleológico do país. Segundo Lobo (2006), o patrimônio espeleológico é composto pelas cavidades naturais, englobando os componentes bióticos, abióticos, o corpo rochoso, os vestígios de ocupação ancestral e as relações geradas entre os elementos citados e as comunidades que as cercam.

Em 1990, o controle e a fiscalização do uso das grutas brasileiras passaram a ser do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). No mesmo ano, o Decreto Federal nº 99.556, determina a preservação desses ambientes. O IBAMA atua como órgão executor dessa legislação, por intermédio do Centro Nacional de Estudo, Proteção e



Manejo de Cavernas (CECAV), criado em 1997 (FERREIRA; MARTINS, 2001).

Em novembro de 2008, um novo decreto é instituído, apresentando uma nova redação de alguns artigos do decreto anterior e acrescentando outros. Portanto, de acordo com a Legislação Federal brasileira, Decreto nº 6.640, de 07 de novembro de 2008, artigo 1º, Parágrafo único:

Entende-se por cavidade natural subterrânea todo e qualquer espaço subterrâneo acessível pelo ser humano, com ou sem abertura identificada, popularmente conhecido como caverna, gruta, lapa, toca, abismo, furna ou buraco, incluindo seu ambiente, conteúdo mineral e hídrico, a fauna e a flora ali encontrados e o corpo rochoso onde os mesmos se inserem, desde que tenham sido formados por processos naturais, independentemente de suas dimensões ou tipo de rocha encaixante (BRASIL, 2008).

Os dados de agosto de 2018, do Cadastro Nacional de Cavernas do Brasil (CANIE/CECAV, 2018), apresentam 18.012 cavernas registradas, conforme demonstrado no Quadro 9. O Acre é o único Estado da Federação que não possui registro de grutas no Brasil:

Quadro 09: Brasil: distribuição das grutas por Estado, segundo Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas – CECAV (2018)

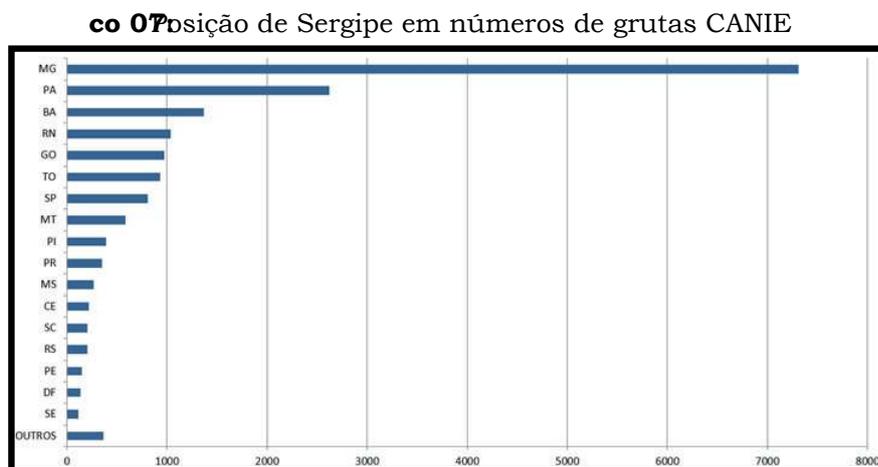
UF	GRUTAS	%BRASIL
MG	7446	41,02
PA	2620	14,43
BA	1367	7,53
RN	1034	5,70
GO	973	5,36
TO	936	5,16
SP	805	4,43
MT	582	3,21
PI	389	2,14
PR	349	1,92
MS	268	1,48
CE	217	1,20
SC	205	1,13
RS	204	1,12
PE	148	0,82
DF	133	0,73
SE	114	0,63
RJ	110	0,61
MA	108	0,59
AM	49	0,27
RO	28	0,15
ES	26	0,14
PB	14	0,08
AP	13	0,07
AL	12	0,07
RR	2	0,01
TOTAL	18.012	100

Fonte: Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas – CECAV, 2018.
Organização: SANTOS, Jorgenaldo Calazans dos.



Por abrigar algumas das maiores e mais belas grutas do mundo, o Brasil é um dos países mais procurados por expedições espeleológicas. A maior gruta do Hemisfério Sul, denominada de Toca da Boa Vista, está localizada no município de Campo Formoso/BA, no qual existem outras grutas grandiosas formando um conjunto de relevância geológica mundial (LINO, 2001).

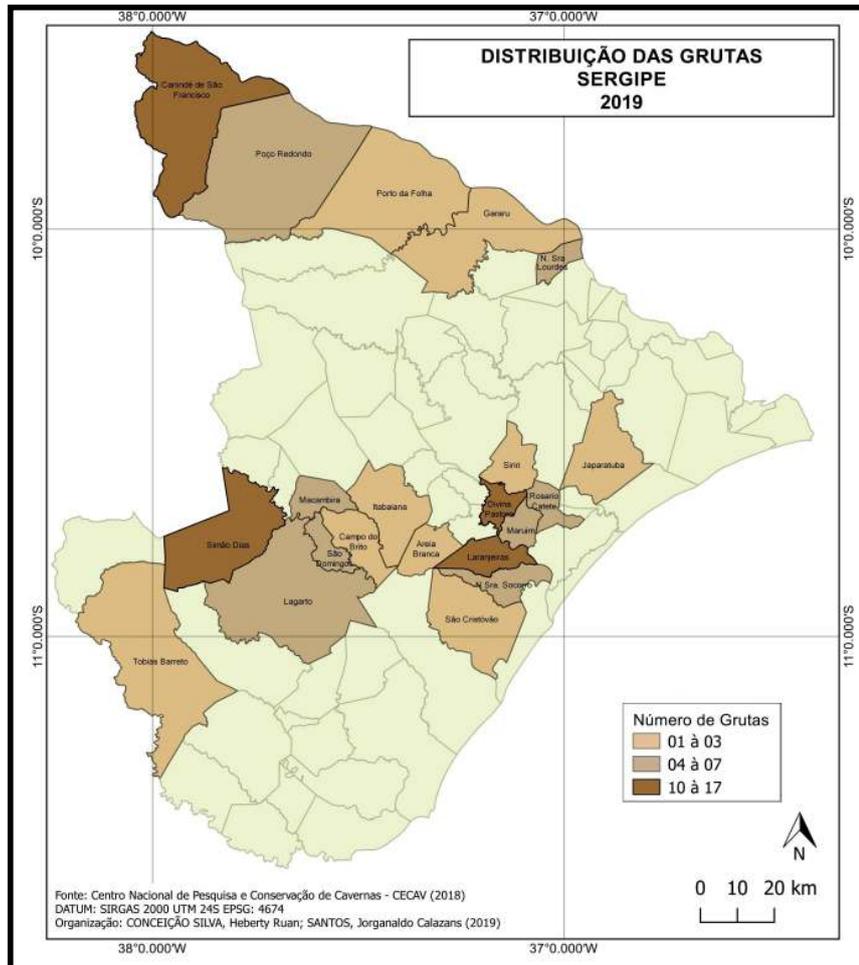
Conforme distribuição das grutas no Quadro 10, observamos o grande potencial espeleológico existente no Brasil. O Estado de Sergipe, apesar de ser a menor unidade federativa do país, possui 114 grutas registradas. Embora identifique uma quantidade considerável, as grutas sergipanas ainda não são objetos de pesquisa recorrentemente estudados em ambientes acadêmicos. No Gráfico 07, observamos a quantidade de grutas existentes em Sergipe, em parâmetro com os demais Estados brasileiros. Sergipe ocupa o 17º lugar em número de grutas cadastradas:



Fonte: Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas – CECAV, 2018.
Organização: RAMOS, Luan Lacerda; SANTOS, Jorginaldo Calazans dos.

Como dissemos, são 114 grutas distribuídas em 21 municípios sergipanos, destacando os municípios de Laranjeiras, Simão Dias e Canindé de São Francisco (Quadro 11). A Figura 05, mostra a distribuição das grutas no Estado.



Figura 05: Sergipe: Distribuição de grutas por município

Fonte: Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas (CECAV), 2018.
 Organização: CONCEIÇÃO SILVA, Heberty Ruan; SANTOS, Jorginaldo Calazans dos. 2019

Conforme a Figura 05, visualizamos a maioria das grutas situadas na mesma faixa, exatamente no trecho em que se encontra o calcário em Sergipe, acompanhando a falha Olhos D'água, iniciando na parte interna do Estado, no sentido Oeste para o Leste.



Quadro 10: Distribuição das grutas em Sergipe por município

Município	Quantidade de Grutas	Representação (em %)
Laranjeiras	17	14,91
Simão Dias	15	13,16
Canindé de São Francisco	14	12,28
Divina Pastora	10	8,77
Lagarto	7	6,14
Nossa Senhora do Socorro	7	6,14
Macambira	5	4,39
Maruim	5	4,39
Poço Redondo	5	4,39
Rosário do Catete	5	4,39
Nossa Senhora de Lourdes	4	3,51
São Domingos	4	3,51
Japarutuba	3	2,63
Tobias Barreto	3	2,63
Itabaiana	2	1,75
São Cristóvão	2	1,75
Siriri	2	1,75
Areia Branca	1	0,88
Campo do Brito	1	0,88
Gararu	1	0,88
Porto da Folha	1	0,88
Total	114	100,00

Fonte: Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas – CECAV, 2018.
Organização: RAMOS, Luan Lacerda; SANTOS, Jorginaldo Calazans dos.

O cadastro atual das grutas se deve às prospecções realizadas pelos membros da ONG Centro da Terra, composta por um grupo de espeleólogos do Estado de Sergipe, que vêm registrando, aos poucos, tudo o que se observa relacionada à arqueologia histórica e pré-histórica, tanto dentro como no entorno de algumas grutas. Desse modo, contribuindo/fomentando o banco de dados do CECAV.

A ONG Centro da Terra é uma Organização da Sociedade Civil, de direito privado, sem fins lucrativos, que atua em pesquisas e conservação do Patrimônio Espeleológico, abrangendo os biomas nas quais as grutas estão inseridas, além de promover ações voltadas para os moradores locais (SILVA, 2017).

A ONG Centro da Terra possui título de utilidade pública estadual⁴ desde seu surgimento em 2002. Tem atuação socioambiental ao desenvolver atividades de cunho informativo, tais como, palestras, oficinas, curso, capacitações, ações de sensibilização ambiental, execução de projetos, além de exercer atividades corriqueiras de prospecção e monitoramento de cavernas, difundindo

⁴ Quando o Estado concede o título de utilidade pública a entidades e organizações é porque reconhece os benefícios sociais e a importância das atuações destes grupos nas comunidades em que estão inseridas.

conhecimentos sobre espeleologia, meio ambiente e demais áreas correlatas⁵.

Ultimamente, as grutas no Brasil vêm despertando o interesse direcionado ao valor do calcário para as indústrias e, também, como atrativo turístico. Estes fatores vêm incentivando pesquisas relacionadas à arqueologia, geologia e biologia, principalmente.

Situando as grutas: contexto geopolítico

Neste subcapítulo, sintetizamos os aspectos históricos, a potencialidade econômica e os referenciais sobre as práticas turísticas dos três municípios que sediam as 06 grutas selecionadas, a saber: i) município de Japaratuba, a Gruta Casa do Caboclo; ii) município de Laranjeiras, a Gruta da Matriana, a Pedra Furada e a Pedra Furada II; e iii) município de Simão Dias, a Furna de Dorinha e a Gruta Toca da Raposa.

Japaratuba

O município de Japaratuba está localizado a 60km da capital Aracaju e o acesso é realizado por rodovias pavimentadas. Sua população de 16.864 habitantes (IBGE, 2018), está distribuída entre a sede e 17 povoados. De acordo com o Dicionário Michaelis (1998), a toponímia da palavra Japaratuba está relacionada a *Japara* o mesmo que terreno arenoso na beira do mar e que se alaga no inverno e *tuba*, que quer dizer o mesmo que *tiba* = abundância. Segundo Sampaio (1955), *Yapara-Tyba*, significa “o sítio dos arcos, onde abundam arcos”. Segundo lendas populares, o nome da cidade foi uma homenagem ao chefe indígena, Japaratuba, da tribo Tupinambá.

A história econômica de Japaratuba associa seu apogeu à época da cana-de-açúcar em Sergipe, entre os séculos XVIII a XIX. A estatística econômica do setor primário ainda é baseada na cana-de-açúcar, seguida de produção de coco-da-baía, mandioca e laranja. Trata-se de um município proeminente para a economia local. Destaca-se também a exploração dos recursos minerais, como o petróleo, o gás natural, o sal-gema e o calcário. O comércio local é movimentado por dez minimercados, mais oito pequenas lojas de confecções, padarias, farmácias e a feira livre acontece aos sábados (MENDONÇA, 2002). Dentre os investimentos públicos realizados no município, destacam-se a implantação das feiras livres nos principais povoados do município.

Sobre as manifestações culturais, o artesanato de Japaratuba se destaca pela produção de cestos de palha, utensílios de pesca (jererê, covo, rede de pesca), chapéu de palha e vassoura; bordados em ponto de cruz, ponto cheio, crochê



e peças feitas em tear. Além do artesanato, destacam-se também os folguedos tradicionais dos grupos da sede e dos povoados, tais como: Cacumbi, Chegança, Reisado, Maracatu, Guerreiro, Maculêle e Pastoril. Dentre as manifestações contemporâneas⁶, destacam-se as quadrilhas e outros grupos de dança, teatro e música que se manifestam na sede e nos povoados (VARGAS, 2009).

Em Japaratuba nasceu Arthur Bispo do Rosário, artista plástico internacionalmente reconhecido que dá nome ao Festival que acontece desde 2003, simultaneamente a Jornada Cultural, com o intuito de homenagear a personalidade.

Além das festas e manifestações culturais, Japaratuba também possui atrativos naturais como o banho nas lagoas do Rio do Prata. Trata-se de uma lagoa com águas cristalinas, de formação calcária, cuja ação da Companhia de Saneamento de Sergipe (DESO), mantém protegido um minadouro que capta água para abastecer a cidade de Japaratuba.

Além do Banho do Prata existe a Gruta Casa do Caboclo, objeto de nosso estudo. Situada a 3km do Rio do Prata, aproximadamente, recebe visitas constantes, sendo frequentada por escolas que praticam os ensinamentos da sala de aula. No capítulo três nos aprofundaremos sobre as características e as potencialidades turísticas tanto do município quanto da gruta.

Laranjeiras

O município de Laranjeiras está localizado a 24km de distância da capital Aracaju cujo acesso ocorre por rodovias pavimentadas. Possui transporte alternativo e linha regular de ônibus. Sua população é formada por 29.902 habitantes (IBGE, 2018), distribuídos entre a sede e onze povoados.

Segundo Freire (1977), o nome Laranjeiras faz alusão ao antigo povoado que surgiu de um laranjal denominado Sítio das Laranjeiras, pertencente ao Engenho Comandaroba, no século XVII. Anos depois surgiu o porto de Laranjeiras que, na sequência, denominou o nome do município. O porto utilizado para o embarque de barcos a vapor e saveiros se tornaria um dos mais importantes pontos de escoamento da produção agrícola da Província, em especial da cana-de-açúcar e do algodão.

O município possui comércio com variadas opções, desde armazéns, bares, churrascarias, restaurantes, supermercados, a casas lotéricas, agências bancárias, oficinas mecânicas, postos de combustíveis, dentre outros serviços. A feira livre acontece no dia de sábado e atende à sede do município e aos povoados das proximidades.

⁶ Manifestação tradicional enraizada é aquela que se reproduz de geração a geração; manifestação ressignificada contemporânea é aquela que apresenta alterações na forma ou na estrutura. Ver Vargas (2009).



Laranjeiras pautou sua economia na cana-de-açúcar e no comércio de escravos cujas presenças deixaram traços marcantes na arquitetura e na cultura do município. A cidade guarda em seus monumentos vestígios dos colonizadores que contribuíram de forma efetiva para a evolução urbana. Os monumentos religiosos, ruínas, prédios antigos e as ruas guardam sinais da história e das tradições. Por esse motivo Laranjeiras é considerada um sítio histórico que mantém viva a tradição das culturas indígenas, negra e portuguesa (MENDONÇA, 2002).

Dentre as manifestações culturais destacam: Reisado, Taieira, Lambesujo, Caboclinho, Cacumbi, Dança de São Gonçalo, Chegança, Samba de Coco, são marcas da preservação da riqueza cultural de Laranjeiras. O Encontro Cultural de Laranjeiras, realizado desde 1976, insere Laranjeiras no circuito nacional de eventos folclóricos e apresentações de grupos de outros Estados.

Além do panorama cultural, o município possui belezas naturais que recebe atividades turísticas. A segmentação do espeleoturismo, por exemplo, possui o maior número de grutas catalogadas pelo CECAV, totalizando 17 grutas, formando seu conjunto espeleológico. Dentre essas 17 grutas, duas já fazem parte de roteiros divulgados em mapas turísticos da prefeitura, como: a Gruta da Pedra Furada e a Gruta da Matriana.

Simão Dias

Com características bem diferentes dos municípios anteriores, Simão Dias teve o seu povoamento caracterizado, principalmente, pela criação de animais. Diversos tipos de rebanhos foram levados para a região desde o século XVIII cujo destaque ocorre pela produção de carnes bovinas. De fato, a atividade principal é a bovinocultura que se constitui de animais mestiços Holandês com Zebu. Há ainda os rebanhos ovino, suíno, equino e caprino. No ramo da avicultura, o município já foi um dos maiores criadores de avestruz do Brasil (MENDONÇA, 2002).

O município de Simão Dias, distante 106km da capital Aracaju, possui 560km² de área, e população de 38.702 habitantes, segundo IBGE (2018). O nome do município é uma homenagem a Simão Dias Francês, pioneiro nessa localidade. Em meados do século XVII, procedente da Região de Itabaiana, Simão Dias Francês chegou ao sertão do rio Vaza-Barris, onde se fixou com seu rebanho de gado. Nessa época as terras pertenciam à freguesia de Nossa Senhora da Piedade, do município sergipano de Lagarto.

Atualmente, o município de Simão Dias possui 118 povoados (MENDONÇA, 2002), que fornecem um comércio diversificado. A sede municipal tem um mercado permanente no centro comercial, com o dia da feira livre acontecendo na segunda-feira que reúne a maior concentração de comerciantes e consumidores de todos



os povoados e de municípios vizinhos, por exemplo, Pinhão e Paripiranga/BA.

O comércio apresenta-se bem diversificado, com mais de 450 estabelecimentos, dentre eles, 05 agências bancárias, supermercados, lojas de confecções, farmácias, panificações, bares, restaurantes, além de hotéis e pousadas, uma infraestrutura preparada não só para atender os moradores, mas também os seus visitantes (MENDONÇA, 2002). O acesso ao município é feito por rodovias pavimentadas, através de transportes alternativos, carros particulares e empresa de ônibus que fazem linhas diárias para este destino.

No calendário de eventos, em Simão Dias se comemora o carnaval, as festas juninas, e a padroeira Nossa Senhora Santana cuja festa é precedida pelo novenário, missa festiva, batizados e procissão. Há ainda a Festa do Vaqueiro, com desfile dos cavaleiros pelas ruas de alguns povoados e da sede municipal. Além disso, as manifestações culturais na cidade são ricas e variadas, dentre as quais destaca-se o Samba de Coco, São Gonçalo, Capoeira, Cordelistas, Repentistas e quadrilhas Juninas.

Quanto a beleza natural, Simão Dias possui 15 (quinze) grutas cadastradas no banco de dados do CECAV mas, para nosso estudo, selecionamos a Furna de Dorinha e a Gruta Toca da Raposa, por serem as mais conhecidas entre a população e possuírem moradores nas suas proximidades. Elas estão localizadas respectivamente, no povoado Colônia Governador Valadares e povoado Raposa. Além disso, ambas as grutas possuem estudos sobre o contexto da formação geológica que se encontram.

Paisagem que se vê, paisagem que se estuda

As diversas definições de paisagem encontradas na Geografia têm nos ajudado a compreender a paisagem cultural. Para tanto, procuramos apoiar em autores que definem a paisagem como um conceito abrangente de entendimento, a partir dos resultados que as relações humanas imprimem no espaço.

O conceito de paisagem não é único e deve ser concebido de forma plural. É, seguramente, nesse vasto campo que procuramos enfatizar o entendimento de paisagem cultural que significa uma paisagem experienciada, inserida no mundo vivido.

O conceito de paisagem é um dos mais antigos da Geografia e, em certo momento, os geógrafos chegam a afirmar que a Geografia seria a ciência das paisagens. Já no início do século XX, a paisagem foi um dos primeiros temas a serem abordados numa perspectiva cultural pelos geógrafos alemães, sendo posteriormente incorporado pela Geografia Cultural, por meio do geógrafo americano Carl Ortwin Sauer.



Na década de 1940, ganha destaque a análise morfológica da paisagem, considerando apenas os aspectos materiais da cultura. Momento em que o positivismo influenciava a maneira de se pensar o espaço. Segundo Melo (2001), a paisagem é esquecida nas décadas seguintes só voltando a ressurgir nas discussões em 1970, quando volta a ser um dos conceitos-chave da Geografia, considerando aspectos subjetivos na análise de seus significados. Outra importante contribuição desse período é a de James Duncan, que interpreta a paisagem como um texto no qual podem ser lidos os processos sociais e culturais neles apresentados (MELO, 2001).

A partir de 1970 a Geografia Humanista, desenvolvida pelos geógrafos americanos, trouxe em sua base a crítica ao positivismo lógico, introduzido pela “revolução teórica-quantitativa” (MELO, 2001, p.32), defendendo que as ações humanas só podem ser entendidas por meio de teorias que considerem seus significados, valores, propósitos, objetivos e aspectos subjetivos.

É ainda nesse momento que a simbologia da paisagem é analisada por meio de obras literárias, pintura, música e cinema considerando sua representação por diferentes grupos sociais. A partir do que é visto, com novos objetos de estudos, novas metodologias, novos vocabulários, baseando-se em teorias fornecidas pelas ciências sociais e pelas humanidades (MELO, 2001), a ciência geográfica, firma-se como objeto, o espaço delineado por meio da relação sociedade-natureza e se dinamiza.

Outras interpretações foram adotadas sobre a paisagem, importando-se com a inserção do homem no contexto de sua formação. Mas também, mesmo na função de observador o homem faz parte dessa paisagem a qual está sendo observada. Segundo Silva (2001, p. 37), a palavra “paisagem, no seu sentido etimológico é aquilo que se vê, o que pode ser compreendido como o que se tem ao alcance da vista; aproxima-se da palavra italiana *paesaggio*, que surge na pintura durante o Renascimento”. Daí se depreendeu que a paisagem é tudo aquilo que os nossos olhos abarcam, em um único lance de vista, estando sujeita a ser interpretada conforme o olhar de cada indivíduo que a vê naquele exato momento.

Essa interpretação da paisagem, como espaço visual, foi mantida durante muito tempo na Geografia pelos produtores da corrente positivista. A partir de Sauer (2004), uma nova interpretação humanista é dada à paisagem. Ele foi o primeiro autor da Geografia que fez a junção entre o natural e o cultural, uma ligação entre o homem e a natureza. Segundo o autor, a paisagem é uma união das qualidades físicas de uma determinada área que são significantes para o homem e da forma como se utiliza essas áreas. Estas qualidades da área se constituem na “paisagem cultural”, considerada como a forma mais



estritamente geográfica de se pensar a cultura (SAUER, 2004).

Não podemos formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, como suas relações vinculadas com o espaço. Ela está em um processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição. Assim, no sentido cronológico, a alteração da área modificada pelo homem e sua apropriação para o uso são de importância fundamental. A área anterior à atividade humana é representada por um conjunto de fatos morfológicos, as formas que o homem introduziu é outro conjunto (SAUER, 2004, p. 42).

Nesse sentido, Cosgrove (2004) apresenta a cultura como um sistema significativo pela qual uma ordem social é comunicada, reproduzida, experimentada e explorada. Propondo a integração entre o materialismo dialético e a apreensão da paisagem por meio de seu significado, ele considera que a paisagem deve ser analisada como resultante da forma como a sociedade a organiza a partir do modo de produção, dotando-a de significado.

Mas na retomada da visão cultural da paisagem, apresenta uma análise entre dois tipos de paisagens entre a paisagem da cultura dominante e as paisagens alternativas (COSGROVE, 2004). A cultura dominante procura produzir paisagens de acordo com sua imagem de mundo e tem essa imagem aceita como realidade de todos, enquanto as paisagens alternativas seriam produzidas por grupos não-dominantes, logo, teriam menos visibilidade.

Por isso, analisamos a possibilidade das grutas se tornarem um atrativo turístico pelas contribuições do método fenomenológico que nos fornece a possibilidade de analisar o significado que as paisagens têm para o indivíduo que habita as proximidades das grutas, mas também, pelas experiências coletivas referentes aos sentimentos gerados pelas vivências nesses lugares.

A paisagem cárstica, objeto de nosso estudo, é apreendida pelos elementos culturais resultantes da interferência da sociedade sobre a natureza. Segundo Sauer (2004), trata-se de como a paisagem natural é modelada por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural, o resultado. Dardel (1952) insere o homem na paisagem não tendo como separar o homem da natureza, inclusive afirmando, que homem e terra são uma coisa só. Então, não há nada mais humanista do que pensar nas relações essenciais que nos ligam a tudo que nos cerca.

A relação entre o homem e seu lugar normalmente definem as características culturais do indivíduo e da comunidade na qual está inserido. As formas de adaptação, os modos de vida que levam a conviver com as diversidades os tornam singulares, pois, cada ambiente é único. A relação com o lugar dá origem às paisagens, entendendo que a paisagem é o resultado dessas relações do sujeito que habita o espaço. Para Tuan (1980, p. 37), o reconhecimento e as relações com



o espaço se transformam em lugar à medida que adquire definições e significados.

Tais relações atribuem características e simbolismo aos espaços habituais de vida, marcando-os com sinais que os tornam únicos. Esse é o contexto em que Berque (1984) traduz como paisagem marca e paisagem matriz, entendendo que a sociedade se organiza, transforma e, em certos casos, escolhe seu meio ambiente que é a expressão do seu modo de vida. Por outro lado, a “cultura” contribui para a interpretação do espaço, permite a articulação entre o imaginário e as “coisas do real”.

Dentre outros autores, o geógrafo francês Paul Claval (1999) procura integrar as lógicas culturais aos estudos da paisagem, ou seja, os espaços humanizados superpõem múltiplas lógicas: ora são parte funcionais, ora simbólicos. A cultura marca-os de diversas maneiras, modelando-os através das tecnologias empregadas para explorar as terras ou construindo os equipamentos e as habitações; molda-os através das preferências e os valores que dão às sociedades suas capacidades de estruturar espaços mais ou menos extensos e explicam o lugar atribuído às diversas facetas da vida social; ajuda, enfim a concebê-los através das representações que dão um sentido ao grupo, ao meio em que vive e ao destino de cada um.

O conceito de paisagem é basilar nas nossas discussões, pois, o estudo da paisagem possibilita projeções de uso, gestão de espaço e planejamento territorial. Segundo Figueiró (2001, p. 5), “a maior parte dos estudos ambientais atualmente realizados, reporta a diferentes modelos e concepções teóricas do conjunto unitário da natureza visível, ou seja, aquilo que chamamos Paisagem”, no entanto, a sua discussão na Geografia vem sendo baseada no entendimento das relações sociais e naturais em um determinado espaço.

Compreendendo o turismo como uma atividade econômica que tem nas paisagens o elemento fundante para a existência da atividade, tanto para o consumo como para o planejamento e execução dos seus roteiros, a paisagem é tomada também como produto vendido por uma infinidade de canais de comercialização.

A paisagem pode ser interpretada de diversas formas, a depender do olhar de quem estiver observando. Em nossa perspectiva, comungamos com Souza (2013), quando o mesmo coloca que o conceito de paisagem tem, tradicionalmente, um escopo mais específico, ligado, primordialmente, ao espaço abarcado pela visão de um observador. Esta visão estará influenciada por fatores externos que interferem no olhar, como a proximidade ou à distância, a sintonia entre o corpo e a mente, o pré-conhecimento sobre o que está sendo observado.

O observador da paisagem, além de expectador também faz parte dela, pois, não só a observa como também analisa. O turista, ao viajar, ele se insere



na paisagem que o sensibiliza. Consiste o diferencial para o “novo turista”, pois diferente do turista nos moldes convencionais que mantém uma relação mais estática com as paisagens, os novos turistas não só observam, mas vivenciam e experienciam o que a paisagem proporciona.

Nesse contexto, Souza (2013) considera a paisagem como uma forma, uma aparência. O conteúdo por trás dela pode estar em consonância ou em contradição com essa forma e com o que ela, por hábito ou ideologia, nos sugere. Daí que se torna suscetível de apresentar descompasso entre a realidade e o que ela aparenta ser.

Diante de uma paisagem é necessário questionar o que ela oculta ou pode ocultar. Quem observa precisa ir além do que está sendo visualizado, “é conveniente sempre buscar interpretá-la ou decodificá-la à luz das relações entre forma e conteúdo, aparência e essência” (SOUZA, 2013, p. 48), pois o que torna possível essa trama de acontecimentos é o grau de percepção do sujeito que observa, interpreta e interage com as respectivas paisagens. No entanto, quando se fala de uma paisagem apropriada pelo turismo temos dois olhares: o do sujeito turista, que consome um roteiro turístico, e, o olhar do sujeito residente nas proximidades do atrativo que está sendo comercializado.

Na dinâmica do cotidiano, em contato com as grutas, os moradores das comunidades de entorno marcam a paisagem com sinais que são peculiares da sua comunidade, que representam características do seu lugar. Apoiado nos fundamentos da Geografia Cultural, no sentido que a comunidade percebe a sua relação com a natureza.

O conceito de paisagem marca e paisagem matriz criado por Berque (2004). É uma expressão dos resultados que a sociedade imprime na natureza mediante os usos nela desenvolvidos. Conforme Berque, o conceito de paisagem marca seria a expressão de uma civilização e o conceito de paisagem matriz seria formado pelos esquemas de percepção e ação das sociedades na paisagem: a sociedade que a produz, reproduz e a transforma em função de certa lógica. Como marca, a paisagem pode e deve ser descrita e inventariada pelos elementos que estão sendo visualizados correspondendo aos elementos contáveis vistos na paisagem. Tal desfecho é lógico na medida em que só se considera a paisagem como marca, ou seja, fazendo abstração do sujeito com o qual essa paisagem se relaciona. Segundo Berque (1998), é preciso compreender a paisagem de dois modos:

por um lado, ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política, e por outro lado, ela é matriz, ou seja, determina em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética e essa moral, essa política etc. Na formação dessa paisagem matriz, insistimos na ideia



de que o sujeito em questão é um sujeito coletivo: é uma sociedade, dotada de uma história e de um meio (BERQUE, 1998, p. 86).

A paisagem não se reduz à sua visibilidade, pois, para o geógrafo, por exemplo, ela é vista a partir de uma intenção de conhecimento e intervenção, ou seja, a partir de uma projeção (existencial e cultural). Por isso, outra observação sobre a paisagem não se limita a da visibilidade, mas do que é atribuído a sua função e sua significação, as quais mudam segundo as posturas mais realistas ou mais subjetivas.

De fato, conforme Berque (1998), o que está em causa não é somente a percepção, mas os sentidos; não somente a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo.

Entendemos que para compreendermos o sentido que cada sujeito destinará à paisagem é preciso compreender o papel que ele exerce na formação dessa paisagem. Desse modo, é através das representações sociais que iremos compreender as diversas possibilidades de apropriação das paisagens pelos sujeitos que se relacionam de alguma forma com o espaço. Para Jodelet (1993), as representações sociais são modalidades de conhecimentos práticos orientados para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. Tais representações são formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos — imagens, conceitos, categorias, teorias — mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, elas contribuem para a construção de uma realidade comum que possibilita a comunicação.

Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados por seu conteúdo cognitivo, são entendidos pelo contexto no qual está sendo produzido. Se compreendermos as representações, saberemos identificar qual a importância e significado que cada paisagem possui na vida do sujeito observado, diante da perspectiva de captar símbolos que, de alguma forma, representem as experiências vividas no seu lugar, sendo uma representação individual e/ou coletiva. Esse símbolo também pode inferir um indicativo de sentimento topofílico ou topofóbico (TUAN, 2012), a depender da experiência existente com o lugar.

Na perspectiva da representação social, o conceito de paisagem se situou na dicotomia existente entre a realidade vista pelo observador e a construída pelos sujeitos que a compõe. Segundo Cosgrove (2004), a análise da paisagem não deve ater-se apenas à ciência, mas também à experiência que dela se pode ter. Isto possibilita



estabelecer e entender relações de significados que variam de acordo com contextos culturais diferentes, acrescentando mais elementos para os estudos da paisagem.

A paisagem refere-se aos mundos de significados, à metáfora dotada de sentido geográfico, pois, envolve diferenças espaciais dos significados criados (COSGROVE, 2004). Desse modo, o significado da paisagem cárstica cumpre relevante papel, ou seja, não é nem um produto exclusivo dos sentidos, nem do intelecto, mas decorrente de uma relação entre ambos, numa perspectiva mais fenomênica da relação entre cultura, espaço e sujeitos.

Nas análises de Almeida (2008), as paisagens constituem patrimônio sociais, históricos e culturais das diferentes comunidades humanas e, como tais, se caracterizam por serem, simultaneamente, patrimônios materiais e imateriais, permanentes e cambiantes. A paisagem reflete a dinâmica que move, produz e se apropria do mundo, na sua condição de horizonte de vida e em diversos campos científicos. Atualmente, há um crescente interesse pela estética, pela ética, pela valoração e pelo significado das paisagens.

Existem paisagens que se tornam referências. Quando ocorre a construção de referentes a partir da paisagem e que dão sentido à vida de determinadas pessoas e grupos, é que os elementos da paisagem ou a própria paisagem são tomados como símbolos. Elas refletem formas de como os seres humanos interiorizam o espaço, a natureza e os integram ao seu próprio sistema cultural (ALMEIDA, 2008).

A paisagem natural, na maioria das vezes, está submetida à transformação nas mãos dos homens. Por meio de suas práticas faz uso dos recursos naturais, em muitos casos alterando-as, em outros, destruindo-as. Ao se apropriar de uma paisagem, o turismo incentiva uma leitura das pessoas que a visitam a partir do que é visível aos olhos de quem observa. Ressaltamos que cada olhar possui uma leitura diferenciada do que está sendo visto.

Para realizar a “leitura da paisagem” pressupõe a necessidade de perceber as marcas dos grupos sociais sobre o visível. Não se tratam de cenários “mortos”, mas as paisagens possuem códigos e transmitem informações, de cenas vivenciadas nesses espaços (MELO, 2001). A paisagem como “sistema significante”, em geral, apresenta-se em três aspectos:

- i) a maneira como as pessoas consideram a natureza da paisagem, a importância e a natureza da paisagem podem diferir no tempo e também dentro dos grupos sociais ou entre eles;
- ii) os valores diferenciados que tem a paisagem para os intérpretes externos a ela e os intérpretes locais, analisados por meio dos discursos;
- iii) o sistema de significação implica à paisagem. Aqui, ressalta-se a importância do pesquisador, enquanto intérprete externo, para analisar o relacionamento entre diferentes elementos do sistema cultural (MELO, 2001, p. 43).



Sendo assim, a leitura da paisagem necessita de um olhar interdisciplinar da cultura, ou seja, não considerada apenas um “sistema significante”, mas um texto que leva a múltiplas leituras.

Segundo Melo (2001), para entender o papel que as paisagens desempenham dentro dos sistemas culturais, é necessário centrar nossa atenção na significação e na retórica da paisagem. Desse modo, investigar o papel da textualidade e da intertextualidade no debate dos discursos e nos significados que as paisagens têm a transmitir. Nesse contexto, o geoturismo é uma modalidade de turismo que tenta incorporar em seu conceito uma leitura da paisagem da forma como ela é, explorando o conhecimento acadêmico dos processos que foram vividos pela paisagem vislumbrada pelos visitantes. A apropriação do turismo interfere na vida das pessoas, alterando as paisagens que são ressignificadas como atrativos turísticos.

Dentre estas paisagens inserimos as grutas cuja estimativa, cerca de 750 delas, desenvolvem atividades turísticas, atraindo 30 milhões de visitantes. No próximo capítulo, aprofundaremos a discussão sobre as mudanças provocadas pela atividade turística nos últimos tempos, e, como a natureza foi tratada nessa apropriação pelo turismo, envolvendo as instituições, as políticas públicas e os autores que fundamentam esses debates.



O TURISMO E A RELAÇÃO DIALÓGICA COM A NATUREZA



Afloramento calcário no município de Japaratuba.
Autor: RAMOS, Luan Lacerda (2018).



A trajetória do turismo é marcada por elementos que valorizam tanto o seu desenvolvimento vertiginoso quanto por críticas aos impactos trazidos aos espaços que desenvolvem as práticas. Neste capítulo, evidenciamos o processo de apropriação, o consumo de ambientes naturais e as diversas possibilidades de desenvolvimento econômico. Para isso, apresentamos alguns conceitos de turismo vistos como atividade econômica e, também, os principais elementos que compõem o turismo praticado em grutas turísticas no Estado de Minas Gerais, sistematizado pelo Roteiro das Grutas Peter Lund.

Dos Fundamentos à Segmentação do Turismo

A possibilidade real da ocorrência de desastres ambientais, incluindo, os problemas de poluição, ameaçando a qualidade de vida, impulsionou o surgimento de vários movimentos, governamentais e não-governamentais, que orientam e propõem a preservação e/ou a conservação da natureza, como marco para a construção de um novo modelo de desenvolvimento sustentável e de civilização. Logo, a necessidade da mudança de paradigmas relacionados aos diversos usos da natureza aparece, inevitavelmente, em dois eventos.

O primeiro acontece no início da década de 1970, quando inicia uma ampla discussão mundial sobre a crise ambiental, gerando uma proposta de agenda global, ainda que houvesse a possibilidade do enfrentamento pelos visionários diante de um modelo de desenvolvimento unilateral e predatório.

O segundo evento aparece no início da década de 1990 como repercussão do movimento anterior. No entanto, este aponta para uma crise de maior profundidade e alcance, cujos aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais se reverberam, invariavelmente, em proporções globais, como decorrentes e intrínsecos aos impactos ambientais. De fato, esta ação ecoa no Relatório do Clube de Roma, em 1970, e a Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente Humano, ocorrido em junho/1972, em Estocolmo, na esteira dos movimentos que reivindicam novas reflexões e análises sobre a relação humano/natureza. Destacamos a representatividade mundial que fora a presença de políticos, especialistas e autoridades de governo, representantes da Sociedade Civil e a ONU.

Outro desdobramento relacionado ao meio ambiente e o desenvolvimento das nações refere-se à Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento ocorrido no Rio de Janeiro, em junho/1992. O objetivo central desta conferência foi estabelecer tanto acordos quanto propor estratégias globais e internacionais, partindo do princípio de que se respeitem os interesses de todos e se proteja a integridade do sistema ambiental e o desenvolvimento mundial (DIAS, 2003).



Neste sentido, é organizada a Rio 92 que discute a desigualdade que se alastra pelo mundo diante do agravamento da pobreza, das doenças, do analfabetismo e a contínua devastação dos recursos naturais e, em consequência, propõe alternativas para o desenvolvimento sustentável, conforme assevera Boaventura de Sousa Santos (1988):

O conhecimento do paradigma emergente tende assim a ser um conhecimento não-dualista, um conhecimento que se funda na superação das distinções tão familiares e óbvias que até há pouco considerávamos insubstituíveis, tais como natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa. Este relativo colapso das distinções dicotômicas repercute-se nas disciplinas científicas que sobre elas se fundaram. Aliás, sempre houve ciências que se reconheceram mal nestas distinções e, tanto que se tiveram de fraturar internamente para se adequarem minimamente. Refiro-me à Antropologia, à Geografia e, também à Psicologia. Condensaram-se nelas privilegiadamente as contradições da separação ciências naturais/ciências sociais. Daí que, num período de transição entre paradigmas, seja particularmente importante, do ponto de vista epistemológico, observar o que se passa nessas ciências (SANTOS, 1988, p. 46).

Nesse sentido, foram inúmeros os pesquisadores que, de forma interdisciplinar, acolheram no meio acadêmico essa proposta da Agenda Mundial amplamente debatida durante a Rio 92, ou seja:

(...) a academia procurou ampliar o conhecimento sobre o meio ambiente e os governos envidaram esforços na regulamentação do uso e da exploração com a criação de normas, decretos, políticas, enfim, com a institucionalização de organismos voltados para o gerenciamento e gestão do meio ambiente (...) em paralelo, multiplicam-se as organizações gestadas pela Sociedade Civil, com ações voltadas para a conservação e a preservação do meio ambiente (VARGAS, 2018, p. 4).

No Brasil, a proteção ao meio ambiente é garantida pela Lei 9985/2000 que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e, cujo inciso VII, impõe como um dos objetivos “proteger as características relevantes de natureza geológica, geomorfológica, espeleológica, arqueológica, paleontológica e cultural”. Dessa forma, o patrimônio geológico ganha respaldo legal com a criação da Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP), em 1997, igualmente apoiada pela Academia Brasileira de Ciências (ABC), pelos Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Serviço Geológico do Brasil (CPRM), e pela Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE), especificamente. As discussões sobre o patrimônio



geológico foram possíveis graças a criação do SNUC e do SIGEP, tornando público os temas relacionados ao geoturismo, geodiversidade e conservação.

No tocante à preservação, os teóricos são pragmáticos. Segundo Sachs (2004), por exemplo, para desenvolver é imprescindível que ocorra crescimento econômico, sendo que não se pode buscar um desenvolvimento sustentável sem relacionar o desenvolvimento econômico. Certamente, a coexistência do progresso social virá por meio de mudanças no processo civilizatório que implicará uma redefinição das relações sociais entre o homem e a natureza e, por sua vez, esse novo modelo de sociedade deve levar em conta tanto a viabilidade econômica como o cuidado para com a complexidade das questões da natureza. Para Leff (2001), há que se ter em mente que a crise ambiental é uma crise da razão e não uma crise de fundo tão somente ecológico:

(...) os problemas ambientais são, fundamentalmente, problemas do conhecimento. Daí podem ser derivadas fortes implicações para toda e qualquer política ambiental que deve passar por uma política do conhecimento e, também, para a educação. Aprender a complexidade ambiental não constitui um problema de aprendizagens do meio, e sim de compreensão do conhecimento sobre o meio (LEFF, 2001, p. 217).

Assim, a racionalidade não é apenas útil para a sistematização dos enunciados teóricos do discurso ambiental. Ela serve para analisar o potencial e a coerência junto ao movimento ambientalista diante do surgimento de novos sujeitos e atores sociais:

(...) a racionalidade ambiental não é a extensão da lógica do mercado à capitalização da natureza, mas a resultante de um conjunto de significações, normas, valores, interesses e ações socioculturais; é a expressão do conflito entre o uso da lei (do mercado) por uma classe, a busca do bem comum com a intervenção do Estado e a participação da sociedade civil num processo de (re)apropriação da natureza, orientando seus valores e potenciais para um desenvolvimento sustentável e democrático (LEFF, 2004, p. 143).

A perspectiva ambiental implica que instrumentos de avaliação sejam incorporados aos valores, conferindo-lhes novos sentidos aos processos emancipatórios. Desse modo, o turismo não se distancia de uma ação restrita a atividade própria de sociedades de consumo, mas abre a possibilidade para outras vertentes de entendimento a respeito do que seja o turismo. Como exemplo, podemos citar o turismo de experiência⁷ que tem como objetivo principal promover a troca de experiências entre o turista e o local visitado. Entretanto, tal atividade pode combinar ações públicas e privadas, exigindo ou não investimentos financeiros e tecnológicos no fornecimento de experiências, bens e serviços aos turistas.

7

Conforme Panosso Neto (2003, 2016)



Segundo Panosso Netto (2011), os turistas, atualmente, querem mais do que apenas alguns dias para descansar. Eles desejam que sua vontade e expectativa sejam atendidas; buscam viagens que o façam passar por sensações ímpares, ou seja, eles querem produtos e serviços diferenciados, proporcionando-lhes uma experiência marcante. Nessa visão, normalmente os espaços onde são desenvolvidas as práticas turísticas requerem a possibilidade de ativar sensações, ter contato direto com a natureza e, sem dúvidas, possibilitar aos visitantes sentimentos não vivenciados em seus cotidianos. Ainda assim, há a conciliação da atividade turística com as dimensões sustentáveis. Para garantir as práticas sustentáveis foram criadas as políticas das Unidades de Conservação (UC) fazendo valer a preservação das poucas áreas que ainda mantém os aspectos conservados das paisagens naturais.

As UCs integram o Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC, dividindo-se em dois grupos. O primeiro grupo diz respeito à **proteção integral** e a conservação da biodiversidade e trata, principalmente da Estação Ecológica, da Reserva Biológica, do Parque Nacional, do Monumento Natural e da Refúgio de Vida Silvestre. O segundo grupo refere-se às áreas de **uso sustentável** que permitem várias formas de utilização dos recursos naturais mediante proteção da biodiversidade cujo objetivo põe em xeque as questões relativas a Área de Proteção Ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico, Floresta Nacional, Reserva Extrativista, Reserva de Fauna, Reserva de Desenvolvimento Sustentável e Reserva Particular do Patrimônio Natural (BRASIL, 2000).

Ainda que haja avanços nas políticas favoráveis ao turismo, lembramos que há muitas inquietações sobre o desenvolvimento desta atividade, conforme Panosso Netto e Nechar (2016). Os autores argumentam que nem os negócios do setor nem as opiniões mais generalistas sobre o turismo transmitiam a segurança de que tudo caminhava para uma sustentabilidade ou equilíbrio. Nesse ponto, “nem tudo era como a teoria acadêmica, maioritariamente fundamentada na estatística e na visão economicista. A realidade mostrada nos estudos nem sempre era (é) a realidade do mundo prático” (PANOSSO NETO; NECHAR, p. 14). Assim, considerando a influência do turismo para o crescimento econômico, faz-se necessário analisar os fatores negativos e positivos que são gerados a partir dessa prática.

Dias (2003) elaborou uma concepção problemática do turismo de massa. Nesse ponto, ele considera que o turismo de massa é a forma mais degradante de atividade que se pode registrar. A origem de tais impactos é derivada do grande número de pessoas que escolhem o mesmo destino para ser visitado. Ao estudar a história das mudanças do comportamento humano percebemos que



existiu uma evolução em relação às preocupações com a natureza. Outrossim, a necessidade de estudar formas de desenvolver a atividade que minimize os impactos e os efeitos nocivos gerados ao meio ambiente.

Após os anos 1960, aqueles que se ocupavam com atividades ligadas ao turismo passaram a pensar em formação acadêmica dos profissionais que atuavam no setor. Desde então, pesquisadores da área das humanidades como antropólogos, sociólogos e geógrafos, dentre outros, questionaram os custos e benefícios socioeconômicos gerados pelo turismo; os da psicologia estudaram o comportamento dos turistas; a Geografia passou a estudar as paisagens turísticas a partir das diversas relações dos turistas com os espaços; o marketing se aprofundou na formatação dos produtos ofertados; e os profissionais da administração atuaram nas diversas formas de negócios empreendidos. Foram necessárias contribuições de diversas áreas do conhecimento para que o turismo se consolidasse em uma área multidisciplinar (PANOSSO NETTO, 2011).

Partindo desse contexto, os gestores do turismo passaram a dar mais atenção à forma como o turismo é praticado, preocupando-se com as questões diretamente relacionadas à sustentabilidade. Para entendermos melhor como se deu o processo de consumo da paisagem pelo turismo fez-se necessário entender como tudo surgiu. Sabe-se que o homem já viajava desde os tempos remotos para visitar lugares diferentes, comercializar seus produtos, participar de encontros religiosos e até para cuidar de sua saúde. A princípio, o homem viajava por terra, mas logo começou a expandir suas viagens através dos oceanos.

Ao relatar os primeiros indícios do turismo, Panosso Netto (2016) se reporta a Grécia Antiga, ou mesmo em alguma outra civilização do passado longínquo, ou ainda, situa o começo do turismo no século VIII a.C., na Grécia, pelo fato das pessoas viajarem para ver os jogos olímpicos. Acreditamos que os primeiros turistas foram os fenícios em virtude das relações comerciais e as transações com moedas. Porém, considerando que os seres humanos dos tempos mais remotos empreendiam viagens definitivas ou temporárias, supomos que a existência do turismo pode ser ainda mais antiga (BARRETO, 1999). Os autores mais contemporâneos acreditam que a atividade turística deve ser considerada a partir do momento em que as viagens são realizadas com o intuito de preencher o tempo ocioso, objetivando o lazer.

A Revolução Industrial e a ascensão do capitalismo são acontecimentos que interferiram nas atividades turísticas, possibilitando a massa acesso aos passeios e roteiros turísticos, até então, privilégio de uma minoria. Dentre as vantagens conquistadas, destacam-se, também, tempo para férias, a generalização do salário mensal, a melhoria dos meios de transporte e a



otimização de lugares de acolhimento no destino da viagem. Nesse momento, enfatizamos a evolução dos transportes, especialmente, via trem, importante meio de ligação entre os centros e as indústrias (TRIGO, 1998).

Com a modernização das linhas férreas, os trens que eram utilizados apenas para transportar materiais com vistas ao abastecimento das indústrias, passaram a transportar pessoas também. Neste sentido, a modernização dos vagões e das estações se fizeram necessárias, conforme a nova função que este modal passou a exigir (IGNARRA, 2003).

Outro marco importante para o turismo ocorreu em 1872, quando o pastor inglês Thomas Cook organizou a primeira viagem à volta do mundo, alimentando o desejo da sociedade da época em viajar. Logo, acirraram as práticas do turismo organizado. Assim, até à década de 1960, o turismo mundial é reconhecido como a prática de atividades de lazer e recreação. Nos anos 1990, a sociedade sentiu uma acentuada mudança em virtude do aumento da renda familiar mediante crescimento da economia, o despontar das novas tecnologias, dos transportes e das comunicações. Desse modo, as viagens tornaram-se acessíveis aos cidadãos comuns, facilitando o deslocamento de um lugar para outro (BENI, 2003).

Viajar passa a ser um bem adquirido comum e corriqueiro. Logo, estimulou nas pessoas aumento da procura pelas viagens turísticas, levando os organizadores a planejar roteiros capazes de agregar um maior número de interessados em viajar. A popularização permitiu aos turistas optar, por exemplo, por locais intercontinentais, com clima e temperaturas tropicais, oportunidades oferecidas a baixo custo. Facilitaram também viagens com propósitos culturais ou de conhecimento do patrimônio das capitais do mundo, os cruzeiros em embarcações luxuosas, ou, visitas aos parques temáticos, experiências que o cidadão comum passa a desfrutar no mercado turístico (IGNARRA, 2003). O turismo cresce em termos de complexidade da procura, tendências, ofertas, indústria, gestão e instrumentos de planejamento. O seu desenvolvimento em torno de produtos turísticos é substituído por uma nova perspectiva de valorização das experiências e sensações adquiridas pelos turistas nos locais que visitam.

Com o desenvolvimento da atividade turística, despertou no meio acadêmico a preocupação em entender de que forma esta atividade poderia influenciar a sociedade. Assim, o turismo passou a ser estudado por diversos campos profissionais. Cada área buscando entender o turismo de modo diferenciado, enfatizando as categorias de análise da sua área de estudo.

As viagens turísticas se diferenciam dos outros tipos de viagens por englobar fatores atribuídos ao turismo, tais como, a temporalidade, a



permanência do domicílio e o objetivo da viagem. Dessa forma, ao analisarmos a atividade turística não podemos deixar de mencionar seus componentes principais, dentre eles, estão a demanda, a oferta e o mercado. A demanda (ou procura turística) corresponde aos turistas em si, todas as pessoas que se deslocam do seu local de residência por mais de 24 horas, seja por motivo profissional, ou qualquer outro motivo.

A oferta é tudo aquilo disponibilizado ao turista por um determinado preço e período mediante mercado. O produto turístico pode ser definido como tudo colocado à disposição dos viajantes pelas diferentes empresas que atuam na área, por exemplo, o número de apartamentos disponibilizado por um hotel, a capacidade de mesas que oferece um restaurante, quantidade de entradas disponibilizadas para visitação a um atrativo, número de visitantes permitidos em uma trilha ecotur stica, dentre outros.

Esses produtos turísticos são compostos principalmente pelos atrativos ou recursos (que podem ser naturais ou culturais), infraestrutura (de acesso e básica), elementos que compõem a paisagem do lugar que será visitado. Neste sentido, o mercado   o meio pelo qual o produto turístico (oferta) chega até seu consumidor final (demanda). Entretanto, o mercado   a ponte entre o produto turístico e o turista.

Portanto, o destino, por mais simples que seja, depende do funcionamento de vários elementos necessários para garantir o conforto do visitante. De fato, os serviços básicos necessários requerem um local para os visitantes descansarem, pessoas disponíveis para receber os turistas, locais onde possam ser feitas refei es, transportes, disponibilidade de atrativos, saneamento básico, água, energia elétrica, principalmente. Tais elementos, fazem com que a localidade seja considerada um destino turístico.

Neste sentido, podemos considerar que a matéria-prima do turismo são as paisagens formadas pela influência do homem no meio em que vive, ou mesmo, as paisagens naturais. Além disso, para se tornarem atrativos   preciso interven o de governos e/ou mercado, neste caso, mediante iniciativa privada, no tocante ao investimento de infraestrutura adequada e elabora o de políticas públicas de incremento no setor. A infraestrutura pode ser entendida como o conjunto de instala es necessárias para o desenvolvimento do turismo, divididos em quatro grupos, segundo Dias (2005):

- i) **infraestrutura de acesso** são basicamente as constru es que possibilitam a chegada de pessoas até o destino.   composta pelas estradas, aeroportos, portos, rodoviárias, etc.;
- ii) **infraestrutura básica urbana** são as obras que tornam as cidades habitáveis para a popula o, seja ela residente de fato ou sazonal. Ela   formada pelas ruas, avenidas, esgotamento sanitário, saneamento básico, dentre



outros; iii) **equipamentos turísticos** são as edificações que tornam possíveis a prestação dos serviços voltados ao turismo. São basicamente as construções físicas de tudo aquilo que é utilizado para o turismo, como hotéis, pousadas, agências, operadoras, transportadoras; iv) **equipamentos de apoio** são as instalações que permitem a prestação de serviços não diretamente voltados ao turismo, mas que geralmente são utilizados pelos turistas, como as farmácias, os shoppings, os supermercados. Grifo nosso (DIAS, 2005, p. 152).

Alguns elementos específicos da infraestrutura como saneamento básico são considerados bens públicos, cabendo exclusivamente ao governo seu fornecimento. A infraestrutura urbana, apesar de atender primeiramente à sociedade e suas necessidades básicas, representa o elemento fundamental para que a atividade turística se desenvolva.

Outros aspectos perpassam pela classificação do perfil do turista de acordo com idade, sexo, poder aquisitivo, interesses, motivações, ou seja, adequando-se aos interesses de cada grupo. O Brasil sai em vantagem neste sentido por ser um país singularmente rico e por apresentar uma diversidade de segmentos que se adequam aos interesses e às motivações do turista. Do patrimônio natural associado ao patrimônio cultural emergem uma gama de modalidades definidas pelo Ministério do Turismo (2006) como segmentações turísticas prioritárias para alavancar o desenvolvimento do setor, conforme os elementos socioculturais de cada localidade. Nesse contexto, Coriolano (2007, p. 9) defende que “o turismo é compreendido como uma atividade econômica que se apropria e produz espaços e territórios, em um dinâmico processo [...]”. Com isso, fica evidente que a atividade turística implica a formatação de espaços específicos correspondentes a essência da atividade que será praticada.

Dessa forma, considerando os elementos socioculturais de cada localidade, e, atendendo ao objeto de análise desta tese, focaremos nosso estudo sobre as segmentações que têm como matriz o turismo de natureza, dentre as quais destacamos o ecoturismo, o turismo de aventura, o espeleoturismo e o geoturismo. A partir destas práticas turísticas, encontramos entraves em relação aos princípios da responsabilidade e sustentabilidade imprescindíveis para promover o uso equilibrado da natureza. Um ponto que se impõe como dever para todos os segmentos turísticos é, seguramente, o compromisso em manter o cuidado com o meio ambiente e, ao mesmo tempo, prover benefícios, oportunidades e respeito aos direitos das populações locais.

Turismo de Natureza

O turismo de natureza requer olhares para a sustentabilidade, ou seja, atitudes e comportamentos direcionados à sensibilização da conflituosa



relação homem-natureza-desenvolvimento. Para prosseguir nos passos dessa harmonia, as comunidades precisam estar envolvidas no processo de participação sobre as decisões, o planejamento e a administração. De fato, um dos elementos fundamentais para que o turismo seja sustentável é a inserção das populações que residem no entorno ou nas proximidades do atrativo, de modo que todos participem tanto da fase de planejamento quanto da operacionalização das atividades turísticas.

Neste subcapítulo, abordaremos as premissas essenciais à sustentabilidade no turismo de natureza. Primeiro, apresentamos os principais conceitos, seguido das estratégias condizentes a esse processo e, por fim, apontamos os fundamentos do turismo sustentável. Diante deste movimento, esperamos encontrar a forma que mais se adequa às possíveis práticas turísticas nas grutas sergipanas. No quadro 12, por exemplo, apresentamos as modalidades do turismo que priorizam o contato direto com a natureza, de interesse conceitual, na segmentação do turismo realizado em grutas:

Quadro 11 Conceitos do ecoturismo, turismo de aventura e espeleoturismo

Segmentação	Definições	Conceitos	Autores
ECOTURISMO	Turismo que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural; incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, provendo o bem-estar das populações.	<ul style="list-style-type: none"> - ambientalmente responsável; - visitas a áreas naturais; - turismo interpretativo; - impactos mínimos; - ação conservadora; - apreciação do meio ambiente; - educação ambiental. 	EMBRATUR (1994)
TURISMO DE AVENTURA	Turismo que compreende os deslocamentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo. Se competitivo, a atividade insere-se no âmbito do turismo de esportes.	<ul style="list-style-type: none"> - vida saudável; - diversidade cultural; - aproximação com a natureza; - experiências físicas e sensoriais recreativas; - desafios. 	MTUR (2006)
ESPELEOTURISMO	Turismo realizado em grutas, podendo consistir em uma atividade simplesmente recreativa, ligada ou não ao ecoturismo, de visitação a grutas para contemplação, que também pode estar associado ao turismo de aventura.	<ul style="list-style-type: none"> - imaginário coletivo; - mistério e magia; - religiosidade; - contemplação; - aventura. 	LOBO (2007)
GEOTURISMO	Turismo caracterizado por ter o patrimônio geológico como principal atrativo, e que, através de atividades de interpretação ambiental busca a compreensão dos fenômenos geológico-geomorfológicos atuantes no local visitado, assim como promover as Ciências da Terra e o desenvolvimento sustentável das comunidades envolvidas.	<ul style="list-style-type: none"> - geodiversidade; - geoconservação; - planejamento; - educação; - sustentabilidade; - conservação; - integração da comunidade do entorno. 	LOPES, ARAÚJO e CASTRO (2011)

Organização: SANTOS. Jorginaldo Calazans, 2018.



As aspirações de sustentabilidade advêm das reflexões acadêmicas, ideológicas e tecnológicas sobre o processo atual de desenvolvimento social e econômico, conduzindo a novas ideias de pensar, abordar e agir em processos e fenômenos de desenvolvimento (HANAI, 2011).

A aplicação prática de princípios e estratégias do desenvolvimento sustentável se apresenta mediante a dimensão ambiental dentro dos paradigmas econômicos, dos instrumentos do planejamento e das estruturas institucionais que sustentam a racionalidade produtiva prevalecente (LEFF, 2002). Os referenciais de pensamento da complexidade, de racionalidade ambiental, de democracia participativa e de visão interdisciplinar têm sido lúcidos para se produzir estratégias de sustentabilidade a diversos contextos e aplicar as proposições do desenvolvimento sustentável.

Quando falamos de turismo sustentável, estamos relacionando-o as atividades desenvolvidas que não agredem o meio ambiente e que trazem retorno para as populações que desenvolvem a recepção desses turistas no seu lugar de moradia. Neste sentido, o turismo sustentável representa um conceito dentro do qual podem se encaixar em todos os outros segmentos de turismo, tais como o ecoturismo, turismo de aventura, espeleoturismo e o geoturismo.

Segundo a OMT (2003), os princípios do turismo sustentável “são aplicáveis e devem servir de premissa para todos os tipos de turismo em quaisquer destinos”. Nesta declaração, a OMT amplia os princípios do desenvolvimento turístico sustentável à conservação dos recursos naturais, históricos e culturais, à necessidade de um adequado planejamento e gestão da atividade, à satisfação da demanda e à ampla distribuição dos benefícios do turismo por toda a sociedade. Um turismo que se desenvolve de forma sustentável envolve a gestão dos recursos econômicos e sociais e mantém a diversidade biológica e particularidades culturais. Com isso, a sustentabilidade implica um entrelaçamento dos princípios da equidade em todas as relações que envolvam a animação dos negócios turísticos a fim de promover a harmonia entre os sujeitos e o meio ambiente.

Nesse contexto, partimos do ecoturismo que abarca uma gama de elementos, situados nos princípios de sustentabilidade. Assim, no final da década de 1980, com ênfase nas questões ambientais, no Brasil foi introduzido o termo “ecoturismo”. Porém, somente com a Rio 92, este tipo de turismo ganhou visibilidade e impulsionou um mercado com tendência de franco crescimento. Para o Ministério do Turismo (2010), o ecoturismo “é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência



ambiental, promovendo o bem-estar das populações”. Em outras palavras, podemos afirmar que o ecoturismo é um segmento que considera as áreas naturais como uma atividade responsável, e, incentiva a conservação dos patrimônios seja ele natural ou cultural, visando o bem-estar das populações locais e da responsabilidade socioambiental dos turistas.

Assim sendo, o ecoturismo indica perspectivas diferenciadas em relação ao turismo de natureza no seu aspecto mais geral. Certamente, o ecoturismo implica ir além de uma prática turística em áreas naturais. Segundo Pires (2002) “para chegar ao ecoturismo, podem ser acessadas duas vias conceituais, entre, o turismo sustentável e o turismo na natureza”. Pela primeira via, tem-se que o “ecoturismo seria uma das alternativas de turismo sustentável diferenciada das demais pelo fato de priorizar a natureza”. Pela segunda via, “o ecoturismo seria um tipo de turismo na natureza entre outros possíveis, porém diferenciado” (PIRES, 2002, p. 256).

O ecoturismo implica exercitar uma abstração do cotidiano e, ao mesmo tempo, dar um novo sentido à vida das pessoas. Certamente, tal abstração se torna concreta quando os viajantes entram em contato com os lugares e as paisagens turísticas. Essa abstração acontece em ambientes diferente daqueles que o viajante está acostumado a vivenciar, por isso afirma-se que turismo e meio ambiente são realidades inseparáveis (CORIOLANO, 2007). O ecoturismo incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambiental por meio da interpretação do ambiente, valorizando o bem-estar das populações envolvidas e seu entorno. Logo, todas as modalidades do turismo que envolvem a natureza priorizam as diretrizes que compunham o ecoturismo (EMBRATUR, 1994).

A perspectiva sustentável para o ecoturismo implica uma forma de exploração do turismo. Logo, entra em ação uma forma estritamente relacionada com a equidade social graças a sua capacidade de assegurar um compartilhamento mais justo dos benefícios econômicos e sociais do turismo, associados aos mecanismos de participação coletiva mais democrática, envolvendo tomada de decisões em conjunto entre os membros da comunidade.

Em suma, o ecoturismo pressupõe atividades que promovem a reflexão e a integração entre o homem e o meio ambiente, ou seja, conta com o envolvimento do turista nas questões relacionadas à conservação dos recursos referentes ao destino escolhido. Assim, o ecoturismo implica uma forma de usufruir os bens quer naturais quer culturais de forma “ecologicamente suportável em longo prazo, economicamente viável, ética e socialmente equitativo para as comunidades locais” (OMT, 2003). Entretanto, o ecoturismo não esgota



todas as questões referentes ao turismo em áreas naturais. Além disso, outro segmento igualmente importante refere-se ao turismo de aventura.

O turismo de aventura apresenta relação estreita com a natureza. No entanto, esse segmento possui características e consistência fortemente mercadológica. De acordo com o Ministério do Turismo (2010), este segmento vem ganhando impulso com as transformações no comportamento do consumidor ao buscar atividades que remetem à ideia de uma vida saudável mediante contato com a diversidade cultural e a relação direta com a natureza. Nesse sentido, a normativa da ABNT NBR 15.500, trata das “atividades oferecidas comercialmente, usualmente adaptadas das atividades de aventura, que tenham ao mesmo tempo o caráter recreativo e envolvam riscos avaliados, controlados e assumidos”. De fato, o turismo de aventura, é a modalidade em que o turista protagoniza atividades inusitadas. Tal segmentação é entendida mais propriamente como “experiências físicas e sensoriais recreativas que envolvem desafios e que podem proporcionar sensações diversas como liberdade, prazer e superação” (NEIROTTI, 2003, p. 33). Sejam nos ambientes naturais, construídos, urbanos e/ou rurais, a prática do turismo de aventura no Brasil, por exemplo, tem projetado o país internacionalmente, conforme documento do Ministério do Turismo (2010):

(...) a prática do turismo de aventura no Brasil cresceu, profissionalizou-se e ganhou visibilidade internacional. O país foi eleito pela revista *National Geographic Adventure* como o melhor destino para aventureiros e esportistas radicais em 2009 (MTUR, 2010a, p. 20).

Os dados confirmam este despontar para o turismo de aventura no Brasil. De fato, entre as dez localidades destacadas pelo Ministério do Turismo para as práticas do turismo de aventura, quatro delas possuem grutas como atrativo principal, sendo a Chapada Diamantina/BA, Terra Ronca/GO, Alto da Ribeira/SP e Bonito/MS. Em Sergipe, identificamos como turismo de aventura, a prática de rapel nas grutas de Dorinha, em Simão Dias, e, na Gruta da Pedra Furada, em Laranjeiras.

Outro segmento interligado ao turismo de aventura refere-se ao espeleoturismo, modalidade praticada no interior das grutas. A beleza interna dos espeleotemas desperta o interesse da visitação turística. Apesar desta procura, a visitação às grutas tem curta duração, pois, é preciso preservar às formações raras, ou seja, os ecossistemas frágeis, característico deste ambiente. Além disso, diante da morfologia cárstica, é comum as grutas estarem localizadas em terrenos acidentados, normalmente cercadas por vegetação



densa, por água corrente e/ou rios, e, localizadas em parques ou fazendas. Ao analisar os elementos que formam a paisagem cárstica e a exploração desses ambientes via turismo de natureza, amplia nossa compreensão sobre as grutas. Portanto, implica falar sobre espeleologia e, conseqüentemente, saber o porquê de tamanha atratividade. Um dos maiores destaques e característica do espeleoturismo é o baixo grau de interferência direta praticada no ambiente, em termos de estrutura de visitação. E, nesse caso, para se caracterizar como aventura, a atividade do espeleoturismo deve se enquadrar em grau de dificuldade que vai além daquele que costumeiramente se realiza.

Pesquisadores do turismo, por exemplo, apontam a Gruta Postojna, na Eslovênia, como sendo uma das mais antigas a receber visitantes que, para fins de turismo de contemplação, implantaram, desde 1918, um sistema de iluminação artificial (DUCKECK, 2009). A Postojna está entre as grutas que adotam o modelo das *show caves*⁸, comumente produzido na Europa e na China. As grutas se destacam no turismo em virtude do conjunto de sensações que provoca, entre suspense e encantamento, marcadas pelo confinamento e escuridão, além das raras paisagens existentes. Cenário condizente ao desenvolvimento da prática do espeleoturismo (LOBO, 2008). No caso de Sergipe, o atrativo de visitação às grutas se dá pela formação geológica, sua fauna e seus aspectos paleontológicos, por exemplo, a existência de registros de pinturas rupestres e vestígios de uso, com intuito de abrigo.

Desse modo, o geoturismo é uma segmentação que vem ganhando destaque por se tratar de áreas naturais, contemplando os aspectos geológicos. Para alguns autores o geoturismo é mais sustentável que o próprio ecoturismo (ROBINSON & ROOTS, 2008). Para Hose (1995), o geoturismo tem como princípio a integração entre o espaço que está sendo visitado, o conhecimento adquirido pelos visitantes e o bem-estar das comunidades receptoras. Outrossim, o ecoturismo, o turismo de aventura, o espeleoturismo também estão vinculados, pois, os meios interpretativos estão voltados aos aspectos geológicos e podem ser utilizados por qualquer uma das modalidades de turismo praticadas em áreas naturais.

O termo geoturismo é recente, sendo utilizado pela primeira vez na Inglaterra, em meados da década de 1990, a fim de agregar em sua definição tanto o conhecimento científico sobre o patrimônio natural quanto a produção e usos de serviços, tais como informações, sinalizações e textos compreensíveis que valorizam e possibilitam a visitação de modo sustentável

⁸ São grutas que recebem uma carga de equipamentos e infraestrutura que as transformam em espetáculos. Em alguns casos, tais estruturas trazem impactos negativos irreversíveis às grutas.



(NASCIMENTO, 2008). Segundo o autor, o geoturismo se insere em um contexto de geodiversidade e geoconservação, pois, atende ao interesse do público que procura nesse tipo de turismo um conhecimento específico dos equipamentos turísticos que estão sendo visitados. Desse modo, o geoturismo é o segmento que mais se aproxima da possibilidade de implantação de um turismo sustentável praticado nas grutas sergipanas, sem desconsiderar que as demais segmentações contribuem para formatação e planejamento das possibilidades de apropriação da paisagem cárstica pelo turismo.

Dentre os pilares do geoturismo, compreender a geodiversidade é fundamental devido a variedade de ambientes naturais e processos que dão origem as diversas paisagens, pois, cada porção da terra apresenta a sua geodiversidade. A geodiversidade é constituída por todo arcabouço terrestre que sustenta a vida, resultado da lenta evolução da terra desde o surgimento do planeta.

Já a geoconservação consiste na conservação do patrimônio geológico e na compreensão dos processos naturais a eles associados, envolvendo todas as ações empreendidas na geodiversidade. Considera-se um marco da geoconservação a realização do 1º Simpósio Internacional sobre Proteção do Patrimônio Geológico, que ocorreu em Digne-les-Bains (França), em 1991, resultando na Declaração Internacional dos Direitos à Memória da Terra. A partir desse Simpósio começaram, principalmente na Europa, os trabalhos e as pesquisas voltadas para o Patrimônio Geológico, com um inventário da geodiversidade, sua conservação e aplicação no turismo (MINEROPAR, 2011).

Muitos destinos no Brasil possuem potencial geoturístico, ou seja, desenvolvem atividades consolidadas nesse tipo de turismo, a exemplo dos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná. Uma das primeiras providências para o desenvolvimento do geoturismo é a identificação de aspectos geológicos com fins de atração turística. Entre os roteiros geoturísticos brasileiros, temos as Cataratas de Iguaçu, Pão de Açúcar, Vila Velha, Gruta de Ubajara, Serra da Capivara, Chapada Diamantina, Chapada dos Guimarães, Lençóis Maranhenses, Pico do Cabugi, dentre outras.

Organização e Regulamentação do Turismo

Com o crescimento do turismo e sua abrangência surge a necessidade de aprofundar temas pertinentes a atividade. Logo, os estudos e as pesquisas desenvolvidas são institucionalizados e, conseqüentemente, despertam para uma organização mundial em virtude da amplitude que a discussão sobre o turismo incide.

Diante desta repercussão, a tentativa de fazer do turismo uma atividade



sustentável vem sendo o foco tanto dos gestores do turismo quanto dos órgãos públicos envolvidos com o tema. A ferramenta importante nessa busca são as pesquisas acadêmicas que tem como pretensão as relações socioeconômicas promovidas pelo turismo, além dos próprios consumidores, os turistas.

Em se tratando dos turistas, eles estão cada vez mais conectados na busca por produtos e ações que não agridam a natureza, o que provoca mudanças nos processos de tomada de decisões quando o assunto é o consumo turístico. Atualmente, os turistas estão em busca de novidade e personalização dos serviços e produtos, porém atentos ao consumo sustentável da viagem, ou seja, valorizando a conservação dos atrativos naturais e culturais.

Conforme o Ministério do Turismo, para alcançar essas metas em busca da excelência nos serviços turísticos ofertados pelo Brasil, algumas ações e planejamentos estão sendo discutido pelo Governo Federal (BRASIL, 2010b). Entre as metas previstas pelo Governo para alcançar a melhoria do Turismo, estão:

- i) a busca pelo 3º maior mercado de transporte aéreo doméstico no mundo;
 - ii) predominância da população economicamente ativa para os próximos 30 anos no Brasil;
 - iii) fortalecimento da classe C e D;
 - iv) atração de profissionais estrangeiros para trabalharem no Brasil;
 - v) crescimento do PIB das regiões Nordeste e Norte;
 - vi) mudanças na Lei do Trabalho no Brasil (flexibilização da jornada de trabalho e férias);
 - vii) fortalecimento das viagens internacionais regionais;
 - viii) países emergentes exercerão um papel estratégico como emissores de turistas internacionais (China, Rússia, Turquia, México, Indonésia, África do Sul);
 - ix) crescimento do PIB do Chile, Peru, Equador e Colômbia;
- ampliando o consumo desses países, somado ao crescimento do turismo regional, oportunizará ações estratégicas para ampliar o número e os gastos desses turistas no Brasil (BRASIL, 2010b).

Investir no turismo é incrementar a economia. Com esse intuito, o Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR), criado pelo Governo Federal, no âmbito do Ministério do Turismo, gerencia suas ações com vistas à obtenção de crédito de financiamento externo. O objetivo principal do PRODETUR é fortalecer a Política Nacional de Turismo e consolidar a gestão turística de modo democrático e sustentável, alinhando investimentos regionais, estaduais e municipais a fim de promover a geração de emprego e renda, em especial para a população local. Para alcançar seus objetivos, o PRODETUR administra os planos e projetos apoiados pelas entidades financiadoras, visando a contratação de operações de crédito, tais como, estratégia do produto turístico, infraestrutura e serviços básicos, estratégia da comercialização, fortalecimento institucional e gestão ambiental.

Para pleitear os financiamentos junto ao PRODETUR, as gestões municipais



precisam apresentar projetos voltados ao desenvolvimento do turismo local. Esse tipo de investimento alavanca o turismo em todas as regiões do país, pois, financia projetos ligados as questões ambientais, alicerçados na sustentabilidade, gerando emprego e renda para as localidades. Parte considerável dos investimentos elencados é financiável pelo Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES).

O BNDES possui a proposta de apoiar o turismo de forma indireta, com investimentos relacionados ao interesse público, direcionados à mobilidade urbana, à universalização do acesso aos serviços de saneamento básico e à recuperação de áreas ambientalmente degradadas.

No Brasil, para colocar a atividade como plataforma política de desenvolvimento socioeconômico nas três esferas públicas – a partir de uma visão macro do MTUR, mediante investimentos diretos e indiretos – uma das políticas a ser aplicada é a possibilidade da transferência voluntária dos recursos de programação que deverá atender pelo menos 90% das cidades que façam parte do Mapa da Regionalização do Turismo, e que, os 10% restantes possam ser alocados onde houver interesse no desenvolvimento turístico local. Em resumo, as emendas parlamentares passarão a ter como objetivo principal as cidades que compõem a regionalização do turismo brasileiro.

Muitos dados e informações que temos hoje sobre o turismo advêm das pesquisas, conceitos, categorias, planejamentos, estratégias mundialmente traçadas por organizações que promovem a discussão e a publicação de documentos que normatizam a atividade turística. Atualmente a OMT promove os fóruns globais para o debate sobre os assuntos pertinentes ao bom funcionamento do turismo. Seus membros incluem 154 países, sete territórios, dois observadores permanentes e mais de 400 membros afiliados (RIFAI, 2011).

O desenvolvimento do turismo depende da união de fatores, e não somente de uma estrutura política de suporte e de um campo de atuação considerável para o grau de competitividade das suas atividades. A OMT vem defendendo o turismo como prioridade nas pautas nacionais. No Brasil, a atividade tem sido identificada com relevância, particularmente após a criação, em 2003, do Ministério do Turismo.

A OMT encoraja também a aplicação do Código Mundial de Ética do Turismo para assegurar que os países membros, os destinos turísticos e as empresas do setor maximizem os efeitos econômicos, sociais e culturais positivos desta atividade, recolhendo os frutos e reduzindo ao máximo as repercussões negativas sobre a sociedade e sobre o ambiente.

A OMT passa a ter visibilidade e produz delineamentos e normas para que o turismo siga uma padronização mundial. Conforme a OMT, mais de



um bilhão de pessoas realizam viagens internacionais todos os anos. Essa informação sugere uma reflexão mais consistente sobre as novas formas de se praticar o Turismo. Outro dado importante da OMT (2003) refere-se aos 95% dos países que estão interessados em promover seus atrativos e atrair turistas, principalmente internacionais.

Entre as principais ações da OMT estão: a promoção do turismo sustentável, a organização de conferências e a elaboração de documentos que normatizam o turismo, tais como, as declarações universais; os pactos internacionais que regulamentam os direitos econômicos, sociais e culturais dos países; as convenções internacionais que tratam, por exemplo, da regulamentação dos transportes aéreos, como marítimos; além de regulamentar as questões alfandegárias relacionadas ao turismo. Todas ações contribuíram para que a OMT, preocupada com a sustentabilidade do turismo, em assembleia geral realizada em Santiago, no Chile, em 1999, expressasse a vontade em promover uma nova ordem turística mundial, equitativa, responsável e sustentável, beneficiando todos os setores da sociedade, diante de um contexto, de uma economia internacional aberta e liberalizada. Estas preocupações estão condensadas no Código Mundial de Ética do Turismo que teve como princípios:

i) a contribuição do turismo para a compreensão e respeito mútuo entre homens e sociedades; ii) o turismo como vetor de desenvolvimento individual e coletivo; iii) o turismo como fator de desenvolvimento sustentável; iv) a contribuição do turismo como utilizador do patrimônio cultural da humanidade e contribuindo para o seu enriquecimento; v) o turismo como atividade benéfica para os países e comunidades de acolhimento; vi) as obrigações dos atores do desenvolvimento turístico; vii) o direito ao turismo; viii) a liberdade das deslocações turísticas; ix) o direito dos trabalhadores e dos empresários do turismo (OMT, 2003, p. 37).

Os reflexos das políticas e convenções da OMT atingem também o Brasil, pois, os parâmetros das normas criadas seguem os princípios da ética, com vistas à sustentabilidade. Pensar a sustentabilidade no setor turístico brasileiro é necessário, considerando as potencialidades nacionais e a concentração de vários elementos que congregam na formação de paisagens exuberantes por todo território, diante dos diferentes ecossistemas e aspectos socioculturais marcantes em cada região. Assim, “o lugar turístico existe em função da prática do turismo que lhe dá uma existência, uma identidade própria e singular” (Almeida, 2004, p.1). Nesse contexto é que o Turismo alça como uma das suas molas propulsoras o consumo dos recursos naturais e, nesse particular:

(...) o Nordeste é um caso emblemático desta situação. De uma região conhecida no cenário nacional pela seca, miséria e flagelados, as ações de



políticas revalorizaram elementos da natureza até então negligenciados como o sol e a praia mudando sua imagem para região turística em ascensão, ou seja, pode ocorrer de um espaço qualquer ser planejado, institucionalizado enquanto lugar turístico. Iniciativas públicas e privadas unem-se e criam territórios privilegiados, selecionados como tal pela excepcionalidade de seus recursos naturais (ALMEIDA, 2004, p. 18).

O Nordeste brasileiro, até então negligenciado, é considerado um dos eixos cruciais do turismo graças a diversidade dos fenômenos da natureza característicos da região. Em consequência da diversidade de atrativos, este cenário é referência para o turismo de massa nacional. Para Beni (2003, p. 18), o turismo de massa se enquadra à demanda do turismo de “classe média ou grande turismo”. Destaca, ainda, que um dos vetores desse tipo de turismo é a expressiva demanda de consumidores que consome em larga escala:

(...) por reunir a classe média, incluindo-se aí os profissionais liberais, funcionários categorizados, empresariais e públicos que desfrutam de relativa possibilidade de meios econômico-financeiros, contando com subvenções e poupanças próprias (BENI, 2003, p. 420).

O turismo de massa tem expressividade porque, ainda, é a forma mais comum do turismo, considerando o alcance em larga escala entre a classe média. Atualmente, o turismo de massa vem dividindo espaço com as modalidades de turismo personalizado. O turismo personalizado, por sua vez, não está nos padrões convencionais, no entanto, traz menos impactos aos espaços nos quais é praticado. Normalmente, quem busca esse tipo de turismo deseja maior contato com os ambientes visitados, da forma como eles são, sem perder as suas características. O contato com a natureza é um elemento de destaque dessa segmentação de turismo, prática personalizada, geralmente em pequenos grupos. A prática de um turismo restrito minimiza tanto os impactos ambientais quanto os sociais, ainda que considere os lucros da atividade. Atender ao turismo diferenciado consiste em recortar os elementos transformadores da paisagem e reconhecer que os visitantes querem vivenciar o contexto do local visitado, da forma que ele é, valorizando os elementos rústicos e as formas naturais de fazer o dia a dia do local visitado.

Turismo em Sergipe

Sergipe está situado na Região Nordeste do Brasil. Faz divisa ao norte com Alagoas; ao Sul e ao oeste, Bahia; ao leste, Oceano Atlântico, e cerca de 163km de extensão de litoral que se estende da foz do Rio São Francisco, ao norte, ao Rio Real, ao sul. Pelo Decreto de 08 de julho de 1890, D. João VI separou as terras sergipanas dos domínios da Bahia. Hoje possui a cidade de Aracaju como



capital e 75 municípios distribuídos em 13 microrregiões. (MENDONÇA, 2002).

O relevo sergipano apresenta formas desgastadas, com altitudes pouco elevadas, com destaque para a Serra Negra, Serra de Itabaiana e a Serra da Miaba. O Estado possui cinco bacias hidrográficas, sendo as bacias do Rio São Francisco, do Rio Japarutuba, do Rio Vaza-Barris, a do Rio Piauí e a do Rio Real.

A vegetação original da Zona da Mata era uma Floresta Tropical, hoje devastada pela exploração econômica predatória ou substituída por áreas de pastagem. A estreita faixa do Agreste é uma evidência da transição da Floresta Tropical para a caatinga, vegetação típica do sertão. As condições climáticas são controladas pelos sistemas tropicais e equatorial, com temperaturas médias anuais em torno de 24°C, colocando Sergipe, assim como as outras capitais do Nordeste, propícias para o desenvolvimento do turismo.

Sendo o menor Estado da Federação, Sergipe se destaca pela diversidade de atrativos naturais que se traduzem em recursos com potencialidades valorizadas pelo turismo. Partindo desse princípio, Vargas (2011) afirma que a criação de Territórios de Planejamento em alguns Estados brasileiros incorporou processo de divisão dos aspectos culturais até então desconsiderados como dimensão para a regionalização. No caso de Sergipe, esse processo é amparado pelo Decreto nº 24338 de 20/04/2007 cujo documento inaugura a posição de que a cultura é internalizada no plano do desenvolvimento e, por assim dizer, ela (a cultura) integra, em caráter definitivo, um eixo de inclusão social a partir da renda. Nesse contexto, nota-se que o Planejamento dos Territórios sergipanos, seguem avançando na tentativa de empreender:

(...) um novo padrão de regionalização que, por um lado, supera o eixo de promoção do desenvolvimento ancorado no modelo de turismo de praia e sol iniciado nos anos 1980 e, por outro, instiga a continuidade da abordagem cultural, (...) como dimensão do planejamento do desenvolvimento (VARGAS, 2011, p. 100).

Desse modo, consideramos o pensamento de Raffestin (1993) quando diz que o território é constituído a partir de relações de poder. Ora, não necessariamente, aquelas reações advindas das estruturas dos Estados ou de grupos particulares. Segundo o autor, as relações de poder são praticadas em todos os níveis da estrutura social. Para Vargas (2011, p. 100), “o poder, com efeito, permeia todas as relações em expressões e formas múltiplas, configurando os territórios [...]. São, portanto, as relações sociais e, nelas, as relações socioculturais exercidas pelos indivíduos, pelos grupos”.

Nesse sentido, faz eco a solicitação que a Secretaria de Estado de Planejamento fez à Universidade Federal de Sergipe para realização de um estudo sobre “Identidade, Cultura e Desenvolvimento dos Territórios Sergipanos: inventário cultural e elaboração de um atlas da cultura sergipana”.



Este estudo, de acordo com Vargas (2011), resultou em ampla pesquisa, envolvendo todos os 75 municípios de Sergipe, e constatou que a diversidade cultural existente em todos eles, eleva a números de manifestações culturais surpreendentes jamais imagináveis no Estado.

No que tange as grutas cársticas em Sergipe, há que sinalizar a ocorrência no Território do Leste Sergipano (em nosso estudo: a Gruta do Caboclo em Japaratuba); no Território da Grande Aracaju (no nosso estudo: a Gruta da Matriana, Gruta da Pedra Furada e Gruta Pedra Furada II em Laranjeiras) e no Território Centro Sul (no nosso estudo: a Furna de Dorinha e a Gruta Toca da Raposa, em Simão Dias). Além dessas selecionadas como objeto de estudo, registra-se a ocorrência de formações superficiais cársticas no Território de Planejamento do Agreste nos municípios de Itabaiana, Macambira, Campo do Brito e Areia Branca. As demais formações de grutas e abrigos ocorrentes no Estado estão localizadas no Território do Alto Sertão, mas não são cársticas e sim de formações em granito.

Diante dos fatos questionamos o porquê de Sergipe se destacar apenas no âmbito dos aspectos do turismo voltados para a segmentação de sol e praia, mediante tantas riquezas culturais, além da diversidade das paisagens naturais que envolvem as serras, os rios, as grutas, as culturas do Estado tão rico em diversidade de atrativos.

Outro aspecto relevante a ser considerado refere-se à ação do Ministério do Turismo e suas políticas direcionadas para o setor. Neste contexto, o Plano Nacional de Turismo (PNT), foi responsável pela implantação de uma grande quantidade de programas cuja finalidade era o desenvolvimento do turismo em todo o território nacional. No Brasil, o turismo deve sua força motriz de desenvolvimento e de estímulo ao setor público, a partir da segunda metade dos anos 90.

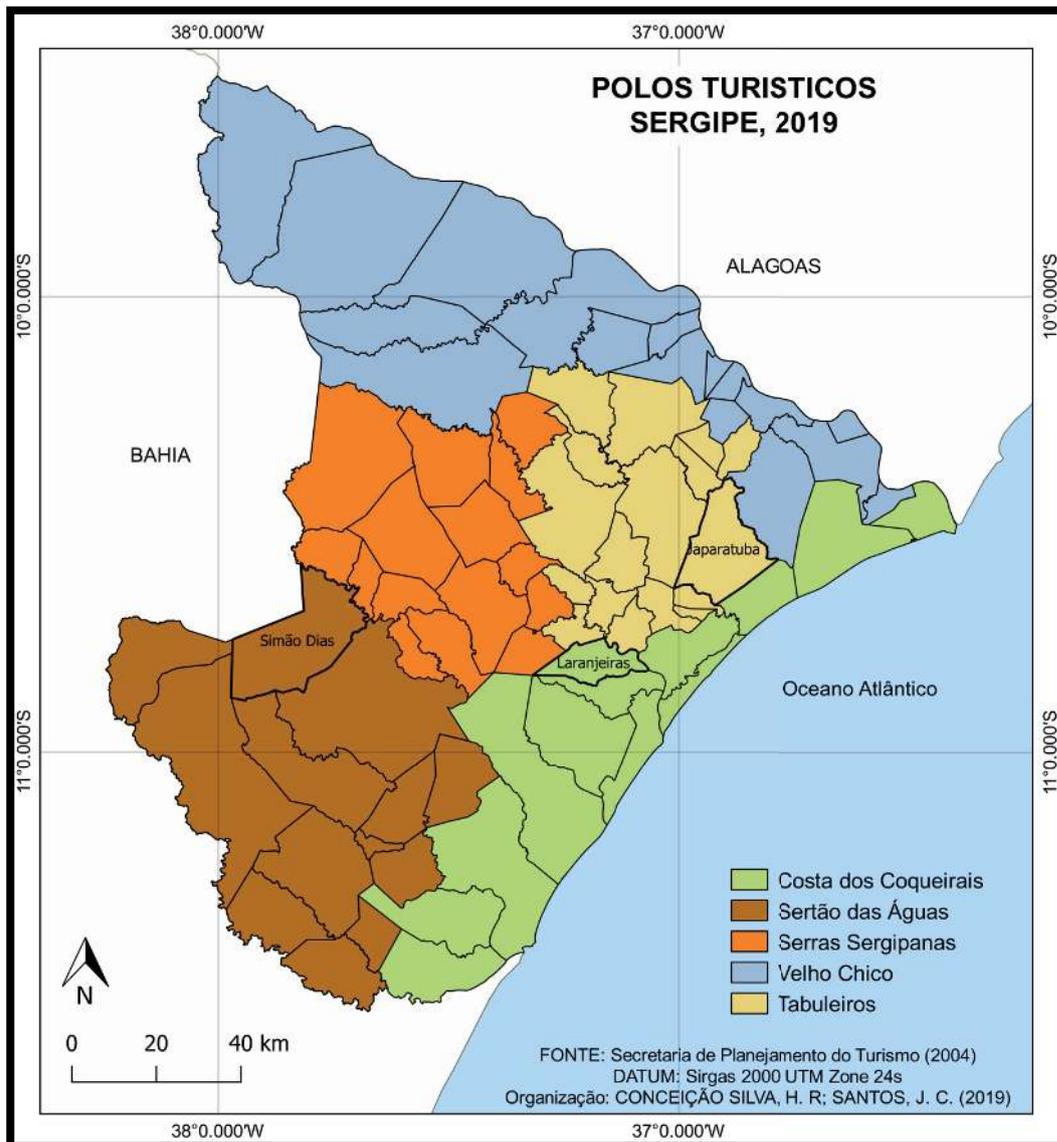
Nesse sentido, o PNT surgiu como uma proposta inovadora para expandir e fortalecer o mercado interno. Desse modo, gerar emprego e renda em uma clara continuidade às ações já implementadas pelo Ministério do Turismo (MTUR) e pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) com o objetivo de consolidar a oferta turística do Brasil no rol dos principais destinos do globo.

Em Sergipe, o aporte desenvolvimentista voltado para o turismo constatou resultados positivos. Em 2009, um grupo de técnicos, gestores e representantes de instituições vinculados ao desenvolvimento do turismo do Estado elaborou o Plano Estratégico de Desenvolvimento Sustentável do Turismo de Sergipe 2009-2014 (PDTIS). Com isso, foi possível, também em 2009, a elaboração e, conseqüentemente, a implementação de macros programas estratégicos para o desenvolvimento sustentável do Estado (SERGIPE, 2009). Como resultado, foram criados 4 (quatro) macro programas estratégicos para o desenvolvimento do turismo em Sergipe, assim considerados: 1) planejamento e gestão; 2) competitividade do turismo; 3) infraestrutura básica e turística; e 4) promoção e apoio à comercialização, por meio da consolidação da imagem do Estado e a diversificação dos seus produtos turísticos nos mercados interno e externo (SERGIPE, 2009).



Diante do exposto, notamos que o Estado de Sergipe segue e acompanha as políticas nacionais para o setor turístico, atualizando-se a fim de disputar uma fatia no mercado, com competitividade e eficiência, na oferta dos seus produtos turísticos. Observamos ainda em Sergipe iniciativas e ações com vistas à expansão do turismo para o interior do Estado. Com isso, a política de valorização das potencialidades implicou a divisão dos municípios em polos turísticos (Figura 06), destacando as singularidades e as características de cada polo:

Figura 06: Polos Turísticos de Sergipe



Fonte: Banco de Dados Geoespaciais SRH, 2012.

Organização: CONCEIÇÃO SILVA, Heberty Ruan; SANTOS, Jorginaldo Calazans dos. 2019

Com a criação do PDTIS, baseados nas políticas nacionais de Regionalização do Governo Federal, foram selecionados os municípios com capacidade para desenvolver as atividades em cada polo turístico demarcado. A proposta de



“Inclusão de Renda” visa implantar a infraestrutura produtiva a fim de promover o desenvolvimento sustentável em todos os territórios de Sergipe. Desse modo, gerando oportunidades, ocupação e renda para os municípios sergipanos.

Conforme a política do Ministério do Turismo (2013), de demarcação dos municípios turísticos de cada Estado da federação, Sergipe teve um aumento do número dos municípios que integram o desenvolvimento da atividade turística. Assim, com a elevação do número de municípios envolvidos com atividade turística e, também, aumento dos investimentos, implicou em aumento de demandas, registradas nos últimos 10 (dez) anos.

Por regiões turísticas, os números de municípios estão distribuídos nos 5 (cinco) polos, tais como: Polo Serras Sergipanas (5); Velho Chico (8); Polo Tabuleiros de Sergipe (5); Sertão das Águas (6); e Polo Costa dos Coqueirais (13). A partir desses dados são direcionados os recursos para serem investidos nos polos, sendo o maior número de municípios envolvidos com o turismo, recebem a maior fatia dos investimentos públicos (MTUR, 2013). Nestas condições, destaca-se o Polo Costa dos Coqueirais, envolvendo 13 municípios, a saber: Aracaju, Barra dos Coqueiros, Brejo Grande, Estância, Indiaroba, Itaporanga D’Ajuda, Laranjeiras, Nossa Senhora do Socorro, Pacatuba, Pirambu, Santa Luzia do Itanhy, Santo Amaro das Brotas e São Cristóvão.

O Mapa do Turismo Brasileiro de 2017⁹ apresenta o Estado de Sergipe com 58 municípios identificados, de acordo com a categorização das Regiões Turísticas. O instrumento elaborado pelo Ministério do Turismo identifica o desempenho da economia do turismo a fim de facilitar a identificação e apoio a cada um. Conseqüentemente, o Polo Costa dos Coqueirais recebe mais benefícios públicos, abarcando todo o litoral do Estado. Ainda apresenta hegemonia na concentração desse fluxo, sobretudo, na capital Aracaju, que a cada dia vem absorvendo os benefícios provenientes dos programas federais (SANTOS, 2014).

Nesse sentido, percebe-se que Aracaju devido a fatores como localização e belezas naturais, possui vocação natural para o turismo de sol e praia, com destaque para orla da praia de Atalaia, principal ponto de instalação de equipamentos turísticos. Os meios de hospedagem ali instalados atendem uma demanda de turistas de lazer motivados pela praia, além de concentrar os principais restaurantes e agências de viagens e turismo. Desse modo, a capital concentra os turistas que vem visitar o Estado.

Ainda assim, Sergipe tem uma demanda turística com campos a serem desenvolvidos. Neste sentido, o PDITS (2009-2014) desenvolve ações articuladas em redes, a partir das proximidades relacionadas a cultura e cooperação dos

⁹ Instrumento que destaca municípios que adotam o turismo como estratégia de desenvolvimento e norteiam a definição de políticas públicas para o setor.



municípios trabalhados, gerando um desenvolvimento local e global. Os pontos fortes detectados pelo PDITS sobre a competitividade do turismo em Sergipe estão baseados nos fatos de que os atrativos explorados ainda garantem a manutenção da biodiversidade do entorno; existe potencial para o turismo de natureza, com possibilidade da prática de turismo em Unidades de Conservação; e importante acervo do patrimônio cultural material e imaterial.

Esses pontos fortalecem as atividades turísticas adentrarem ao interior do Estado, não se limitando apenas aos atrativos litorâneos, destacado por produtos concentrados na faixa litorânea como Mangue Seco, Praias do Litoral Sul, Foz do Rio São Francisco, atrativos de maior comercialização receptiva em Sergipe.

Alguns Estados do país estão mais avançados nas demarcações de rotas consolidadas no turismo. Nesses termos, destacamos Minas Gerais que tem a “Rota das Grutas” o produto mais comercializado. Trata-se de um roteiro que envolve as comunidades de entorno para o funcionamento da atividade turística. A seguir, conforme expusemos na metodologia, apresentamos nossa análise resultante da visita que fizemos na condição de pesquisador.

Turismo nas Grutas de Minas Gerais

Minas Gerais é um dos Estados brasileiros que dispõe de rica geodiversidade, com destaque para as sequências de idades geológicas, distribuídas em variados contextos tectônicos e metamórficos. Considerando também que, desde o Brasil Império, Minas Gerais ocupa relevante destaque vinculado as descobertas relacionadas aos seus recursos minerais, ou ainda, pela exuberância de suas paisagens (RUCHKYS, 2007).

Além disso, Minas Gerais possui significativa área cárstica, sendo pioneiro no desenvolvimento de estudos relacionados às formações e aos elementos deste relevo. Também foi pioneiro na estruturação das grutas para o desenvolvimento da atividade turística, destacando seu vasto patrimônio natural de caráter geológico, fundamental para a incorporação do turismo.

Sobre o relevo cárstico, Minas Gerais também se destaca pela prática do geoturismo nas suas grutas amplamente abertas para a visitação pública. Outro aspecto importante refere-se às contribuições para esclarecer o enigma científico sobre a evolução do ser humano da América do Sul, conduzido por Peter Wilhelm Lund. Considerado o pai da paleontologia brasileira, esse naturalista dinamarquês descobriu fósseis os quais valorizam à região de Lagoa Santa, referência nos estudos da comunidade científica.

Segundo Holten (2011), um importante marco para os estudos do



carste em Minas Gerais foi a passagem de Peter Lund (1801-1880), um dos pesquisadores mais notáveis do século XIX. Ao longo dos seus 10 anos de trabalho intenso nas grutas calcárias brasileiras, ele lançou a base de um novo conhecimento e novas explicações para a origem da Terra, da flora, da fauna e da humanidade, fundamentando-se nas ideias revolucionárias de Darwin. Suas descobertas ainda nos dias de hoje servem como base e estímulo para os pesquisadores que trabalham nas grutas que ele descobriu.

Além das suas contribuições para o meio acadêmico e científico, Lund fez com que as grutas se tornassem atrativos tanto para outros pesquisadores quanto para curiosos. Assim, as visitas às grutas iniciaram de forma desorganizadas, sem controle e com precárias condições de acesso e de locomoção no interior das grutas. Mas, com o passar do tempo se fez necessário organizar as visitas a fim de atenuar os impactos negativos ocasionados pelo movimento dos visitantes.

O turismo praticado nas grutas cársticas mineiras está atrelado às práticas da geoconservação e da geodiversidade, categorias fundamentais para se entender o geoturismo (BRILHA, 2005). O geoturismo é definido como um tipo de turismo que utiliza as características naturais do local visitado com destaque para o ambiente, a cultura, a estética, o patrimônio, incluindo o bem-estar das comunidades locais.

Das 7.446 grutas cadastradas no CANIE, no Estado de Minas Gerais apenas três são liberadas para a visitação turística, seguindo os padrões legais necessários, mediante Plano de Manejo Espeleológico. Além dessas grutas, o roteiro é composto por outros marcos que representam a passagem de Lund pelo Estado. Ao todo são seis marcos, a saber: marco 0, o Museu de Ciências Naturais da PUC, localizado em Belo Horizonte; em Lagoa Santa localizam-se três marcos, o marco 01 o túmulo de Peter Lund, o marco 02 o Centro de Arqueologia Annette Laming Emperaire e o marco 03 o museu Peter Lund e a Gruta da Lapinha; em Sete Lagoas temos o marco 04, a gruta Rei do Mato; e em Cordisburgo temos os dois últimos marcos, que seriam, a Gruta do Maquiné, marco 05 e o Museu Guimarães Rosa, marco 06, conforme Figura 07. Nestas imagens, esse marco será representado pela legenda 3a e 3b:



Figura 07: Marcos da Rota das Grutas Peter Lund

<p style="text-align: center;">Marco 0</p>  <p style="text-align: center;">Museu de Ciências Naturais da PUC</p>	<p style="text-align: center;">Marco 01</p>  <p style="text-align: center;">Túmulo de Peter Lund</p>
<p style="text-align: center;">Marco 02</p>  <p style="text-align: center;">Centro de Arqueologia Annette Laming Emperaire</p>	<p style="text-align: center;">Marco 03a</p>  <p style="text-align: center;">Museu Peter Lund</p>
<p style="text-align: center;">Marco 03b</p>  <p style="text-align: center;">Gruta da Lapinha</p>	<p style="text-align: center;">Marco 04</p>  <p style="text-align: center;">Gruta Rei do Mato</p>
<p style="text-align: center;">Marco 05</p>  <p style="text-align: center;">Gruta do Maquiné</p>	<p style="text-align: center;">Marco 06</p>  <p style="text-align: center;">Museu Guimarães Rosa</p>

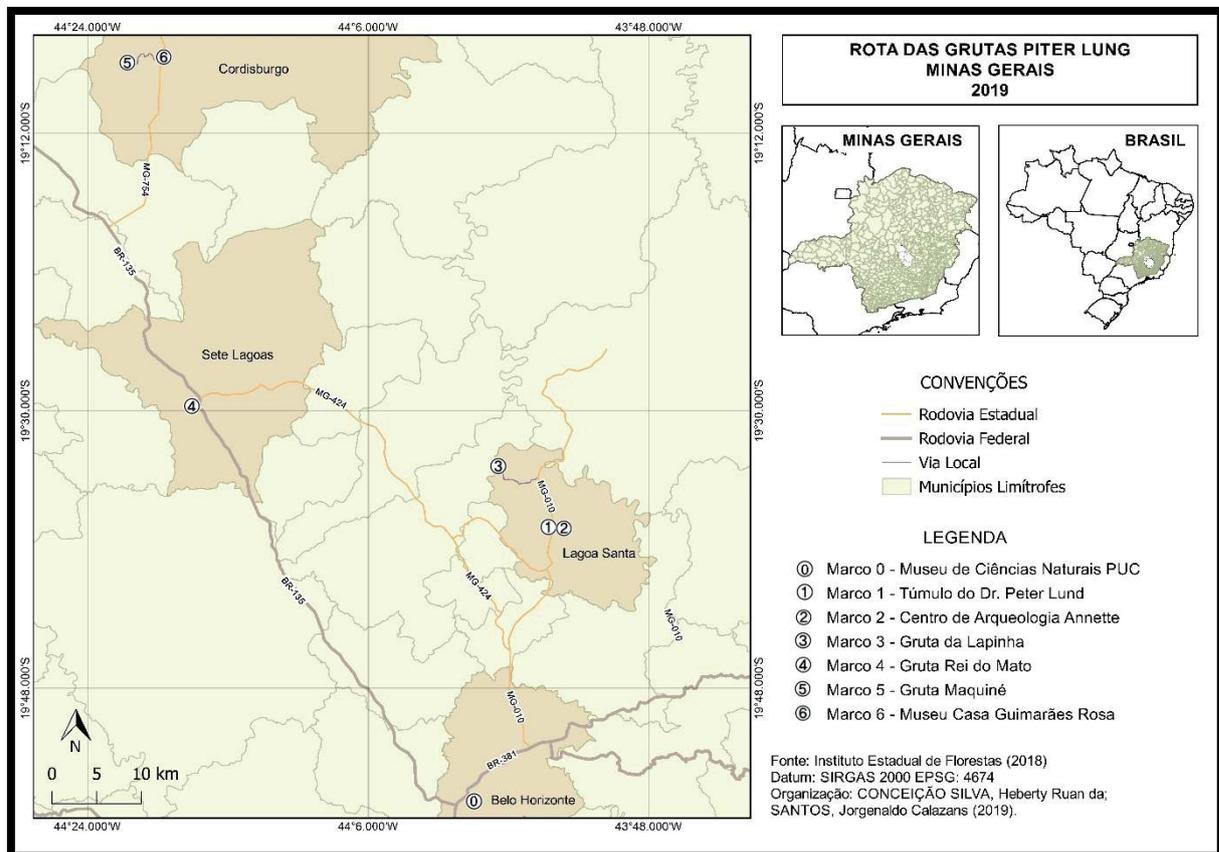
Fonte: <<http://pelasestradasdeminas.com.br/>>

As grutas turísticas em Minas Gerais compõem um roteiro estabelecido pelo Governo do Estado, intitulado “Rota das Grutas de Peter Lund”, correspondente



a um projeto que visa promover o desenvolvimento regional por meio do turismo. Essa rota foi estruturada a partir dos locais onde o naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund dedicou suas pesquisas: Belo Horizonte, Lagoa Santa, Pedro Leopoldo, Sete Lagoas e Cordisburgo, conforme Figura 08.

Figura 08: Rota das Grutas Peter Lund



Fonte: Instituto Estadual de Florestas, 2018.

Organização: CONCEIÇÃO SILVA, Heberty Ruan; SANTOS, Jorginaldo Calazans, 2019.

As três grutas selecionadas para o estudo fazem parte da Rota das Grutas de Minas Gerais, abertas para visitação, cuja regulamentação consta no Plano de Manejo de Visitação¹⁰. Para a produção e implantação do Plano de Manejo é realizado diagnóstico dos atributos bióticos, abióticos, socioeconômicos e culturais da UC e entorno, além dos aspectos gerenciais da unidade, sua relação com o órgão gestor e demais atores relacionados. As informações do diagnóstico são utilizadas para elaboração de um modelo sistêmico, representando o funcionamento da UC, seus diferentes ecossistemas, as principais ameaças, pressões, potencialidades e prioridades.

Após a confecção e aprovação do Plano de Manejo, adveio o planejamento

¹⁰ O Plano de Manejo é um documento técnico obrigatório que estabelece o zoneamento e as normas que devem presidir o uso e o manejo dos recursos naturais, conforme prevê a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da UC (BRASIL, 2000).

estratégico que definiu a missão, visão de futuro, políticas e objetivos da UC, culminando com a elaboração de um plano de ação. Este compreende um conjunto dos programas e projetos propostos para se atingir a missão da UC.

As grutas turísticas de Minas Gerais pertencem a Unidades de Conservação. No Brasil, existem inúmeras áreas cársticas com grutas importantes, guardando registros do passado da humanidade, e caracterizando o relevo cárstico de forma particular. Estas áreas apresentam um conjunto de feições muito características que configuram uma paisagem marcante, além de outros motivos que justificam a importância de conservar esses espaços. Neste sentido, a criação da “Rota das Grutas” teve como pretensão divulgar o conhecimento geológico de Minas Gerais, com base na conservação de seus monumentos naturais.

Desde o planejamento até a consolidação do que hoje se apresenta como “Rota das Grutas”, foram cumpridas várias etapas as quais o governo e a comunidade estiveram envolvidos. Considerando também a organização dos moradores de entorno das grutas, resultante da Associação do Circuito Turístico das Grutas (ACTG). A ACTG é reconhecida pelo Decreto Lei nº 43.321 de 08/05/2003, sendo o principal interlocutor entre os municípios e governos em nível federal e estadual, orientando e coordenando, em parceria com os conselhos municipais, a execução da política de turismo junto à cadeia produtiva local.

Apesar de Minas Gerais possuir um relevo cárstico marcado pela paisagem conservada, em contraponto existem relatos de depredação e destruição dessas paisagens. Um dos exemplos é a Lapa Vermelha (situada próxima a cidade de Lagoa Santa). Neste local o pesquisador Peter Lund encontrou o primeiro fóssil humano da América do Sul, com idade entre 10 e 12 mil anos, e que, mais tarde, popularizou-se com o nome de ‘Homem de Lagoa Santa’ (CARTELLE, 1994). Hoje essa lapa não existe devido à extração de rochas pela indústria de cimento.

Cada gruta possui particularidades em relação a forma de desenvolver as atividades turísticas. No entanto, todas estão fundamentadas no princípio do geoturismo. Além disso, as grutas seguem os padrões de segurança estabelecidos no Plano de Manejo de Visitação, todas administradas pelo Instituto Estadual de Floresta de Minas Gerais (IEF). Destacaremos a seguir detalhes que compõem o circuito, trazendo peculiaridades das três grutas da Rota das Grutas Peter Lund.

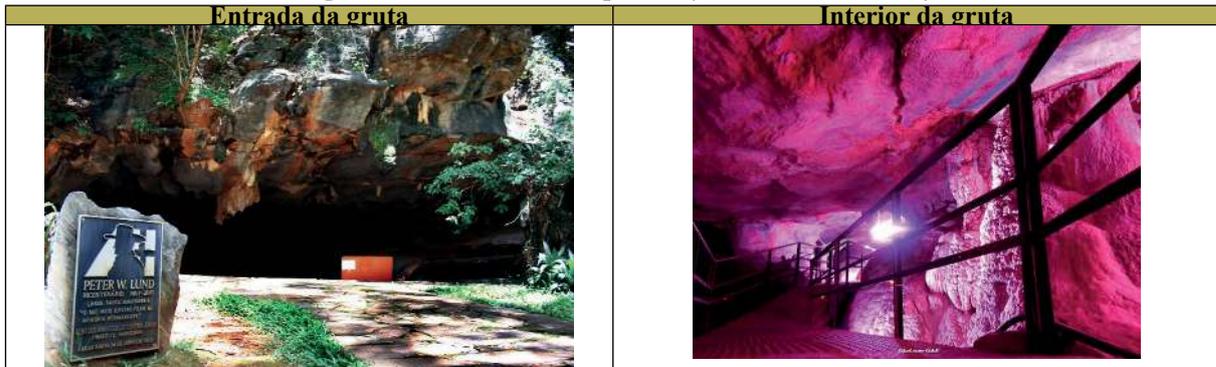
Gruta da Lapinha – Lagoa Santa

A Gruta da Lapinha (Figura 09) está localizada dentro do Parque Estadual do Sumidouro (PESU), distante 38km da capital Belo Horizonte. Possui extensão de 2.000ha e foi criado com o objetivo de preservar o patrimônio cultural e natural existente na região cárstica de Lagoa Santa. A unidade possui como atrativos as



trilhas interpretativas: a Lagoa e a Lapa do Sumidouro, com as pinturas rupestres e o sítio arqueológico de importância mundial, escavado pelo naturalista Peter Lund.

Figura 09: Gruta da Lapinha (entrada e interior)



Fonte: Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais - IEF

A Gruta da Lapinha encanta pela sua grandiosidade e a beleza dos seus espeleotemas, possuindo vantagens por estar inserida em um contexto de parque, dotada de infraestrutura adequada para receber os turistas e as comunidades existentes no município de Lagoa Santa.

O Parque Estadual do Sumidouro (Figura 10) destaca-se pela quantidade de sinalização turística, facilitando a chegada aos atrativos a serem visitados, com destaque para a casa de Fernão Dias. Conduzido por monitores contratados pelo IEF, a apresentação é feita por banner, explicando o contexto histórico de um importante bandeirante que deu origem ao povoamento da região:

Figura 10: Parque Estadual do Sumidouro - sinalização turística



Fonte: <<http://anabelajardim.blogspot.com/2011/08/parque-estadual-do-sumidouro.html>>
 Autora: JARDINS, Anabela.



Após a visita a Casa Fernão Dias inicia a trilha do Sumidouro (Figura 11), com extensão de 2.300m, ida e volta, cujo tempo previsto de realização completa da trilha entre 1h30min a 2h, aproximadamente. No início da trilha é possível contemplar uma vegetação de cerrado que acompanha o entorno até chegar ao Maciço do Sumidouro (paredão rochoso onde é desenvolvida a prática de rapel):

Figura 11: Estrutura das trilhas no Parque do Sumidouro



Fonte: Trabalho de Campo, 2017
 Autor: SANTOS, Jorgenaldo Calazans

Durante todo o percurso, o condutor expõe a paisagem com destaque para a vegetação de entorno. Passando pelo mirante sobre o rochedo do sumidouro é possível ter a visão de todo o lago. Um dos momentos mais importante da visita é a vista do paredão com pinturas rupestres, além do Lago do Sumidouro que dá nome ao parque.

Em seguida, retornamos ao mirante quando alcançamos outra trilha para acessar a entrada da Gruta do Sumidouro, local exato onde Peter Lund encontrou vestígios de ossadas humanas, associadas a fauna extinta. Tais escavações foram realizadas em período de seca da lagoa que permitiu descobrir cerca de 30 crânios humanos, denominados de o “Homem de Lagoa Santa”.

O segundo momento da visita contempla o museu Peter Lund (Figuras 14) e a visita a Gruta da Lapinha. Construído ao lado da Gruta da Lapinha, o museu foi inspirado na trajetória do naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund



pela região de Lagoa Santa. Possui um acervo com 82 fósseis, cedidos ao Estado de Minas Gerais pelo Governo da Dinamarca por três anos. O acervo do museu é composto por um conjunto de pequenos fósseis entre ossos de anta, preguiça, tamanduá, raposa, tigre-dente-de-sabre, tatu gigante, entre outras espécies que viveram na região há cerca de 10 mil anos. Entre eles, estão 30 ossos de homens pré-históricos encontrados por Lund em Lagoa Santa, considerados os primeiros fósseis encontrados nas Américas.

No terceiro piso do museu (Figura 13), na qual a visita inicia, há uma recepção para que o visitante solicite credenciamento para ter acesso ao espaço. A pré-sala possui uma mesa de jogos de tabuleiro, tema do Parque Estadual do Sumidouro, cujo conteúdo reúne elementos da fauna e da flora. Nesse mesmo andar existe um *toten touch screen* com um mapa da Rota das Grutas, e informações sobre a prática que será iniciada logo em seguida.

No segundo andar do museu há mesa de espeleologia, considerada uma introdução a visita na Gruta da Lapinha. Possui uma planta baixa, além de fotos e vídeos da gruta. Nesse andar é apresentado um mapa com os limites e atrativos turísticos do Parque Estadual do Sumidouro, além da história sobre a ocupação humana na América e o contexto que se encontra Luzia, o sinal mais antigo registro humano no continente americano.

Algumas homenagens são feitas a personalidades importantes que, além de Peter Lund, ajudaram a construir um legado para arqueologia do Brasil, um deles é o espaço dedicado a Eugene Warming, pesquisador que acompanhou Lund em suas pesquisas após a morte de Brandt (1845).

Para finalizar a visita ao museu, o visitante passa pela sala de segurança, espaço onde se encontram os equipamentos para dar início à visita da Gruta da Lapinha. O ambiente possui 511 metros de extensão, distribuídos em belíssimas galerias e salões. A visita ocorre com o acompanhamento de monitores que passam informações sobre o surgimento dos espeleotemas da gruta e da fauna característica, como insetos, morcegos, aranhas, entre outros.

Além do engajamento da comunidade na criação e gestão dos



Figura 12 – Guarita de controle de acesso



Figura 13 – Passarela de acesso ao centro de visitantes



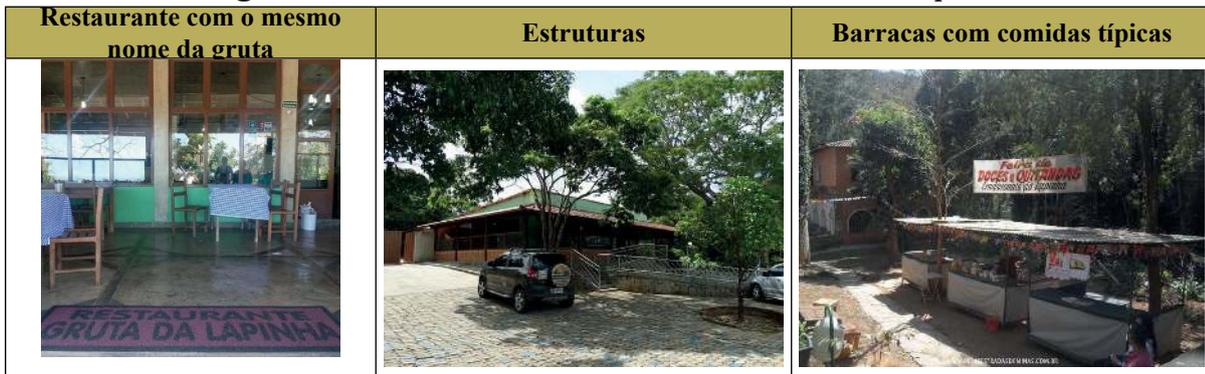
Figura 14 – Museu Piter Lund

Fonte: Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais - IEF



equipamentos turísticos, como bares, restaurantes, casas de café, lojinhas de artesanatos, dentre outros, é possível encontrar vários serviços turísticos (Figura 15) no entorno do Parque Estadual do Sumidouro, entre eles 11 restaurantes e 03 pousadas, tudo administrado por moradores do entorno que perceberam a oportunidade de contribuir com o atendimento adequado aos turistas e, conseqüentemente, ter lucratividade nos negócios.

Figura 15: Estabelecimentos no entorno da Gruta da Lapinha



Fonte: <<http://pelasestradasdeminas.com.br/gruta-da-lapinha-parque-estadual-do-sumidouro-lagoa-santa/>>

Os proprietários dos restaurantes disseram estarem satisfeitos com o movimento que os turistas dão aos seus estabelecimentos.

Os saberes e fazeres da comunidade estão relacionados a produção de doces de frutas típicas da vegetação local, quitandas e artesanatos vendidos nas bancas do entorno do Parque Estadual do Sumidouro. Das variedades existentes se destacam a conserva de jurubeba, de broto de bambu, de legumes, de pequi; farinha de casca de jabuticaba; pão de batata e pão de queijo; vinho de jabuticaba, licores de jabuticaba e pequi; linguiças de pequi, jiló, alho e molho de pequi; geleia de jabuticaba, cocada branca, doce de mamão, de cidra, de figo, de leite em pedaços, amendoim, pé de moleque, goiabada mole e cascão, biscoitos de nata, polvilho, doces cristalizados de abóbora, casca de laranja e limão.

Dentre os artesanatos produzidos pela própria comunidade destacam-se os potes de geleias, ímãs, camisetas, chaveiros, cadernetas, cordões, colares e peças para decoração feitas especialmente com temáticas rupestres da região do Carste de Lagoa Santa.

Gruta Rei do Mato – Sete Lagoas

A Gruta Rei do Mato localiza-se em Sete Lagoas às margens da BR-040, a 62 quilômetros de Belo Horizonte (MG).



O Monumento Natural Estadual¹¹ Gruta Rei do Mato (Figura 16) é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral criada pela Lei Estadual nº 18.348, de 25 de agosto de 2009, com o intuito de proteger o sítio arqueológico. Seu ecossistema cárstico de grande beleza cênica, de fauna e flora valoriza os patrimônios espeleológico, arqueológico e paleontológico. Assim como a Gruta da Lapinha, a Gruta Rei do Mato também é gerida pelo Instituto Estadual de Florestas – IEF.

A Gruta Rei do Mato situa-se a 867m de altitude. Seu maciço é recoberto por mata seca residual. Com uma pequena entrada principal, apenas, a gruta apresenta duas ramificações, com 998m torais de extensão, sendo extensão turística 220m de passarela em estrutura metálica, com guarda corpo de 1,20m em todo o percurso, e desnível de 48m e 131 degraus (MARA, 2001).

A gruta possui quatro salões dotados de espeleotemas, dentre os quais, destacam-se estalactites, estalagmites, colunas, cascatas e cortinas. Os quatro salões possuem características diferentes e são nomeadas como couve-flor, o 1º salão; o 2º salão, dos blocos desabados; o 3º, o salão principal e o 4º salão é o das raridades ou salão do castelo.

Além da gruta principal, a visita contempla uma passagem em uma lapinha, um abrigo sobre rocha que possui pinturas rupestres muito importantes. Esse abrigo fica apenas a 50m da entrada principal da Gruta Rei do Mato.

O Monumento possui infraestrutura (Figura 17) de receptivo com ampla área coberta, bilheteria, auditório, galeria com exposição de arte de pintura rupestre, banheiros e estacionamento para melhor atender aos visitantes.

Figura 16 – Interior da Gruta Rei do Mato



Fonte: Trabalho de Campo, 2017
Autor: SANTOS, Jorgenaldo Calazans

11 Categoria de Unidade de Conservação do grupo de uso sustentável, com o objetivo básico de preservar sítios naturais raros, singulares ou de grande beleza cênica. Esse tipo de espaço pode ser constituído por áreas particulares desde que seja possível compatibilizar os objetivos da unidade com a utilização da terra e dos recursos naturais do local pelos proprietários.

Figura 17: Estrutura Turística da Gruta Rei do Mato

Fonte: < https://www.tripadvisor.com.br/monumento_Natural_Estadual_Gruta_Rei_do_Mato-Sete_Lagoas.html >

A visita conta com o acompanhamento do guia turístico. O percurso, ida e volta, é realizado a pé, e tem duração média de 01 hora. Para grupos a partir de 10 pessoas é necessário agendamento prévio com antecedência mínima de 48 horas do dia e horário pretendido.

Gruta Maquiné – Cordisburgo

A Gruta Maquiné está localizada no município de Cordisburgo, situada a 120 quilômetros de Belo Horizonte. É a gruta que mais se destaca pela riqueza dos seus espeleotemas (Figura 18). Foi descoberta em 1825 pelo fazendeiro Joaquim Maria Maquiné, na época proprietário das terras e, também, esteve na rota de exploração científica do naturalista dinamarquês Peter Lund, em 1834.

Figura 18: Interior da Gruta Maquiné

Fonte: Trabalho de Campo, 2017.
Autor: SANTOS, Jorgenaldo Calazans.

Está localizada na Serra Maquiné, distante 5km do município de Cordisburgo, cujo acesso se dá pela Rodovia Alberto Ramos. Possui altitude de 720m. Em seu interior há uma sensação de frescor, além da vegetação do entorno que se encontra bem preservada. A proximidade com a cidade de



Cordisburgo facilita o deslocamento dos monitores que trabalham na gruta, pois, são todos residentes dessa cidade.

Na entrada existe a bilheteria que dá acesso ao Museu da Gruta Maquiné e que se destaca pela modernidade. É um museu interativo, com alguns ambientes voltados especialmente para crianças.

A Gruta é toda iluminada, com passarelas para segurança dos turistas na visita, promovendo um maior conforto a quem visita. Nas proximidades da sua entrada foi construída uma infraestrutura turística (Figuras 19 e 20), composta de dois restaurantes, servindo comida típica da região, estacionamento para ônibus e carros, telefones públicos, além de possuir todos os acessos pavimentados.

Figura 19: Estrutura de acesso na Gruta Maquiné



Fonte: Trabalho de Campo, 2017.
Autor: SANTOS, Jorgenaldo Calazans.

O centro de visitantes está dotado de lojas de artesanato que comercializam produtos fabricados pelos moradores de Cordisburgo cujas matérias-primas são retiradas da própria natureza, como sementes das árvores, folhas, troncos e principalmente rejeitos de rochas utilizadas na mineração.



Figura 20: Infraestrutura turística na Gruta Maquiné

Fonte: Trabalho de Campo, 2017.
 Autor: SANTOS, Jorginaldo Calazans.

A iluminação das passarelas possibilita aos visitantes vislumbrarem, com segurança, toda a gruta. Para a visita, é indispensável o acompanhamento de um monitor da própria gruta. A gruta é essencialmente horizontal, facilitando a visita para todos os públicos, inclusive com acesso para portadores de necessidades especiais. Nem toda a extensão da gruta é disponibilizada para a visita turística. Ao final do percurso existe uma fenda vertical que parece fechar-se pela parte superior, criando uma forma destacada na visita.

Segundo os condutores, o pesquisador e cientista Peter Lund permaneceu dentro da gruta por quase dois anos fazendo seus estudos sobre a paleontologia brasileira e descobriu restos humanos e de animais em petrificação da Era Quaternária.

Os estudos das realidades turísticas no Brasil têm crescido nos últimos anos e, se conduzido de modo estratégico, eles podem agregar perspectivas de proteção e cuidado para com o patrimônio disponível para visita. Nesse sentido, as três grutas abertas para visita turística no Estado de Minas Gerais estão em Unidades de Conservação e são beneficiadas pelo modelo sustentável de relação entre turista e o patrimônio natural.

Destacamos que tanto a Gruta Rei do Mato quanto a Gruta Maquiné são Unidades de Proteção Integral, na categoria de Monumento Natural Estadual. Consideramos ainda que a Gruta da Lapinha está enquadrada na categoria



de Parque Estadual do Sumidouro, todas sob responsabilidade do Instituto Estadual de Florestas (IEF), cabendo a esse órgão as medidas necessárias para administrá-las. Estarem vinculadas ao IEF significa a garantia de políticas de conservação mais regradas, pois o IEF tem como responsabilidade a fiscalização e o controle de todo esse patrimônio.

De acordo com a gerência do Parque Estadual do Sumidouro é vantajoso estar vinculado à gestão de Áreas Protegidas do IEF, pois, a instituição promove ações de parcerias, de cooperação com os Municípios nas quais as grutas estão localizadas. A partir dessas parcerias é possível seguir com os trâmites, por exemplo, da gestão do monumento e formação de conselho consultivo que ajudam a tomar as decisões da administração desses monumentos, por exemplo, a elaboração do Plano de Manejo dessas Unidades de Conservação.

Em todas as grutas visitadas existem demandas turísticas (Figura 21). São atrativos que recebem milhares de visitantes, por isso, mantém a infraestrutura adequada. Esses fluxos turísticos trazem benefícios para as cidades e movimentam a economia local, implementando renda para as comunidades.

Figura 21: Fluxo turístico na Gruta Maquiné



Fonte: Trabalho de Campo, 2017.
Autor: SANTOS, Jorgenaldo Calazans.

Observamos nas grutas visitadas a facilidade no acesso, com estradas conservadas e sinalizadas. Além disso, os municípios onde estão localizadas as grutas, apresentam uma boa estrutura de bares e restaurantes, com elementos da culinária da região. Outro aspecto necessário à adequação turística refere-se ao papel da administração desses estabelecimentos que, em sua maioria, é gerida por famílias residentes nos municípios onde as grutas estão localizadas.

As hospedagens, na maioria pousadas, também são administradas por famílias que receberam incentivos e formação para investir nesse negócio. Outrossim, a produção de artesanato também ligada a economia das famílias dos municípios



cujas peças são produzidas com rejeito da mineração como imãs, cinzeiros, casas, porta lápis, pesos de mesas, dentre outros. Souvenirs são confeccionados e comercializados (Figura 22) igualmente por familiares, moradores da região:

Figura 22 : Comercialização de artesanato



Fonte: Trabalho de Campo, 2017.
Autor: SANTOS, Jorgenaldo Calazans.

Nas três grutas visitadas, existem painéis com informações sobre o processo de formação das grutas (Figura 23) e indicações de como os visitantes podem aderi-los para preservar o ambiente visitado. Inicialmente, o condutor responsável pelo grupo passa informações sobre a fauna e flora encontradas durante o percurso; os cuidados que precisam ser tomados, principalmente no sentido de manter o patrimônio intacto; além de tópicos relacionados à educação ambiental e a conservação dos ecossistemas, não apenas os relacionados as paisagens cársticas.

Por fim, constatamos que a abertura de uma gruta para o turismo em massa provoca uma série de intervenções que podem vir a alterar ou mesmo danificar permanentemente a gruta. A instalação de luz artificial, por exemplo, pode levar à alteração da temperatura e da umidade da gruta, ainda que tenha sido feito um estudo de capacidade de carga. Além de impactar tais ambientes, implica em depreciação dos aspectos visuais.



PERCEPÇÕES DAS PAISAGENS CÂRSTICAS E OLHARES TURÍSTICOS SOBRE AS GRUTAS SERGIPANAS



Afloramento calcário no município de Japaratuba.
Autor: RAMOS, Luan Lacerda (2018).



Considerando o potencial turístico das grutas sergipanas, neste capítulo discutiremos questões relativas as práticas no setor, tais como, as atividades desenvolvidas pelas agências de viagem. Além disso, perfazemos os exercícios pedagógicos e acadêmicos desenvolvidos pelas instituições de ensino, incluindo suas potencialidades no aspecto de ensino-aprendizagem. Logo, o turismo compreende as experiências de troca entre o homem e o espaço. Dessa forma, o turismo é aqui entendido como fenômeno transformador dos espaços, e, caso haja planejamento, pode gerar benefícios para a localidade que o desenvolve.

Órgãos e Instituições: estruturas e atuações

O processo de implementação de políticas públicas para a atividade turística implicou a formação de elementos estruturantes capazes de oferecer um direcionamento para o setor. Destacamos, por exemplo, a regulamentação das grutas no Brasil e, no caso específico, em Sergipe. De fato, para analisar a paisagem e o turismo praticado em grutas é necessário entender os processos legais que regem as esferas federal, estadual e municipal.

Segundo a resolução do CONAMA 347/2004, no artigo 2, parágrafo I, as grutas no Brasil são cavidades definidas como “todo e qualquer espaço subterrâneo penetrável pelo ser humano, com ou sem abertura identificada, popularmente conhecido como caverna, gruta, lapa, toca, abismo, furna e buraco, incluindo seu ambiente, seu conteúdo mineral e hídrico, as comunidades bióticas ali encontradas e o corpo rochoso onde as mesmas se inserem” (CONAMA, 2004). Neste aspecto, consideramos que a formação tenha sido por processos naturais, independentemente de suas dimensões ou do tipo de rocha encaixante. As cavidades naturais são feições geomorfológicas de um relevo conhecido globalmente intitulado como carste. Para Lino (2001), o termo carste remonta sua origem no vocábulo iugoslavo “kräs” e, neste caso, deve ser traduzido como “campo de pedras calcárias”.

Inseridas no patrimônio material nacional, a proteção das grutas se impõe como algo de fundamental importância em razão de sua relevância para o meio ambiente natural e cultural. Nas últimas décadas, presenciamos a expansão da atividade econômica elevando assim, os seus números em cifras milionárias. Em consequência, registrou-se, também, o aumento da pressão sobre os recursos naturais, viabilizando um aparato legal para garantir a proteção do patrimônio natural e normatizar seu uso.

Desde que a Constituição Federal de 1988, em seu Art. 20, inciso X, instituiu que as cavernas são bens da união, uma série de atos legais foram



editados pelo poder público, visando ordenar as atividades potencialmente impactantes a esses espaços. Após a promulgação da Constituição Federal, com a criação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), em 1989, foi instituído a Portaria nº 887, de 15/06/1990, estabelecendo as principais normas para a gestão das cavernas. Nessa Portaria mereceu destaque o art. 3º, que limitou o uso das cavernas apenas a estudos de ordem técnico-científica, bem como atividades de cunho espeleológico, étnico-cultural, turístico, recreativo e educativo.

Logo em seguida, o Decreto Federal nº 99.556, publicado em 01/10/1990, reafirma o estabelecido na Portaria nº 887 e, pela primeira vez, enfoca objetivamente a proteção e o manejo das cavernas. Neste sentido, destacamos o art. 1º:

As cavidades naturais subterrâneas existentes no território nacional constituem patrimônio cultural brasileiro, e, como tal, serão preservadas e conservadas de modo a permitir estudos e pesquisas de ordem técnico-científica, outrossim, as atividades de cunho espeleológico, técnico-cultural, turístico, recreativo e educativo (DECRETO Nº 99.556, 1990).

Outra regulamentação é viabilizada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) que propõe políticas públicas direcionadas às grutas brasileiras por intermédio do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas (CECAV), cujas ações compreendem: implantar, gerir, proteger, fiscalizar, monitorar, fomentar e executar programas de pesquisa, proteção, preservação e conservação da biodiversidade. Compete também ao ICMBio: editar normas de fiscalização e de controle do uso das grutas brasileiras, fomentar pesquisas que possibilitem ampliar o conhecimento das grutas existentes, e, elaborar relatórios de avaliação dos diversos espaços sob sua responsabilidade. Com a criação do ICMBio em 2007, a maioria dos centros especializados que pertenciam ao IBAMA passaram a compor a estrutura organizacional do novo instituto, dentre eles o CECAV, instituído em 5 de junho de 1997, reconhecido como órgão responsável pela conservação das grutas no Brasil, com sede em Brasília e duas bases situadas em Nova Lima/MG e em Natal/RN cuja proposta visa atender as ações de pesquisa e conservação das grutas. Logo, devido às restrições de pontos de apoio, as demais localidades do país ficam dependentes de atendimento virtual.

Os avanços na legislação do patrimônio natural brasileiro prosseguem com a publicação do Decreto Federal nº 6.640, de 07 de novembro de 2008, alterando significativamente o status jurídico referente à proteção das grutas brasileiras. Esse decreto prevê a classificação das grutas segundo quatro graus de relevância



caracterizado em máximo, alto, médio, baixo, cuja classificação é determinada “pela análise de atributos ecológicos, biológicos, geológicos, hidrológicos, paleontológico, cênicos, histórico-culturais e socioeconômicos, avaliados sob enfoque regional e local”, sinalizando o grau de importância atribuída às grutas, segundo Miranda e Chiodi (2015). Desse modo, conforme o Decreto n° 99.556/90, a gruta atinge seu grau de relevância máximo diante dos atributos:

I – Gênese única; II – Morfologia única ou rara; III – Dimensões notáveis em extensão, área ou volume; IV – Espeleotemas únicos; V – Isolamento geográfico; VI – Abrigo essencial para a preservação de populações geneticamente viáveis de espécies animais em risco de extinção, constantes de lista oficial; VII – Habitat essencial para preservação de populações geneticamente viáveis de espécies de troglóbios¹² endêmicos ou relictos; VIII – Hábitat de troglóbio raro; IX – Interações ecológicas únicas; X – Cavidade testemunho; ou, XI – Destacada relevância histórico-cultural ou religiosa (DECRETO n° 99.556, 1990).

Destacamos também a resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), n° 347/2004, de 10 de setembro de 2004, estabelecendo o CECAV como o órgão responsável por criar um mecanismo de controle que facilite a manutenção das grutas, com fins de proteção ambiental e patrimônio espeleológico. Para implementar tais ações, foi criado o Cadastro Nacional de Informações Espeleológicas (CANIE). Portanto, o CANIE é um instrumento de gestão ambiental do patrimônio espeleológico incorporado ao sistema de licenciamento ambiental. Assim, o CECAV atua no monitoramento e aperfeiçoamento dos instrumentos relacionados ao controle e uso das grutas.

Segundo a Instrução Normativa n° 2, do Ministério de Meio Ambiente, de 20 de agosto de 2009, o solicitante que vier requerer licenciamento ambiental deverá realizar o cadastramento prévio no CANIE das grutas mencionadas no processo de licenciamento. Contudo, desde 1990, de acordo com o artigo 3°, do Decreto n° 99.556, de 1° de outubro, estabelece:

É obrigatória a elaboração de estudo de impacto ambiental para as ações ou os empreendimentos de qualquer natureza, ativos ou não, temporários ou permanentes, previstos em áreas de ocorrência de cavidades naturais subterrâneas ou de potencial espeleológico, os quais, de modo direto ou indireto, possam ser lesivos a essas cavidades, ficando sua realização, instalação e funcionamento condicionado à aprovação, pelo órgão ambiental competente, do respectivo relatório de impacto ambiental (DECRETO n° 99.556, 1990).

Nesse contexto, a resolução CONAMA n° 347, de 10 de setembro de 2004, também dispõe sobre a proteção do patrimônio espeleológico, e prevê em seu artigo 4°:

(...) a localização, construção, instalação, ampliação, modificação e



operação de empreendimentos e atividades, considerados efetiva ou potencialmente poluidores ou degradadores do patrimônio espeleológico ou de sua área de influência dependerão de prévio licenciamento pelo órgão ambiental competente, nos termos da legislação vigente (CONAMA, nº 324, 2004).

Além disso, ressaltamos que qualquer empreendimento passível de degradação e impactos aos ambientes cársticos deve passar por um processo de aprovação pelos órgãos responsáveis, instrução também inerente ao documento, descrito ainda, no § 1º:

(...) as autorizações ou licenças ambientais, na hipótese de cavidade natural subterrânea relevante ou de sua área de influência, na forma do art. 2º inciso II, dependerão, no processo de licenciamento, de anuência prévia do IBAMA, que deverá se manifestar no prazo máximo de noventa dias, sem prejuízo de outras manifestações exigíveis (CONAMA, Nº 324, 2004).

E, em caráter supletivo, quando o IBAMA não for o órgão licenciador ficaríamos sob a responsabilidade dos órgãos estaduais e municipais, a liberação das áreas para o desenvolvimento das atividades. No caso do Estado de Sergipe, averiguamos junto ao IBAMA que as consultas feitas relacionadas as grutas ocorrem por dispositivos e contatos via internet, porque a sede local não dispõe de representantes do CECAV. Ainda que tenhamos uma estrutura deficitária de norteamto no assunto, enfatizamos que qualquer empreendimento que possa vir a impactar uma gruta deve exigir uma avaliação dos impactos que determinada atividade possa acarretar ao patrimônio, devendo considerar: i) suas dimensões, morfologia e valores paisagísticos; ii) suas peculiaridades geológicas, geomorfológicas e mineralógicas; iii) a ocorrência de vestígios arqueológicos e paleontológicos; iv) recursos hídricos; v) ecossistemas frágeis ou espécies endêmicas, raras ou ameaçadas de extinção; vi) a diversidade biológica; e, vii) sua relevância histórico-cultural ou socioeconômica na região (RUCHKYS, 2015).

Os empreendimentos ou atividades turísticas, religiosas ou culturais que utilizem o ambiente constituído pelo patrimônio espeleológico deverão respeitar o Plano de Manejo Espeleológico, disponibilizado pelo IBAMA. Este documento reúne estudos e diretrizes sobre a gruta em questão, definindo o zoneamento e as áreas de uso e conservação do ambiente, conforme aponta Ruchkys (2015). Logo, as grutas devem obter a licença ambiental do IBAMA/CECAV, órgão que regulamenta e fiscaliza as cavidades subterrâneas no Brasil.

Como já exposto, o Estado de Sergipe possui cento e quatorze grutas cadastradas pelo CECAV. Entretanto, para nenhuma delas foi elaborado o Plano de Manejo que as habilitem para o uso turístico, ainda que estejam



situadas em áreas rurais e privadas. Esta condição nos preocupa diante dos impactos que podem ser ocasionados na biodiversidade do interior e nos arredores dessas grutas, outrossim nas comunidades que residem no entorno. O Plano de Manejo refere-se tanto aos estudos quanto aos princípios de sustentabilidade tais como, ecológico, econômico, cultural, político e social. Entretanto, no caso das grutas sergipanas, os custos gerados pelos estudos solicitados têm impactado negativamente no orçamento dos empreendedores particulares de executarem o Plano de Manejo Espeleológico.

Diante deste impasse, despertamos, nesta tese, inquietações para que sejam problematizadas a ausência de Planos de Manejo para as grutas sergipanas. Destarte, contribuir para uma análise substantiva das potencialidades turísticas existentes no relevo cárstico sergipano, avaliando, sobretudo, o potencial de exploração pelas empresas, as possibilidades de infraestrutura e a inserção das comunidades do entorno no contexto do desenvolvimento do turismo nesses ambientes naturais.

Em contrapartida, algumas Organizações Não Governamentais (ONG's) têm se destacado, pioneiramente, assumindo ações proativas quanto ao uso sustentável destas grutas. De fato, em Sergipe, a ONG Centro da Terra, por exemplo, desenvolve trabalhos significativos para preservação e divulgação das grutas no Estado. Dentre as ações, destaca-se a discussão em torno do desenvolvimento do turismo sustentável nestas grutas e prospecção em busca de novas grutas. Para obter o licenciamento ambiental de empreendimentos e atividades para os quais se exija o Estudo Prévio de Impacto Ambiental (EIA) e respectivo Relatório de Impacto Ambiental ao Meio Ambiente (RIMA), o empreendedor é obrigado a apoiar a implantação e a manutenção de unidade de conservação, de acordo com o previsto no art. n° 36, Lei n° 9.985, de 18 de julho de 2000. Destacamos ainda que a existência de sítios arqueológicos e paleontológicos junto as grutas requerem, também, licença junto ao órgão ambiental competente.

Para a formação do corpus da pesquisa e, assim, averiguar o funcionamento do potencial turístico das grutas sergipanas, visitamos a sede do IBAMA, em Aracaju, que nos informou não haver representação local no CECAV, entre quaisquer demandas relacionadas às grutas, sendo necessário consultar a sede, situada em Brasília, mediante uso do correio eletrônico (AJU/SE, IBAMA, M, 40 anos). Além disso, para conhecer as políticas de fiscalização de uso das grutas em Sergipe, deve-se consultar as informações disponibilizadas pelo site da instituição e/ou buscar a ONG Centro da Terra, responsáveis por tirar dúvidas e esclarecimentos sobre o referido assunto. A ausência de banco de dados sobre as grutas sergipanas se reflete, também,



nos órgãos estaduais e municipais cuja desinformação agrava os problemas relacionados à degradação ou até mesmo a destruição do patrimônio natural.

Desse modo, percebemos a dificuldade no processo para a liberação de uma gruta com vistas ao desenvolvimento da atividade turística. De fato, como qualquer outro ambiente, conforme a Resolução nº 237/1997 do CONAMA, as grutas também têm que passar pelo processo de licenciamento ambiental, seguindo as normas. Segundo Drummond (2005), existe a necessidade do licenciamento para as atividades modificadoras do meio ambiente, desenvolvidas em áreas de ocorrência de rochas solúveis. Para tanto, é necessário a avaliação específica dos impactos sobre o patrimônio cultural, arqueológico, paleontológico e espeleológico nelas existente.

No mesmo sentido, o art. 5º-A do Decreto 99.556/90, dispõe que a modificação e operação de atividades, consideradas efetiva ou potencialmente poluidoras ou degradadoras de grutas, assim como sua área de influência, dependerão de prévio licenciamento ambiental. O mesmo Decreto esclarece sobre a exigência do licenciamento ambiental de forma que estudos e procedimentos ambientais simplificados (tais como Plano de Controle Ambiental, Plano Ambiental Básico e Autorização Ambiental de Funcionamento) não poderão substituir o Estudo de Impacto Ambiental. Devido à desinformação dos proprietários e à falta de fiscalização dos órgãos competentes, algumas formas de usos são desenvolvidas sem a existência de qualquer elaboração de estudo de impactos sobre áreas. Além disso, detectamos, também, que a pecuária e a agricultura são as atividades que mais trazem impactos para as grutas de Sergipe.

A concessão de licença para uso de áreas que possuam grutas envolve três fases: a concessão da Licença Prévia, a Licença de Instalação e a Licença de Operação. No Quadro 13, apresentamos as etapas para o licenciamento:



Quadro 12: Fases do Licenciamento Ambiental

Etapas do Licenciamento	Momento da Etapa do empreendimento	Etapas dos estudos espeleológicos
Licença Prévia LP	É concedida na fase preliminar do planejamento do empreendimento ou atividade que se pretende ser instalada, aprovando sua localização e concepção, atestando a viabilidade ambiental e estabelecendo os requisitos básicos e condicionantes a serem atendidos nas proximidades de sua implementação.	<ul style="list-style-type: none"> • Levantamento bibliográfico; • Avaliação do potencial espeleológico; • Topografia das grutas; • Estudos geológicos; • Estudos biológicos; • Estudos socioeconômicos, históricos culturais; • Análise de relevância; • Avaliação dos impactos, monitoramento e medidas compensatórias.
Licença de Instalação LI	Autorização da instalação de empreendimento ou atividade de acordo com as especificações constantes dos planos, programas e projetos aprovados, incluindo as medidas de controle ambiental e demais condicionantes, da qual constituem motivo determinante.	<ul style="list-style-type: none"> • Monitoramento das grutas; • Determinação de perímetro de proteção das grutas; • Medidas para proteção; • Manejo de sítios espeleológicos; • Medidas Compensatórias.
Licença de Operação LO	Autoriza a operação da atividade ou empreendimento, após a verificação do efetivo cumprimento do que consta das licenças anteriores, com as medidas de controle ambiental e condicionantes determinadas para operação.	<ul style="list-style-type: none"> • Aprovação dos estudos específicos desenvolvidos na fase de instalação - medidas condicionantes e compensatórias poderão ter vigência após a concessão da LO, sendo necessário o estabelecimento de um cronograma de execução e acompanhamento do órgão ambiental.

Fonte: RUCHKYS, U. de A.; TRAVASSOS, L. E. P.; RASTEIRO, M, A.; FARIA, L. E. 2015. Organização: SANTOS, J. C. dos. 2018.

Ressaltamos a Licença Prévia (LP) na qual deverá ser realizada a maior parte dos estudos para o Licenciamento da Gruta, tendo em vista que esses estudos deverão ser analisados visando possíveis adequações no plano da atividade ou até mesmo a sua viabilidade. Nessa fase merecem destaque os estudos socioeconômicos e histórico-culturais que fundamentam sobre a importância da gruta relacionada a população que reside no entorno da gruta.

O diagnóstico do meio socioeconômico, no contexto das grutas, deverá identificar, descrever e analisar as variáveis, tais como: aspectos históricos, nos casos em que representam referenciais históricos para a população do entorno, além de guardarem vestígios da ocupação de grupos humanos do passado; aspectos culturais, as grutas podem ser utilizadas pela população como objeto ou local de culto, atividades educacionais, turismo, lazer entre outros; recursos hídricos, tais grutas podem servir de fontes de água para populações locais, como já constatado em uma das grutas estudadas.

Segundo o Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA), dependendo de como a atividade afeta o meio ambiente, baseando-se principalmente na abrangência territorial de seus impactos, diferentes órgãos ambientais estatais



podem emitir licenças. O processo de licenciamento, no entanto não pode ser conduzido por mais de um órgão e nenhum empreendimento está sujeito a se licenciar em mais de uma instância. O órgão que irá licenciar o empreendimento vai depender do campo de abrangência da gruta estudada, são eles:

Ibama, conduz o processo de licenciamento na esfera federal. Para um empreendimento ser licenciado por este órgão, em geral, seu impacto ambiental deve ultrapassar o território de mais de um Estado. Outros casos em que atua são empreendimentos que afetem bens da União.

Órgãos estaduais de meio ambiente, licenciam atividades, de forma geral, cujos impactos ultrapassem mais de um município de um mesmo estado. Também atuam quando a atividade afete bens estaduais. Um estado somente pode licenciar empreendimentos se possuir Conselho Estadual de Meio Ambiente e profissionais habilitados, caso contrário o licenciamento se dará na esfera federal.

Órgãos municipais de meio ambiente, licenciam atividades, de forma geral, cujos impactos se restrinjam ao seu território. Um município somente pode licenciar empreendimentos se possuir Conselho Municipal de Meio Ambiente e profissionais habilitados, caso contrário o licenciamento se dará na esfera estadual, ou na federal (RESOLUÇÃO CONAMA N° 428, 2010).

De acordo com o Decreto 99.556/90, o órgão ambiental competente, no âmbito do processo de licenciamento ambiental, deverá classificar o grau de relevância da gruta, observando os critérios estabelecidos pelo Ministério do Meio Ambiente. Em Sergipe, a ADEMA se apresenta como o órgão licenciador dos empreendimentos e das atividades desenvolvidas nas grutas e nas áreas que envolve esses espaços. E, em relação ao empreendimento voltado à prática turística, esclarece:

(...) no caso do turismo, o interessado poderia solicitar autorização ambiental para o nosso órgão. Não seria necessário um estudo de impacto ambiental, no caso, bastaria um memorial explicativo, um estudo geológico, sobre a área, uma descrição de como é essa gruta, uma descrição científica, aprofundada da área para subsidiar a liberação ou não da mesma. Mas, seguimos tudo que está na legislação. Procuramos saber as características da área, porque, se na legislação constar impedimentos na área solicitada, nem damos continuidade ao processo (AJU/SE, ADEMA, M, 37).

Porém, caso a atividade não gere impactos destrutivos ao ambiente, o processo de liberação passa a ser mais simplificado, ou seja, não necessita passar pelos procedimentos de licenciamento supracitados. Outra dificuldade envolve a fiscalização das atividades e dos empreendimentos nas áreas cársticas do Estado, pois, segundo a ADEMA, há poucos funcionários para realizar a fiscalização mais efetiva das grutas sergipanas, conforme relato:



(...) quando vamos para o campo desenvolver vistorias, estamos atendendo uma demanda gerada a partir de uma denúncia feita pelo Ministério Público (MP). Quando isso acontece temos um prazo de 15 a 20 dias para darmos resposta a tal denúncia. Nesse sentido, executamos a vistoria e respondemos com um relatório de fiscalização ambiental. Tudo dentro do prazo que é estipulado. É uma atividade comum, junto ao MP. Neste sentido, ou estamos fazendo o procedimento para a liberação do licenciamento ambiental ou estamos atendendo uma demanda do MP. Não estamos tendo tempo para desenvolver as fiscalizações, “sair para dar a batida”. Atualmente só saímos para fazer um atendimento do MP, ou alguma vistoria daqui da ADEMA, para verificar a possibilidade de liberação de área para o licenciamento. O que não posso afirmar, por exemplo, se vamos atrás das grutas do município de Canindé para saber onde elas estão. Isso não dá. Não temos condições, pois, temos apenas quatro geólogos para atender uma alta demanda, as vezes chegam a ser 75 processos que cada um tem que analisar por mês (AJU/SE, ADEMA, M, 37).

Além da defasagem no número de funcionários para executar uma fiscalização mais incisiva quanto ao uso das grutas, a ausência de um setor específico também dificulta o andamento dos trabalhos, conforme relato:

(...) quando tem qualquer coisa relacionada as grutas, [que] foi realizado através de alguma solicitação, aqui na ADEMA, [ou] levantamento espeleológico, enfim, os assuntos relacionados a esse tema são passados para uma técnica especializada em arqueologia que dará prosseguimento a essas demandas (AJU, ADEMA, F, 28).

Segundo o entrevistado “não existe um setor responsável para esse tipo de demanda, há alguns técnicos que dão prosseguimento às necessidades que surgem, sendo que a quantidade de funcionários não é suficiente”. A mesma entrevistada relata que as prioridades são para as atividades de denúncias e dos licenciamentos:

(...) sobre o licenciamento em áreas cársticas, tem que fazer a solicitação, assim como em outras áreas naturais. Uma das exigências será a produção do EIA/RIMA, para a partir daí analisar a viabilidade do empreendimento solicitante. Porque não há uma necessidade aqui nesse órgão de termos um setor específico. No caso da necessidade de uma fiscalização mais ostensiva, seria de responsabilidade de outro órgão relacionado a isso, no caso, o IBAMA (AJU, ADEMA, F, 28).

Consultamos também a Secretaria do Estado do Turismo de Sergipe. Segundo a unidade administrativa, suas ações estão vinculadas as demandas do Ministério do Turismo. Conforme as necessidades em nível nacional são operacionalizadas no território sergipano os programas turísticos, por exemplo, Regionalização, de Roteirização, além do controle, distribuição e fiscalização de verbas para viabilizar o turismo nos municípios:

Entendemos essas políticas como ações macro que são monitoradas



pelo Governo Federal e gerenciadas pelas secretarias estaduais. Normalmente estas demandas surgem a partir de políticas que geram documentos oficiais, sempre tomando como base o Plano Nacional do Turismo (AJU, Secretaria de Turismo, M, 54).

As demandas são executadas também com representantes de instituições envolvidas com o desenvolvimento turístico do Estado. Por exemplo, o projeto “Rota dos Sertões” segue a política de Regionalização do Turismo, traçando rotas para adentrar o Estado de Sergipe a fim de incentivar a permanência do turista. Trata-se de um trajeto com aproximadamente 220 km, cujo percurso reúne os atrativos existentes nos municípios de Laranjeiras, Itabaiana, Nossa Senhora da Glória, Poço Verde. Neste percurso, o turista conhece a Serra de Itabaiana, a Grota de Angicos e o Cânion de Xingó.

Em relação as grutas existentes em Sergipe, “não temos nenhum estudo específico sobre esse tema, apenas a Gruta da Pedra Furada que fora utilizada pela Fazenda Boa Luz, na qual seus hóspedes podiam usufruir de um passeio que levavam até a gruta” (AJU, Secretaria de Turismo, M, 54). Entretanto, ao consultarmos o site da Secretaria Estadual de Turismo constatamos que as políticas públicas de fomento cabem a este órgão gestor, tais como: a organização e realização de feiras e exposições, a capacitação de mão de obra para o turismo, por exemplo.

Na contrapartida, os órgãos municipais compõem a ponta da rede da administração empreendida pelos órgãos de outras instâncias (estadual e federal), ou seja, funcionam como a executora das políticas traçadas numa visão global e executadas em base local, referente aos espaços e suas delimitações. Assim, as prefeituras assumem as responsabilidades administrativas e delegam secretarias para tratar desses assuntos específicos, registrados em área limítrofe municipal, conforme dita a legislação.

Outra barreira para o desenvolvimento turístico das grutas sergipanas é que a pasta que trata dos assuntos relacionados ao turismo está vinculada a secretarias que não tem relação com esse tema. Logo, não existe plano de trabalho para os assuntos inerentes ao desenvolvimento turístico dessas grutas:

(...) hoje quando você fala de turismo, na verdade não é uma pasta, é uma identificação do turismo, porque a secretaria é do esporte, lazer e turismo. Por isso, todas as práticas dessa secretaria, 95% é voltada para o esporte, sobra 5% talvez para o turismo, então não existe um orçamento para ser executar, nem cerca de R\$100 mil para se investir no turismo diretamente não existe. Aí, quando quer se falar do turismo sempre diz assim: visite a Serra do Cabral! Aí eu pergunto: visitar com qual meta? Visitar por visitar? (SD, Secretaria do Turismo, M, 37 anos).



De fato, percebemos a escassez de incentivos ao turismo das grutas sergipanas também no interior do Estado. Nos municípios de Japaratuba e Simão Dias, por exemplo, não existe nem cadastro das grutas, em nenhuma das secretarias entrevistadas, conforme relato:

Nunca ouvi falar de cadastro não, eu acho que não tem, o problema é esse 'não tem'. Japaratuba não tem nada, inclusive, a gente fez uma pesquisa agora sobre grupos folclóricos existentes em Japaratuba, é impressionante não tem nada. Aqui em Japaratuba é muito difícil você encontrar informações sobre a História, sobre a Cultura sobre os pontos turísticos. Para você ter ideia, eu vim ter conhecimento sobre essa gruta quando estudei a História de Arthur Bispo. Aí, foi que eu vim saber da existência dessa gruta. Tem um ano mais ou menos que fiquei sabendo que existe essa gruta lá em São José (JA, Secretaria de Meio Ambiente, F, 45anos)¹³.

No município de Laranjeiras há 17 grutas cadastradas. Além disso, um ponto positivo é o diálogo estabelecido entre a prefeitura e os proprietários de terras onde as grutas estão localizadas, e vários projetos executados ou em fase de aprovação. Os projetos relacionados as grutas são empreendidos pela Secretaria Municipal de Turismo em Laranjeiras, no sentido de promover a conservação e o manejo dos usos das grutas.

No caso do município de Simão Dias, a entrevista realizada em 2018 com o respectivo secretário de turismo registrou que a gestão municipal só despertou para o desenvolvimento do turismo pelas grutas na região, mediante o contato com a ONG Centro da Terra. A barreira para incentivos turísticos recomeça a partir da mudança de gestão municipal que prioriza outras políticas públicas. A propósito, a pesquisa de campo nas localidades supracitadas fora realizada no período de transição entre os anos 2017 a 2018, ou seja, no início das novas administrações municipais. O discurso unânime entre os gestores em desconhecer as grutas e os projetos a elas relacionados, conforme relato:

(...) imagine como não deve ser frustrante, você chegar em uma cidade em uma determinada secretaria, fazer uma pergunta que está relacionado ao contexto de trabalho deles e eles não sabem responder. Isso é gritante! Os cargos políticos são muito comuns aqui, outra coisa, nós criamos uma gestão ambiental e deixamos pronta, a nova gestão acabou com tudo. Já existe um projeto do Ministério do Meio Ambiente sendo desenvolvido aqui no município, é o Projeto Agenda Ambiental nas Escolas. Trata-se de um projeto que possui recursos direcionados para ele, mas as pessoas não dão importância. Hoje não existe mais a Secretaria de Meio Ambiente, ela voltou a ser um departamento dentro da Secretaria da Agricultura. Estamos brigando na câmara para tentar aprovar o código ambiental que nós deixamos pronto e os vereadores não aprovaram ainda. É o mesmo que acontece

¹³ VARGAS, M. A. M. **Festas patrimônio**: os ciclos juninos e natalinos de Sergipe. Ateliê Geográfico (UFG), v. 8, p. 252-273, 2014. Este artigo relaciona as manifestações culturais no território sergipano.



com o Turismo. Ela é só uma pasta dentro da Secretaria de Cultura (JA, Secretaria de Meio Ambiente, M, 49 anos).

Os entrevistados, normalmente por serem moradores dos lugares onde as grutas estão localizadas, possuem informações apenas das grutas mais populares. Mas a respeito dos projetos que estão sendo desenvolvidos, os relatos revelavam a inexistência dos mesmos. A ausência de um cadastro municipal das grutas dificulta o controle e o conhecimento das mesmas. Nesse ponto os gestores não dispõem daquilo que seria o primeiro passo, para qualquer ação, isto é: a ciência da existência das grutas.

Segundo o Prefeito de Simão Dias, “no Abismo de Dorinha é impossível desenvolver um trabalho com crianças, teria que ser um turismo voltado para aventura, com pessoas que possuíssem técnicas de rapel, um turismo mais especializado, pessoas preparadas para esse tipo de turismo”¹⁴. Já no depoimento do Secretário de Turismo, demonstra uma maior preocupação em fazer com que os seus moradores do município conheçam mais a potencialidade da terra, o mesmo relata que:

(...) temos que compreender as questões culturais do município, mesmo eu sendo daqui eu nunca me questioneei sobre a possibilidade do município desenvolver algum tipo de atividade turística voltado para as grutas. Na verdade, nem sabia que existia. Mas, hoje noto o tamanho do potencial que temos. Precisamos amadurecer e trazer investimentos para que realmente esse tipo de atividade possa ser implantado nas nossas grutas (SD, Secretaria de Turismo, M, 32 anos).

Diante das limitações, entendemos que o planejamento turístico deve impulsionar as ações socioeconômicas de modo a minimizar os custos e os impactos negativos ao meio ambiente. Com isso, deve proporcionar o bem-estar das comunidades receptoras e a rentabilidade a partir da atividade desenvolvida naquela localidade. Conforme Dias (2005, p.26), planejar é o processo que se destina a “produzir um ou mais futuros desejados”. Logo, para planejar é necessário definir políticas e processos de implementação de equipamentos e atividades e seus respectivos prazos.

Ao se pensar numa possibilidade do desenvolvimento do turismo em grutas, é necessário conhecer as etapas desse planejamento e uma das primeiras e principais ações é detectar entre a população que reside no entorno da gruta a sua percepção com relação ao atrativo. A partir dos estudos preliminares de potencialidades e vulnerabilidade que o atrativo está submetido é que serão traçadas as estratégias para que o turismo gere consequências positivas para

¹⁴ Relato obtido conforme entrevista realizada com o Prefeito do Município de Simão no dia 17, novembro de 2017.



localidade que o desenvolve e, também, para o visitante. Nesse contexto, a ausência de planejamento turístico com vistas à sustentabilidade, tem uma forte tendência para os aspectos negativos superarem aos positivos (DIAS, 2005).

Outro sujeito importante para o desenvolvimento do turismo em grutas sergipanas, são os proprietários das terras onde as grutas estão localizadas. É importante salientar que nas grutas estudadas não existiu nenhuma proibição para o acesso nos campos que foram desenvolvidos.

As Secretarias de Turismo dos três municípios estudado, afirmam que possuem um bom diálogo com os proprietários das terras onde as grutas estão localizadas, inclusive estabelecem parcerias com relação a liberação para visitação. Constatando esta informação, na Furna de Dorinha a prefeitura instalou uma bomba de água para o abastecimento das casas do Povoado Gov. Valadares, habito comum no município de Simão Dias, devido à falta de água no período de estiagem.

Tanto no município de Simão Dias quanto em Japaratuba existe boa relação entre a gestão das prefeituras com os proprietários das terras, possibilitando parcerias para o desenvolvimento de projetos que viabilizem o uso da gruta como atrativo turístico no município.

(...) queremos fazer uma parceria com a Secretaria de Meio Ambiente daqui de Japaratuba para apresentarmos um projeto. A gruta é um terreno particular, mas na verdade, desde seu descobrimento, até hoje nós praticamente estamos tentando viabilizar uma forma de tentar colocar ela como um ponto turístico de um terreno natural e não de um terreno particular. Nós temos problema com relação a isso no Rio do Prata, porque o Rio do Prata é particular e o proprietário não aceita que a prefeitura faça nenhum beneficiamento no local. Mas nunca impediu que as pessoas entrassem para fazer piqueniques e tomar banho no rio. O mesmo acontece com a gruta (JA, Secretária de Turismo, M, 27 anos).

As grutas localizadas no município de Laranjeiras estão em propriedade particular. No entanto, ainda que estejam situadas em locais privados, as grutas pertencem à União, logo, de domínio público. A gruta “Pedra Furada”, por exemplo, desde 1990, é a única gruta tombada pelo Governo do Estado de Sergipe, com registro no Livro de Tombos do Patrimônio Imaterial do Estado.

Quanto às parcerias, a Secretaria de Turismo de Laranjeiras está desenvolvendo uma análise sobre a viabilidade do desenvolvimento turístico na gruta “Matriana” e “Pedra Furada”. Neste sentido, há recursos para implantar um projeto de infraestrutura e de treinamento dos moradores a fim de capacitá-los e receber bem os turistas. Dentre as ações, destaca-se a realização de curso via PRODETUR/SE e recurso do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID. Os cursos de capacitação são realizados em parceria



com as instituições SENAC e o SEBRAE, unidade em Sergipe:

Nós queremos criar novos roteiros, além de estruturar os que já existem. Por isso, que estamos iniciando com a capacitação desses jovens, já pensando nessa mão de obra qualificada para trabalhar com o turismo da cidade. Por isso que solicitamos os cursos de Roteirização Turísticas e Informações Turísticas que são as demandas que mais precisamos, voltados para os equipamentos existentes no município. Estamos preparando esses jovens, moradores do município, para receber bem os visitantes que aqui chegarem (LA, Secretaria de Turismo, F, 37 anos).

Além de estabelecer tais parcerias, compete também aos órgãos municipais a fiscalização deste patrimônio natural, porém, nos municípios visitados as secretarias de meio ambiente desconhecem algum plano de fiscalização das grutas existentes. A justificativa unânime entre as três prefeituras transfere a responsabilidade para o órgão estadual, no caso, a ADEMA. Em contrapartida, vimos anteriormente que na ADEMA também não possui pessoal suficiente para o desenvolvimento de uma fiscalização mais efetiva, limitando-se apenas ao atendimento resultante das denúncias feitas pelo Ministério Público:

(...) aqui nós não temos nem informação técnica para isso, preparo técnico, não temos. Caso o proprietário queira desenvolver alguma coisa na gruta vai ter que procurar a gente aqui e depois encaminharemos a demanda para a Secretaria do Estado de Meio Ambiente, para a ADEMA. Ao receber a demanda, a ADEMA vem avaliar os possíveis impactos, desenvolve os estudos, depois emite o laudo positivo ou negativo. Vem primeiro para a Secretaria do Meio Ambiente do município e depois encaminhamos para a ADEMA. Após os estudos, caso seja suficiente, será emitido o aval de liberação, caso não, será encaminhado para outros órgãos. A Secretaria Municipal de Meio Ambiente não tem plano anual de trabalho, porque não é uma exigência. Não tem porque, esta secretária não possui recurso federal. Parte dos municípios não tem Conselho de Meio Ambiente, não tem força para punir as irregularidades que acontece. A Secretaria pode liberar os empreendimentos, mas não pode punir. Temos que diferenciar políticas partidária de políticas públicas (JA, Secretaria de Meio ambiente, M, 30 anos).

As normas dos usos das grutas estão respaldadas por Leis e Decretos fundamentados nos órgãos nacionais de gestão do patrimônio natural, IBAMA, ICMBio e CECAV. Como vimos, são órgãos nacionais que normatizam os diversos usos que podem ser realizados em grutas. Os órgãos federais trabalham junto aos órgãos estaduais e municipais em parceria para a execução das demandas. Apesar disso, destacamos no município de Laranjeiras a existência de uma Secretaria específica para tratar os assuntos relacionados ao turismo:

(...) nós ainda estamos montando um projeto bem estruturado, bem elaborado, para o campo do Turismo. Aqui na cidade temos atrativos turísticos, que precisam ser melhor trabalhados. Aqui no município



enfazamos os atrativos culturais. São muitos grupos que mantêm suas tradições. Além dos eventos culturais, por exemplo: o Festival de Artes que ocorre em janeiro é o momento em que a cidade é mais procurada pelos turistas. Nós temos Arthur Bispo que é reconhecido internacionalmente, mas existem projetos para outras áreas do turismo também, inclusive para as grutas (LA, Secretaria de Turismo, F, 37 anos).

As escolas locais realizam atividades extraclasse com os alunos, levando-os a conhecer as grutas e características deste habitat:

(...) recebemos muitos alunos de escolas que vem, toda semana, entre dois a três ônibus de alunos de redes municipais, estaduais ou particulares. Eles vêm visitar Laranjeiras e as grutas. São atrativos que os alunos mais gostam (LA, Secretaria de Turismo, F, 37 anos).

Somadas às escolas municipais, de ensino fundamental e médio, as grutas também vêm despertando o interesse das universidades, sobretudo, entre alunos dos cursos de história, geografia, geologia, arqueologia, biologia e turismo, expressivamente. De acordo com o Secretário de Turismo de Japaratuba, por exemplo, em 2011 foi realizado um seminário do curso de História pela Universidade Federal de São Paulo (USP) cuja temática abordou a vida de Arthur Bispo do Rosário. Neste evento, ocorreram também atividades de campo, com visita a “Gruta do Capim Branco” (Gruta Casa do Caboclo).

O realce para o município de Laranjeiras ocorre em virtude de abrigar um campus da Universidade Federal de Sergipe (UFS), ofertando o curso de Arqueologia, por exemplo, enquanto o município de Simão Dias, pela Gruta Toca da Raposa possui uma infraestrutura que viabiliza a circulação turística. Portanto, ainda que incipiente e informal, as seis grutas reunidas neste estudo contam com visitação de pessoas, sendo os moradores quem mais têm acesso. Visão ainda tímida entre os gestores, mas que significam avanços nas políticas públicas para o setor turístico local:

(...) na medida em que os turistas vierem, eles poderão se alojar nos hotéis e almoçar nos restaurantes próximos das grutas, nos povoados. Lá pode ser um ponto de apoio que vai gerar uma renda para o município que vai trazer vantagens econômicas. A questão social é justamente a valorização daquele povo e da história daquele local. Meu projeto inicial para esse ponto turístico é fazer com que os próprios moradores daquela redondeza valorizem. É como diz o ditado: “se a gente não valorizar o que é nosso, quem vai valorizar?” (JA, Secretária de Turismo, M, 27 anos).

O secretário de Turismo de Japaratuba também reconhece o potencial turístico para a Gruta Toca do Caboclo como atrativo a mais para o município que já possui o banho no Rio Prata. Da mesma forma, a administração de Simão Dias que intermediou junto a ONG Centro da Terra um levantamento e cadastro



das grutas do município, visando explorá-las turisticamente. Ressaltamos que são estudos em fase inicial, inclusive, com a catalogação não somente das grutas, mas também dos demais atrativos que ficam nas proximidades das grutas cujo intuito é apontar novos roteiros turísticos para os municípios.

Agências de turismo receptivo: o tempo presente e as perspectivas

Neste espaço, discutiremos a frequência de visitantes como fator indicativo das potencialidades turísticas. Conforme Almeida (2004, p.03), “sem turista não há prática turística, não há lugar turístico, ou seja, a intencionalidade e a prática do turista identificam o lugar e não o inverso. Esta é a razão pela qual falar sobre lugares implica abordar igualmente os turistas”.

O turismo praticado em grutas, por exemplo, tem suas especialidades e as atividades são adaptadas, pois, essas práticas podem causar impactos às grutas, além de colocar em risco a vida dos visitantes. Neste sentido, as agências de viagens e turismo são os principais agentes na consolidação desse processo, não somente responsáveis pela comercialização do destino, mas também como analistas e planejadores da operacionalização do turismo.

As agências de viagens e turismo são regulamentadas pela Legislação Brasileira de Turismo, Decreto nº 84.934, de 21 de julho de 1980. Segundo o Ministério do Turismo, compreende-se por agência de viagens e turismo “empresas organizadas que são intermediárias de produtos turísticos, permitindo o encontro da demanda com a oferta de serviços, além de prestar assistência aos viajantes ou turistas” (BRASIL, 2007, p. 7).

Nesse contexto, as agências possuem papel importante na elaboração e no planejamento dos destinos turísticos por conhecer as potencialidades existentes. Logo, para avaliar a atuação delas, selecionamos treze agências de viagens e turismo em Sergipe a fim de analisar suas percepções em relação às grutas sergipanas. Entre os representantes entrevistados das agências estavam os agentes de viagem e em alguns casos o proprietário de agência, todos com mais de cinco anos de experiência no ramo do agenciamento de viagens.

Na trajetória profissional do universo dos entrevistados, 60% já realizaram viagens para outros Estados, em que os roteiros contemplavam a visita em grutas. Dentre os destinos mais visitados, destaca-se a Chapada Diamantina/BA. Em relação a visita às grutas sergipanas, apenas 40% dos agentes entrevistados declaram que as suas agências já desenvolveram algum tipo de atividade que contemplavam a visita em alguma gruta, com destaque para Gruta da Pedra Furada em Laranjeiras.



O roteiro recorrente entre as agências que já desenvolveram alguma atividade em grutas compreende a “Gruta da Pedra Furada” em Laranjeiras, escolha justificada pela proximidade e acesso a outros atrativos no município, conforme relatam os agentes de turismo:

(...) os turistas quando vêm a Sergipe já sabem o que querem, ou seja, vêm direcionados para fazer os passeios específicos que compraram no local de origem (AG 04, M, 27 anos).

Eventualmente existem turistas que vêm para o Estado de Sergipe para fazer os passeios, mas quando chegam aqui acabam conhecendo a existência dessas grutas. Mostrando interesses em conhecê-las, a demanda não é grande porque não é divulgado lá fora. O Estado de Sergipe não está estruturado o turismo em grutas, por isso que ainda não tem demanda vinda de outros Estados (AG 05, M, 47 anos).

Normalmente, os turistas só vêm sabendo que existe os Cânions de Xingó e Aracaju. Pronto, não sabem nem a distância. Os turistas que vêm de fora a maioria vai perguntar sobre os Cânions e sobre Aracaju e nada mais (AG 06, F, 29 anos).

Os depoimentos reforçam os quatro roteiros já consolidados no Estado, quais sejam: os Cânions do São Francisco, considerado o destino mais consolidado do estado; a Foz do São Francisco; Mangue Seco; e as cidades históricas de São Cristóvão e Laranjeiras. Mais recentemente a Croa do Goré está atraindo a atenção dos visitantes.

Sobre a potencialidade do Estado em desenvolver o turismo em grutas, 80% dos entrevistados disseram que Sergipe além de ter potencial, necessita expandir a possibilidade de novos atrativos turísticos, pois existe uma limitação nas opções de passeios ofertados, ou seja, apenas aos passeios convencionais já comercializados e vendidos pelas agências.

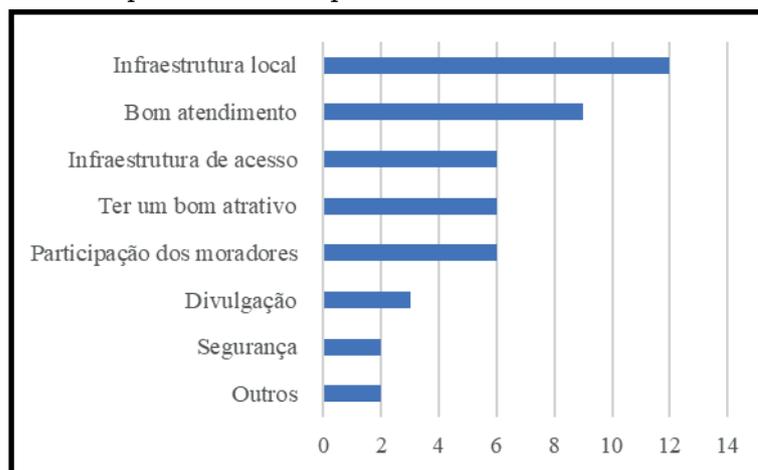
Sergipe possui uma variedade em paisagens que poderiam ser aproveitadas turisticamente. Muitos destinos são total e parcialmente invisibilizados pelos agentes que deveriam promover a divulgação e estruturação desses destinos. Existem demandas turística que vem de outros estados, direcionados para desenvolver passeios adquiridos no seu local de origem mediante oferta apresentada. Entre estes atrativos, ilustra-se o Parque dos Falcões e a Serra de Itabaiana, ambos no município de Itabaiana, Serra da Miaba em São Domingos, Pantanal de Pacatuba no município de Pacatuba, dentre outros, igualmente poucos divulgados e apresentados pelas agências.

As agências de viagens, justificam esses destinos, como potenciais para o incremento de novos roteiros para o estado, porém não existe a possibilidade de comercializar esses destinos, devido à precariedade de infraestruturas e serviços de



apoio, para levar os turistas para essas localidades. Assim apontam a ausência de quesitos mínimos para que a atividade turística aconteça. O gráfico 08 pontua os critérios estabelecidos pelas agências de viagem durante o planejamento turístico:

: Principais elementos para uma localidade desenvolver o turismo



Fonte: Trabalho de campo, 2017
Organização: SANTOS, Jorginaldo Calazans dos.

Nestes dados, algumas agências apontam a falta de divulgação das grutas como um dos motivos para a falta de demanda turística. Porém outros entrevistados discordaram, justificando que existe primeiramente a necessidade de construir uma estrutura mínima para que o destino possa receber os visitantes, depois passa-se a existir a possibilidade de receber visitantes mediante aos planejamentos prévios, baseados nos estudos a serem desenvolvidos.

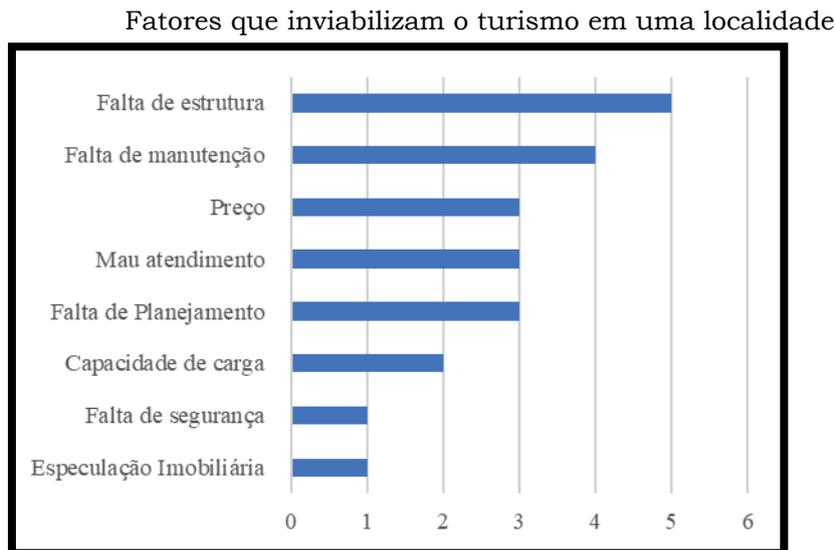
Dos 13 entrevistados, 12 citaram que a infraestrutura do lugar a ser visitado é o elemento mais importante para o desenvolvimento do turismo em uma localidade. O segundo elemento mais citado foi o bom atendimento dos profissionais que trabalham nos estabelecimentos e serviços ofertados aos turistas.

Historicamente, o turismo acontecia de forma aleatória, à medida que existia a procura pelos destinos, emergiam simultaneamente a adequação e adaptação a realidade demandada do destino. Isto foi a causa da destruição de muitos atrativos que hoje se tornaram inviáveis à visita, devido a sua saturação, gerada pelo consumo descontrolado dos visitantes conduzidos por pessoas despreparadas, que não tinham dimensão dos impactos negativos que aquelas práticas poderiam ocasionar nesses lugares.

Atualmente qualquer destino que possui potencial para o desenvolvimento da atividade turística necessita passar por um processo de planejamento, que inicia com o estudo de impactos que poderão ser gerados nas localidades, após o levantamento e a constatação do potencial, criam-se estratégias de

como a atividade será desenvolvida. Todas as fases desse processo necessitam ser acompanhada por agentes e sujeitos partes desse processo, ou seja, moradores, agências, proprietários, e órgãos licenciadores.

A ausência de algumas das fases de implantação de um destino turístico pode trazer a inviabilidade de seu sucesso. Dentre os fatores que podem inviabilizar um destino turístico foram apresentados pelos agentes de viagens, aqueles que estão expostos no gráfico 09:



Fonte: Trabalho de campo, 2017.
Organização: SANTOS, Jorgenaldo Calazans dos.

Assim, pode-se entender que dentre os aspectos para a criação de uma localidade turística a infraestrutura do lugar é mais importante, na opinião dos agentes de viagens. Este mesmo elemento se repete quando o questionamento é sobre a inviabilidade da localidade em se tornar um atrativo turístico.

Necessariamente a falta de infraestrutura é entendida como a ausência de restaurantes, de banheiros limpos, impossibilidade de acesso aos lugares, dentre outros. Na sequência relaciona-se a falta de manutenção, como segundo elemento mais apontado pelos entrevistados. Neste sentido, pode-se entender que, é necessário manter o bom funcionamento para que realmente os turistas possam fazer uso dos atrativos turísticos, conforme leitura, dos agentes de viagens.

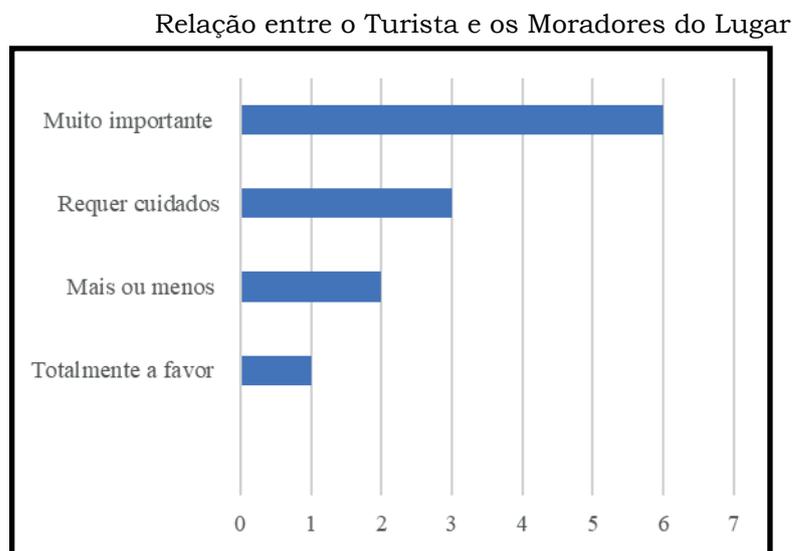
A construção do lugar turístico dá-se com a desconstrução, isto é, as transformações do ambiente natural e das relações sociais que anteriormente permitiram a existência deste lugar. A relação da sociedade local com o ambiente natural passa a ocorrer em função das regras e normas impostas pelas atividades turísticas. (ALMEIDA, 2004).

Outro elemento importante para o sucesso da localidade que deseja



implementar a atividade turística é a inserção dos moradores do lugar neste processo. Para isso, os moradores são mediados para entender todo o processo a ser implementado em sua localidade.

No gráfico 10, 46% dos entrevistados apontam a relação existente entre os moradores do lugar e os turistas, como pares importantes para manter o funcionamento do atrativo.



Fonte: Trabalho de campo, 2017.
Organização: SANTOS, Jorginaldo Calazans dos.

No gráfico 10, percebemos o quanto a relação entre moradores e turistas requer cuidados porque, para a comunidade, o turista é um estranho. Para amenizar o choque entre culturas, é necessário que a comunidade vivencie situações para a recepção adequada. Sabemos que as grutas estão localizadas em zona rural cujos habitantes da área preservam costumes e laços familiares, tais como, relações de confiança e de proximidade com a vizinhança que se alteram diante da presença do outro vindo de fora.

A relação entre os moradores e os turistas é vital para a manutenção do roteiro e do atrativo turístico. Principalmente quando se trata do contexto do turismo de natureza. Os moradores são imprescindíveis para que o roteiro tenha sucesso. Se não há essa relação o roteiro tende a ser prejudicado, se a comunidade é menosprezada não existirá vida no roteiro. Precisa ter investimentos na comunidade, pois os moradores são elementos principais. Se o planejamento não relacionar o turismo com a comunidade local, estará excluindo uma peça fundamental. Então eu acho que essa relação entre a comunidade e o turista é vital para a manutenção e a existência de qualquer roteiro turístico bem-sucedido (AG 05, M, 47 anos).

Segundo Mielke (2006), o turismo só será interessante para a região se



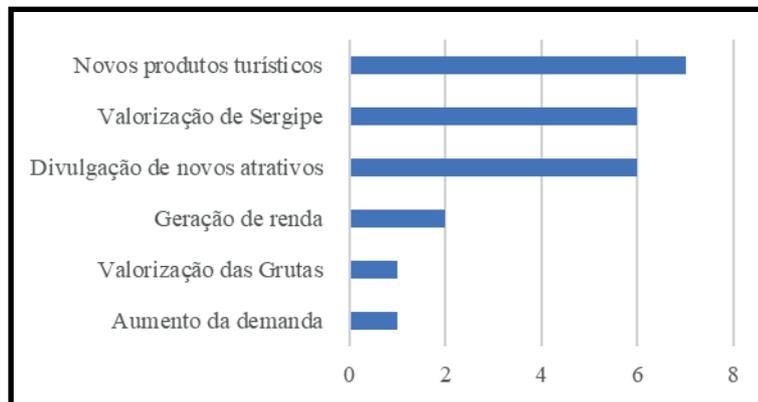
agradar aos sujeitos locais, ou seja, o interesse da atividade turística deve, fundamentalmente, imergir das relações e ajuda mútua dos seus próprios promotores locais em consonância com o mercado, pois eles, por si só, são os promotores dos atrativos turísticos locais.

(...) acho muito importante essa relação. É fundamental para que o turista possa conhecer o convívio do nativo, ou seja, é uma troca de experiências, tanto para o turista quanto para o nativo (AG 08, M, 42 anos).

Precisa sempre existir. É uma ponte positiva para que o turismo aconteça. É a comunidade que fará com que o turista se sinta bem acolhido, que irá receber bem, além de dar boas informações sobre o lugar (AG 11, M, 31 anos).

Na sequência, o gráfico 11 mostra a participação dos agentes entrevistados, pontuando as novas modalidades como fator para incrementar o turismo no Estado, pois, reconhecem o dinamismo característico do setor:

: Elementos positivos para o turismo em grutas



Fonte: Trabalho de campo, 2017

Organização: SANTOS, Jorgenaldo Calazans dos.

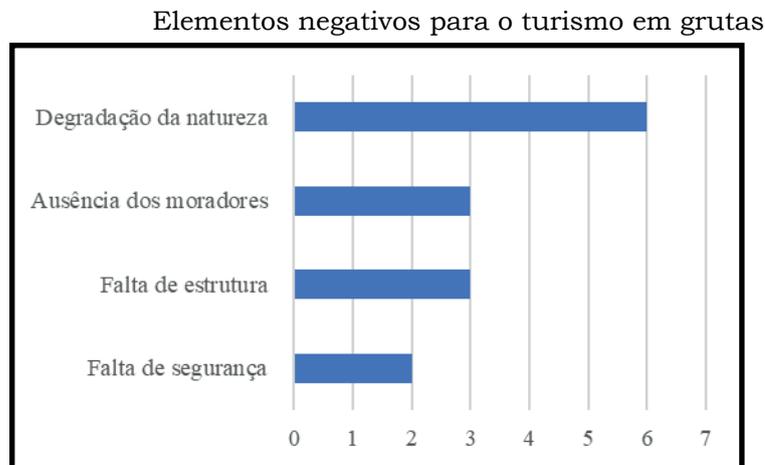
Além de valorizar as novas temáticas para o turismo, o gráfico 11 aponta como propulsores do setor a geração de renda, a valorização das grutas e o aumento da demanda. Nestes termos, cabem reflexões para introdução de projetos que venham pensar a possibilidade de novos roteiros turísticos.

Sergipe ainda possui coisa bonita para se conhecer e para explorar turisticamente, mas é preciso ter cautela para não trazer impactos. É fácil perceber agências novas que estão começando, estão seguindo mais essa linha, desse tipo de turismo, um turismo mais na linha sustentável. Isso é importante porque essa galera nova que já vem para o mercado, fruto dessa consciência de preservação e sustentabilidade (AG 02, M, 47 anos).

O gráfico 12 mostra os elementos negativos gerados para o turismo em



grutas, segundo avaliação dos agentes turísticos:



Fonte: Trabalho de campo, 2017
Organização: SANTOS, Jorgenaldo Calazans dos.

Conforme o gráfico 12, dentre os elementos negativos citados, a degradação da natureza aparece com 50% de recorrência:

(...) é a questão da preservação do meio ambiente. Se você não tiver o controle, porque você sabe que tem o turista educado e tem o turista mal-educado, aquele que consome e não quer nem saber: joga copo descartável em qualquer lugar, vai jogando latinha de cerveja... os fumantes geralmente vão fumando na trilha e joga a bituca do cigarro que pode gerar um incêndio. Então precisa ter preservação do meio ambiente, precisa ter uma fiscalização e uma sensibilização do turista quando estiver visitando essas áreas (AG 12, M, 49 anos).

A falta de estrutura e de segurança também foram fatores que tiveram entre os pontos negativos citados pelas agências, relacionados a possibilidade do desenvolvimento do turismo em grutas sergipanas.

Os agentes entrevistados apontaram outro dado importante sobre o público-alvo do turismo em gruta, indicando os praticantes de esportes, os grupos de academias, os ambientalistas e demais pessoas que gostam do convívio com a natureza, ou ainda, aqueles que querem dinamizar seu cotidiano, conforme relatos:

Essa questão de faixa etária é bem diversificada. Percebo que os grupos que procuram o turismo de natureza são pessoas mais cultas. Noto que são um pouco mais sensíveis aos problemas do meio ambiente (AG 02, M, 47 anos).

Normalmente são grupos formados por jovens, pessoas estudiosas com nível superior, tipo quando a gente entrava na gruta, eles já estavam olhando a formação das rochas, eram pessoas estudiosas. Eram médicos, advogados, que gostavam de trilha de aventura, de caminhada na natureza. A gente percebe que eles gostam muito desses

ambientes, toda hora eles diziam “espere mais um pouquinho para a gente olhar isso” porque eles iam com o lampião (iluminação) e a gente ia acompanhando eles (AG 06, F, 29 anos).

Geralmente são pessoas que gostam de atividades na natureza e que querem relaxar da rotina, sair um pouco da rotina, do dia-a-dia. Eu acredito que pessoas que também queiram ter essa experiência com a família, com amigos, geralmente o público maior são de famílias. A faixa etária é bem variada. Tivemos agora na nossa última excursão uma mulher de 60 anos que foi e fez todas as trilhas (AG 09, M, 25 anos).

Diante desses relatos, observamos que identificar o perfil do turista, sua idade, seu poder de consumo e suas questões psicológicas que esteja vivendo no momento são importantes pistas para traçar o roteiro adequado que satisfaça às necessidades dele. Além disso, conforme o gráfico 13, as agências enfatizam que conhecer muito bem o produto que será divulgado propicia o retorno desejado. Dentre os fatores citados, a paisagem é o fator preponderante para 50% dos entrevistados.



Fonte: Trabalho de campo, 2017
Organização: SANTOS, Jorginaldo Calazans dos.

As estratégias de marketing compreendem conhecer os elementos necessários à promoção de um destino, tais como, estudo de mercado, fidelidade com o cliente, preço, e a relação multimídia, sobretudo:

O importante equipamento que a gente utiliza para divulgação são as redes sociais, que é um equipamento gratuito e que a juventude está acessando muito. Pessoas que vem a nós vem através da indicação de outras pessoas que viajam com a gente, gostam do trabalho e fazem o marketing de boca a boca. Esse é o negócio, alcançar a satisfação dos nossos turistas que com certeza ele sairá falando bem do nosso empreendimento (AG 02, M, 47 anos).

Ficou muito convencional o turismo em natureza, reduzido apenas a Xingó. Eu não quero vender Xingó! Xingó por si só se divulga.



Todos os sites de divulgação do turismo de Sergipe têm Xingó na capa. Precisamos divulgar outros produtos. Sergipe possui outros potenciais. (AG 03, F, 47 anos).

A mesma dinâmica prossegue a organização dos roteiros, sustentados por instalações e serviços turísticos, básicos e complementares:

O mais importante para vender o roteiro turístico é a estruturação antes da venda. Tem exemplos aqui no Estado de roteiros que são vendidos e quando você chegar lá não está estruturado, a comunidade não está preparada. Isso degrada o local, banalizando o turismo, negativando o roteiro e diminuindo a vida útil. O importante para divulgar e vender o roteiro turístico é primeiro estruturá-lo, não simplesmente colocar os cavalos na frente da carruagem (AG 05, M, 47 anos).

Ressaltamos ainda a responsabilidade da agência em planejar a atividade antes de divulgá-la para o turista, conforme Braga e Guerra (2008, p.117):

O processo de planejamento e organização de pacotes constitui-se na produção das agências de viagens e turismo, ou seja, através dele que a operadora de turismo vai transformar os insumos em um produto turístico a ser oferecido ao mercado. Assim, entende-se que as empresas de turismo podem se destacar no mercado por meio da elaboração de pacotes e roteiros, construindo produtos segmentados e únicos que venham a se constituir em um diferencial competitivo frente à infinidade de possibilidades de oferta que o turismo tem.

Sobre a possibilidade em desenvolver algum roteiro relacionado às grutas, as agências demonstram interesse porque reconhecem a necessidade do Estado de Sergipe rumo a novas opções turísticas:

O entrave para nós é a logística. Existe muito potencial para ser desenvolvido. Eu estive na Feira de Agências de Turismo em São Paulo, lá eu visitei o stand de Pernambuco que tinha vários roteiros que valorizavam essa questão do turismo de natureza com destaque para o Roteiro dos Engenhos e o das Cachoeiras. Mas para que isso possa efetivamente se desenvolver necessita de infraestrutura. Dentre os meus projetos está aquisição de uma van para facilitar a execução dos projetos que pretendo fazer, quero desenvolver algumas trilhas porque Sergipe, pois vejo que tem potencial. É necessário sair do eixo Xingó e Foz do São Francisco. Apesar de já existirem algumas agências que está seguindo essa linha, levando turistas para Serra da Miaba e Serra de Itabaiana. É necessário se pensar em desenvolver um turismo mais consciente, tomando algumas precauções, tipo: analisando da capacidade de carga do terreno visitado. Além de selecionar o tipo de turismo que se leva para esses lugares, não é para se trabalhar com grupo de 30 ou 40 pessoas, é um tipo de turismo que exige um público mais seletivo. As agências precisam entender que esse tipo de turismo vai fazer com que ela ganhe um pouco menos, mas que o prazer está na execução de uma atividade que vai beneficiar as questões ambientais, a oportunidade de você vivenciar o ambiente, vai trazer muito mais



benefícios tanto para a agência, quanto para os turistas, quanto para a localidade que está sendo visitada. Uma outra questão é a falta de recursos que a gente tem para poder estar na mídia, divulgando esses atrativos (AG 02, M, 47 anos).

(...) o turismo em Sergipe é muito devagar. As pessoas não querem se arriscar em coisas muito novas, querem levar para coisas mais estruturadas, já consolidadas (AG 04, M, 27 anos).

Outro fator importante diz respeito aos órgãos de fiscalização. Em torno de 80% dos entrevistados disseram desconhecer a presença de fiscais e/ou instrumentos que regulam a prática de turismo. Entre as instituições citadas estão o IBAMA e o IPHAM:

Acredito que os órgãos de fiscalização até existam, mas só que na prática eles não funcionam. Eu sou obrigado a levar em todas as minhas viagens o profissional Guia de Turismo, acompanhando qualquer viagem onde eu organizar, porque senão o Sindicato dos Guias de Turismo estão lá fiscalizando. Se eu estiver desenvolvendo a viagem sem o Guia de Turismo a fiscalização vem até a mim e faz uma pressão. Vou te dar outro exemplo: eu vivo tentando organizar um circuito de corrida em trilhas, dentro da legalidade, consultando os órgãos responsáveis. Mas quando eu percebo, já tem várias e várias pessoas e grupos que estão fazendo isso, grupos agindo de forma ilegal e não são punidos, isso acontece com frequência. Termina prejudicando quem está dentro das conformidades. A Associação Brasileira de Agências de Viagens (ABAV) precisaria estar fiscalizando melhor essas questões (AG 02, M, 47 anos).

(...) penso que a EMDAGRO que faz esse tipo de orientação, pelo menos para diagnosticar se realmente tem condições de acontecer a prática do turismo e na possibilidade de confirmação, de repente algum incentivo, financeiro, que possa fazer acontecer um novo roteiro. O governo tem que incentivar o surgimento de outros roteiros e não só divulgar Xingó (AG 03, F, 47 anos).

A política estadual e municipal que regulamenta esse tipo de turismo? Acho que não existe especialmente para grutas. Existe uma política nacional, né? Mas que agrega todas as grutas. Mas em nível de Estado e município não tem uma lei, uma legislação e nem uma política pública relacionada às grutas não, que eu saiba não (AG 05, M, 47 anos).

Diante desses relatos, percebemos o desconhecimento dos agentes de turismo diante dos órgãos de fiscalização que, segundo eles, deveriam acompanhar os roteiros naturais, sobretudo, na visitação às grutas, atrativo ainda pouco explorado no Estado de Sergipe.

Instituições de ensino e pesquisa: produção de conhecimento

Conforme anunciamos anteriormente, neste espaço propomos uma discussão entre turismo e educação, pois, a visita às grutas sergipanas é



recorrentemente explorada pelos professores e alunos, mediante atividade pedagógica. As visitas têm como foco a sensibilização dos alunos, principalmente do público infanto-juvenil, pois, trata-se de um público que, além de possuir acesso à informação de forma rápida, está vivenciando um momento de discussões em torno da preservação natural cuja pauta atual está, sobretudo, nas escolas.

Como exposto, entrevistamos professores dos três municípios onde as grutas estão localizadas, além de professores de Universidades que desenvolvem práticas educativas com os alunos de graduação. Dentre os relatos, destacamos:

Quando eu estudei tinha uma disciplina que se chamava Sociedade e Cultura, que inseria o aluno na sua cultura local, abordava as temáticas de cada lugar, essa disciplina hoje não existe, deveria existir. Essas grutas deveriam entrar nessa disciplina. Eu sou historiador e já trabalhei com algumas escolas particulares. Quando leciono tenho a prática de sempre levar os alunos para as grutas. Tenho parceria até com escolas de Itabaiana que sempre trazem os seus alunos para aqui, além das universidades, inclusive de outros Estados. A depender do público e do interesse eu desenvolvo o roteiro que se adequa a cada um, mas no geral quando vem os alunos do ensino médio, ente 14 e 17 anos, início nas zonas rurais começando pela Igreja da Comandaroba, levo na gruta da Matriana, depois na da Pedra Furada e por fim venho para as igrejas e os museus da cidade, terminamos com a Igreja Bom Jesus dos navegantes que tem uma visão geral da cidade, aí eles vêm todo o roteiro que fizemos (LA, Pedra Furada, M, 49 anos).

Tentamos trabalhar com os alunos, pois entendemos que eles são a base de tudo que se possa fazer. As coisas não podem vir de cima para baixo, eles precisam sentir-se parte (LA, Pedra Furada II, M, 49 anos).

Percebemos, nos três municípios estudados que existe a prática de conduzir os alunos às grutas. Em Simão Dias e em Laranjeiras, normalmente as visitas acontecem em datas comemorativas, como: Semana das Crianças, Dia do Estudante, Semana do Folclore, dia da Consciência Negra, ou ainda nas proximidades das férias:

Levamos os alunos para a gruta em datas comemorativas. Levamos os alunos para visitar alguns pontos da cidade, como o parque Aquático Pirajá que fica em um povoado perto daqui. Para a Gruta da Toca da Raposa, levamos os alunos maiores. Quem levamos os alunos maiores são os professores de geografia e história. Aqui para serra trazemos alunos do 3º ao 5º ano. Os maiores vão visitar as grutas. Além da visita eles tem também uma aula. Nós vamos em média com 40 alunos, mas só entra em grupo com 10 pessoas. Nós trabalhamos assuntos das disciplinas de história, abordando os pontos culturais. Trabalhamos a geografia da paisagem. Abordamos a agricultura. Para que a visita aconteça é necessário pedir autorização ao dono da chácara, Sr. Marconi (SD, Toca da Raposa, F, 26 anos).

Em Japaratuba não existe um período específico para que a atividade



aconteça, ou seja, depende do conteúdo programático que está sendo abordado, por exemplo, o estudo dos ecossistemas, das rochas, da morfologia, dentre outros. Alguns assuntos são propícios a serem tratados em visitas técnicas para que os alunos vejam de perto. A visita funciona como uma aula prática e, assim, os alunos saiam da sala de aula e apliquem a teoria no seu cotidiano:

(...) as escolas levam os seus alunos direto, é porque a maioria dos colégios estão de férias, mas quando voltar já vai ser o mês da cultura, o mês do folclore brasileiro, eles me procuram para que eu leve no Lavradio e para a Gruta Toca do Caboclo, os alunos adoram. Tem uns dois ou três meses que estive lá. Mas percebo que as escolas estão deixando a desejar. Acho que os colégios deveriam levar mais os alunos e contar mais as histórias relacionadas ao nosso passado indígena. Acho que os alunos precisavam conhecer mais e não apenas nessas visitas. A história do município não está sendo contada nas escolas. Eu sou o diretor aqui do museu, eu tenho um projeto de fazer um museu itinerante para levar para escolas, para mostrar um pouco do que temos aqui, mas não recebo apoio da gestão. Quem não tem um passado, não terá um bom futuro, as pessoas precisam conhecer a sua história, conhecer as suas riquezas (JA, Casa do Caboclo, M, 44 anos).

Os relatos apontam em ações para promover a identidade dos alunos com o seu lugar de origem. Percebemos o esforço coletivo de quem faz a educação, com vistas a aproximar o aluno com a sua cultura, a paisagem, aos costumes do lugar onde eles moram:

(...) quando eu levo tento trabalhar a identidade do aluno com o seu lugar, porque a gente trabalha com a questão de que eles não conhecem o seu próprio lugar, e se conhece não sabe o significado daquilo. Levamos para que eles conheçam e passem a defender o seu patrimônio, se orgulhar do seu lugar (JA, Toca do Caboclo, M, 47 anos).

Os jovens daqui tem vergonha de serem quilombola, eles têm vergonha da cultura, para ele não é motivo de orgulho. Aqui nas escolas do povoado trabalhamos muito essa questão da identidade, de fazer com que eles gostem do seu lugar. Por isso que busquei sempre localizar esses elementos que façam com que eles se identifiquem com o seu local. Até os grupos culturais eles não querem mais participar desses grupos, apenas os seus pais (LA, Pedra Furada II, M, 49 anos).

Normalmente quando levo, vou com os alunos do 8º e do 9º ano, porque são alunos mais crescidos e fácil de controlar. Os anos anteriores são muito novos e um pouco desobedientes, como se trata de um lugar aberto, fica mais complicado de levar (JA, Toca do Caboclo, M, 47 anos).

Durante as visitas, a proposta é reunir o maior número de professores de diferentes disciplinas e, assim, explorar o ambiente:

(...) dar para ter aulas de diversos assuntos, as árvores, o rio que passa



por perto, a história dos índios que habitavam aqui em Japarutuba, a história dos escravos refugiados que vieram com a colonização, são muitos assuntos que podem ser abordados, sobre os animais, as espécies de árvores e da vegetação do lugar, lá temos folhas que servem de remédio, isso tudo pode ser passado para os alunos (JA, Casa do Caboclo, M, 44 anos).

Além das escolas de ensino fundamental e médio, os pesquisadores das universidades têm muito interesse nas grutas por diversos motivos: a formação rochosa, a morfologia das grutas e os usos dessas rochas para as indústrias:

A existência do calcário aqui em Laranjeiras traz muitos professores. O professor Jorge, da Universidade Federal de Sergipe, traz muito os seus alunos, todo semestre eles trazem alunos (LA, Pedra Furada, M, 49 anos).

Eu tenho um amigo professor da UFBA vem sempre, vem aqui para Simão Dias com os alunos, para estudar as placas tectônicas. Eles têm um projeto que fazem esse estudo que dizem que existe uma fala entre a Bahia e Sergipe e ela se encontra aqui no município. Eles já desenvolveram questões com essa temática. Isso é bom porque aquece o turismo aqui, eles sempre se hospedam aqui nos hotéis (SD, Toca da Raposa, F, 40 anos).

(...) já fui professora da Faculdade AGES em Paripiranga eu já levei alunos para a Gruta Toca da Raposa, mas foi com adultos, aí fica muito mais fácil desenvolver. Aulas fora da sala de aula sempre geram muitos frutos, os alunos ficam maravilhados, o aprendizado é outra coisa, eles gostam muito, sem contar que nós temos esse potencial em nosso município, por isso precisamos aproveitar. (SD, Toca da Raposa, F, 28 anos).

O mais importante dessas visitas é notar a interação e a valorização dos elementos do lugar, sejam pelos próprios moradores, sejam pelos visitantes que buscam as grutas por diversos motivos. Essa interação valoriza e influencia a vida dos moradores:

Existe pessoas da Universidade que vem estudar os grupos folclóricos, levo pessoas que vem para cá e depois levo pra Mussuca. Grupos da CVC também gostam de ir pra Mussuca, quando falo que é uma comunidade quilombola e quando falo do São Gonçalo e do grupo de Nadir eles sempre pedem para ir (LA, Pedra Furada, M, 49 anos).

Em seguida, apresentamos o relato de experiência dos professores diante da prática do turismo com fins pedagógicos:

Percebo que quando levo os alunos para lá, eles se surpreendem. A sensação que eles demonstram é de descoberta. Eles até já tinham ouvido falar nas grutas, mas nunca tinham ido. Ficam todos admirados. Muitos limitam-se apenas a história de Arthur Bispo do Rosário, mas esquece das outras coisas. A gruta mesmo tem um potencial muito bom para o turismo, mas não se fazem nada por ela (JA, Toca do Caboclo, M, 47 anos).

Primeiro, vem aquele medo, a ansiedade do desconhecido, mas depois



entramos, aí a vontade de explorar só aumentava. Eles queriam entrar cada vez mais, mas eram alunos dos 18 anos em diante, por isso eram muito obedientes, mas foi uma coisa muito marcante. Algo que nem eu nem os alunos iremos esquecer. O que falta é estrutura para que facilite essa visita. Tem que ser algo bem elaborado para que tudo aconteça da melhor forma possível e evitar sustos na visita (SD, Toca da Raposa, F, 32 anos).

Eles vão interessado e ficam querendo topar em tudo. Ficam querendo saber como foi que a gruta se formou, quando foi, como foi o processo. Antes de ir visitar eu dou aulas sobre o que iremos ver. Todas elas possuem histórias e lendas, antes de visita-las falamos muito sobre elas. Aqui na gruta da Pedra Furada da Mussuca tem uma lenda que quando as pessoas passavam para ir para roça, iam pescar ou até mesmo pegar lenha, encontrava uma mulher sentada da gruta e quando se aproximava ela entrava na gruta e saía em um poço que tem na entrada da gruta, mas é tudo lenda que alimentam o folclore daqui (LA, Pedra Furada II, M, 49 anos).

Existem lugares os quais os alunos já ouviram falar, mas não conseguem mensurar a importância que esses atrativos possuem. Quando estimulados pelos professores à visitação, causam espanto por não imaginarem o potencial e as belezas dos seus lugares. No entanto, alguns professores declaram não se sentirem seguros para trabalhar com os alunos, pois retirá-los da sala de aula requer responsabilidade e logística que as instituições, principalmente públicas, não fornecem apoio. A falta de estrutura para desenvolver a visita também desestimula os professores a desenvolver as visitas:

Os colégios particulares possuem mais facilidades para desenvolver essas visitas porque possuem a facilidade de transporte, pois os próprios alunos pagam pelo transporte. Quando é uma escola pública existe uma burocracia para liberar o transporte, pois essa logística se tratando de uma escola pública é mais complicada. Sem contar que é trabalho para o professor, e eles não querem muito trabalho. Nossos professores receberam o treinamento do Centro da Terra para divulgar as grutas com os alunos. Não sei como eles estão fazendo (SD, Toca da Raposa, F, 28 anos).

É necessário se apropriar, cuidar e perceber que as coisas precisam acontecer de forma participativa, de modo a beneficiar os moradores:

Eu considero todo ambiente natural um atrativo turístico. Esses ambientes estão tão escassos que as amostras que restaram desses ambientes se tornam atraente devido ao fato de pessoas não conhecerem. Os próprios moradores que reside ao lado desses lugares não a conhecem imagine as pessoas que vem de longe. Quando observa um lugar desse ficam admirados. O manque daqui é muito bonito, é uma extensão muito grande (LA, Pedra Furada II, M, 49 anos).

É importante informar aos alunos que qualquer atividade desenvolvida nas grutas, seja qual for a finalidade, sempre irá causar impacto, pois as



grutas fazem parte de um sistema que está interligado a temperatura e a fauna. Destacando que, devido as características do relevo cárstico, há grutas que possuem em seu subsolo aquíferos importantes para o abastecimento de água para população. Além do risco da poluição do lençol freático, existem outras formas de poluição desses ambientes, causados principalmente por pessoas desinformadas que descartam embalagens de bebidas e restos de alimentos nesses ambientes.

No interior das grutas, a exemplo da Toca da Raposa no município de Simão Dias, existe uma diversidade de espeleotemas que aguçam a imaginação dos visitantes. Esses espeleotemas são feições extremamente delicadas e todas elas precisaram de milhares de anos para atingir os tamanhos e formatos que possuem hoje. Em muitos casos, um simples tocar pode destruir de maneira irremediável o processo de desenvolvimento que muitos ainda se encontram. Alguns espeleotemas raros são tão delicados que um simples flash fotográfico pode provocar danos. Para evitar a destruição de espeleotemas, algumas grutas que são abertas para a visitação turística possuem salões ou galerias fechadas ao público, para poupar as estruturas e espécies que compõem as grutas, como demonstramos nas grutas de Minas Gerais.

Essa conscientização precisa ser pública e atingir as pessoas, principalmente os moradores da região. As instituições de ensino são fundamentais nesse processo, atuando principalmente na conscientização para os impactos causados às grutas e, assim, construamos uma sociedade que seja defensora dessas paisagens.

População de entorno: usos e apropriações

Neste subcapítulo, discutiremos sobre os aspectos socioambientais que caracterizam a relação existente entre a sociedade e as grutas. Para isso, consideramos: a revisão da literatura, os dados coletados a partir do contato direto com as realidades (campo), os registros fotográficos e a percepção dos sujeitos. Esta análise incidirá sobre o modo como os moradores de entorno percebem as grutas e de que modo as utilizam.

As grutas, em geral, são espaços que abrigam e protegem o que está em seu interior. Ao longo da história serviram de abrigo para muitos povos. Historicamente, as grutas existem há milhões de anos e influenciaram culturas, constituindo parte importante do cotidiano de diferentes sociedades. Na atualidade, as grutas ainda possuem a mesma função que no passado, ou seja, além de instigar a imaginação com lendas e fatos, induzem ao misticismo e à contemplação da natureza.



Diante deste breve perfil, compreendemos que o desenvolvimento dos grupos humanos sempre esteve correlacionado à existência das grutas. As pistas se revelam desde os pré-históricos que deixaram rastros de sua existência, seja por meio da cultura material, seja pela expressão artística, por exemplo, a arte rupestre, uma das formas de expressar o cotidiano por meio de pinturas e gravuras encontradas nas rochas, em paredes de abrigos e nas grutas. Deve notar que “inicialmente as figuras representavam apenas animais e paulatinamente foram dominando a técnica e produzindo imagens mais complexas, chegando a representar também figuras humanas em atividades de rituais e de caça” (FELIZARDO, 2012, p.30).

Segundo Travassos (2011) é necessário desenvolver os estudos focando as relações entre o homem e as grutas pela perspectiva da história da evolução humana, como abrigos, esconderijos ou lugares sagrados que se tornaram pontos de fortalecimento intercultural mantidas ainda hoje.

Nesse contexto, Tuan (2012) apresenta uma forma alternativa para estudar esses fenômenos sob olhar geográfico, valorizando a relação entre as pessoas e o espaço, diante da percepção e representação espacial, as culturas e as relações sociais. Tuan, em seus estudos, dá ênfase aos aspectos subjetivos e pessoais que as pessoas mantêm com os espaços.

A topofilia refere-se ao sentimento de apego que os sujeitos possuem ao lugar que eles habitam. Esses sentimentos topofilicos podem ser notados a partir da estética do meio através do turismo, do contato físico com o meio ambiente, do pequeno agricultor, o patriotismo e a relação emocional da pessoa com seu lar e seus pertences. Nota-se então, que o termo topofilia associa sentimentos com o meio ambiente e, ao fazer isso, promove a ideia de lugar. Contudo, “o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais” (TUAN, 2012, p. 129).

Avesso ao sentimento de topofilia, o sentimento de topofobia está presente nas pessoas que interpretam os lugares e as paisagens, com aversão ao que está sendo observado e vivenciado. Assim como a topofilia, a topofobia é captada pelos sentidos de quem a observa, como: os cheiros, os barulhos, os olhares são sensores que captam as sensações que identificarão os sentimentos vivenciados no lugar observado.

Esses sentimentos influenciam diversos aspectos socioculturais e ambientais que conformam a paisagem das grutas estudadas. Tal compreensão nos ajuda a entender as marcas deixadas nessas paisagens ao longo do tempo. No trabalho de contato direto com as comunidades do entorno das grutas, a



questão do enraizamento e do apego ao lugar onde mora foi constatado nos depoimentos colhidos entre os moradores: fonte de vivência, apego, amizades, familiares, calmaria, segurança, dentre outros, fazem com que as pessoas resolvam permanecer em seu lugar. Questionados sobre a possibilidade de irem morar em outro lugar, eles responderam que jamais o deixariam. Disseram que não existe lugar melhor que o deles para se morar, conforme podemos perceber nos seguintes depoimentos:

Gosto muito de morar aqui porque trabalho com a roça. Então, as terras aqui são boas para se cultivar. Não me vejo em nenhum outro lugar (JA, Casa do Caboclo, M, 55 anos).

Aqui é muito bom, é o lugar que nasci, me criei e não quero saber de ir para lugar nenhum, para mim aqui é o paraíso (JA, Toca do Caboclo, M, 67 anos).

Gosto de morar aqui porque é uma cidade diferente das outras. Guarda sua cultura, demonstra e mostra sua cultura (LA, Matriana, F, 27 anos).

No entanto, a violência aparece como um fato preocupante e até impeditivo, visto como motivo da não permanência no local, apesar de gostarem do ritmo de vida mais tranquilo do município com características rurais. Nesse ponto, esses lugares com uma população marcadamente calma e ordeira, começam a sofrer os impactos característicos dos problemas das zonas urbanas. Apesar de serem cidades do interior, começa a surgir situação que normalmente encontramos nos centros urbanos e nas metrópoles: a violência e a insegurança. A liberdade de antes já não é tão presente nos municípios, pois, o medo começa a fazer parte da vida dos moradores: janelas e portas com grades, quintais cercados, assaltos constantes que antes não estavam no contexto de vida desses moradores.

Gosto muito de morar aqui, mas a violência está começando a chegar. Não estamos tendo mais nem como sentar nas calçadas de casa como fazíamos antes. A violência está uma coisa séria (JA, Toca do Caboclo, F, 63 anos).

Há aqueles que acreditam em um futuro melhor estando em outro espaço, e, a motivação de saída do lugar de origem decorre da ausência de emprego e estrutura educacional. Normalmente, esse desejo está entre os mais jovens que necessitam desenvolver alguma carreira profissional e se estabilizar financeiramente.

(...) aqui é uma cidade que não se desenvolveu. Não teve nenhuma evolução. Tudo que queremos temos que ir para Aracaju. Estudo, trabalho, aqui não tem nada (LA, Pedra Furada II, M, 22 anos).



Apesar deste impasse, há um fator favorável à permanência dos nativos como o estilo de vida, as formas de diversão, o contato com a natureza, os rios, as frutas, o lazer despreocupado. O primeiro contato com a gruta, por exemplo, acontece na infância ou na adolescência, em 86% dos entrevistados confirmam já ter visitado a gruta, sendo que 100% já tinham conhecimento da existência.

Há o sentimento de pertencimento dos entrevistados com relação às grutas. Segundo Bonnemaïson (2002), a relação cultural entre o homem e a paisagem é carregada de afetividade; é o “olhar do habitante” sobre o seu lugar:

(...) morei no centro de Simão Dias desde quando nasci, foi lá que fui criada. Hoje, moro no povoado Raposa porque me casei e vim morar aqui. Desde os três anos de idade ouvia falar sobre a gruta, mas só com 10 anos entrei pela primeira vez. O que me levou a esse primeiro contato foi a curiosidade, pois meus amigos e primos já tinham ido lá e comentavam muito (SD, Toca da Raposa, F, 43 anos).

É possível notar o apego ao lugar de moradia. O sentimento de topofilia da população também está relacionado às grutas como indicadores positivos para a preservação e o cuidado com esses ambientes, conforme relato:

Gosto muito de morar aqui. Vejo sempre as pessoas passando com roupas engraçadas para entrar nas grutas daqui. Eles vão muito para Gruta dos Orixás, Tramandai e Pedra Furada. Fico curioso para saber o que eles tanto fazem. Isso é a vida toda (LA, Pedra Furada, M, 53 anos).

Percebemos nesses relatos que o primeiro contato que os moradores mantêm com as grutas, geralmente acontece quando criança ou adolescente. Logo, muitos não se recordam quais foram as sensações que eles tiveram ao entrar pela primeira vez nas grutas. Aqueles que se recordam, descrevem o medo que tiveram, da apreensão pelo desconhecido, do cheiro úmido, tal sensação incômoda que conduz ao não experienciado, e, com o agravante de não saber o que vai acontecer, conforme a transcrição a seguir:

Quando eu fui pela última vez ainda era criança, mas na minha memória ainda guardo a boniteza que eram as árvores e quando entrávamos era uma toca muito grande. Eu, menina, achava tudo aquilo uma lindeza. A gente quando menino gosta de estar se escondendo, então ali era o lugar que gostava muito de ficar. Deu um pouquinho de medo nas primeiras vezes, mas depois era tudo normal (JA, Casa do Caboclo, F, 63 anos).

Foi na Gruta da Pedra Furada, é a que acho mais bonita. Acho que tinha 07 anos, quando estive lá a primeira vez. Foi uma reação de criança. Quando você vê aquelas rochas enormes, você tem uma sensação de paz naquele ambiente. No meu caso antes de conhecer a Pedra Furada minha avó e minha família já falavam (LA, Pedra Furada, M, 23 anos).



Para a maioria dos entrevistados, “a gruta possui um misto de curiosidade e de medo, que nos fazem sentir impotentes, adentrando aquela estrutura tão diferente do nosso cotidiano. É um misto de sensações indescritíveis” (JA, Toca do caboclo, F, 30 anos). As pessoas que frequentam as grutas, relatam que ainda hoje quando entram nelas sentem “sensações jamais experimentadas em outros ambientes. Também, estar na gruta proporciona um sentimento de refúgio e proteção, talvez um remanso, é como se as coisas lá fora não fizessem parte daquele momento em que se está lá dentro” (SD, Toca da Raposa, M, 40 anos).

Deu medo e até hoje a sensação que tenho é que estou indo lá pela primeira vez, mesmo que eu já conheça, mas é como se para mim fosse uma novidade (LA, Pedra Furada II, M, 22 anos).

Na verdade, meu tio plantava roça lá perto dessa gruta. Entendeu? Aí eu ia com ele. Ele falava sempre! Inclusive eu tinha medo de ir nesse local. Mas, aí eu fui uma vez com ele, depois eu sempre ia, sozinho mesmo (JA, Toca do Caboclo, M, 36 anos).

Eu parecia que estava em outro lugar do mundo, parece um filme (SD, Dorinha, M, 54 anos).

A escuridão, os espeleotemas, os morcegos, o calor e o cheiro fazem os entrevistados rememorar várias lembranças e sentimentos. Esta característica também é apontada como a principal motivação de qualquer turista. A curiosidade é o que move o viajante a sair do seu lugar para conhecer algo que ele somente ouviu falar:

Lá dentro era muito escuro. Achei tudo muito bonito, era diferente, não sei como está hoje lá porque faz muito tempo que estive por lá. Se brincar, não existe nem mais essa fonte (JA, Casa do Caboclo, F, 34anos).

Era um lugar que tinha uma energia muito forte, era incrível, difícil de explicar. Eu entrava e me arrepiava toda. Um lugar muito bonito (JA, Casa do Caboclo, F, 72 anos).

Achei bonito, que realmente era bonito! Só tive medo dos morcegos, eram muitos. Saía de dentro da gruta que é a casa deles. A minha curiosidade era ver o riacho. Era um riacho com a água bem branquinha, aquela coisa bem linda mesmo. Por cima a gente via pedra, no jeito de uma casa mesmo. Eram aquelas pedras em cima e tinha um buraco que a gente entrava. Lá dentro era tudo escuro, só via mesmo o riacho dentro (JA, Toca do Caboclo, F, 54 anos).

O primeiro contato com as paisagens cársticas normalmente causa espanto a quem observa pela primeira vez. São feições que normalmente fogem ao padrão comum nas áreas rurais. O mesmo acontece com os moradores cuja paisagem cárstica assustam e encantam também aqueles que residem



em seu entorno. Apesar de ser um contato corriqueiro, trata-se de uma paisagem peculiar se comparada às paisagens comuns no cotidiano dos moradores envolvidos com plantações, pastos e matas.

Acho que surpresa, a primeira vez a gente fica só olhando, admirando a grandiosidade da gruta, o quanto é grande e cheia de detalhes. Fica imaginando como foi que tudo aquilo se formou (LA, Matriana, F, 20 anos).

É tranquilo, é só tomar cuidado, perto da boca você já sente uma sensação diferente, é muito grande, você nem imagina que pode existir um negócio daquele (SD, Toca da Raposa, M, 42 anos).

Em geral, observamos que as falas dos moradores são iniciadas por discurso de medo. No entanto, prosseguem com relatos sobre a beleza, a grandiosidade, a paz que sentiram ao visitarem a gruta:

Nunca entrei. Lá só dá para ficar até a entrada. Não dá para entrar. Mas, às vezes que estive lá foi por não está fazendo nada e ia relaxar. Sempre ia com amigos, conversar, namorar, paquerar, era meio que um ponto de encontro fora da visão dos nossos pais [risos] (SD, Dorinha, F, 30 anos).

Nessa parte da frente é normal, mas tem no fundo uma parte que me dá gastura de entrar, é bem fechado e fede (LA, Pedra Furada, M, 36 anos).

A paisagem cárstica encanta, mas em alguns casos afasta as pessoas porque acreditam que esses ambientes só atraem coisas ruins. Ao longo da história, as grutas eram vistas como sepulcro, lugar da morte e ausência da vida. A relação: inferno versus castigo versus criaturas assustadoras, tornavam as grutas um ambiente proibido (FELIZARDO, 2012). Esses fatos se confirmam na mitologia grega, pois uma das tarefas preferidas que um deus, ou mesmo um rei, entregava aos heróis seria a de ir em uma gruta realizar algum trabalho e ainda trazer algum objeto como prova de seu feito. Essa seria uma prova de coragem ao desafiado.

É inevitável existir uma gruta que as pessoas conheçam sem que haja também histórias que as envolva. São várias lendas e todas elas com alguma função ou relacionada a algum fato remetido a espíritos e entidades religiosas.

Eu sei que lá, na época que o pessoal fazia trabalhos lá na gruta, as pessoas tinham medo de ir lá visitar. As pessoas daqui da comunidade tinha medo de ir lá, porque existia a lenda de um velho que pegavam as pessoas, alguma coisa desse tipo. E as pessoas tinham medo de visitar aquele buraco porque um velho iria pegar (JA, Toca do Caboclo, M, 36 anos).

Lá tinha um espírito que se chamava Zé que vivia na gruta. As pessoas diziam que ele era um caboclo de casco. Eles eram estranhos, parte



gente e parte macaco. Eu vi, eram manifestações que aconteciam lá. Tinha pessoas que tinha fé naquilo. Eu acreditava porque eu via, quando os xangôs baixavam as pessoas eram outras (JA, Casa do Caboclo, F, 63 anos).

As lendas contam que a Gruta do Caboclo serviu de refúgio e abrigo para índios no período da colonização portuguesa. Conhecida pela população por diferentes nomes, como: Gruta do Capim Branco, Gruta da Mulata, Casa do Índio. O que mais prevalece é a Gruta Casa do Caboclo que é conhecida assim pela maioria da população, inclusive é o nome que consta no registro do CANIE. Segundo os moradores mais antigos, a gruta recebe esse nome devido à prática de rituais religiosos de matriz africana.

Conheço a gruta. Dizem que ali no passado era um refúgio para os índios. Era onde eles se abrigavam para fugir dos colonizadores. Meus avós contavam essa história e na escola também (JA, Casa do Caboclo, M, 24 anos).

Lá foi morada dos índios que antes habitavam essa região, da tribo do cacique Japarutuba (JA, Casa do Caboclo, M, 72 anos).

As histórias e lendas das grutas se intercalam entre elementos da religiosidade de matriz africana e da Igreja Católica. Muitos relacionam as grutas como instrumento de reflexão, outrossim, fonte de energia representada pelos orixás que residem nas grutas ou aparições de imagens que inspiram a paz.

Tem um riachinho, naquele tempo, há muito tempo atrás, dentro dele apareceu uma criança. Mas, não era todo mundo que conseguia ver. Aí ele (o babalorixá)¹⁵ ficava parado olhando para água e dizia que ali tinha uma menina, ele dizia “Olhe, essa água aqui serve para remédio, essa água aqui o povo diz que aqui é isso, que é aquilo outro. Você não vê não? Esse povo é tolo!” Pegava aquela água e molhava a cabeça. Tinha gente que pegava aquela água para levar. Eu sei que a água vem de dentro. Mas, ali tinha uma criança. E eu acho que quem tem milagre é ele que vem de dentro (JA, Toca do Caboclo, F, 56 anos)

Falam que no passado tinha uma menina que aparecia no fundo do riacho que corre dentro da gruta. As pessoas do povoado sempre contam essas histórias, acho que é para colocar medo nas crianças, mas desde pequena ouvia essa história. Conto de vez em quando, assim como estou contando para você agora (JA, Toca do Caboclo, F, 19 anos).

Além disso, destacamos que a Gruta da Matriana foi durante muito tempo um local de inspiração para o artista plástico laranjeirense, Horácio

15 Chefe espiritual responsável pelo culto aos orixás; também conhecido como pai de santo, pai de terreiro, é o sacerdote das religiões afro-brasileiras como no candomblé, xangôs e umbanda. Seu equivalente feminino é a ialorixá ou mãe de santo.



Hora, que possui telas retratando a paisagem da gruta e, inclusive, pintou o seu autorretrato em uma das paredes da gruta.

A história da própria cidade consta que a gruta foi durante muito tempo abrigo para os Padres Jesuítas que, inclusive, chegaram a celebravam missas ali, tanto na gruta as Matriana quanto na gruta da Pedra Furada (LA, Matriana, F, 20 anos).

Contam as lendas que no local onde está localizada a gruta Matriana, em determinado período da lua, é possível enxergar a figura de um índio, segurando em suas mãos um objeto e apresentando em seu corpo marcas de pinturas. Em fase de lua cheia, a claridade lunar, brilhava sobre seu corpo, podia-se acompanhar sua trajetória em torno de toda formação rochosa. Essa é mais uma das lendas que fazem parte do imaginário da comunidade de Laranjeiras sobre as grutas.

Na Gruta da Pedra Furada, as lendas ganham importância ao constituírem aspectos culturais marcantes para a comunidade do povoado Machado e de todo o município de Laranjeiras. É a gruta mais conhecida. Segundo relatos dos moradores mais antigos, era na gruta que os nativos se refugiavam em momentos de invasões.

Conforme Silveira (2009), os padres costumavam frequentar a gruta, valendo-se de um caminho subterrâneo, que ligava a gruta até a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Comandaroba, de propriedade da Ordem. Acredita-se que, nesse túnel, os jesuítas tenham escondido valiosos objetos, possivelmente deixados para trás durante a fuga dos membros da Companhia de Jesus, em 1750, quando foram expulsos do Brasil.

A distância existente entre a gruta e a igreja é de aproximadamente 2 km, sendo confirmada a existência desse túnel a Gruta da Pedra Furada, passaria a ser a maior dentre todas no Estado de Sergipe (DONATO, 2011):

Tem a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Comandaroba e existe a história de um túnel que tem atrás do altar mor da igreja. Existe também a lenda de quem entrar no túnel vai sair na gruta da Pedra Furada, e que, se entrasse no túnel da Pedra Furada iria sair em Nossa Senhora do Socorro. Naquela época, minha avó já falava, não pode porque ninguém entrava. Ali na verdade era refúgio dos padres Jesuítas. Todo mundo conta essa história, a população laranjeirense sempre conta essa história. A gente também termina contando, principalmente para os turistas, eles ficam muito interessados, querem ir na igreja para ver onde iniciava o túnel (LA, Pedra Furada, M, 23 anos).

Já ouvi a história de que a gruta da Pedra Furada tinha um túnel. Era muito mais extensa, mas quem entrava nesse túnel não voltava mais e os que voltavam ficaram loucos ou cego (LA, Pedra Furada II, M, 22 anos).



Dizem que a gruta da Pedra furada servia de refúgio para negros e jesuítas, há um túnel que liga a gruta à Comandaroba. Outras pessoas dizem que existe ouro enterrado lá. Quando os invasores chegaram em Laranjeiras, os padres iam fugir da igreja da Comandaroba para sair na gruta e no meio do caminho deixaram cair todo o ouro (LA, Pedra Furada, M, 18 anos).

A Gruta Pedra Furada II também possui várias lendas, uma delas está relacionada a presença de espíritos bons e ruins que habitam a gruta. Segundo relatos de moradores antigos, a gruta serviu de abrigo para escravos refugiados. Devido ao povoado ser um território quilombola, os mais antigos falam que a gruta era o local onde eles se abrigavam. Conta-se também sobre a existência de uma conexão entre a Gruta Pedra Furada II, na Mussuca, com a Gruta da Pedra Furada (do povoado Machado), servindo como rota de fuga para os escravos fugitivos.

A Gruta Pedra Furada aqui na Mussuca é ponto arqueológico. Nela, três jovens foram fazer um piquenique e um deles morreu. Até hoje não se sabe o motivo. Dizem que é um lugar mal-assombrado. Só o povo que vem de fora mesmo gosta de ir para lá (LA, Pedra Furada II, M, 36 anos).

Dizem que existe um dente de tubarão do tamanho de uma porta, que fica uma parte para fora. E que há uma pedra que ao ser molhada revela uma escritura antiga (LA, Pedra Furada II, M, 19 anos).

Devido a essas curiosidades, as grutas se tornaram locais de referência para os moradores em virtude da herança histórica.

Neste sentido, destacamos também a Furna de Dorinha, por possuir lendas, dentre elas, conta sobre as perversidades realizadas pelo antigo proprietário das terras onde se encontra a gruta. Segundo moradores, o senhor Dorinha jogou várias pessoas na gruta, inclusive vivas. Segundo relatos, pesquisadores já encontraram esqueletos humanos no fundo da gruta, mas nada comprovado, apenas baseado nos ditos dos populares.

O Sr. Dorinha foi o antigo proprietário das terras onde a gruta está situada. Na plataforma do CANIE, a gruta está cadastrada como Abismo de Dorinha. No mesmo cadastro existe o registro também do termo Abismo de Simão Dias, mas os moradores da redondeza reconhecem a gruta como “Furna do Dorinha”

A história é que o antigo dono pegava os trabalhadores e jogava dentro da furna, mas só os que não trabalhavam. Alguns moradores mais próximos da furna chegam a ouvir coisas estranhas (gemidos e gritos) saindo de dentro da furna (SD, Dorinha, F, 57 anos).

Essas terras pertenciam ao Sr. José Dórea de Almeida (Dorinha). Era a Fazenda Santo Antônio, destinada a criação de gado, com 4mil tarefas,



sendo que 20% da área é destinada para reserva de proteção, é uma parte que se entende até a Serra do Cabral. Em 1989, essa fazenda foi vendida ao Estado no Governo de Valadares. Na época o prefeito daqui era o irmão de Valadares, Prefeito Caçula Valadares. Inicialmente foi comprada para a construção de um Hotel Fazenda. Como o projeto não teve continuidade, ela passou para a responsabilidade de José Caetano, à época Secretário da Agricultura que aproveitou o açude que existia na fazenda e cedeu para Associação de Piscicultura. A outra parte foi loteada e distribuída para agricultores, onde temos hoje a Colônia Governador Valadares. Eu vivi tudo isso. Somos da família, com grau de parentesco distante. Esclareço as pessoas porque a história que você só ouve é a de que Dorinha jogava as pessoas lá dentro. Hoje ainda tem pessoas que viveram nessa época, a exemplo de Dona Josefa Matos Valadares, que foi prefeita logo depois. Ela mora no centro e tem uma escolinha de alfabetização. Outra história que contam é de que vaqueiros correndo vaquejada já caíram lá dentro. Não acredito muito não porque se não ia ter que tirar a pessoa de lá de dentro, mesmo que estivesse morta, e ninguém nunca ouviu falar (SD, Dorinha, M, 54 anos).

Para os moradores, histórias assustadoras como as relatadas neste trabalho, não prejudicam a imagem das grutas e/ou dos lugares nos quais elas estão localizadas. Ao contrário, segundo eles, essas histórias aguçam ainda mais o imaginário das pessoas, deixando-as curiosas para conhecer as grutas.

Segundo Felizardo (2012), a influência das grutas na sobrevivência dos povos antigos contribuiu na formação da cultura dessas sociedades, por vezes consistindo em ambientes considerados como sagrados e moradias dos deuses, em outras situações as grutas eram consideradas locais proibidos ou mesmo amaldiçoados, onde residiriam bestas e demônios. Como vimos nos relatos, nas grutas estudadas há o predomínio das práticas relacionadas ao candomblé e a umbanda. Ainda hoje, existem grupos que fazem uso dessas grutas para depositar oferendas aos orixás que, segundo a religião, habitam as grutas:

(...) as pessoas acreditam que os seus deuses estão nas grutas e que esses locais são preciosos para a prática da religião e do contato com as divindades que estão lá. Vem pessoas de outros Estados para a gruta. Já levei pessoas que vieram da Bahia querendo ir na “casa do índio” (como é chamada a gruta por alguns moradores). Lá eles fazem orações, cantam, dançam, cumprem suas obrigações e, normalmente, deixam um bocado de coisa lá: flores, perfumes, garrafas, charutos, velas. Usam defumadores dentro da gruta, vestem-se de branco, cantam música e tudo mais (JA, Casa do Caboclo, F, 59 anos).

A gruta Casa do Caboclo recebe destaque em Japarutuba por ser um espaço de práticas religiosas das pessoas que residem nas proximidades da gruta e dos povoados adjacentes. Moradores do entorno desta gruta informam que um babalorixá, já falecido, visualizava a imagem de uma criança do sexo feminino nas



águas do lago no interior da gruta. Outros moradores ainda afirmam que essas águas possuíam poderes medicinais, através das bênçãos religiosas recebidas do babalorixá. Nesse contexto, uma moradora do povoado Marrocos, declara:

(...) sempre ia para lá brincar e fazer as festas. Quem organizava era um senhor do povoado Sapucaia, chamado Dudu, ele que sempre ia para lá e levava outras pessoas de fora. Hoje ele já faleceu. Quando ele morreu as coisas da religião dele foram colocadas dentro da gruta, mas com uns oito dias carregaram tudo. Ninguém sabe o mistério que tem na gruta. O Sr. Dudu dizia que “aqui é para os mestres que tem condição de conduzir os trabalhos”. Após a morte dele diziam que tinha que celebrar uma missa lá, mas que eu saiba nunca teve. Pessoas acreditavam que se quisesse alguma coisa, tinha que ir para lá fazer o pedido nas águas que corria dentro da gruta. Sempre quando tinha festa eles faziam os rituais lá, colocam cachaça, outro chega e bota dendê. Dizem que o caboclo chefe de lá é o mestre Corumbá. Está entendendo? Era para quem eles faziam as obrigações deles e a gente só ia para lá para ficar olhando. Mas depois que ele morreu parou mais (JA, Casa do Caboclo, F, 52 anos).

(...) no terreiro de Sr. Dudu brincavam pessoas, ele era um bom curador. Deus cura, né? Ele era uma pessoa que rezava muito bem, que se ele rezasse numa pessoa que estivesse doente ele dizia, mas se a pessoa não tivesse jeito ele dizia também. Ele dizia que aquela pessoa não adiantava cuidar, tanto criança quanto adulto, isso aconteceu muito, o pessoal aqui da Sapucaia, que tem o maior apego até hoje com essas histórias (JA, Casa do Caboclo, F, 54 anos).

Deixa eu te contar uma história que se passou-se comigo. Meu filho era da política, junto com padre Geraldo. Aí, o meu filho também se candidatou a vereador, mas não ganhou. Eu disse para ele “nós vamos na Casa do Caboclo fazer as obrigações para fazer Geraldo ganhar essa eleição”. Ele disse – “Vamos mamãe”. Aí saiu por aqui. O que eu tinha de fazer de obrigação, fui mais ele. Aí eu fiz de manhã. Quando foi de noite, eu vi padre Geraldo sentado na cadeira da prefeitura. Uma luz bem linda perto dele e ele sentado assim, e a luz de lá vindo. Quando amanheceu o dia eu fui lá dizer a meu filho. Ele disse: o que a senhora viu? Aí eu disse para ele: Padre Geraldo vai ganhar essa eleição, ele vai ganhar mesmo? Ele não vai ganhar com qualquer coisa não, mas ele vai ganhar a prefeitura de Japaratuba, e como ganhou. Não ganhou com vantagem não, mas ganhou, não assumiu porque ficou doente e faleceu, mas o vice dele está lá governando a prefeitura (JA, Casa do Caboclo, F, 54 anos).

São nos lugares de moradia que a população elabora e perpetua a soma de crenças, rituais e práticas que fundam a cultura, permitindo que os grupos se tornem visíveis (BONNEMAISON, 2002). A religiosidade é muito representativa na gruta de Japaratuba e nas grutas de Laranjeiras, relações que já são influenciadas por questões culturais que surgem desde a colonização desses territórios. Ainda hoje se mantêm vivas as práticas religiosas nas grutas, conforme relatos:



Tem uma senhora chamada mãe Vera, ela sempre vai fazer trabalhos, despachar coisas, tipo fazer obrigações para o povo das matas. Eles usam muito ali, por ter o nome de Casa do Caboclo, que a gente entende que existia habitantes ali (JA, Casa do Caboclo, M, 50 anos).

(...) eu mesmo, às vezes, precisando de ajuda, eu saio por aqui, chega lá eu me sento. Aí faço minhas obrigações e descanso, e depois venho, que eu tenho uma roça que fica lá perto. De lá eu vou para minha roça. Mas, faço os meus pedidos (JA, Casa do Caboclo, F, 54 anos).

No tempo que Sr. Dudu andava lá, em dois e dois meses ele vinha e limpava mais a gente. Só fazia limpar, a areia era limpinha, tirava uns matos de dentro. Quando eu quero ir, eu vou lá sozinha e acendo uma vela, sozinha mais Deus. Boto um cigarrinho, aí deixo lá, e depois venho embora. Rezo um Pai Nosso, uma Ave Maria e venho embora (JA, Casa do Caboclo, F, 74 anos).

A presença das religiões de matrizes africanas, mantidas pelos escravos, trouxeram consigo a sua cultura, com destaque para a religiosidade. As grutas, conseqüentemente, eram lugares onde eles poderiam realizar seus rituais e cultuar seus deuses sem serem incomodados, pois suas crenças eram motivo de perseguição pelo colonizador branco. Com isso, percebe-se que o sentido simbólico das grutas se transforma em um conjunto de significados importantes na vida dos moradores, trazendo identidades específicas, nas relações entre os moradores do entorno com as grutas:

[...] quando íamos fazer as nossas obrigações para o santo, existia uma pedra especial onde o Sr. Dudu (babalorixá) acendia cigarro de palha, derramava óleo, tudo isso especificamente em uma pedra que até hoje eu sei qual é (JA, Casa do Caboclo, F, 55 anos).

Segundo Dardel (1952), a paisagem é um registro de um momento vivido, algo mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, é um conjunto, uma convergência, um momento vivido. Há uma ligação interna que une os elementos envoltos no espaço. Tais relações entre a comunidade e as grutas são indicativos que podem ser apropriados pelos moradores como uma das oportunidades no contexto sociocultural dos atrativos turísticos.

(...) o chefe da Sapucaia que morreu, o finado Dudu sempre fazia umas penitências lá, e a gente andava lá, as vezes a gente brincava dentro da gruta. Lá é para quem entende, pra pessoas espiritualizadas, mas tem pessoas que ainda vão. Chega lá entram, fazem orações, deixam as obrigações. Mas, ela é famosa, essa gruta, é muito famosa, não só pelo povo daqui mas vem pessoas de fora. Já teve festa. Tinha uma multidão de gente (JA, Casa do Caboclo, F, 52 anos).

A Gruta da Matriana está localizada no povoado Faleiro. As relações



mantidas entre os moradores e a gruta concernem aos aspectos culturais, principalmente pelo fato de a gruta ter sido templo de oração dos padres que evangelizaram os primeiros moradores da região. De acordo com informações dos moradores, o espaço da gruta da Matriana, foi muito utilizado por padres, que ali realizavam suas orações, valendo-se do silêncio, do cenário bucólico e da existência de uma “nascente”, que fornecia água para saciar a sede. Hoje, essa fonte natural não existe mais, mas a gruta permanece, resistindo ao tempo e preservando em suas estruturas naturais elementos típicos que alimentam o imaginário popular (SILVEIRA, 2009).

Mas em momentos de perseguição da Igreja Católica, os padres Jesuítas também se apropriavam das grutas como local de refúgio e, conseqüentemente, desenvolviam os seus rituais nesses espaços. A gruta da Pedra Furada, por exemplo, nos conduz a um conjunto de indagações e mistérios entre as estruturas dessa formação rochosa. Localizada fora dos arredores do centro de Laranjeiras, no povoado Machado, constitui-se de aspectos relacionados a presença dos jesuítas que, entre os séculos XVII e XVIII, utilizaram a gruta para realização de suas orações e celebrações religiosas. No povoado Machado existem duas sedes da religião de matriz africana que utilizam as grutas para seus rituais. É possível observar no interior da Gruta da Pedra Furada, o depósito de artigos religiosos, tais como, velas, tecidos, utensílios de barro e até restos de animais sacrificados.

Nela tem uma árvore bem grande que separa as duas partes das grutas. Acho que é uma árvore barriguda, bem grande e bonita. Sempre quando ia lá tinha despacho por lá, normalmente pelas características parecia coisas que estava buscando relacionamento, tinham flores, champanhe, essas coisas normalmente se oferecem para a entidade e esquerda Maria Padilha, que cuida dos relacionamentos (LA, Matriana, M, 50 anos).

No município de Simão Dias não foi registrado nenhum tipo de relação que envolvesse práticas religiosas no interior das grutas. Apenas na estrada que dá acesso a gruta Toca da Raposa é, constantemente, depositado oferendas, conforme figura 24. Supostamente, devido a gruta estar dentro de uma propriedade privada é frequentada pelos moradores que possuem registro:



Figura 24: Oferendas depositadas na estrada da Gruta Toca da Raposa

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017
 Autor: CONCEIÇÃO SILVA, Heberly Ruan

Apesar de algumas restrições de acesso, constatamos que apenas 30% dos entrevistados declaram nunca ter ido às grutas e não as tem como um elemento de referência para o município ou para a suas vidas, “(...) morar perto da gruta é algo diferente, apesar que nunca utilizamos como referência” (JA, Casa do Caboclo, M, 37 anos). No passado, quando os moradores visitavam com mais frequência, eram motivados pelos professores das escolas, fazendo com que o morador se entendesse pelas grutas:

(...) não existem mais aquelas pessoas que levava a gente. Um líder, um chefe, um orientador espiritual, faltou essa pessoa. Aí aparece esse povo que não sabe de nada! Mas eu sei que lá tem coisas boas, tinha que ele formava a gente, agora era para quem tem fé (JA, Toca da Raposa, F, 56 anos).

Já visitei todas essas três grutas, mas já faz muito tempo, quando vim morar em Laranjeiras. Eu acho que não existe mais isso hoje, mas no meu tempo, naquela época tinha essas atividades nas escolas de conhecer esses atrativos e eu cansava de ir para a gruta da Pedra Furada e meu avô tinha um sítio lá perto da gruta. Todas as grutas ficam na zona rural, mas a que eu mais frequentei foi a gruta da Pedra Furada. Eu não acho muito longe, fica perto da Igreja da Comandaroba, da gruta da Pedra Furada para a Fazenda a Boa Luz é um pulo (LA, Pedra Furada, M, 23 anos).

Segundo os moradores, falta também mais divulgação dos lugares que são atrativos no município. As pessoas de outras localidades não conhecem o



potencial turístico dos municípios, e acusam falha na gestão pública, alegando que não há estrutura nem divulgação dos atrativos existentes no município:

(...) divulgação é a alma do negócio. Eu conheço pessoas em Aracaju que eu falo do Rio do Prata e ninguém sabe o que é o Rio de Prata, muito menos da gruta, são lugares especiais que mereciam ser mais divulgados (JA, Casa do Caboclo, M, 24 anos).

A paisagem ao redor da entrada da Gruta Casa do Caboclo sofreu interferências nos últimos anos. Os moradores apontam, principalmente, o desmatamento da vegetação do entorno, relatando que no passado possuía uma mata mais densa. No entanto, ainda que a entrada esteja mais visível, somente quem a conhece, consegue chegar até a gruta, “(...) para chegar até a gruta é mais para quem conhece, fica escondida em um monte de árvores que fecham a entrada, só sabe mesmo que tem uma gruta ali, quem conhece” (JA, Casa do Caboclo, F, 63 anos).

As grutas também fazem parte da rota das catadoras de mangaba do povoado São José, em Japaratinga. Neste caso, a gruta funciona como ponto de descanso após o trabalho exaustivo. No município de Laranjeiras, mesmo com tanta simbologia, as grutas não são referências para os moradores. Normalmente, as manifestações culturais e os patrimônios materiais (igrejas, museus, prédios históricos) são mais simbólicos na identificação dos moradores que residem próximos a esses prédios, ou, são brincantes desses grupos.

Com relação as grutas não, mas com relação as manifestações culturais sim, isso é direto, porque aqui é mais conhecido por causa da cultura e da história. As grutas poucas pessoas conhecem (LA, Pedra Furada II, M, 22 anos).

Não moro perto das grutas não. Laranjeiras é uma cidade muito conhecida. As pessoas conhecem muito por causa da sua história e da sua cultura. Possuímos festas bem importantes (LA, Pedra Furada, M, 18 anos).

Acho pouco provável que se façam, aqui acho que as pessoas do povoado Machado é que mais referenciam a gruta da pedra furada, por estarem mais próximos a eles. Gosto muito quando vejo a cidade movimentada, cheia de gente, quando a universidade veio para cá deu uma cara nova a cidade, nos finais de semana quando vejo os turistas visitando a cidade, fico muito feliz (LA, Matriana, M, 50 anos).

A Gruta da Pedra Furada II está localizada no povoado Mussuca que é reconhecido como comunidade quilombola cujo cotidiano é marcado pelas manifestações culturais caracterizadas pela influência africana.

A formação do povoado Mussuca ocorreu no século XVII por ser um lugar estratégico para abrigar os negros refugiados das senzalas, dos engenhos de açúcar de Laranjeiras e de outros municípios da região. Por certo, esses



lugares passaram a fazer parte da história das pessoas que vivenciaram essas experiências e que, ainda, guardam significados para os descendentes dos escravos que ainda habitaram o povoado.

(...) a Gruta da Mussuca foi refúgio dos escravos. A gente estuda isso na escola. (LA, Pedra Furada II, M, 22 anos).

Na comunidade do povoado Mussuca famílias são ligadas por grau de parentesco, demonstrando também o apego das pessoas ao lugar, à comunidade. Esse aspecto é considerado como elemento importante, pois além de consolidar os trabalhos comunitários, traz possibilidades de proteção aos elementos culturais do povoado.

No município de Simão Dias é comum as pessoas conhecerem as grutas. A propósito, este é o município cujas casas estão mais próximas à gruta, situadas a menos de 50m da entrada da Furna de Dorinha. Apesar das pessoas a conhecerem, elas não a utilizam como referência do seu lugar de moradia. Notam a importância da gruta na vida do povoado e do município, mas não a tem como símbolo de representatividade.

Essa gruta é muito conhecida. Se você perguntar, as pessoas podem não ter vindo, mas sabem onde fica. É um lugar muito calmo, gostaria muito que permanecesse assim (SD, Dorinha, F, 57 anos).

Quando falo que sou daqui, do povoado Valadares, todo mundo conhece, até o povo de Pinhão, Boquim, Tobias Barreto. Aqui é muito famoso. A calma, a paz, aqui é bem diferente dos outros lugares que reclamam de violência, aqui todo mundo se conhece (SD, Dorinha, M, 38 anos).

Segundo Tuan (1983), “nem o muito pequeno nem o muito grande, na vida diária, integram nosso campo de visão. Notamos arbustos, árvores e gramas, mas raramente as folhas individuais e as lâminas, vemos a areia, mas não os seus grãos individuais”. Na vida dos moradores não se trata apenas de uma visão, mas uma relação das pessoas que conhecem e vivem aquele lugar.

As grutas aqui estudadas, por vezes, assumem características diferenciadas diante do olhar que se é dado pelos moradores, ou ainda, assumem posições diferenciadas quanto aos usos e representatividade na influência que a paisagem cárstica possui em cada município estudado. Para Berque (1998), a paisagem serve a uma multiplicidade de leituras, sendo vista de dois modos: enquanto marca, quando é vista por um olhar, experienciada por uma consciência, valorizada por sua utilidade e por sua estética, regulamentada por uma política. Enquanto matriz, a paisagem determina esse olhar, essa consciência, essa valoração, essa política. As grutas cársticas compõem uma

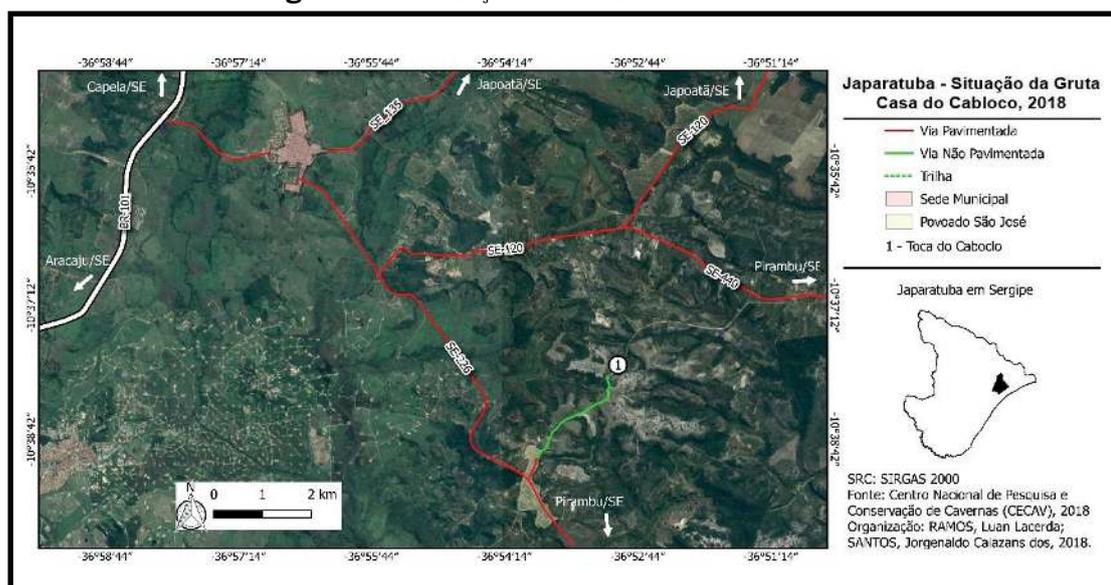


paisagem que assume papéis ambíguos: em momentos são marcas e em outros a paisagem mostra-se matriz.

Outro dado importante sobre a seleção das grutas objeto de estudo deste trabalho se deu pela representatividade histórica, fácil acesso e proximidade. Sobre isso, relatamos que o acesso a gruta Casa do Caboclo é feito por estrada de piçarra, em boas condições, distante 3km do povoado São José da Caatinga e a 10km da sede do município de Japarutuba. A gruta está situada em propriedade particular, para ter acesso a esta propriedade, na entrada principal possui duas cancelas, uma ao lado da outra, sendo que uma é de madeira supostamente instalada pelo proprietário da chácara e ao lado outra cancela de metal, com a logomarca da Petrobrás, empresa responsável pela instalação de dutos subterrâneos de gás natural que passam por dentro da propriedade.

Ao se chegar no povoado São José, município de Japarutuba, é necessário seguir por uma estrada ao lado da escola, no sentido do bairro Marrocos. Após a entrada do bairro Mulatas, há uma bifurcação: seguindo a via da esquerda dará acesso ao povoado Sapucaia, conforme figura 25.

Figura 25: Situação da Gruta Casa do Caboclo



Fonte: Trabalho de campo, 2018
 Organização: RAMOS, L. L.; SANTOS, J. C. dos.

Segundo moradores, antes era mais complicado chegar até a gruta, pois existiam várias trilhas, mas após a abertura da estrada que dá acesso ao povoado Sapucaia ficou mais fácil, pois essa estrada se tornou único caminho para chegar até a grutas.

No quadro 14, constam informações precisas sobre as coordenadas da localização exata da entrada da gruta. Na entrada da gruta possui também demarcações feitas pelo Centro da Terra, com referências do cadastramento

da gruta na plataforma do CANIE, o que facilita a identificação da gruta:

Quadro 13: Dados técnicos das Grutas

Gruta Casa do Caboclo	
Nome oficial: Casa do Caboclo Nome usual: Casa do Caboclo	Dados cadastrais: CECAV_SE_0006 Tipo: Gruta
Localização: Povoado Marrocos Município: Japarutuba Bacia Hidrográfica: Rio Japarutuba Litologia: Calcário/ Calcarenito	Coordenadas geográficas da entrada Latitude: -10,632546 Longitude: -36,883085 Altitude: 25m
Gruta Matriana	
Nome oficial: Gruta da Matriana Nome usual: Abrigo Matriana	Dados cadastrais: CECAV_SE_0014 Tipo: Abrigo
Localização: Povoado Comandaroba Município: Laranjeiras Bacia Hidrográfica: Rio Sergipe Litologia: Calcário	Coordenadas geográficas da entrada Latitude: -10,801162 Longitude: -37, 179521 Altitude: 25m
Gruta Pedra Furada	
Nome oficial: Gruta da Pedra Furada Nome usual: Abrigo da Pedra Furada	Dados cadastrais: CECAV_SE_0015 Tipo: Toca
Localização: Povoado Machado Município: Laranjeiras Bacia Hidrográfica: Rio Sergipe Litologia: Calcário	Coordenadas geográficas da entrada Latitude: -10,820685 Longitude: -37, 177678 Altitude: 25m
Gruta Pedra Furada II	
Nome oficial: Gruta da Pedra Furada II Nome usual: Gruta da Mussuca	Dados cadastrais: CECAV_SE_0022 Tipo: Gruta
Localização: Povoado Mussuca Município: Laranjeiras Bacia Hidrográfica: Rio Sergipe Litologia: Calcário	Coordenadas geográficas da entrada Latitude: -10,809958 Longitude: -37, 123350 Altitude: 23m
Furna de Dorinha	
Nome oficial: Furna de Dorinha Nome usual: Abismo de Simão Dias	Dados cadastrais: CECAV_SE_0043 Tipo: Abismo
Localização: Pov. Colônia Gov. Valadares Município: Simão Dias Bacia Hidrográfica: Rio Vaza Barris Litologia: Calcário	Coordenadas geográficas da entrada Latitude: -10,770085 Longitude: -37, 788513 Altitude: 330m
Gruta Toca da Raposa	
Nome oficial: Toca da Raposa Nome usual: Toca da Raposa	Dados cadastrais: CECAV_SE_0050 Tipo: Caverna
Localização: Chácara Boa Vista Município: Simão Dias Bacia Hidrográfica: Rio Vaza Barris Litológica: Calcário	Coordenadas geográficas da entrada Latitude: -10,770085 Longitude: -37, 788513 Altitude: 310m

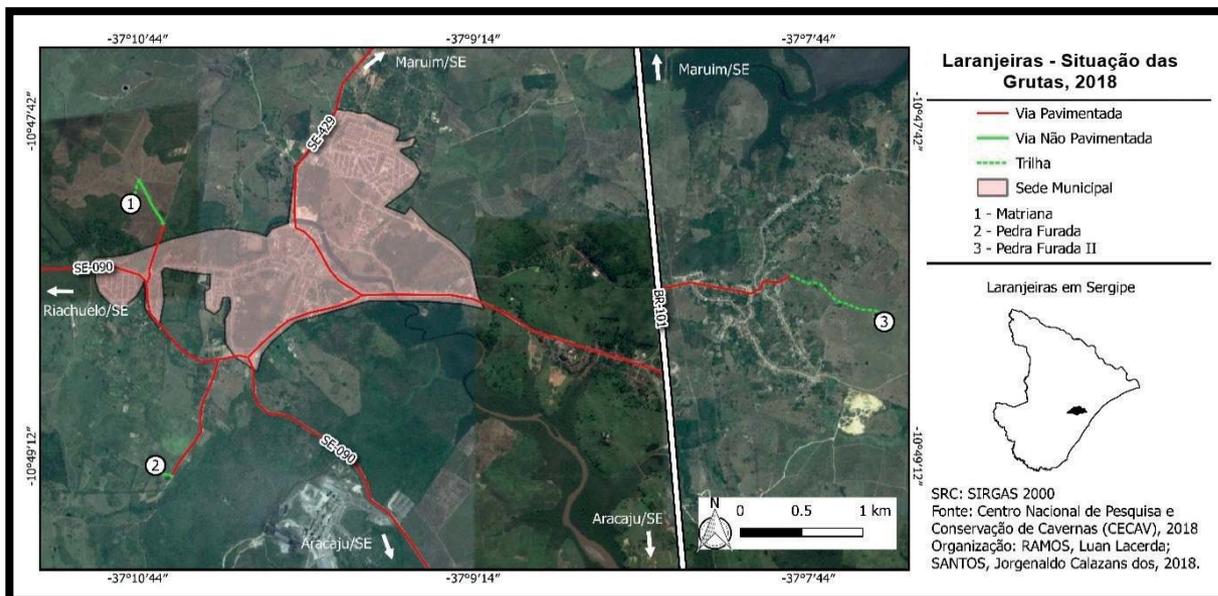
Fonte: Trabalho de campo, 2017

Organização: SANTOS, Jorginaldo Calazans dos.



Assim como em Japarutuba, as grutas de Laranjeiras também são de fácil acesso, sem haver a necessidade de percorrer trilhas para se chegar nelas, conforme a figura 26.

Figura 26: Situação das Grutas do município de Laranjeiras



Fonte: Trabalho de campo, 2018
Organização: RAMOS, L. L.; SANTOS, J. C. dos.

O acesso a Gruta da Matriana é feito por estrada pavimentada. Em seguida, há um trecho com 600m de estrada de chão batido, porém, em boas condições de tráfego. O trajeto pode ser feito também por transportes de passeio e ônibus turísticos. Apesar de estar situada em uma propriedade particular, não possui nenhum tipo de impedimento para a visita. De propriedade da Usina de Açúcar São José do Pinheiro, a gruta consta na relação dos atrativos turísticos de Laranjeiras com sinalização turística da entrada principal da cidade até a gruta.

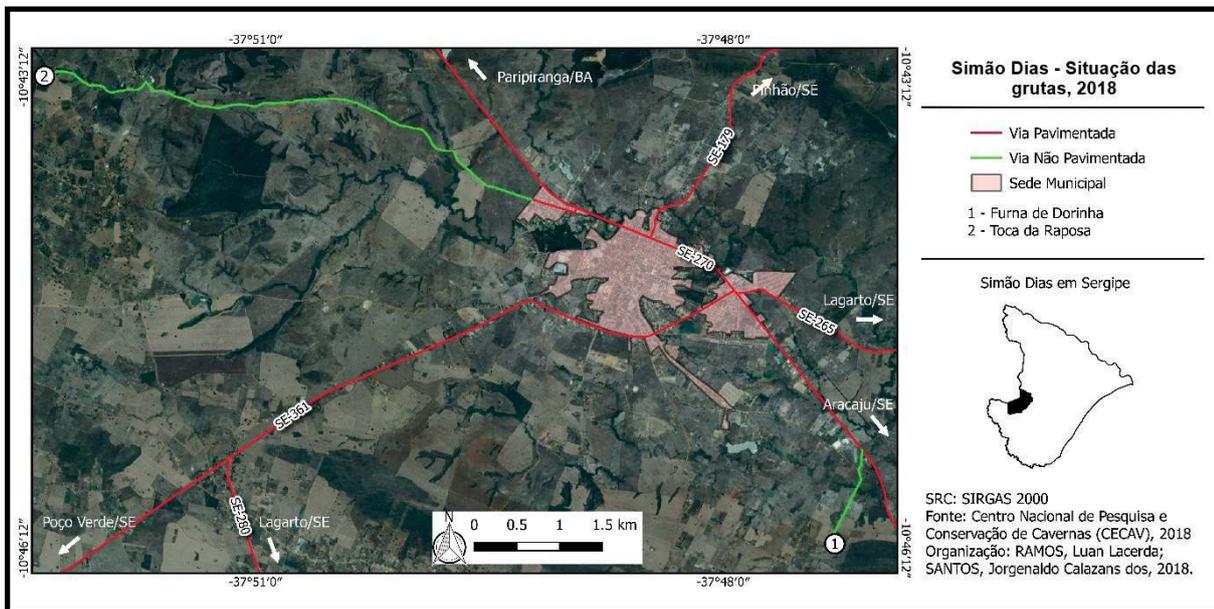
A Gruta da Pedra Furada está localizada no povoado Machado, distante 3 km da sede do município de Laranjeiras. Esse povoado possui registro de 10 das 17 grutas existentes no município. Na entrada de Laranjeiras é visível as placas de sinalização turística, indicando como chegar a gruta. A estrada é de asfalto até o povoado Machado, dando continuidade pela rua principal pavimentada por paralelepípedos. O trecho até chegar à gruta é de “chão batido”. O trajeto pode ser feito tanto por carro de passeio como por micro-ônibus. No percurso de aproximadamente 2km da entrada do povoado até a gruta, há casas às margens da estrada, dispersas e de estrutura precária, indicando moradores humildes.

A Gruta Pedra Furada II, situada no povoado quilombola da Mussuca, situada 07 Km do centro urbano de Laranjeiras, entre os povoados de Cedro e Várzea. Possui um relevo disforme, com elevações e baixadas.

Do povoado Mussuca até o início da trilha percorre-se 1km em estrada pavimentada com paralelepípedos. Essa estrada encontra-se em bom estado, porém estreita. Circulam apenas carros de passeio. Para realizar o percurso até a gruta, convém a companhia de algum morador que conheça o percurso. A gruta não é perceptível na paisagem.

Para se chegar à Furna de Dorinha, saindo de Aracaju com destino a Simão Dias, 10km antes de chegar na sede do município há um acesso à esquerda na Indústria *Metalpast*. Não existe nenhuma sinalização. A partir desse trecho é preciso percorrer 4km por estrada de chão batido até a Colônia Governador Valadares. Para fazer esse trajeto é ideal transporte de passeio, pois existe dificuldade no acesso. Na figura 27 visualizamos este percurso:

Figura 27: Situação das Grutas do município de Simão Dias



Fonte: Trabalho de campo, 2018
 Organização: RAMOS, L. L.; SANTOS, J. C. dos.

A Furna de Dorinha fica ao lado do acesso principal do povoado, numa estrada de piçarra. Em seguida, é preciso percorrer uma trilha de 10 metros até a sua entrada. O relevo do povoado é acidentado, por isso a única forma de acesso é através de rapel. Ao redor da entrada da furna é visível o afloramento de rochas calcárias.

A segunda gruta do município de Simão Dias é a Gruta Toca da Raposa. Para se chegar na gruta é necessário um deslocamento de quase 5km por



estrada de chão batido, iniciando na sede do município de Simão Dias, conforme a figura 27. Porém, no percurso até à chácara Boa Vista onde ela está localizada, há casas dispersas em boas condições.

Entre as grutas visitadas, destacamos alguns pontos de desgaste no entorno dela. Isso se deve à ação humana, em virtude do pasto para criação de gado e plantações. Essas práticas trazem impactos para as localidades, pois interferem diretamente na dinâmica natural do interior da gruta.

Com certeza o desmatamento foi o que causou as principais mudanças na gruta. É muito perceptível. Só mesmo quem foi antes e ver agora que sabe o quanto mudou. A gruta continua lá, mas antes era mais bonito, a mata era muito agradável, lembro que tinha frutas durante o caminho, quando íamos para lá voltávamos de barriga cheia (risos) (JA, Casa do Caboclo, M, 24 anos).

Na época que eu era garota, tudo aquilo era mato. Não tinha uma estrada certa, eram vários caminhos que nos levavam até lá. Mas depois houve muitos desmatamentos, aí ficou do jeito que vocês estão vendo lá agora. Hoje tem uma estrada específica que nos leva até lá, inclusive qualquer carro. É só seguir a estrada que vai para o povoado Porteira. Antes os carros não chegavam até lá não (JA, Casa do Caboclo, F, 34 anos).

Aquele córrego antes do desmatamento era muito mais forte, bem forte, a água era assim sabe, tipo, qualquer hora do dia que você chegasse a água estaria bem geladinha. Até hoje. Você imagine quando antes era todo coberto pela vegetação de restinga e de mata atlântica (JA, Casa do Caboclo, M, 55 anos).

Considerando o município de Laranjeiras, a Gruta da Matriana está em meio à plantação da cana-de-açúcar. Na temporada do plantio são utilizados vários agrotóxicos ocasionando impactos na fauna e flora do entorno. Na época da colheita é feita a queimada da plantação que deixa marcas de fuligens nas paredes externas da gruta.

As Grutas Pedra Furada em Laranjeiras e Casa do Caboclo em Japaratuba sofreram modificações no seu entorno devido a atividades agropecuárias. Essas mudanças também foram citadas pelos moradores do povoado Mussuca. Com relação a Gruta Pedra Furada II, as árvores foram derrubadas para dar lugar aos pastos, pois a região possui fazendas destinadas a criação de gado.

Outro impacto detectado pelos moradores nas grutas de Laranjeiras é sobre o túnel que ligaria a Gruta da Pedra Furada até a Igreja de Nossa Senhora da Comandaroba que, segundo os relatos, foi fechado intencionalmente pela prefeitura, pois temia que algum tipo de acidente pudesse ocorrer:

(...) na Gruta da Pedra Furada notei que modificou foi por dentro. Fecharam a passagem que tinha na igreja da Comandaroba feita de pedra pelos jesuítas para fugir. Presenciei essa passagem, mas não



sei qual prefeito que tampou. O deslocamento mudou também. As estradas estão melhores, o que tem muito hoje são pastagem onde fica a Gruta da Pedra Furada é cheio de gado pastando. A prefeitura até tenta organizar, mas não consegue (LA, Pedra Furada, F, 45 anos).

Nas grutas de Simão Dias não se nota mudanças na paisagem. A Furna de Dorinha está localizada num povoado cuja comunidade local possui pequenas áreas com plantações de subsistência como: laranja, jaca, caju, abacaxi, manga, cultivo de palmas, milho e mandioca, e a criação gado e carneiro.

Na construção da imagem a partir dos relatos dos moradores, surge na fala dos entrevistados, no salão principal da Gruta Casa do Caboclo uma claraboia na qual entram raízes de árvores que descem até o piso formando uma cortina natural. O efeito da luz refletida nessas raízes produz tons esbranquiçados, motivo pelo qual a gruta também é conhecida como Gruta do Capim Branco, nome que também é dado para a fazenda onde a gruta está localizada. A gruta possui apenas uma entrada, de acesso fácil. Com 2m de altura, é protegida por vegetação de mata de restinga. O teto possui em média 5m e a iluminação dentro da gruta é feita por claraboias que se espalham pelo salão principal.

É uma obra da natureza, um lugar totalmente diferente de tudo que conheço (JA, Casa do Caboclo, F, 50 anos).

Acredito que a nossa gruta seja muito especial. É uma descida, quando chega lá dentro fica bem grande, todo rodeado de pedras, muito diferente das coisas que temos aqui fora, lá dentro parece ser outro mundo (JA, Casa do Caboclo, M, 72anos).

Os moradores do entorno da Gruta Casa do Caboclo relatam que a extensão da gruta no passado era maior do que se tem hoje. Devido as instalações de dutos de gás que passam nas proximidades, foi necessário usar dinamite em algumas áreas para liberar a passagem dos dutos. Segundo relatos, foram essas explosões que ocasionaram o desmoronamento de parte da gruta, reduzindo pela metade do seu tamanho:

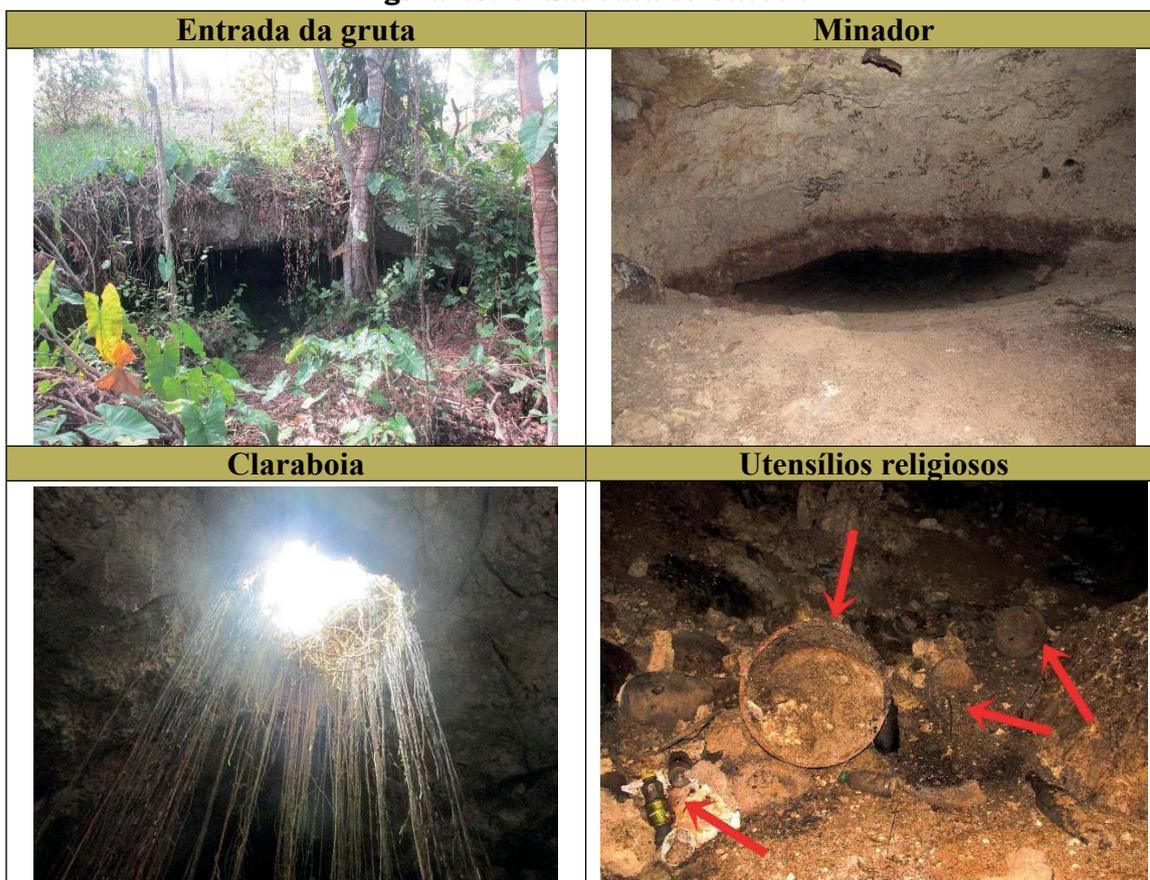
Sim, eles destruíram coisas ali com o uso daquelas máquinas. Aí aquele salão grande quem tem hoje lá, dava acesso a outros salões. Mas com o uso daquelas máquinas pesadas, quebraram coisas, hoje é muito diferente do que era antes. A gruta não era só aquele tamanho não, era maior. Acredita que na época que eu caçava, já encontrei até paca ali naquela gruta. Creio que elas moravam ali. Eu não sei se hoje tem, porque desmataram muito (JA, Casa do Caboclo, F, 70 anos).

(...) dentro da gruta tinha a imagem de uma santa bem grande, tinha uma fonte também, eu ia mesmo só para olhar, porque as pessoas falavam. A primeira vez fui eu e meu irmão, tínhamos curiosidades sobre as histórias que ouvíamos, fomos sozinhos e entramos, tinha muitos morcegos e no final tinha uma fonte que corria água (JA, Casa do Caboclo, F, 37 anos).



Mesmo com as mudanças da paisagem ao longo do tempo, há ainda moradores e visitantes que não se desvincilharam das práticas que mantêm com as grutas, acreditando muito no poder espiritual que elas possuem. A Gruta Casa do Caboclo já foi frequentada por visitantes de outros Estados, hoje com menos frequência. O motivo da visita está relacionado a lenda do poder milagroso das águas que jorram no interior da gruta, conforme a figura 28.

Figura 28: Gruta Casa do Caboclo



Fonte: Pesquisa de Campo, 2017
 Autor: CONCEIÇÃO SILVA, Heberty Ruan.

A Gruta da Matriana está situada na área rural de Laranjeiras (figura 29), numa região conhecida por Faleiro. Trata-se de uma formação de rochas calcárias, que apresenta uma vegetação muito característica desse tipo de rocha. A composição da vegetação do entorno da gruta se mantém conservada com a existência de bromélias e árvores frutíferas. Segundo Donato (2011), a estrutura da gruta é formada por dois paredões que constituem uma área aberta em forma circular. No seu interior, o terreno se encontra no mesmo nível do solo, parcialmente coberto por vegetação arbórea com acesso e tipo de exploração fácil.



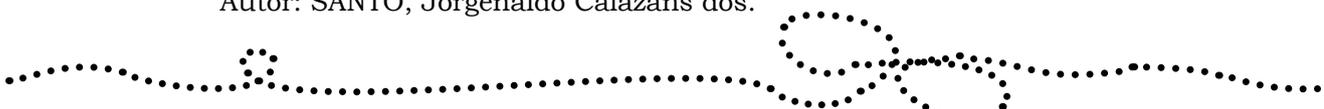
Figura 29: Paredões da Gruta da Matriana**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2017

Autor: SANTOS, Jorgenaldo Calazans dos.

A Gruta da Pedra Furada (Figura 30) possui duas características: uma formação de um arco rochoso, cuja denominação se enquadra como abrigo sob rocha, e, uma forma estruturada do tipo toca. No entorno da gruta existem resquícios de mata atlântica. Além disso, a fazenda onde a gruta está localizada faz fronteira com a fábrica de cimentos da CIMESA que explora o calcário existente na região:

Figura 30: Gruta da Pedra Furada**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2017

Autor: SANTO, Jorgenaldo Calazans dos.



Apesar de não está inserida como produto turístico natural do município, a Gruta da Pedra Furada II (figura 31) apresenta belezas peculiares, como a entrada bem espaçosa e com fácil acesso ao seu interior. Possui largas dimensões que permitem, tranquilamente, que o visitante tenha acesso ao interior. No final da gruta há o maior salão. A exploração pode ser feita sem a necessidade de se agachar devido à altura do teto.

Figura 31: Gruta Pedra Furada II



Fonte: Pesquisa de Campo, 2017
Autor: SANTOS, Jorgenaldo Calazans dos.

Em Simão Dias a furna de Dorinha (figura 32) possui as características de um abismo, conhecida na região devido ao consumo de água do seu interior.

A furna é só um buraco muito profundo. Possui uma entrada de uns 10 metros, conheço também a Toca da Raposa, nossa essa é linda. A entrada é pequena, mas quando você entra ela é enorme, devido à falta de ventilação lá dentro o clima é bem diferente, a gente transpira muito, lá dentro possui formações enormes, quando se vai pela primeira vez acho que precisa pelo menos de uma hora para olhar tudo em detalhe, parece cenário de filme (SD, Dorinha, M, 54 anos).

Figura 32: Furna de Dorinha



Fonte: Pesquisa de Campo, 2017
Autor: CONCEIÇÃO SILVA, Hebert Ruan.

A Gruta Toca da Raposa (Figura 33) possui aproximadamente 400m de extensão, sendo classificada como a maior gruta registrada no Estado de Sergipe.



Essa gruta é formada por quatro compartimentos: sendo um pequeno salão após a entrada, em seguida um amplo salão alongado, depois uma ramificação de condutos labirínticos e um salão final. A gruta possui apenas uma entrada com 1,5m de altura, logo após a entrada surge um salão com altura de 5m:

Figura 33: Gruta Toca da Raposa



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018
Autor: RAMOS, Luan Lacerda

Alguns moradores conheceram a gruta na fase adulta, a partir de um curso promovido pela ONG Centro da Terra. Eles relatam que formavam os grupos e visitavam a gruta como opção de lazer no povoado.

Eu fazia vários piqueniques ali, mesmo morando em Aracaju eu fazia catequese aqui em Laranjeiras no final de semana. Todo final de semana eu estava aqui e a gente sempre ia para a gruta da Pedra Furada, brincar, pegar frutas, ficar sem fazer nada (LA, Pedra Furada, M, 23 anos).

Outros entrevistados relataram que “visitar as grutas trazia paz”, pois, para eles, o ambiente proporciona à reflexão. Atualmente, a falta de segurança é o motivo para não frequentar mais as grutas:

Já fui várias vezes, hoje não frequento, pois não há segurança (LA, Matriana, M, 19 anos).

Visitei com 25 anos, até hoje frequento. Já cheguei até a acampar nela. Juntamos um grupo de moleques e acampamos, todos pediram a



autorização aos pais na época, mas era outra época, primeiro que hoje os meninos não se divertem mais dessa forma e outra que a segurança hoje não é mais a mesma coisa. As pessoas só querem fazer mal umas às outras (LA, Matriana, M, 51 anos).

Ainda hoje eu vou nas grutas, sempre que necessário, para levar alguém para ver. Quando os guias da prefeitura não estão lá e chegam grupos aí ligam para mim, aí eu vou lá pegar os grupos para as grutas e na igreja (LA, Pedra Furada, M, 28 anos).

No município de Simão Dias, as ida dos moradores a Furna de Dorinha, era feita com a intenção de captar água, cujo habito permanece até hoje:

Sim, tomo conta da gruta, pois é de lá que pego água (SD, Dorinha, M, 42 anos).

Atualmente ainda frequento, vou muito pegar água lá quando não tem (SD, Dorinha, F, 30 anos).

Quanto a Toca da Raposa, o relato dos moradores destaca a beleza do lugar que, segundo eles, vale pela raridade da paisagem que possui:

Eu era menino quando ia com a turma, ficávamos lá na borda jogando conversa fora, era como se fosse um ponto de encontro (SD, Toca da Raposa, M, 38 anos).

Hoje menos, mas na época de mais novo ia mais, nos finais de semana os amigos ficam conversando por perto. (SD, Dorinha, M, 38 anos).

Como podemos perceber nos relatos, atualmente as grutas são atrativos turísticos para visitantes de outras localidades, a maioria motivada pelo misticismo religioso.

(...) depois que eu comecei a conhecer a gruta, eu passei a perceber as pessoas que vem de outros lugares para visitar as grutas. Ela é muito conhecida. Quando fiz o curso vi fotos lindas dela que eu nunca tinha visto (JA, Casa do Caboclo, F, 29 anos).

Acho engraçado, as pessoas quando vem já conhecem a gruta, falam tudo sobre elas. O pessoal que deram o curso para nós, eles já conheciam a gruta, eles tinham vindo com o pessoal da faculdade, sempre vem, os alunos dos colégios. Tem um rapaz em Japaratuba, o nome dele é Sr. Silvestre que às vezes está trazendo turistas (JA, Casa do Caboclo, M, 30 anos).

Vem turistas, mas não é com frequência não. Até porque eu posso dizer que no estado de Sergipe ela não é tão conhecida assim, e se fosse não tenha dúvida que estava tendo uma frequência bem maior de visitantes (JA, Casa do Caboclo, M, 55 anos).

(...) os alunos visitam lá e as vezes pessoas de Aracaju, acho que



vão estudar. Quando a Petrobrás estava fazendo as instalações dos canos tinha muito movimento para lá de trabalhadores. Ela também desmatou muito aquela parte (JA, Casa do Caboclo, F, 74 anos).

Após serem divulgadas em programas de TV, os moradores notaram que a visitação às grutas aumentou consideravelmente. Algumas dessas matérias foram exibidas em rede nacional, por exemplo.

Recentemente vi um pessoal da TV indo para lá, para o lado da gruta, para fazer uma reportagem (JA, Casa do Caboclo, M, 72anos).

Tivemos aqui em Laranjeiras a visita da Regina Casé quando ela apresentava o programa de televisão “Esquenta”. Foi um sucesso, o movimento aumentou mais ainda (LA, Matriana, M, 50 anos).

Eu lembro que em 1994 estive pela primeira vez um grupo grande de Alagoas para estudar a furna e, em 1997, veio Elias com um a equipe da TV Sergipe fazer uma matéria sobre a furna (SD, Dorinha, M, 38 anos).

Sempre tem pessoas que vem para a furna. Em 1994 recebemos a primeira equipe de TV, foi um pessoal de Alagoas junto com um grupo de espeleologia, eles entraram aí na furna pela primeira vez. Em 1997 a ONG Centro da Terra veio com uma equipe da TV Sergipe. Essa reportagem está disponível na internet. Recentemente teve também a TV Record que até eu participei dando depoimento sobre a furna, contando as histórias, dessa última o objetivo foi a execução das técnicas de rapel. Divulgando essa parte, lá embaixo eles fizeram mergulho, vieram com um pessoal especialista de mergulho em caverna. Foi dessa vez que colocamos um barco bem grande de madeira para dar base aos trabalhos, lá embaixo é muito grande. Eles filmaram tudo, tiraram fotografias (SD, Dorinha, M, 39 anos).

O município de Laranjeiras é o que mais recebe turistas vindo de outros Estados:

Quando você fala de grutas aqui em Laranjeiras a referência sempre será a Gruta da Pedra Furada, porque é a que possui o melhor acesso. Fica em um povoado, é fácil se chegar. Desde pequeno eu sabia que tinha outras grutas além da Pedra Furada, mas aqui em Laranjeiras não ouvia falar nessas outras grutas. É tanto que quando você for olhar alguma informação turística, só vai encontrar sobre a gruta da Pedra Furada, quando se vai levar estudante da UFS e os guias vão fazer atividades é sempre para ela que vai (LA, Pedra Furada, M, 23 anos).

Sim, a gruta possui uma história que atrai pessoas para cá. E a gruta possui uma história que pode enriquecer ainda mais a cidade (LA, Matriana, M, 19 anos).

A Furna de Dorinha também possui um grande potencial para o desenvolvimento do turismo de Aventura, mas para que isso aconteça são



necessários investimentos em infraestrutura:

Sim, se tivesse investimento para o pessoal descer na gruta, daria certo. Pois as pessoas querem descer lá, mas falta infraestrutura que possibilite esse acesso (SD, Toca da Raposa, M, 42 anos).

A gruta Toca da Raposa apresenta a melhor infraestrutura para receber os turistas, pois, está localizada uma Chácara em condições de hospedar o visitante. Além disso, a chácara disponibiliza para os visitantes equipamentos de segurança como capacetes, botas e luvas:

(...) a Gruta Toca da Raposa está mais envolvida com o turismo. Aí eu acho que está mais consolidada. Eles lá já possuem algo mais bem estruturado. Para visitar tem que fazer um agendamento porque tem tempos que não pode ser visitada devido à chuva, para segurança dos visitantes e da gruta (SD, Dorinha, M, 39 anos).

Processo semelhante ocorre com a Gruta da Pedra Furada, em Laranjeiras, em virtude da proximidade com a fazenda Boa Luz. Mas para aguçar essa percepção não somente o olhar é necessário. Segundo Tuan (2001) todos os nossos sentidos são responsáveis para captar aquilo que sentimos diante da paisagem que está sendo vista, os elementos sensoriais nos fazem perceber essa paisagem que se impõe aos nossos olhos.

Acho que não haveria problemas, mas teria que organizar a estrutura, verificar quais seriam os procedimentos corretos, acho que a prefeitura poderia contribuir nesse sentido, oportunizando cursos para a população (SD, Dorinha, M, 54 anos).

Diante da possibilidade do desenvolvimento turístico das grutas, os moradores de entorno se sentiram estimulados em participar de algo para beneficiar sua localidade.

O lugar é bonito, valeria a pena, eu ficaria muito feliz que o turismo aqui fosse a frente porque teria trabalho para os menores. As crianças e os jovens aqui não têm nenhuma perspectiva (JA, Casa do Caboclo, F, 50 anos).

Seria positivo porque melhoraria a comunidade, aqui é um lugar muito esquecido, faltam coisas necessárias. As pessoas, por mais que tenham potencial elas não conseguem enxergar porque são tantas coisas ruins, tantas coisas negativas que acabam abafando as boas. Por isso, que a estima do povo é lá em baixo (JA, Casas do Caboclo, F, 19 anos).

De fato, para os moradores, o incentivo turístico seria uma oportunidade para geração e renda:



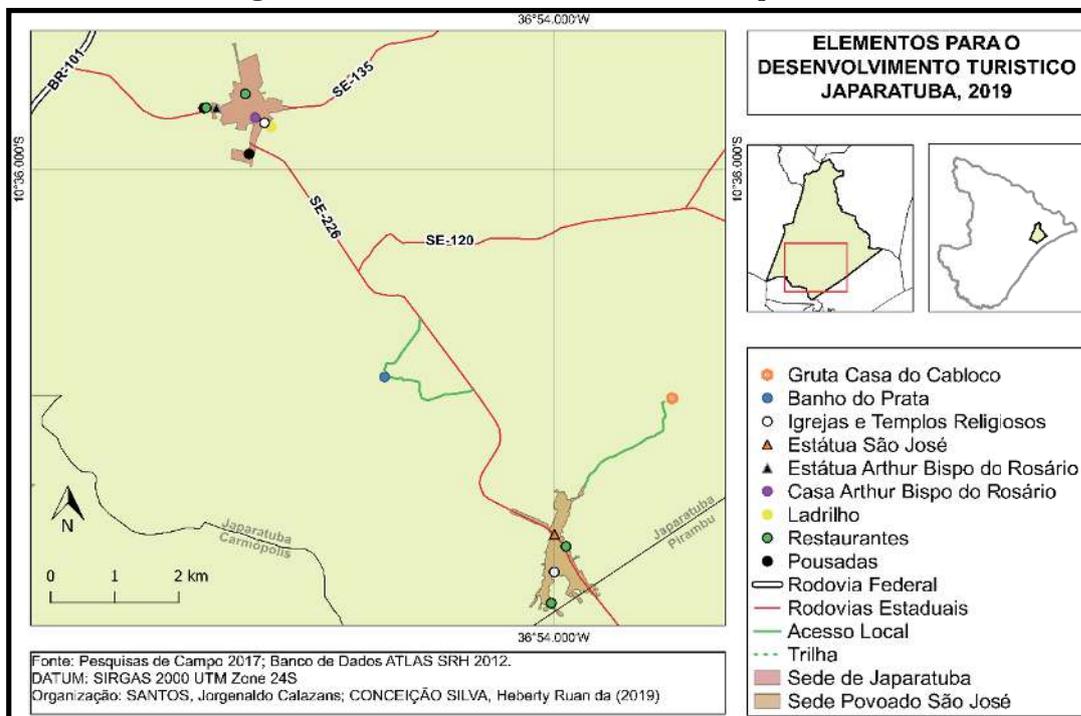
Acho que traria desenvolvimento para a comunidade e ocupação para alguns moradores que ainda não tem o que fazer. Hoje tenho o meu trabalho, mas minha esposa fica em casa e cozinha muito bem (SD, Dorinha, M, 38 anos).

Nos povoados onde as grutas estão localizadas já existe a presença de associação de moradores, atuando na captação de parcerias, no sentido de promover cursos de capacitação para os moradores. A ONG Centro da Terra tem tido postura proativa neste sentido.

(...) as pessoas daqui não têm estudo, são um pouco acomodados, por isso as coisas não vão para frente. Mas teria coisas que a comunidade poderia fazer para mudar a cara daqui. Uma delas seria investir no turismo, já vejo pessoas qui dizer que dava certo, já recebemos até curso. Aqui temos o banho do Prata que recebe gente a vida toda. Desde quando eu era criança e tudo se encontra do mesmo jeito, não existe organização, todo mundo pensa pequeno. As melhorias não acontecem (JA, Casa do Cabloco, M, 55 anos).

Outros fatores podem agregar o potencial turístico das grutas. Em Japarutuba, por exemplo, há as manifestações culturais, os prédios históricos, a história das tribos indígenas que lutaram com firmeza e bravura na defesa das terras em que se situa o município. Outros elementos que influenciam na possibilidade do turismo para o município estão expostos na figura 34.

Figura 34: Infraestrutura turística de Japarutuba



Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Organização: CONCEIÇÃO SIVA, Heberly Ruas; SANTOS, Jorginaldo Calazans dos. 2019.

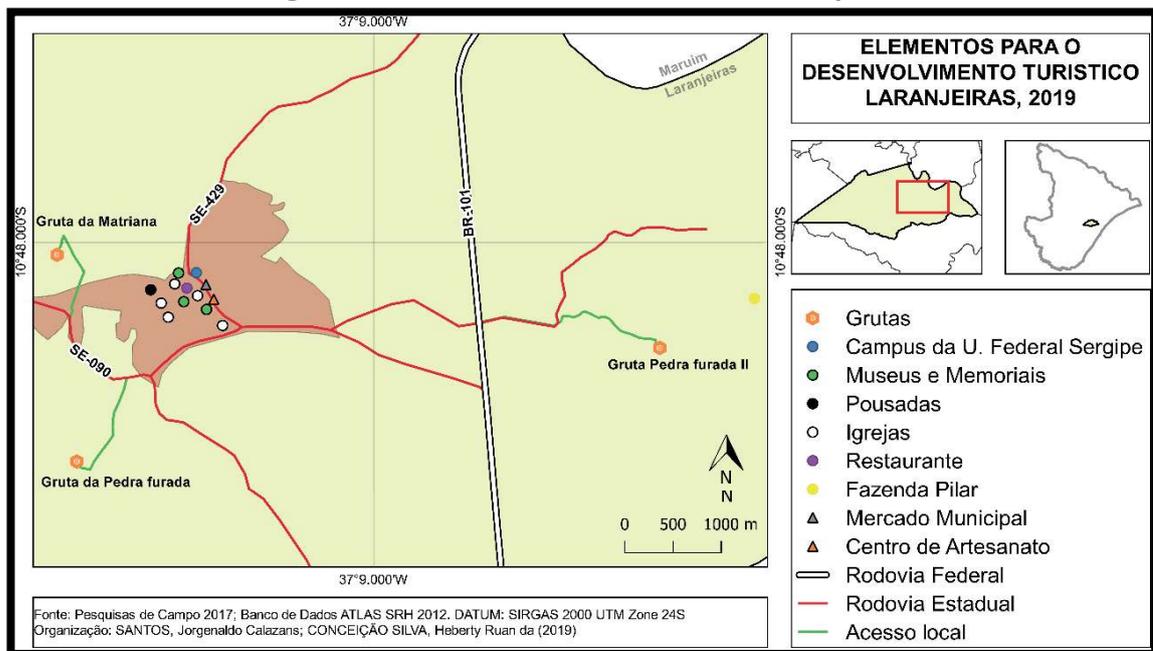


Além da influência indígena, a região foi uma das produtoras de açúcar, formando a produção do Baixo Cotinguiba. Conseqüentemente, teve em sua construção populacional uma grande influência de negros africanos que trabalhavam na produção da época. Esse contexto histórico se torna atrativo para as pessoas que buscam a cidade com o intuito de conhecer o processo de colonização:

Para isso precisaria ter um guia turístico para estar falando sobre a importância e a história daqui. E eu acho assim, o que mais atrai as pessoas para aqui, são as histórias. As pessoas quando vem querem ir na igreja, no Ladrilho, querem saber onde Arthur Bispo do Rosário morava e quando sabem que ele esteve na gruta aí quer ver todos esses lugares (JA, Toca do Caboclo, M, 36 anos).

Assim como em Japaratinga, o município de Laranjeiras possui uma história muito peculiar no processo de colonização. É, seguramente, uma importante referência na produção açucareira no período colonial sergipano. E, atualmente, é referência turística, estando no roteiro do turismo receptivo de Sergipe. O município dispõe de elementos pertinentes a infraestrutura esperada, conforme figura 35:

Figura 35: Infraestrutura turística de Laranjeiras



Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Organização: CONCEIÇÃO SIVA, Heberly Ruas; SANTOS, Jorginaldo Calazans dos. 2019.

A comunidade de Laranjeiras considera as grutas como um atrativo para ser mostrado aos turistas que visitam a cidade. Segundo Bonnemaïson (2002), a paisagem enquanto “geossímbolo” pode ser definida como um lugar, um itinerário,

uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais aos olhos de certas pessoas e de grupos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade. Tal representação “geossimbólica” acontece mediante as relações sociais mantidas no espaço, consolidando as relações culturais.

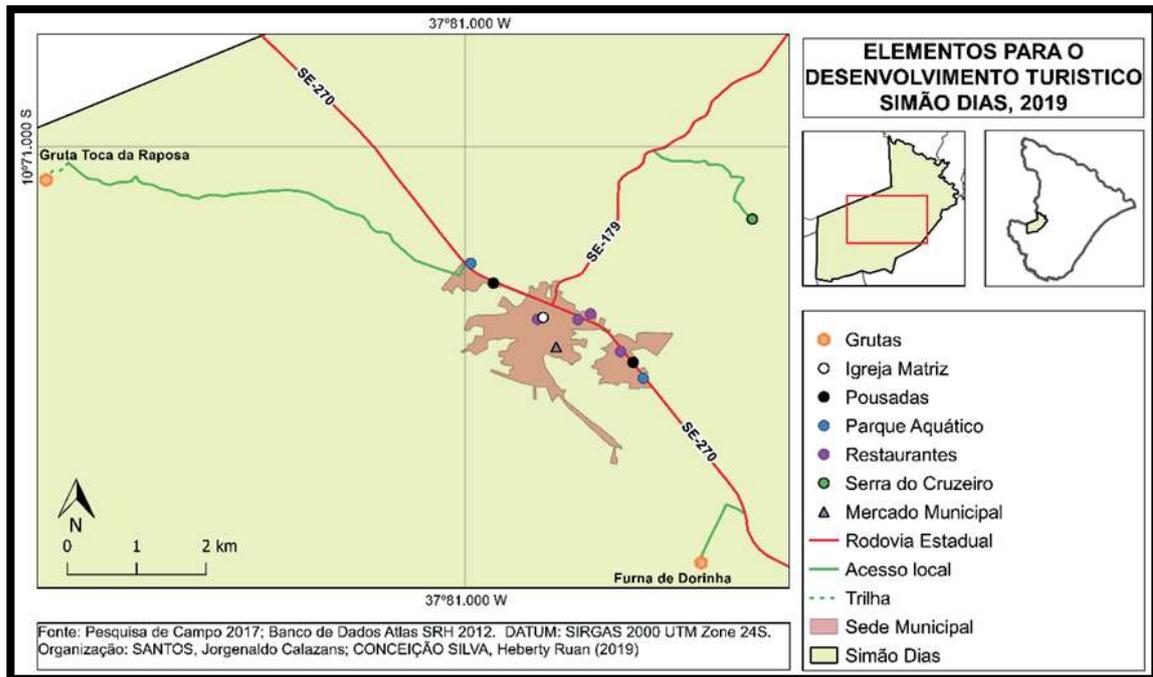
(...) recentemente aqui em Laranjeiras abriu o Museu Comunitário dos Filhos de Obá, quem está responsável pelo museu é Dilma, ela é da religião. Foi inaugurado no mês passado. Houveram críticas porque nós já temos o museu afro, mas lá é uma outra proposta que fala dos filhos de obá. Lá o visitante faz um pequeno percurso dentro das matas, como se fosse uma trilha. O uso religioso das grutas de Laranjeiras é muito comum, creio que não seja apenas pelos grupos de candomblé já formado, creio que existem pessoas que vão para lá fazer trabalhos e deixar as suas oferendas para os seus santos. Eu acredito que as oferendas sejam ofertadas para os orixás do lado esquerdo, os exus. (...) a gruta do povoado Mussuca ela é mais frequentada por aquelas pessoas quilombola, moradores de lá. Mediante essa concentração da população negra, os cultos dessas religiões na Mussuca são mais frequentes, por ter muitos terreiros de candomblé e eles sempre levam oferendas na gruta que eles têm lá. Se brincar, na Mussuca tem mais terreiro do que aqui no centro de Laranjeiras. Tem pessoas que saiam daqui para ir para lá. Uma referência lá é o Pai de Santo Marcelino. Quando eu era pequeno já ouvia falar nele (LA, Pedra Furada, M, 23 anos).

A proximidade entre os municípios de Laranjeiras e Aracaju beneficia a movimentação turística em torno do potencial cultural laranjeirense.

Aracaju é muito próximo a Laranjeiras. Quando o turista vem para Sergipe ele vai pra Xingó e quer conhecer Aracaju. Então, as agências vendem esse pacote das cidades históricas São Cristóvão e Laranjeiras. Então, eles vêm para cá só visitar e depois vão embora. Depois eles querem praia, um restaurante bom, uma casa de shows e Laranjeiras não oferece (LA, Pedra Furada, M, 23 anos).

O município de Simão Dias, diferentemente dos anteriores aqui apresentados, teve na pecuária sua principal atividade econômica, influenciando todo o processo cultural da cidade. Além do rebanho de gado, acrescenta-se a produção de grãos como o milho e o feijão. Desse modo, o município é polo de relações comerciais inter-regionais. Na figura 36, observamos os elementos que influenciam a possibilidade do turismo no município.



Figura 36: Infraestrutura turística de Simão Dias

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Organização: CONCEIÇÃO SIVA, Hebert Ruan; SANTOS, Jorgenaldo Calazans dos. 2019.

A presença das grutas nutre a expectativa da possibilidade do desenvolvimento turístico para o município, pois já existem outros atrativos turísticos como a Serra do Cabral, o Povoado Quilombola Sítio Alto, e a festa da padroeira que atrai pessoas de todo Estado e adjacências:

O que queríamos executar junto o Centro da Terra era um ciclo de palestra, dando preferência as pessoas que fizeram o primeiro curso e o projeto que demanda formar um ponto turístico. Aí não seria só as cavernas, mas teria que fazer um mapeamento em todo o município. Temos algumas cachoeiras que não são desbravadas. Nós temos outras cavernas existentes, mas que o homem não chegou a desbravar, Elias já confirmou isso. Nós disponibilizamos transporte e alimentação para podermos ir com ele nos espaços, temos os projetos. Pensamos em criar um ponto turístico, uma tirolesa entre o mirante da Serra do Cabral até a pista. Pensamos também em criar placas de sinalização em madeiras com cada imagem de animais existentes no município, até porque as pessoas não conhecem. Temos a maior gruta do Estado. Temos um número de grutas representativo. Esse conhecimento não é divulgado ainda, está sob um grupo pequeno ainda que estudou e as pessoas não conhecem. Se perguntar a população sobre a maior caverna do Estado de Sergipe elas não saberiam responder que está aqui em Simão Dias (SD, Toca da Raposa, F, 37 anos).

As potencialidades turísticas já existentes nessas grutas, associadas à infraestrutura que cada município possui, fortalece a possibilidade dessas paisagens serem apropriadas pelo turismo. Desse modo, incrementam as opções de tipos de turismo possíveis no Estado, em consequência, oportunizando o desenvolvimento para essas localidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Treinamento do Curso para Condutores em Grutas
Fonte: COSTA, Maria José Rosendo da, 2014.



O percurso da tese foi delimitado pela hipótese de que o geoturismo é a segmentação turística que empresta os seus fundamentos para potencializar a aplicabilidade do turismo nas grutas sergipanas à luz dos princípios da sustentabilidade.

Neste sentido, a categoria macro da pesquisa baseou-se na compreensão da paisagem cárstica pela abordagem cultural. Com isso, consideramos como motivação principal entender a percepção que os sujeitos e atores envolvidos tem dessas paisagens. Desse modo, buscamos compreender também as socioespacialidades existentes entre os sujeitos e a paisagem, nas relações materiais e simbólicas, considerando a apropriação pelo turismo.

Tais abordagens e levantamentos foram propostos como referências para a implementação do geoturismo nas grutas do Estado de Sergipe. Para isso, tomamos como referência o geoturismo praticado nas grutas turísticas de Minas Gerais para avaliar a situação de Sergipe.

Assim, a ótica do trabalho de campo considerou como fundamento as propostas que o geoturismo adotam nas práticas turísticas de ambientes naturais e que estão presentes nas abordagens da Geografia Cultural. Tomamos da Geografia Cultural a paisagem com seus referentes simbólicos para avaliar a percepção da população do entorno, sem dispensar ou considerar de menor importância a visão do turismólogo com relação ao geoturismo.

No desenvolvimento do estudo selecionamos temas específicos e diversas entrevistas que nos auxiliaram na compreensão deste processo. Neste sentido, entrevistamos os moradores do entorno das grutas, os proprietários das terras onde as grutas estão localizadas, representantes de órgãos municipais, estaduais e federais, as agências de viagens, universitários e escolas.

Os documentos e as referências literárias foram importantes para compreender as políticas de segmentação do turismo. Assim, chegamos à conclusão de que as segmentações que mais se aproximam da prática do turismo em grutas são as que tratam o ambiente natural de forma cuidadosa, a exemplo do ecoturismo, turismo de aventura, espeleoturismo e geoturismo. Todas essas segmentações se baseiam nos princípios da sustentabilidade. Compreendemos que o turismo sustentável possui princípios que se adequa a qualquer segmentação do turismo que se preocupa em manter os ambientes naturais e sociais sem marcas negativas geradas pela atividade.

A pesquisa proveu momentos fecundos de observação, de conhecimento, reflexão e avaliação das questões que a própria tese suscitou. Chegamos ao final do trabalho, após reunir considerável volume de informações, reflexões, dados tabulados, analisados e fundamentados, sempre apontando em direção ao cumprimento dos objetivos propostos.



Levantamos e analisamos os dados referente aos modelos de turismo que vêm sendo praticados em áreas naturais. Para isso, consultamos as normativas da Organização Mundial do Turismo, analisando como essa preocupação surge no cenário mundial e, na sequência, nos baseamos na legislação brasileira de acordo com o Ministério do Turismo, regulamentador dessas práticas turísticas em ambiente naturais. Associado a isso, consideramos também, a adequação de cada segmentação do turismo aos parâmetros de segurança exigidos pela legislação segundo as características de cada ambiente.

Com efeito, a atividade turística se apropriou de diversas paisagens, em alguns casos trazendo benefícios com o desenvolvimento, mas em outros casos, destruindo os hábitos tradicionais dos lugares. As interferências socioespaciais do turismo são destacadas, principalmente, nas localidades que possuem atrativos naturais ainda conservados, devido a necessidade de montar infraestruturas para atender as necessidades dos turistas.

Ao tratarmos do turismo como possibilidade de desenvolvimento econômico, damos margem para várias interferências na vida das pessoas que habitam o lugar e nos seus cotidianos, conseqüentemente as paisagens sofrem alterações com essa relação. Assim, a formação e transformação dos espaços ao longo do tempo apontam novas possibilidades, mediante as dinâmicas de consumo das paisagens pelo turismo. Diante dessas possibilidades foi possível identificar que as grutas sergipanas possuem características que as habilitam a integrar uma nova dinâmica espacial para os lugares onde elas estão localizadas.

Em geral, as grutas sergipanas possuem elementos que as tornariam atrativas no mercado turístico. Nesse ponto se destacam: localização, os elementos culturais a hospitalidade das comunidades do entorno entre outras. Quanto à oferta dos serviços turísticos as práticas que os moradores mais se identificam são aquelas relacionadas à condução dos visitantes até as grutas, a elaboração de roteiros que valorizam a fauna e a flora dos lugares visitados, a produção e comercialização de artesanatos e souvenir para que os visitantes registrem as suas visitas nas grutas.

Enquanto paisagem cultural, as grutas se tornam matrizes no cotidiano dos municípios estudados, devido a existência de elementos que trazem significados especiais para os lugares, pois estão imbuídas de histórias e de lendas que perpassam por essas paisagens influenciando outros elementos de vida dos moradores que residem nas proximidades das grutas.

Nosso estudo demonstra que as grutas sergipanas detêm elementos simbólicos e culturais, fundamentais para o desenvolvimento do geoturismo que tem na geodiversidade e na geoconservação seus elementos fundantes.



Identificamos múltiplos usos das grutas sergipanas, desde usos simbólicos aos usos materiais, dentre os quais destacamos: os elementos culturais associados às práticas religiosas e as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas escolas e universidades. Práticas religiosas ligadas as religiões de matrizes africanas e o catolicismo são comuns em todas as grutas estudadas. Além das lendas que falam da existência de riquezas escondidas nas grutas, de monstros e espíritos, resultam entre os moradores sentimentos topofílicos ou topofóbico, conforme história ou lendas estejam relacionados as grutas.

Neste sentido, pudemos comprovar que o sentimento de pertencimento só existe entre pessoas que mantêm algum tipo de experiência com as grutas. Importa considerar que a visão do sujeito morador do lugar e a de quem visita os lugares apropriados pelo turismo resultam em olhares diferentes. A grande diferença entre turistas e moradores é que o turista presencia apenas uma parcela de algo que é mais profundo e que somente a vivência íntima e intensa pode desvelar. Por exemplo, quando o turista visualiza uma gruta, sua visão não consegue enxergar o que está além daquilo que está sendo revelado ao seu olhar, pois “a avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética, ou seja, é a visão de um estranho”. (TUAN, 1983, p. 74)

As segmentações do turismo em áreas naturais foram as estratégias mais válidas para preservar os ambientes onde são praticados. Em busca do modelo que mais se adequasse a apropriação do turismo em grutas, no Estado de Sergipe, buscamos o modelo implementado nas grutas turísticas do Estado de Minas Gerais. Baseados nas premissas do geoturismo as práticas que envolvem as grutas mineiras valorizam os conhecimentos sobre as grutas, como a sua formação e importância para o meio ambiente. A paisagem cárstica é valorizada como referência e as singularidades específicas de cada uma são postas em evidência. Observando na prática, que o geoturismo atua buscando difundir entre os visitantes a importância das grutas, para que os mesmos se tornem defensores desde o início da visitação até o retorno aos seus locais de origem.

Observamos uma mudança de comportamento e, conseqüentemente, dos usos praticados nas grutas estudadas, com o público crescente de visitantes o que traz a necessidade de se implementar processos de prática turística sustentáveis. Sendo as grutas ambientes extremamente frágeis, reafirmamos que os seus usos devem ser planejados, pois o uso irregular pode trazer impactos irreparáveis. Dessa forma, é necessária a formação de equipes (associações de moradores, representantes de classes que trabalhem com o turismo, dentre outros) que discutam as formas sustentáveis de implementar o turismo em grutas.

Nesse sentido percebemos que a atividade turística quando planejada



e orientada, pode contribuir para a proteção do patrimônio por meio da sensibilização do turista em relação à importância dos atrativos que visita. Notou-se que o geoturismo é atividade que mais considera a conservação ambiental, apropriando-se de forma sustentável da paisagem, a exemplo dos ambientes frágeis, como o relevo cárstico em que os danos são irreparáveis.

Foi percebido que os moradores do entorno das grutas acolhem de bom grado os treinamentos para o desenvolvimento de hospedagem e recepção dos visitantes em suas residências. Essa ação, em geral, encontra apoio nas associações de moradores dos povoados próximos às grutas e que também facilita a possibilidade de discutir assuntos pautados no desenvolvimento do turismo local.

Os moradores de entorno compreendem a importância das grutas e almejam que as mesmas possam consolidar práticas turísticas mais organizadas para que eles enquanto moradores se insiram na economia do turismo e que possam galgar retorno econômico para as suas famílias.

A importância e o interesse econômico de atividades provenientes do uso turístico das grutas foram enfatizados pelos dirigentes e entrevistados de órgãos públicos municipais. Ressalta-se a existência de equipamento de apoio do turismo receptivo na Gruta Toca da Raposa no município de Simão Dias, construído pelo proprietário das terras. Embora ainda, não possa afirmar a consolidação de fluxo turístico como observado em Minas Gerais, o equipamento proporcionado, mesmo que limitado sinaliza para o desenvolvimento e para a prática do geoturismo.

Com esse estudo contribuímos para a apreensão de que as grutas cársticas de Sergipe possuem potencial adequado para se tornarem um novo produto turístico. As grutas já recebem visitas de pessoas de outras localidades. Em contrapartida, há ociosidade de mão de obra que poderia ser aproveitada para desenvolver o turístico, e, falta uma gestão pública sensível para reconhecer o potencial turístico das grutas e, assim, aplicar políticas públicas de fomento.

Quanto a base legal e institucional para a gestão de operação do turismo tem-se o despreparo dos municípios para a gestão das grutas desde a supervisão e liberação do plano de manejo até a ordenação de infraestrutura de acesso à sinalização.

Salientamos ainda que em Sergipe as grutas estudadas não possuem plano de manejo para desenvolver a atividade turística. Logo, os órgãos fiscalizadores que deveriam orientar as formas legais para o desenvolvimento das atividades, não acompanham esse processo. Para que haja qualquer tipo de uso frequente nessas grutas é necessário que os interessados elaborem o plano de manejo e busquem a aprovação e autorização junto aos órgãos ambientais nas escalas estadual e federal.



Quanto as agências de turismo receptivo, essas mostram conhecimento sobre o potencial turístico das grutas sergipanas, mas aguardam que os órgãos públicos e iniciativas privadas “transformem” as grutas em atrativos economicamente viáveis para suas atuações.

Creemos que o geoturismo poderá contribuir para que os recursos naturais possam se manter como atrativos conservados, mas é necessário que se incorporem estratégias pautadas nos princípios da sustentabilidade o que significaria, em princípio, estabelecer novas condutas na relação entre os principais agentes dessa operacionalização, entre eles as prefeituras, os proprietários das terras onde as grutas estão localizadas e as agência de viagem. Todavia, caso não se efetive ou persevere nas trilhas da sustentabilidade, seja por parte dos proprietários, das prefeituras, das agências e até dos visitantes, o turismo nas grutas sergipanas, pode-se distanciar dos princípios do geoturismo em atividades de degradação ambiental, anulando assim todo o seu potencial enquanto ferramenta adequada para a conservação do patrimônio.

Esperamos que nossa contribuição tenha aguçado os sentidos dos moradores e agentes turísticos, despertando para possibilidade das grutas desenvolverem o geoturismo. Esperamos também que o geoturismo se efetive por um processo de planejamento e gestão, por parte dos proprietários, órgão públicos e agências.

Problematizamos as considerações finais ao bifurcar sentidos antiéticos, ou seja, ainda que as grutas tenham potencialidades turísticas, não é o mesmo que dizer que existem possibilidades. As possibilidades devem ser criadas por um processo mais complexo, com base em leis ambientais e sensibilização das comunidades do entorno das grutas.



REFERÊNCIAS

ABETA. **Manual de boas práticas de espeleoturismo**. Belo Horizonte: Ed. dos autores, 2009.

ALEXANDRE, L. M. de M. **(Re) invenção do Turismo de Base Comunitária no litoral sul sergipano: turismo e economia criativa como elos de gestão participativa**. 2018. 257 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

ALMEIDA, M. G. Em busca do poético do sertão: um estudo de representação. In: ALMEIDA M. G. de RATTIS A. J. P. **leituras Culturais**: Alternativa 2003.

_____. **Desenvolvimento Turístico ou Desenvolvimento Local?** Algumas reflexões. Anais do ENTBL – Planejamento para o desenvolvimento local. Curitiba/ PR, 2004.

_____. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA M. G. de CHAVEIRO E. F; BRAGA, H. C. **e cultura: a vida dos lugares da vida**. Goiânia: Vieira, 2008.

ALVES-MAZZOTTI, A. J; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa. 2 ed. São Paulo: Pioneira/ Thomson, 2004.

ANDRADE, J. V. **Turismo**: Fundamentos e Dimensões. São Paulo: Ática, 1999.

AULER, A; BRANDI, R. & RUBIOLLI, E. **As grandes cavernas do Brasil**. Belo Horizonte: Orion, 2001.

AULER, A.; ZOGBI, L. **Espeleologia**: noções básicas. São Paulo: Redespeleo Brasil, 2002.

BAHIA, G.R.; FERREIRA, R. L. Influência das características físico-químicas e da matéria orgânica de depósitos recentes de guano de morcego na riqueza e diversidade de invertebrados de uma caverna calcária. **Revista brasileira de zociências**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 165-180, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2008.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Coleção Turismo. Campinas: Papirus, 2000.

BARTHOLLO, R.; SANZOLO, D.G.; BURSETYN, I. (Orgs) **Turismo de base comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BENEVIDES, I. P. Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Turismo e desenvolvimento local**. 3ed. São Paulo: Hucitec, 2002.



BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, R.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2. Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

BÉRTOLO, A. F. C. **Geoconservação e Geoturismo**: uma proposta para o Vale da Ribeira do Mogo, Alcobaça. Dissertação (mestrado em Arquitetura Paisagística) Instituto Superior de Agronomia. Universidade de Lisboa. Portugal, 2014.

BERTRAND, G. Paisagem e Geografia Física global: esboço metodológico. In: **RÁEGA**, Curitiba, n. 8, p.141-152, Editora UFPR, 2004.

BESSE, J. M. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a Paisagem e a Geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BIGARELLA, J.J. **Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1994.

BRAGA, D. C; GUERRA, G. R. Planejamento e operacionalização de pacotes. In: **Agência de Viagens e Turismo**: práticas de mercado. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008

BRASIL. Decreto Federal nº 6.640, de 7 de novembro de 2008. **Câmara dos Deputados**, Brasília, DF, 2008. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/estnottec/tema14/2009-11233.pdf>>. Acesso em: 20 de set. 2014.

BRASIL. **Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000**. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC. Brasília/DF, 2000.

BRASIL. **Lei nº.43.321 de 08 de maio de 2003**. Dispõe sobre o reconhecimento dos Circuitos Turísticos e dá outras providências. Belo Horizonte/MG, 2003.

BRASIL. **Lei nº18.348 de 25 de agosto de 2009**. Define como Unidade de Proteção Integral, na categoria Monumento Natural Estadual, a área denominada Gruta Rei do Mato, no Município de Sete Lagoas. Belo Horizonte/MG, 2009.

BRASIL. Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo. **Diretrizes para uma Política Nacional**: Ecoturismo, Brasília: EMBRATUR, 1994.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Termo de referência para elaboração de plano de manejo espeleológico**: procedimentos para obtenção de licenciamento ambiental de empreendimentos turísticos em cavernas. Brasília: IBAMA/CECAV, 2011.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. Resolução CONAMA 347/2004. **Dispõe sobre a proteção do patrimônio espeleológico**. Brasília: CONAMA, 2004. Disponível em <<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res04/res34704>>.



xml>. Acesso em 22 de fevereiro de 2018.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contagem Populacional**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 12 de mai. 2016.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo**: marcos conceituais. Coordenação Geral de Segmentação, 2006.

BRASIL. Ministério do Turismo. Serviços de turismo no Brasil: agências e operadoras. In: **Estudos da competitividade do turismo brasileiro**. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo**: orientações básicas. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Brasília, 2010a.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de Aventura**: orientações básicas. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Brasília, 2010b.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo e Mercado**. Brasília, 2010c.

BRASIL. Ministério de Turismo. **Índice de Competitividade do Turismo Nacional**. Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional. Brasília. 2013.

BRASIL. Resolução CONAMA nº 347 de 10 de setembro de 2004. Conselho Nacional do Meio Ambiente. In: **Diário da União** Brasília, ed. 176, seção 01, p. 54. 13 set. 2004.

BRILHA, J. **Patrimônio geológico e geoconservação: a conservação da natureza na sua vertente geológica**. Palimage Editores, Viseu, 2005.

BURSZTYN, I; BARTHOLLO, R; DELAMARO, M. Turismo para quem? Sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil. In: BARTHOLO, R., SANSOLO, D. G. e BURSZTYN, I. (Orgs.) **Turismo de base comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letras e Imagens, 2009.

CADASTRO NACIONAL DE CAVERNAS DO BRASIL. **Regiões do Brasil**. Disponível em: <<http://www.cavernas.org.br/cnc/CavernasBW/RegioesBrasil>>. Acesso em: out. 2015.

CALVO, S; CORRALIZA, J. A. **Educación ambiental**: conceptos y propuestas. Madrid: CCS, 1994

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2000.

CARNEY, D. **Abordagens da Subsistência Sustentável**: progresso e



possibilidades de mudança DFID Londres, 2002.

CARTELLE, C. **Tempo Passado**: Mamíferos do Pleistoceno em Minas Gerais. Belo Horizonte: Editora Palco, 1994.

CARVALHO, D. R. de. **A valorção da paisagem**: uma reflexão do espaço concebido, percebido e vivido. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

CARVALHO-JÚNIOR, O. A. Ambientes Cársticos. In: FLORENZANO, T. G. (Org). **Geomorfologia**: conceitos e tecnologias atuais. São Paulo: Oficina de Textos, 2008.

CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Explorações** Percursos no Fim do Século. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

_____. conceitos e temas. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2001.

CAVALCANTI, L. C. de S. **de paisagem**amentos. São Paulo: Oficina de Texto. 2014.

CHAMBERS, R; CONWAY, G. **Modos de Vida rural sustentável**: conceitos práticos para o Instituto 21st Century of Development Studies Documento de Discussão, 1991.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 16, núm. 2, 2003.

CLAVAL, P. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

COLLOT, M. Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. In: **Boletim de Teorética** Associação de Geografia Teorética: Rio Claro/SP, Vol.20, nº 39, 1990.

CONTI, J. B. A natureza nos caminhos do turismo. In: **Turismo e Ambiente**: reflexões e propostas. São Paulo, HUCITEC, 1997.

CORIOLOANO, L. N. M. T. A Utopia da Sustentabilidade no Turismo. In: CORIOLOANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. **O Turismo e a Relação Sociedade-Natureza**: realidades, conflitos e resistências. EDUECE, Fortaleza, 2007.

CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. Apresentando Leituras sobre Paisagem, Tempo e Cultura. In: **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

COSTA, P. C. **Unidades de conservação: matéria prima do ecoturismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

CPRM. **Programa de levantamentos Geológicos Básicos do Brasil**. Geologia e Recursos Minerais do Estado de Sergipe. CODISE/CPRM. Brasília, 1998.



COSGROVE, D. E. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Paisagem, tempo e cultura**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

DAMIANI, A. L.; CARLOS, A. F. A.; SEABRA, O. C. de L. **O espaço no de século: a nova realidade**. São Paulo: Contexto, 1999.

DARDEL, E. **O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DENCKER, A. de F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DEUS, J. A. S; FERREIRA, C. C. D; RODRIGUES, R. S. Preservação da área cárstica de Lagoa Santa - MG, através da educação ambiental. **Geonomos**, 2005.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 2003.

DIAS, R.; CASSAR, M. **Fundamentos do Marketing Turístico**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

_____. **Turismo Sustentável e Meio Ambiente**. São Paulo: Atlas, 2008.

DONATO, C. R. **Análise de impacto sobre as cavernas e seu entorno no Município de Laranjeiras, Sergipe**. 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

_____. **Dinâmica ambiental espeleológica: memória, conservação e educação**. Tese (doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

DOURADO, A. M. **Viver e pertencer: identidades e territórios nos assentamentos rurais de Sergipe**. Tese (doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe. 2014.

DUCKECK, J. **Cave of Antiparos**. Andiparos. Cave of Agios Ioánnis. Agia Paraskeví, 2009.

_____. **Postojna Cave: Höhle von Postojna, Adelsberger Grotte, Grotta di Postumia**. Disponível em <<http://www.showcaves.com/english/si/showcaves/Postojna.html>>. Acesso em 25 de dezembro de 2018.

EMBRATUR. Empresa Brasileira de Turismo. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Barros II, Silvio M. Penha, Denise H. (Coord.). Brasília: Embratur/Ibama, 1994.

FEITOSA, I. M. **Laranjeiras: sua história, sua cultura, sua gente**. Prefeitura Municipal de Laranjeiras. Laranjeiras/SE: SEMEC, 2000.

FENELL, D. A. **Ecoturismo: uma introdução**. Tradução de Inês Lohbauer.



São Paulo: Contexto, 2002.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

FERREIRA, J. P. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e estatística – FIBGE, 1959.

FERREIRA, R. L.; HORTA, L. C. S. Natural and human impacts on invertebrate communities in Brazilian caves. **Revista Brasileira de Biologia**. São Carlos, v. 61, n. 1, p. 7-17, 2001.

FERREIRA, R. L.; MARTINS, R. P. Guano de morcegos: fonte de vida nas cavernas. **Ciência Hoje**. Rio de Janeiro, v.25, n. 146, p. 34-40, 1999.

FIGUEIRÓ, A. S. **Geocologia e paisagem: revisitando um caminho epistemológico**. Rio de Janeiro: UFRJ. CCMN- Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2001.

FITZ, P. R. **Geoprocessamento sem complicação**. São Paulo: Oficina de Textos, 2005.

FRANÇA, V. L. A. Transformações na agricultura: o caso do sul de Sergipe. , n° 2, 1987.

FRANCO, A. R. **e análise dos valores da geodiversidade com comunidades tradicionais de artesãos em pedra-sabão da região do quadrilátero ferrífero**. Dissertação (Mestrado em Modelagem de Sistemas Ambientais). Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2014.

FREIRE, F. História de Sergipe. **Coleção Dimensões do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977.

GODOY, A. S. **Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, v. 35, p. 57-63, 1995.

GOMES, F. T. M. C.; FERREIRA, R. L.; JACOBI, C. M. Comunidade de artrópodes de uma caverna calcária em área de mineração: composição e estrutura. **Revista Brasileira de Zoociências**, Juiz de Fora, v. 2, n. 2, p. 77-96, 2000.

GOMES, P. C. C. . Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

GOMES, R. C. S. **Território, paisagem, sujeitos sociais e políticas públicas: (des) caminhos e perspectivas do TBC em comunidades brasileiras e maxicanas**. Tese (doutorado em Geografia), Universidade Federal de Sergipe, 2014.

GONÇALVES, Carlos Walter P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1995.

GREGORY, K. J. **A Natureza da Física**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.



GUATTARI, F. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencout. Campinas: Papirus, 1990.

HANAI, F. Y.; ESPÍNDOLA, E. L. G. Programa de Sensibilização Sustentável do Turismo: uma proposta para envolvimento e participação de comunidades locais. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 4-24. 2011.

_____. Desenvolvimento sustentável e sustentabilidade do turismo: conceitos, reflexões e perspectivas. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. v. 8, n. 1, p. 198-231, Taubaté/SP, 2012.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

HOBO, F. E. **Viajando por paisagens naturais**: a espeleologia como experiência turística. Dissertação (mestrado em Geografia), Universidade São Paulo, São Paulo, 2011.

HOLTEN, B; STERLL, M; VAZ, L. P. R. **Peter Lund e as grutas com ossos em Lagoa Santa**. Tradução. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HOSE, T. A. Selling the Story of Britain's Stone, **Environmental Interpretation**, vol.10 p.16-17. 1995.

HOSE, T. A. "Geoturismo" europeo. Interpretación geológica y promoción de la conservación geológica para turistas. In: **Patrimonio geológico: conservación y gestión**. Instituto Tecnológico Geominero de España, Madrid. 2000.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. 12.ed. Lisboa: Editora 70, 1999.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do Turismo**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

IKEDA, Ana A; OLIVEIRA, Tânia V. de. A organização das agências de viagens e turismo. In: LAGE, B. H. G; MILONE, P. C. **Turismo**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.

IRVING, M. A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária. In: **Turismo de base comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileira. Brasília: Letra e Imagem, 2010.

JODELET, D. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, volume 09 (3): 300-308, jul/set, 1993.

KARMANN, I. Ciclo da água: água subterrânea e sua ação geológica. In TEIXEIRA, W. **Decifrando a Terra**. São Paulo: Oficina de Textos, 2000.

KOHLER, H. C. Geomorfologia Cárstica. In: GUERRA, A. J. T. e CUNHA, S. B. da. **Geomorfologia**: uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro:



Bertrand Brasil, 2008.

KRIPPERDORF, J. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1996.

_____. São Paulo: Atlas, 2009.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001a.

_____. **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001b.

_____. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis: Vozes, 2004a.

_____. **Racionalidade Ambiental**: a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b.

LIMA, C de S. **Modelagem do potencial geoturístico dos distritos do município de Ouro Preto – MG**. Dissertação (Mestrado em Modelagem de Sistemas Ambientais). Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2015.

LINO, C. F. **Cavernas**: o fascinante Brasil subterrâneo. São Paulo: Gaia, 2009.

LOBO, H. A. S. **O lado escuro do paraíso: espeleoturismo na Serra da Bodoquena**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geociências, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana, 2006a.

_____. **Base para a implantação e manejo de trilhas espeleoturísticas**. In: Congresso Brasileiro de manejo de Trilhas. Rio de Janeiro: UERJ, 2006b.

_____. Capacidade de Carga Real (CCR) da Caverna de Santana, PETAR-SP e Indicações Para o Seu Manejo Turístico. **Geociências**, v. 27, n. 3, p.369-385, 2008.

_____. Espeleoturismo: oferta e demanda em crescente expansão e consolidação no Brasil. In: BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo**: experiências, tendências e inovações. Brasília/DF, 2010.

LOPES, L. S. O; ARAÚJO, J. L. e CASTRO, A. J. F. Geoturismo: Estratégia de Geoconservação e de Desenvolvimento Local. **Caderno de** , v.21, n.35, UFSC, Santa Catarina. 2011.

MARA, J. C. **Espeleoturismo**: Planejamento e manejo de Caverna. Brasília: WD Ambiental, 2001.

MARTINS, G. de A. Metodologias convencionais e não-convencionais e a pesquisa em administração. In: **Caderno de pesquisa em administração**. São Paulo, v.00, nº0, 2º Sem,1994.



MATTHEWS, E. **Compreendendo Merleau-Ponty**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

MELO, V. M. Paisagem e simbolismo. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

MENDONÇA, F. São Paulo; Contexto, 1993.

_____. KOZEL, S. (Orgs.) **Elementos de Epistemologia da Contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2002.

MENDONÇA, J. U; SILVA, M. L. M. **Sergipe panorâmico**. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIELKE, E. C.; PEREIRA, A. E. Desenvolvimento econômico e social através do turismo: interações entre atores locais. In: **I Encontro Paranaense de Pesquisadores em Hotelaria e Turismo**. Campo Mourão/PR, 2006.

MINEROPAR. Minerais do Paraná. **Geoturismo no Karst**. Curitiba, 2011.

MONTEIRO, M da G. C. O quaternário na desembocadura do Vaza-Barris. (Série Geomorfologia), nº 18, Ago, 1987.

MOREIRA, D.A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learnig, 2004.

_____. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira/Thomson, 2002.

NASCIMENTO, M. A. L; RUCHKYS, U. A; MANTESSO-NETO, V. Geoturismo: um novo segmento do turismo no Brasil. **Global Tourism**. Vol. 3, n.2, novembro 2007.

NASCIMENTO, M.A.L.; RUCHKYS, U.A; MANTESSO-NETO, V. **Geodiversidade, geoconservação e geoturismo: trinômio importante para a proteção do patrimônio geológico**. Natal/RN, 2008.

NEIROTTI, L. D. An Introduction to Sport and Adventure Tourism. In: HUDSON, S. **Sport and Adventure Tourism**. New York: Haworth Hospitality Press, 2003.

NUNES, M. T. **Sergipe colonial I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFS, 1989.

O GLOBO, **Mundo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/meninos-na-caverna/jornal-tailandes-publica-charge-que-compara-coragem-de-ney-mar-meninos-em-caverna-22853478>>. Acesso em 25 de dezembro de 2018.

OLIVEIRA, E. M. **Cidadania e educação ambiental: uma proposta de educação ambiental no processo de gestão ambiental**. Brasília: MMA/IBAMA, 2003.

OMT. **O Código Mundial de Ética do Turismo**. Resolução adotada pela



Assembleia Geral da Organização Mundial do Turismo A/RES/406 (XIII) 13ª reunião, Santiago do Chile, Setembro/Outubro, 1999.

_____. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca, 2001

_____. **Guia de Desenvolvimento do Turismo Sustentável**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PANOSSO NETTO, A. _____. **do turismo** : teoria e epistemologia. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2011.

_____. NECHAR, M. C. **Turismo**: perspectiva crítica. São Paulo: Triunfal, 2016.

PEREIRA, G. V. Cavernas na APA de Cafuringa. In: NETTO, P.B.; MECENAS, V. V.; CARDOSO, E. S. (Eds.). **APA de Cafuringa**: a última fronteira natural do DF. SEMARH – Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos. Brasília, DF, 2005.

PERNECKY, T.; JAMAL, T. **Phenomenology in tourism studies**. Annals of Tourism Research, v.37, n.4, p.1.055-1.075, out. 2010.

PHIIPPI JÚNIOR, A. **Municípios e meio ambiente**: perspectivas par a municipalização da gestão ambiental no Brasil. São Paulo: Anamma, 1999.

_____. PELICIONI, M. C. F. **Educação ambiental**: desenvolvimento de cursos e projetos. São Paulo: Signus, 2000.

PIRES, P. dos S. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: SENAC, 2002.

PISSINATI, M. C; ARCHELA. R. S. Geossistema Território e Paisagem □ Método de estudo da paisagem rural sob a ótica Bertrandiana. In: Geografia. Londrina: Universidade Estadual de Londrina - UEL/Departamento de Geociências, v. 18, n.1, jan/jun. 2009.

POCHAMNN, M, e AMORIM, R. (Org.). **Atlas da exclusão social no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de. (orgs.) _____. **em perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2002.

PROUS, A. **Arqueologia em regiões cársticas**. In: Carste 2004 – I Encontro Brasileiro de Estudos do Carste, 2004, Belo Horizonte. Caderno de Resumos. Belo Horizonte: FIEMIG Trade Center, 2004.

RAFFESTIN, C. _____. São Paulo: Ática, 1993.

RIFAI, T. Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo. **Turismo em Pauta**, N. 7, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

ROBINSON, A. M.; ROOTS, D. Marketing Geotourism Sustainably. In: **Inaugural Global Geotourism Conference**. Fremantle, Austrália. Conference Proceedings. p. 303-317. 2008.



ROCHA, S. **Pobreza no Brasil**. Afinal, de que se trata? Rio de Janeiro: FGV, 2003.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

RUSCHMANN, D. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. São Paulo: Papirus, 1997.

RUCHKYS, Ú. de A. **Patrimônio geológico e geoconservação no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais**: potencial para a criação de um geoparque da UNESCO. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Geociências, 2007.

SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI. In: RAYNAUT, C.; ZANONI, M. **Cadernos de Desenvolvimento e meio ambiente**. Curitiba: UFPR, 1994.

_____. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

_____. **Desenvolvimento**: includente, sustentável e sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. NASCIMENTO, E. P.; VIANNA, J. N. (org.). **Dilemas e do desenvolvimento sustentável no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

SAMPAIO, T. **O Tupi na Nacional** para Municipal de Salvador, 1955.

SANTOS, B. de S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**. vol. 2 no. 2 São Paulo. Mai/Ago, 1988.

SANTOS, C. A. J. **Políticas públicas de turismo e reorganização do território no litoral de Sergipe – Brasil**. Anais do Seminário Acadêmico APEC. Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros em Catalunha, Barcelona, Espanha. 2014.

SANTOS, C. **A paisagem e a percepção do ambiente**. Santos: Clube de Autores, 2010.

SANTOS, D. J. dos. **A Geodiversidade do Parque Nacional da Serra do Gandarela [manuscrito]**: análise do potencial de uso didático, com ênfase no patrimônio espeleológico. Dissertação (Mestrado em Modelagem de Sistemas Ambientais). Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2014.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: Do pensamento único à consciência universal. 9. ed. Rio de Janeiro, Record, 2002.

_____. **A natureza do espaço: técnicas e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAUER, C. O. A morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z.



Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

SCHÄRER, R. Os devoradores de paisagens In: CORIOLANO, L, N e LIMA L. C. **Turismo comunitário e responsabilidade socioambiental.** EDUECE, Fortaleza, 2003, pp. 284 –293.

SCHOBENHAUS, C. **Geoparques do Brasil:** propostas. Rio de Janeiro: CPRM, 2012.

SEABRA, G. **Ecossistemas do turismo:** o turismo ecológico em áreas protegidas. Campinas: Papirus, 2001.

SERGIPE. _____ . Aracaju, 1979.

SERGIPE. Secretaria de estado do desenvolvimento econômico, da ciência e tecnologia e do turismo. **Plano estratégico de desenvolvimento sustentável do turismo de Sergipe 2009 - 2014.** Aracaju: SEDETEC/EMSETUR, 2009.

SILVA, D. P. de S. **“Arruando” vejo rio, homens, pedra & cal:** a des-repatrimonialização do sítio histórico tombado de Penedo-AL. Tese (doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe. 2016.

SILVA, E. Cavernas de Sergipe poderiam ser exploradas para turismo de aventura. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 09 de novembro de 2015.

_____. **Sergipe sob nossos pés:** cavernas e o patrimônio espeleológico. Aracaju: J. Andrade, 2017.

SILVA, K.B.; BARBOSA, E.P.; MATTOS, J.B. Geoturismo e ciência em cavernas: as contribuições do Poço Azul de Milú, Chapada Diamantina – BA. In: RASTEIRO, M.A.; MORATO, L. (orgs.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 32, 2013. Barreiras. **Anais** Campinas: SBE, 2013. Disponível em: <http://www.cavernas.org.br/anais32cbe/32cbe_007-012.pdf>. Acesso em: data do acesso 27/02/2018.

SILVA, V. de P. Paisagens: concepções, aspectos morfológicos e significados. In: **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 19 (1): 199-215, jun, 2007.

SILVEIRA, A. **Laranjeiras:** manifestações culturais, monumentos religiosos, civis e naturais. Projeto Identidade. Comunicação Corporativa Canal Futura. São Paulo. 2009.

SILVEIRA, E. L. Paisagem: um conceito chave na Geografia. In: **Expressão** _____ . Florianópolis/SC, 2008.

SOUZA, M. J. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias (org.). **conceitos e temas.** Janeiro: Bertrand, 1995.

SOUZA, M. L. de. Em torno de um hífen. In: **Formação**, Presidente Prudente, n. 15, v. 1, p. 159 - 161, jan/jul, 2008.

_____. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de



Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, E. S. e _____ : Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. UNESP, São Paulo, 2009.

TEIXEIRA, W. e LINSKER, R. **Chapada Diamantina: águas no sertão**. São Paulo: Terra Virgem, 2005.

TOMASONI, M. A. Considerações Sobre a Abordagem da Natureza na Geografia. In: _____ e **Construções Contemporâneas**. SANTOS, J. M. dos; FARIA, M. (Orgs.). Salvador, 2004.

TRAVASSOS, L. E. P. **A importância cultural do carste e das cavernas**. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2010.

TRAVASSOS, L.E.P.; MAGALHÃES, E. D.; BARBOSA, E.P. **Cavernas, rituais e religião**. Ilhéus: Editus, 2011.

TRICART, J. L. F. **Paisagem e Ecologia**: Igeo/USP. São Paulo. 1981.

TRIGO, L. G. G. **A sociedade pós-industrial e o _____ em Turismo**. Campinas: Papirus, 1998.

TRIGUEIROS JÚNIOR, O. Turismo e Meio Ambiente. **Revista Carta Mensal**. vol. 41, no. 486, pg. 13/18. Rio de Janeiro, CNC, 1995.

TRIVIÑOS, Augusto, N.S. **Introdução a pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987, p. 41.

TUAN, Yi-Fu. _____ um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Edeal, 2012.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução Livia de Oliveira. Londrina: Edeal, 1983.

TURATO, E. R. Decidindo quais indivíduos estudar. In: _____. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativo**. Petrópolis: Vozes, 2003.

VARGAS, M. A. M; MENEZES, L. C. de M; CRUZ, F. dos S. L. Serra de Itabaiana: um atrativo ecoturístico em potencial. **Geonordeste**. São Cristóvão. 2004.

_____. NEVES, P. S. C. **Inventário cultural dos territórios sergipanos**. Relatório. Aracaju: SEPLAN, 2009.

_____. Territórios de Identidade nos Territórios de Planejamento. In: **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 1, número especial, p. 99-109, out. 2011.

_____. **Caminhos Teóricos e Encontros com o Meio Ambiente**. Aula inaugural da Rede PRODEMA, proferida no campus São Cristóvão da UFS em



19 de março de 2018.

VIEIRA, L. V. L. Turismo sustentável no Litoral Sul de Sergipe: a percepção das comunidades e dos visitantes. In: CORIOLANO, L, N e LIMA L. C. **Turismo comunitário e responsabilidade socioambiental**. Fortaleza: EDUECE, 2003.

WWF-BRASIL. **em Turismo** mundiais e recomendações para o Brasil. Brasília: WWF/Brasil, 2001.

YÁZIGI, E. Vandalismo, Paisagem e Turismo no Brasil. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F.; CRUZ, R.C.A. (Org.) **Turismo – espaço, paisagem e cultura**. 3ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano. São Paulo: Editora Contexto (Editora Pinsky), 2001.





INSTITUTO FEDERAL
Sergipe

PROPEX
Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão